

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Tabula Scripta

Proposta de intervenção para preexistência em

Arcos de Valdevez

Paula Santos da Costa Rêgo

M

2026



TABULA SCRIPTA

Proposta de intervenção para preexistência
em Arcos de Valdevez

Paula Santos da Costa Rêgo

Dissertação de Mestrado
Integrado em Arquitetura
apresentada à Faculdade de
Arquitetura da Universidade do Porto

Orientação

Rui Ramos
Luciana Rocha

Porto, Maio de 2026

Nota prévia à leitura:

A presente dissertação foi redigida em português de acordo com o Novo Acordo Ortográfico. As citações em língua não portuguesa foram traduzidas livremente e transcritas em português pela autora a título de fluidez da leitura e compreensão. O documento apresentado digitalmente disponibiliza um índice interativo ao lado esquerdo da visualização do PDF que facilita a navegação entre capítulos.

As citações são dispostas ao longo do corpo do texto entre aspas e com uma pequena diferença de tamanho de letra e recuo, quando excedem mais de três linhas, a fim de enfatizar sua distinção quanto à autoria. Os termos extraídos de referências bibliográficas são apontados em itálico, também sujeitos a tradução livre quando provenientes de línguas estrangeiras.

As imagens exibidas foram tratadas graficamente quando se considerou pertinente a fim de assegurar a uniformidade da expressão gráfica do documento. As fontes das imagens são referidas ao fim do documento, sua reprodução, quando concernem às imagens de acervos, foi devidamente autorizada pelas instituições detentoras de seus direitos de uso.

Aconselha-se a leitura do documento em duas páginas principalmente devido a disposição dos desenhos arquitectónicos que de maneira geral exigiram o formato A3.

agradecimentos

Agradeço a minha equipe de orientação, professor Rui Ramos e professora Luciana Rocha, pelos contributos fundamentais que deram no meu percurso académico, como também no amadurecimento profissional e crítico. A atenção e rigor do ensino, constantes ao longo do percurso, foram fundamentais para estruturar minhas convicções acerca da Arquitetura;

Às amigas que fiz neste caminho, agradeço pelo suporte, trocas e risadas; por me ensinarem a equilibrar as diferentes áreas da vida. Pontuo em especial as amigas que a FAUP me proporcionou, Augusta, Mariana e Nayara. Agradeço o carinho, escuta e empolgação infindável. A forma como vocês enxergam a Arquitetura e a realidade é inspiradora. A vida é mais leve com a companhia de vocês;

À minha família tenho profunda gratidão por me mostrarem a incondicionalidade do amor e do companheirismo. Agradeço por demonstrarem como é possível manter-nos próximos independente das distâncias que a vida impõe. Obrigada por ouvirem com atenção, me entusiasmarem, mas principalmente, pela persistência e sacrifício para viabilizar este percurso. Vocês são referências fundamentais para continuar a ver a beleza no percurso maior da vida.

A todos que de alguma forma contribuíram para a concretização deste percurso, o meu profundo agradecimento.

A presente dissertação aborda o papel do preexistente no desenvolvimento do projeto arquitetónico, partindo do pressuposto que o ato de criação se constrói a partir do reconhecimento crítico dos seus antecessores. Contrapõe-se o paradigma da *tabula rasa*, que tende a excluir a preexistência em favor de uma visão de projeto autónoma, ao propor a ideia de *tabula scripta*, enquanto estratégia de leitura do existente capaz de assegurar a continuidade e adaptação às exigências contemporâneas.

Para aprofundar esta reflexão, desenvolveu-se uma proposta de intervenção em preexistências localizadas à beira da Serra da Peneda, em Arcos de Valdevez. O objeto de estudo compreende um terreno com estruturas em alvenaria de granito, composto por um corpo habitacional e um corpo agrícola, integrados numa paisagem de forte componente natural. A análise do território evidencia dinâmicas associadas ao declínio das estruturas sociais e económicas do meio rural. Neste sentido, discute-se como as estratégias de desenvolvimento, face ao abandono e obsolescência, podem contribuir para a atualização da identidade deste contexto. Este enquadramento fundamenta a proposta do programa funcional de habitação partilhada como estratégia de dinamização local. Paralelamente, analisa-se a primeira fase da intervenção de Álvaro Siza Vieira na casa de Alcino e Zilda Cardoso (1971-1973; Moledo do Minho, Portugal), com enfoque em sua estratégia projetual, pelos contributos que oferece a premissa central da presente dissertação. A investigação assenta numa metodologia de rigor da observação do sítio e da prática projetual. No plano teórico, baseou-se em três eixos bibliográficos principais: teoria da Arquitetura e intervenção; o contexto rural; a habitação contemporânea. No plano prático, o desenho e maquete constituem-se como suportes para apreensão do lugar, bem como métodos de exploração das possibilidades imaginadas.

Palavras chave:

preexistente, projeto,
rural, lugar

This dissertation addresses the role of the pre-existing in the development of architectural design, based on the premise that the act of creation is built upon the critical recognition of its predecessors. In opposition to the paradigm of the *tabula rasa*, which tends to exclude pre-existence in favour of an autonomous design approach, the concept of *tabula scripta*, is proposed as a strategy of reading the existing ensuring continuity and adaptation to contemporary demands.

Keywords:

pre-existing , design,
rural, place

In order to deepen the research, a design proposal was developed for pre-existing structures located at the edge of the Serra da Peneda, in Arcos de Valdevez. The case study comprises a site with granite masonry structures, consisting of a residential and an agricultural building set within a landscape with a strong natural character. The territorial analysis reveals dynamics associated with the decline of the social and economic structures. In this sense, the study discusses how development strategies, in the face of abandonment and obsolescence, may contribute to updating its identity. This framework supports the proposal of a shared housing programme as a strategy for local revitalisation. In parallel, the first phase of Álvaro Siza Vieira's intervention at the home of Alcino and Zilda Cardoso (1971–1973; Moledo do Minho, Portugal) is analysed, with a focus on its design strategy, for its contribution to the central premise of this dissertation. The theoretical framework is structured around three main bibliographic axes: architectural theory and intervention; the rural context; and contemporary housing. On a practical level, drawing and model-making operate as tools for understanding the site, as well as methods for exploring imagined possibilities.

índice

	agradecimentos	6
	resumo / abstract	7
	prólogo	11
parte um	O LUGAR	23
parte dois	O PROGRAMA	55
parte três	A REFERÊNCIA	69
parte quatro	O PROJETO	109
	notas conclusivas	149
	Bibliografia	153
	Índice de imagens	157
	Apêndice I : Desenhos Rigorosos	161
	Apêndice II: Levantamento Fotográfico	173
	Apêndice III: Processo	177

prólogo



FIG 1
Vista do interior da corte
preexistente,
Arcos de Valdevez, 2024.

FIG 2
Vista do interior da habitação
preexistente.
Arcos de Valdevez, 2024.

“A sequência dos sedimentos não constitui uma narrativa linear que tenhamos que percorrer. Existem, estão presentes, lêem-se e constituem o cenário que conforma e qualifica o espaço onde vivemos a nossa contemporaneidade, onde o princípio e o fim e o intervalo se cristalizam numa síntese intemporal.”¹

1. COSTA, Alexandre Alves, 2007, *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*, 2ª ed. revista e aumentada, FAUP Publicações, Porto, p. 129.

A única possibilidade de relação com o exterior a partir daquele abrigo, uma profunda abertura, permitia observar um recorte da paisagem. Ao longo de dias, quase sempre chuvosos, esta janela definida por uma parede de espessura exacerbada, estabelecia um forte distanciamento entre o dentro e o fora. Com o passar do tempo, por ser esse o único contacto com o exterior, a sensibilidade da observação se acentuou e as mudanças mais sutis da paisagem passaram a ser percebidas. Tal como uma luneta, este vão específico aprofundou e ampliou a observação do exterior; paradoxalmente, despertou também um olhar mais atento sobre o mundo interior.

O período de permanência na casa favoreceu a introspecção e, quando o sol gradualmente voltou a surgir, a percepção do valor do contacto com a paisagem, intensificou-se. A vontade de estar fora acentuou-se, não apenas pelo desconforto que a casa gerava, mas pela limitada possibilidade de relação com o exterior. A vivência descrita forçou uma desaceleração fundamental no sentido de uma percepção do ambiente mais consciente. Esta experiência pessoal colocou em questão convicções acumuladas ao longo do percurso académico e, conseqüentemente, gerou uma curiosidade de compreensão de alguns dos temas que o sítio suscita.

As particularidades desta habitação, reflexo de uma maneira de viver ultrapassada, expressam a estreita ligação ancestral entre o indivíduo e o meio ambiente. A qualidade desta arquitetura certamente não reside nas suas condições de habitabilidade, mas na sua contribuição para a definição das especificidades da paisagem em que se insere.

“A casa dessacralizou-se completamente, e é agora meramente um valor económico. O movimento da indus-

trialização não se traduziu apenas no aparecimento de novos materiais de construção, determinando formas de casa desligadas da secular tradição local: ele acarretou sobretudo uma mutação profunda nos conceitos, padrões culturais e estruturas da sociedade rural; e essa mutação trazia consigo a morte do velho mundo patriarcal e da crença categórica no trabalho da terra, de que a casa era a imagem viva.”²

2. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, 1992, IV. *Persistência e evolução da habitação tradicional*, in *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Etnográfica Press, Lisboa, p. 485-498.

O encerramento do ciclo de relações referido por Ernesto Oliveira e Fernando Galhano manifesta-se no progressivo desuso das estruturas rurais, cujo objecto de estudo da presente dissertação é testemunho, que caracteriza a realidade atual destes territórios. Como resultado, os resquícios de outro tempo subsistem como memória de uma organização social, económica e cultural ultrapassada. Em contrapartida, a crescente uniformização das paisagens tende a ignorar as relações potenciais entre as singularidades do território e o edificado existente. O ascetismo característico na construção atual das paisagens contribui para a descaracterização do meio ambiente e, para além disto, são evidência de um progressivo desligamento entre os seres humanos e a natureza. Tal constatação não implica uma defesa da preservação acrítica dessas construções, mas antes aponta para a importância da sua leitura crítica capaz de as reconhecer como matéria fértil para a transformação do território.

Como sugere Wittgenstein, “(...) numa encenação desmontada, a mão pousada sobre uma mesa parece morta, pois que “a vida de uma encenação de uma peça de teatros existe durante o desenrolar da representação teatral.” O desenrolar da vida numa casa, os seus dias e noites, eis

o que sustenta suas fundações.”³, a vitalidade do espaço, especialmente de uma habitação, justifica-se pelo seu uso corrente. Quando esta dimensão se perde, o espaço aproxima-se de uma condição cenográfica. O desinteresse generalizado e consequente abandono de muitas habitações rurais, transformam-nas em vestígios descontextualizados, frequentemente reduzidos a objectos de contemplações associados a modos de vida incompatíveis com as dinâmicas atuais do território. Coloca-se em causa o ideário construído em torno destas edificações que contribui para reforçar a leitura simplificada e nostálgica do contexto rural.

3. MOLDER, Maria Filomena, 2021, *A Arquitectura é um Gesto – Variações sobre um Motivo Wittgensteiniano*, Sr Teste, Lisboa, p. 35.

TAVARES, André, 2004, *Quanto pesa um tijolo?*, texto introdutório in BANDEIRA, Pedro, *Projectos Específicos para Clientes Genéricos*, Civilização Editora, Lisboa, p. 16.

O propósito norteador desta dissertação assenta na compreensão da preexistência como motor capaz de estabelecer diálogos produtivos na intervenção arquitetónica. A verificação deste pressuposto desenvolve-se em dois caminhos complementares: por um lado, desenvolve-se uma proposta de intervenção em preexistências; por outro, investiga-se a atitude projetual do arquiteto Álvaro Siza na casa de Alcino e Zilda Cardoso. No âmbito da proposta de intervenção, o objeto de estudo situa-se na freguesia de Gondoriz, ainda com fortes remanescentes da ruralidade, próxima a Serra da Peneda em Arcos de Valdevez. O terreno integra duas construções correntes em alvenaria de pedra, relativamente pouco degradadas. Os corpos preexistentes dispõem-se no terreno perpendicularmente, sem nenhuma ligação interna, por albergarem programas distintos: uma habitação e uma corte agrícola. Embora tratem-se de edificações comuns, evidenciam aspetos com interesse pelo uso de técnicas construtivas tradicionais. Contudo, apresentam também elementos dissonantes que comprometem a coerência das lógicas construtivas próprias deste tipo de edificado.

[objetivo]

[objeto]

Analisa-se as dinâmicas deste território de forma a definir um programa funcional sensível às necessidades deste contexto. A solução programática proposta consiste na introdução de uma habitação partilhada, não necessariamente vinculada a um único núcleo familiar. Esta opção sugere uma reflexão quanto aos modelos habitacionais normativos, frequentemente pouco flexíveis face às diferentes demandas e composições dos agregados familiares. Paralelamente, esta perspetiva evidencia também a necessidade de alternativas às soluções habitacionais em contexto rural, ainda marcadas pela dispersão de habitações unifamiliares.

4. FRAMPTON, Kenneth, 1995, *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*, MIT Press, Cambridge, p. 25.

Recorre-se às particularidades do território simultaneamente como catalisador da abordagem projetual, e como um desfecho da proposta. Em outras palavras, “O real, transformado e em transformação, é assim constituído não só pelas circunstâncias materiais existentes no momento da intervenção, mas também por uma deliberação crítica intersubjetiva sobre essas condições, tanto antes como depois do projeto e da sua concretização.”⁴ Parte-se da ideia de que o que existe já sumariza os aspetos fundamentais para embasamento da retórica do projeto.

O conceito de inovação é frequentemente associado à ideia de partir do zero para produzir soluções originais. Em Arquitetura, esta lógica traduz-se no paradigma da *tabula rasa* que privilegia uma visão autónoma de projeto em detrimento das preexistências. Importa, contudo, questionar até que ponto esta abordagem compromete a riqueza do processo projetual, ao ignorar as camadas históricas, físicas e simbólicas que caracterizam cada lugar. Cada terreno possui uma história, uma narrativa que está gravada nas suas camadas físicas e simbólicas. A Arquitetura ganha densidade precisamente na articulação destas camadas de complexidade. Neste

sentido, desafia-se a conceção de *tabula rasa* por uma abordagem que reconhece o existente, não como um obstáculo, mas como uma base operativa para o projeto. A noção de *tabula scripta*⁵, propõe intervir a partir do real, entendendo-o como matéria ativa capaz de ser transformada e enriquecida, em continuidade com as suas qualidades e significados preexistentes. Em outras palavras, é através desta tensão entre o que se mantém e o que se inova que surge a diferença qualitativa, permitindo que a intervenção contemporânea emergja dos interstícios do antigo para responder às exigências do presente.

5 JACOB, Sam, 2021, *The Good Copy*, in ALKEMADE, Floris; VAN IERSEL, Michel; OUBURG, Jarik; MINKJAN, Mark (eds.), *Rewriting Architecture 10 + 1 Actions: Tabula Scripta*, Valiz, Amsterdam.

6 VIEIRA, Álvaro Siza, 1998, *Imaginar a evidência*, Edições 70, Lisboa, p. 135.

Contudo, a compreensão destas singularidades expressas pelo lugar, exige uma observação atenta que, por vezes, ultrapassa a leitura imediata da realidade concreta. O exercício de observação é a ferramenta que quanto mais praticada, “mais clara surgirá a essência do projecto. E esta consolidar-se-á como conhecimento vago, intuitivo.”⁶ A metodologia da investigação orienta-se por este raciocínio de rigor do olhar, logo, a seleção bibliográfica fundamentou-se em análises ponderadas quanto ao lugar; o território; à prática de Arquitectura. De maneira semelhante, os suportes práticos de desenvolvimento do projeto foram explorados de forma a fornecerem uma apreensão táctil do objeto de estudo. A ferramenta do desenho, em todas as suas variações, tanto rigoroso como em esquisso, e a maquete são utilizados como ferramentas de descoberta, aproximação e imaginação do objeto, ao contrário de simplesmente meios de abstração do real. Em outros termos, não são métodos de simplificação do existente, antes pelo contrário, permitem apreender a variedade (e complexidade) dos aspetos que definem um contexto físico. Em suma, estas ferramentas viabilizam o exercício projetual a partir do confronto entre a memória e a imaginação com as exigências e condicionantes reais do território intervencionado.

[metodologia]

A estrutura do trabalho se organiza a partir de temáticas simples que orientam as análises aprofundadas nesta dissertação. Dispôs-se a investigação em quatro momentos essenciais:

o primeiro aborda **o lugar** e desenvolve as características essenciais para compreensão do território em que se inserem as preexistências que serão alvo da intervenção. Adota-se uma abordagem mais preocupada com o reconhecimento sensível do território e das características que o distinguem do espaço genérico, privilegiando uma leitura menos descritiva e mais estratégica, orientada para a identificação das singularidades relevantes para estruturação da proposta de intervenção;

em seguida, parte-se para o capítulo sobre **o programa**, que analisa as necessidades do território rural mais alargado, bem como os mecanismos vigentes para responder às problemáticas deste contexto. Procura-se, ultrapassar a dicotomia, em alguns aspetos obsoleta, entre rural e urbano, e desfazer leituras estereotipadas do contexto rural, para alcançar uma compreensão mais genuína do território em que se insere objeto de estudo. A proposição de uma habitação partilhada foi delineada por um intuito de operar como um motor de ativação permanente no território;

num terceiro momento, quanto **à referência**, discute-se a maneira como as inquietações suscitadas são articuladas na solução projetual, a partir do exemplo da primeira fase de intervenção do arquiteto Álvaro Siza na casa de Alcino e Zilda Cardoso (1971-1973;1986-1991, Moledo do Minho, Portugal); A investigação desta obra visou ir além de retóricas restritivas para observação da atitude projetual. A análise utiliza uma ótica de desdobramento da arquitetura entre seu

caráter ontológico (estrutural) e representacional (simbólico) sintetizados na unidade mínima do detalhe arquitetónico;

7. TAVARES, André, 2004, *Quanto pesa um tijolo?*, texto introdutório in BANDEIRA, Pedro, *Projectos Específicos para Clientes Genéricos*, Civilização Editora, Lisboa, p. 17.

Por fim, no último capítulo, **o projeto**, apresenta-se a proposta de intervenção exposta a partir da mesma abordagem analítica adotada na referência, distinguindo as dimensões estruturais e os aspetos expressivos da arquitetura. O detalhe, percebido como elemento nuclear da expressão arquitectónica, constitui-se como suporte para a síntese final da proposta projetual.

Apesar de se tratar de um exercício académico hipotético, buscou-se certificar a existência de mecanismos que possibilitassem a concretização real do trabalho. Neste sentido, tirou-se partido da condição essencial do trabalho académico como ferramenta de reflexão para evidenciar outras possibilidades menos habituais de abordagens. O exercício de projeto é assumido como instrumento de reconhecimento do ambiente que viabiliza a exposição imaginativa de alternativas para a realidade, em outras palavras, como afirma o arquiteto e professor André Tavares:

“Ao operar na imaginação, sugerindo imprevisibilidades que podem acontecer a qualquer instante, o confronto com a realidade ganha contornos com os quais é possível lidar directamente. Diz-se que rir é o melhor remédio e, de facto, rindo somos capazes de manter a boa disposição necessária para entender muitas coisas que nos escapam. Ou seja, a sugestão de uma realidade que não acaba onde teimamos ver o seu fim, não só abre o leque da conceção do projecto a vários caminhos obscuros, como torna evidente o quão são inócuos muitos caminhos luminosos.”⁷

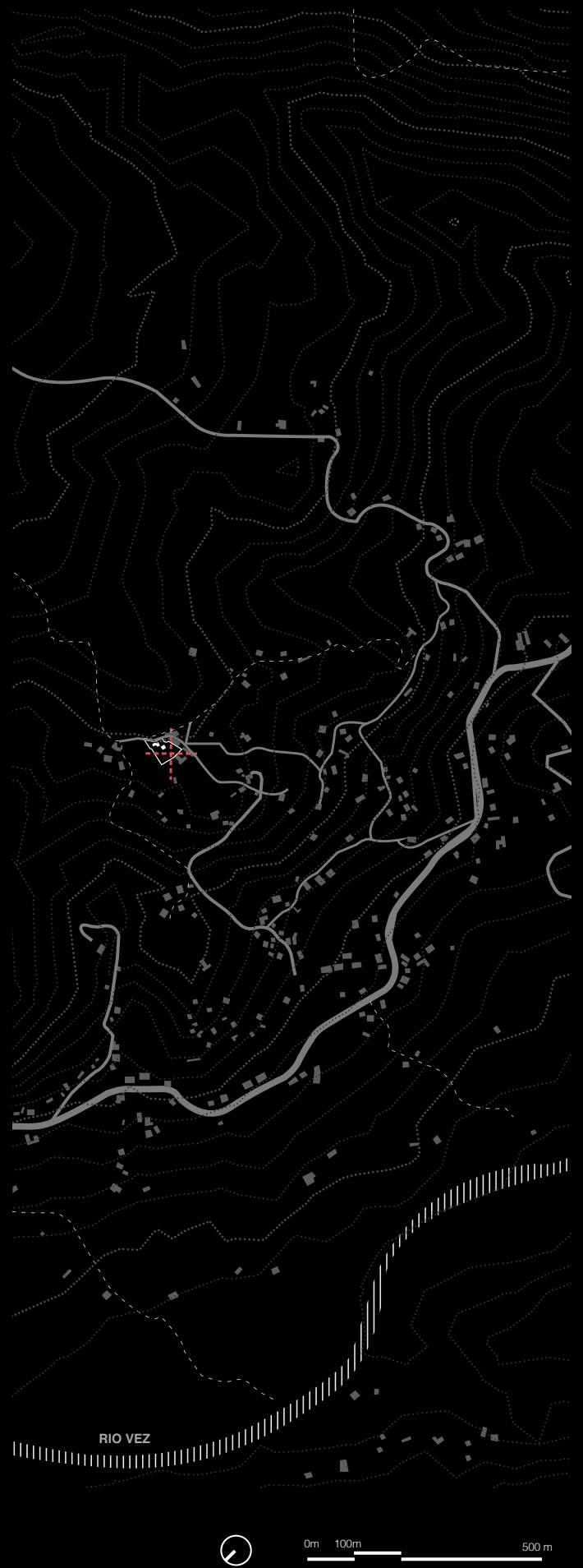


FIG 3

Exemplo do reuso de elementos provenientes de outras construções mais antigas denominadas *spolia*. A ilha grega de Paros dispõe de vários exemplos deste reaproveitamento, sendo um deles o Castelo de Parikia com reuso de elementos de outro castelo construído anteriormente por venezianos. Paros, Grécia, 2018.

“A cópia — uma boa cópia, entenda-se — revela um interesse acrescido pelo mundo que nos rodeia. Não como o sonho modernista da *tabula rasa*, nem como a reconstrução de um passado nostálgico que nunca existiu. A sua própria existência depende da relação que estabelece com o mundo (e com aquilo que replica). Esta consciência das qualidades materiais e culturais do objeto implica que a cópia já estabeleça um diálogo produtivo com os seus contextos.”⁸

8 JACOB, Sam, 2021, *The Good Copy*, in ALKEMADE, Floris; VAN IERSEL, Michel; OUBURG, Jarik; MINKJAN, Mark (eds.), 2020, *Rewriting Architecture 10 + 1 Actions: Tabula Scripta*, Valiz, Amsterdam, p. 252.



0m 100m 500 m

FIG 4
Localização do objeto de estudo
escala 1:2500

“Projectar: há um princípio quase em nebulosa, raramente arbitrário.

Perpassa a história toda, local e estranha, e a geografia, histórias de pessoas e experiências sucessivas, as coisas novas entrevistas, música, literatura, os êxitos e os fracassos, impressões, cheiros e ruídos, encontros ocasionais. Uma película em velocidade acelerada suspensa aqui e ali, em nítidos quadradinhos.

Uma grande viagem em espiral sem princípio nem fim, na qual se entra quase ao acaso. Comboio assaltado em movimento.

É preciso parar e ser oportuno na paragem.

Agora entra a razão, com os seus limites e sua eficácia.

Talvez retomar a viagem?”⁹

9. VIEIRA, Álvaro Siza, MORAIS, Carlos Campos (org.), 2019, *01 Textos*, Parceria A. M. Pereira, Lisboa, p. 219.



FIG 5
Vale do Rio Vez, 1974.

Perceber os componentes que determinam a especificidade de cada espaço parece um ponto de partida fundamental para embasar a resposta que se dá numa intervenção, mas também, para que sejam estabelecidas relações com o contexto a ser intervenido. Neste sentido, a fim de descrever o espaço que o terreno, objeto de estudo desta prova, insere-se, é essencial o esclarecimento de uma distinção minuciosa entre o conceito de espaço e lugar.

A identificação de um lugar pressupõe que o espaço genérico seja diferenciado de alguma maneira, consequentemente, depende de um observador que atribua algum sentido para as particularidades do espaço. O arquiteto Fernando Távora aponta esta idéia em “*Da Organização do Espaço*”: “Mas a apreensão visual do espaço pressupõe um observador que a realize e a consideração da existência de tal observador vem enriquecer, pela criação de situações várias, o dimensionamento do espaço.”¹⁰

De facto, o sítio é o resultado da interpretação individual multifacetada, ou como defende Eduardo Souto de Moura: “O sítio é um pressuposto. Não existe o sítio. O sítio é um instrumento. (...) O sítio é coisa mental.”¹¹ Em outras palavras, o lugar vai além da expressão física do espaço porque é determinado pelos simbolismos que um observador atribui aos elementos deste contexto material. Um lugar é composto por uma multiplicidade de camadas que não necessariamente são visíveis apenas na sua expressão física. Norberg-Schulz explica¹² sobre a complexidade de componentes que contribuem para caracterizar a atmosfera de cada ambiente.

10. TÁVORA, Fernando, 1982, *Da Organização do Espaço*, FAUP, Porto, p. 24.

11. MOURA, Eduardo Souto; TRIGUEIROS, Luiz (eds.), 2000, *Ambição a obra anónima*, in *Eduardo Souto Moura*, Editorial Blau, Lisboa, p. 30.

12. “Então o que queremos dizer com a palavra lugar? Obviamente, referimo-nos a algo mais do que uma localização abstracta. Falamos de uma totalidade composta por coisas concretas com um carácter ambiental, que constitui a essência de um lugar.”

NORBERG-SCHULZ, Christian, 1980, *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli, New York, p. 6.



FIG 6

A serra da Peneda, terras de baldio, 1964.

FIG 7

Prado no Inverno, Soajo, 1964.



FIG 8
Vale do Sistelo, 2018.



FIG 9
Soajo, Branda do Murço, s.d.



FIG 10
Construção na envolvente próxima da área
de intervenção.
Arcos de Valdevez, 2024.

Ao propor a transformação de um lugar, uma relação com o meio que já existia será inevitavelmente estabelecida, seja ela considerada ou não. Afinal, o espaço natural é ambivalente, no sentido de ser conteúdo e contentor, como consequência, sempre produz uma relação com os objetos construídos¹³. Portanto, a condição para que esse diálogo seja consciente é a identificação sensível destas camadas que definem o lugar.

O objeto de estudo insere-se na região do Alto Minho no noroeste português. Os acidentes geológicos formaram uma espécie de anfiteatro natural que surge a partir da orla costeira e estende-se ao planalto de Castro Laboreiro até os contrafortes do Parque Nacional Peneda-Gerês. O perfil geográfico é marcado por fortes contrastes em que a água molda regiões de vales acentuados¹⁴ que estão dispostos de forma que oferecem “defesa e abrigo dos ventos do Norte e do Noroeste”¹⁵. A região pode ser dividida em duas zonas devido à sua composição geológica: uma primeira litoral e uma segunda interior, predominantemente montanhosa que é precisamente onde se encontra o local de intervenção.

A zona interior do Alto Minho é uma das mais antigas e estáveis regiões que se estabelece antes mesmo da compreensão e definição da nacionalidade portuguesa. Apesar de ser uma região com condições geoclimáticas mais rigorosas comparativamente com outros territórios portugueses, dispõem-se neste território indícios físicos de ocupações Pré-Históricas. O Minho Litoral caracteriza-se por possuir povoamentos mais densos e concentrados e o Alto-Minho possui alta densidade, porém distribuída dispersamente¹⁶.

A fertilidade propiciada nas zonas de vale dos afluentes do rio Lima contribui para compreender a razão dos assen-

13. TÁVORA, Fernando, 1982, *Da Organização do Espaço*, FAUP, Porto, p. 24.

14. Alto Minho, 2024, *Recursos naturais*, acedido em 22 de novembro de 2024, em: <https://www.altominho.pt/pt/sobre/recursos-naturais/>

15. ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1987, *Novos Guias de Portugal: Alto Minho*, nº 5, Editorial Presença, Lisboa, p. 8.

16. Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, *Guia de Portugal – IV, Il-Minho*, nº IV, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 707.

tamentos neste território. O relevo montanhoso possibilita que as zonas de vale estejam mais abrigadas, logo, o clima nesta faixa intermediária entre litoral e serras, caracteriza-se por um verão quente e inverno fresco. A classificação climática de Koppen-Geiger¹⁷ define esta região como csb, ou seja, apresenta um clima temperado marcado por verão seco e quente e inverno chuvoso¹⁸. A geógrafa Elza Maria Carvalho descreve a área por apresentar:

“(…) um clima essencialmente justificado pela influência das massas de ar de origem atlântica. A passagem das perturbações da superfície frontal polar, associada à exposição geográfica do relevo para Oeste e à altitude, originam, no Inverno, fortes precipitações e, frequentemente, neve. O total anual de chuvas caídas atingem, em plena serra da Peneda, valores entre 2000 e 3000 mm, enquanto a temperatura média mais baixa para o mês mais frio atinge valores inferiores a 1° C, nas áreas mais elevadas. Assim, os invernos são ventosos, agrestes e, muitas vezes, com queda de neve nos territórios mais elevados.

Inserido nas áreas muito pluviosas da Europa, o Lima raiano constitui um bom reservatório de água para o Verão, que é curto e seco, mas, ameno.”¹⁹

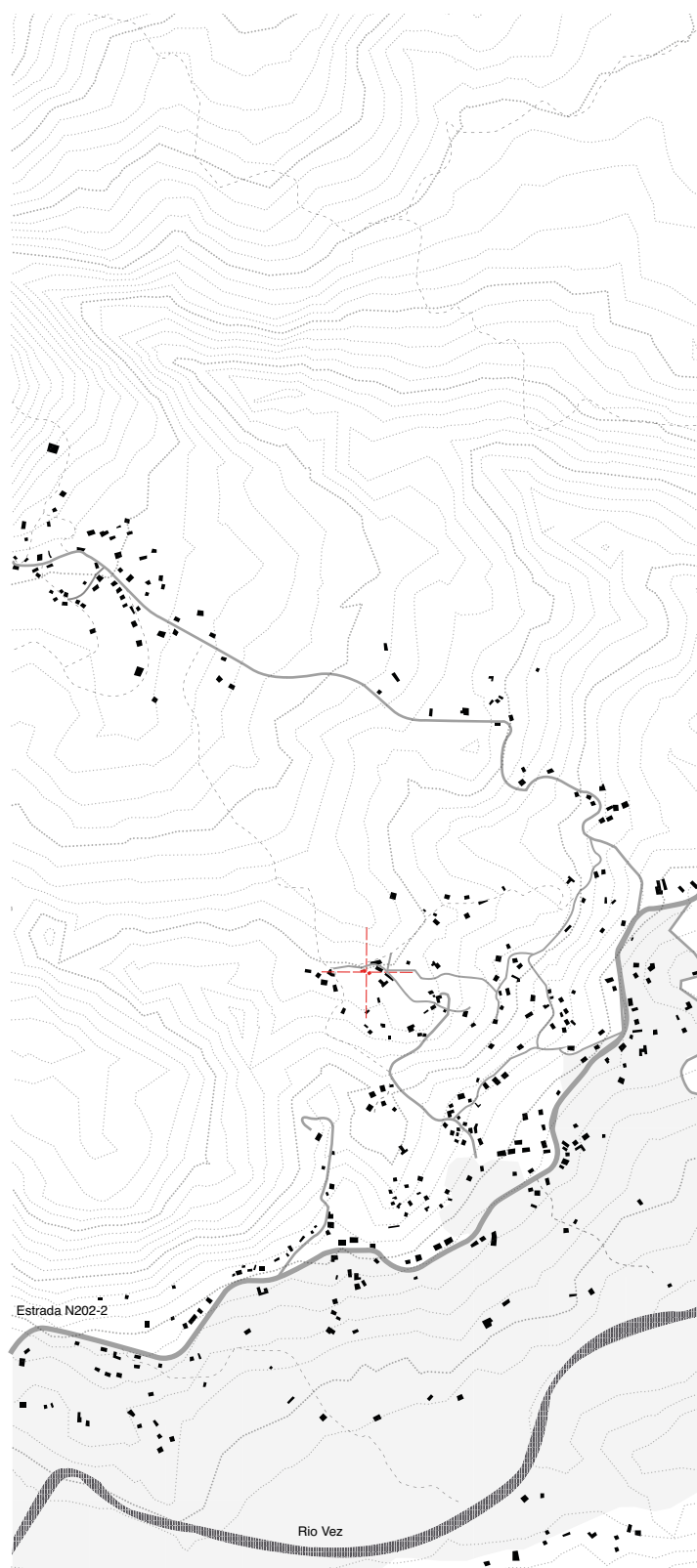
Circunscrevendo um pouco mais o olhar sobre o objeto de estudo, geograficamente, o terreno localiza-se no distrito de Viana do Castelo, vila de Arcos de Valdevez, freguesia de Gondoriz, que está no sopé da Serra da Peneda. A cerca de 8 quilómetros da vila de Arcos de Valdevez, Gondoriz é limitada pela freguesia de Couto a sul, Grade e Carralcova a sudoeste, Cabana maior a sudoeste, Soajo a leste, Cabreiro a norte, Vilela e São Cosme e Damião e Sá a noroeste, Aguiã a oeste.

17. IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera, s.d., *Normais climatológicas*, acedido em 20 de fevereiro de 2026, em: <https://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/>

18. É possível também adicionar a descrição da região feita no livro *Arquitectura Popular em Portugal*: “Do clima, pode-se dizer que é húmido e regular. Pelo menos nas montanhas que enfrentam o Atlântico, atingem-se índices elevados de pluviosidade, que vão decrescendo à medida que baixa a pluviosidade.”

ANTUNES, Alfredo da Mata, 1988, *Arquitectura popular em Portugal*, nº 1, 3ª ed., Ordem dos Arquitectos, Lisboa, p. 15.

19. CARVALHO, Elza Maria Gonçalves Rodrigues de, 2016, *Lima internacional: Paisagens e espaços de fronteira*, nº 1691, Edições Afrontamento/CITCEM, Porto, p. 91.



- Zona de Intervenção
- Curvas de Nível 10-10m
- Curvas de nível 50-50m
- Caminho vicinal
- Estrada nacional
- Exploração Agrícola

FIG 11





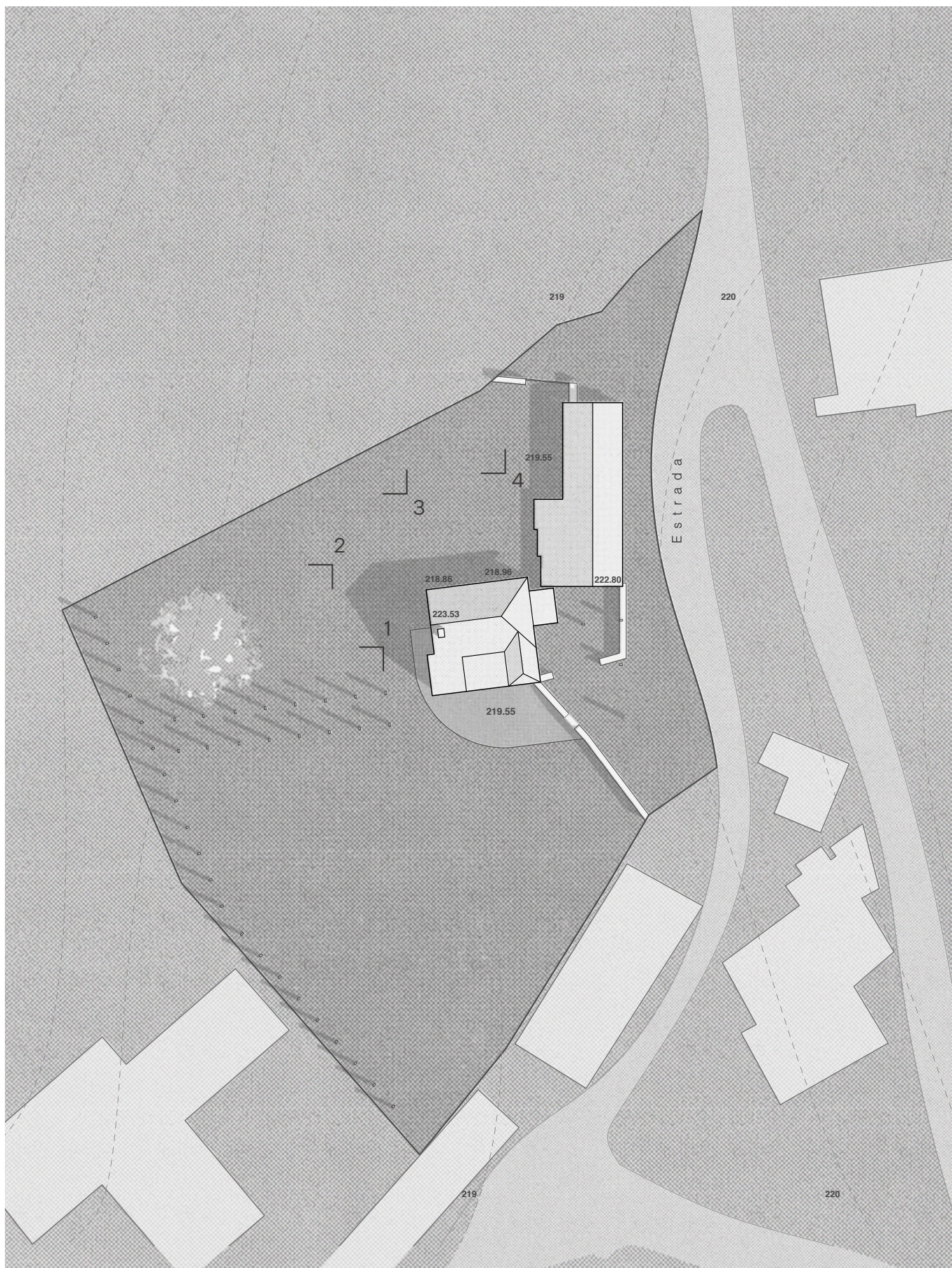
FIG12
Fotografia aérea do limite do terreno e
construções existentes | Escala 1:5000

Google Earth, 2024



FIG13
Fotografia aérea do limite do terreno e
construções existentes | Escala 1:5000

Google Earth, 2024



0m 5m 10m

FIG14
Planta de implantação existente,
Gondoriz



FIG 15
Vista 1



FIG 16
Vista 2



FIG 17
Vista 3



FIG 18
Vista 4

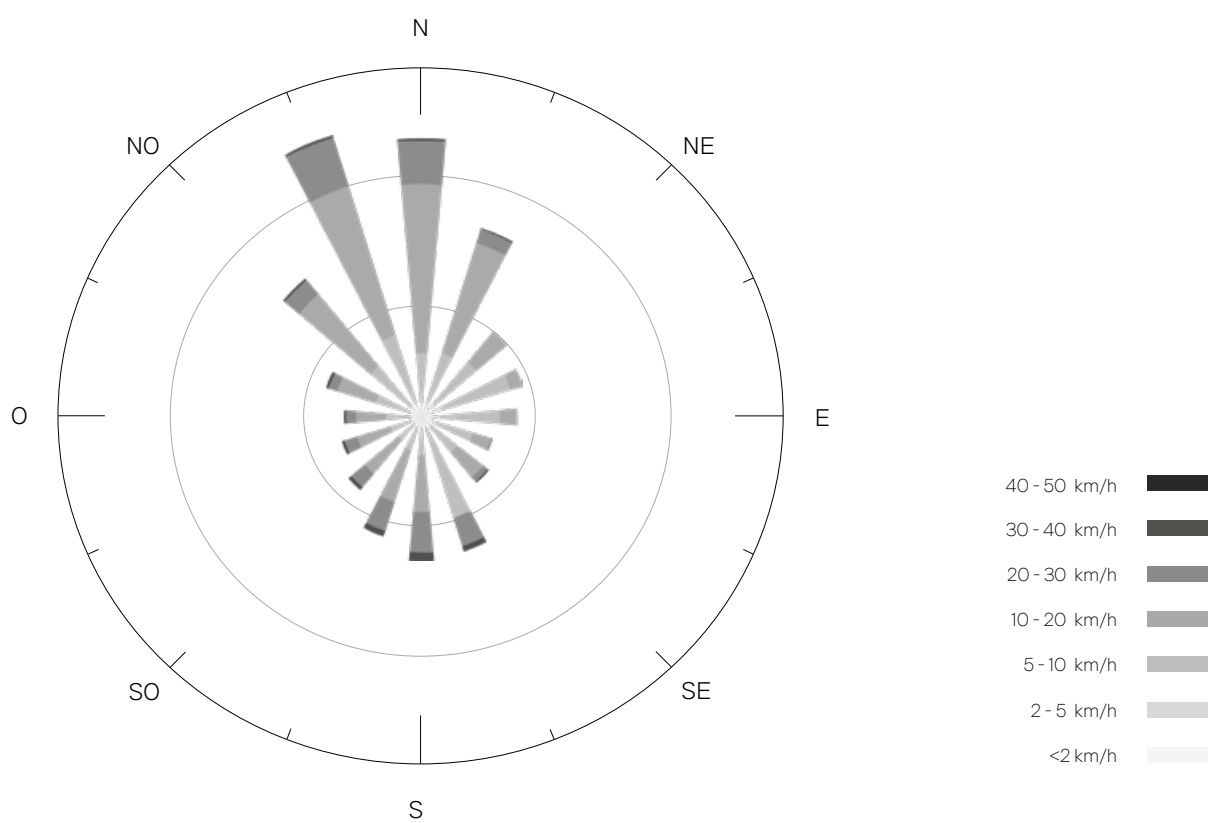


FIG 19

A Rosa dos Ventos mostra quantas horas por ano o vento sopra na direção indicada.

Esta zona é marcada por índices elevados de pluviosidade, por volta de 2000 mm ao ano, distribuídos por 140 dias do ano²⁰. Outro factor a destacar é a elevada frequência da nebulosidade e nevoeiros, “Para o interior [do Alto Minho], o clima apresenta uma variação térmica mais acentuada, maior e mais frequente nebulosidade.”²¹ As temperaturas mais elevadas ocorrem entre os meses de julho a setembro, possuindo médias máximas e mínimas entre 24°C e 15°C. Já as mais baixas se dão no trimestre invernal entre dezembro e fevereiro, apresentando temperaturas médias entre 14°C e 7°C.

Ademais, a intensidade dos ventos é mais elevada no período do inverno comparativamente com as outras estações, principalmente no trimestre de dezembro a fevereiro. Os ventos no verão são pouco expressivos, maioritariamente entre 10 e 20 km/h. No geral, os ventos mais intensos provêm do sentido norte e noroeste, na maior parte do ano variam entre 10 e 20 km/h podendo chegar a uma velocidade de até 50 km/h.²²

A formação das bacias hidrográficas do rio Vez e Lima, constituem encostas expostas maioritariamente a oeste e sul que oferece condições apropriadas para ocupação humana, tanto quanto o desenvolvimento de atividades agrícolas²³. A freguesia de Gondoriz abrange o troço sudoeste da Serra da Peneda, logo, possui uma expressiva variação em suas elevações que variam na zona mais baixa por volta dos 50 m até os 1400 m de elevação em relação ao nível do mar no cume da serra. A ocupação populacional possui maior densidade na parte baixa, mais próxima da vila, à cota aproximada de 150m acima do nível do mar. A implantação caracteriza-se pela dispersão e domínio de habitações unifamiliares, o que reforça a percepção de predominância da paisagem natural.

20. Considera-se o número de dias com precipitação igual ou superior a 0,1 mm durante o ano. Dados obtidos a partir de gráficos disponíveis em: ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1987, *Novos Guias de Portugal: Alto Minho*, nº 5, Editorial Presença, Lisboa, p. 15.

21. Idem. p. 16.

22. Meteoblue, 2024, Dados provenientes do site Meteoblue, acedido em 15 de junho de 2024, em: https://www.meteoblue.com/pt/tempo/historyclimate/climate-modelled/arcos-de-valdevez_portugal_2742804

O território é marcado pela presença de extensas áreas de vegetação, campos agrícolas e florestas, confirmando, de certa forma, uma visão romântica e estereotipada da ruralidade que esse espaço emana.

O elemento natural mais evidente na localidade, devido a expressiva oferta na região minhota, é o granito que revela diversas expressões e cria uma atmosfera específica. Granito este que é utilizado para moldar a própria geografia deste território. A maestria na construção em granito pode ser qualificada como um dos traços de maior relevância da civilização do norte português. Segundo a descrição do geógrafo Orlando Ribeiro, “Nas casas, nos muros, nos suportes, nos monumentos, a pedra constitui sempre o principal material de construção.”²⁴ O granito não é apenas um material que compõe uma grande diversidade de construções no norte de Portugal, o seu emprego e a sua arte de construção também incluem uma história que remonta ao fim do neolítico e ao início da idade da pedra. Seu uso engloba desde edificações até elementos de organização da paisagem como muros ou esteio de vinhas²⁵.

O noroeste minhoto ainda detém vestígios da ruralidade apesar do impacto transformador causado pelo surgimento dos novos materiais, como betão, aço, ferro e lamina de vidro ou pré-fabricados. A disseminação destas novas técnicas foi mais lenta neste território em virtude do ritmo de transformações menos acelerado, característica das zonas afastadas de centros urbanos. Este facto permitiu, por um lado, dar continuidade a tradição construtiva secular em granito e, por outro, que se mantivessem resquícios no território desta prática construtiva.

Estas evidências restantes possibilitaram a análise e

23. Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, 2020, *Plano Municipal do Ambiente – Município de Arcos de Valdevez*, p. 11., acedido em 5 de março de 2026, em: https://www.cmav.pt/cmarcos/uploads/document/file/4882/plano_municipal_do_ambiente.pdf

24. RIBEIRO, Orlando, 1961, *Geografia e Civilização – Temas portugueses*, Letra Livre, Lisboa, p. 20.

25. “O maior virtuosismo no trabalho do granito está, porém, nos esteios de vinha que podem alcançar três metros de altura, com uns dedos apenas de largura.”

Idem. p. 25.

determinação das semelhanças e distinções das arquitecturas não-eruditas dispostas nas regiões portuguesas. Os elementos arquitetónicos presentes no terreno, objeto de estudo da presente dissertação, dividem-se em dois corpos e suas particularidades aproximam-se de descrições presentes em algumas análises, realizadas maioritariamente no século XX, que buscavam identificar semelhanças na arquitetura corrente entre regiões de Portugal.

De maneira geral, as construções presentes nos territórios rurais²⁶ refletiam os hábitos de vida daquela realidade. O espaço era organizado em função das atividades agrícolas de subsistência e as construções seguiam uma lógica do que era possível fazer com o que havia disponível²⁷. Segundo Ernesto Veiga de Oliveira, “Ela [a casa nortenha] era sobretudo um prolongamento da lavoura, em que esta importava mais do que as pessoas.”²⁸ Neste sentido, há semelhanças morfo-tipo-lógicas nessa arquitetura por buscarem a partir do mínimo de recursos estabelecerem construções que respondessem da maneira mais estratégica aos agentes climáticos, à geografia do território e às necessidades daquela sociedade camponesa.

A zona interior do Minho possui uma estrutura de povoamento disseminado²⁹, isto significa que a implantação das edificações, por não estarem em zonas densas e, portanto, possuírem alguma flexibilidade na sua disposição, era, definidas a partir do conhecimento empírico ancestral do mestre pedreiro alinhada com o lavrador. Havia uma sensibilidade de responder estrategicamente aos agentes climáticos, seja por orientar as casas no sentido de protegerem-se das chuvas do Sudoeste, ou tirarem proveito da incidência solar expondo as “faces mais vivas e abertas” ao Sol³⁰.

26. O conceito de rural será posteriormente colocado em questão neste trabalho, porém neste caso, refere-se a conceção original do termo que estava relacionado aos territórios extramuros, ou seja, afastados das concentrações urbanas.

27. “No sopé das montanhas, entre as construções estendem-se campos de cultivo, de culturas variadas, parcelas de solo retalhadas e bordadas com a tradicional vinha minhota”

LAUTENSACH, Hermann, 1999, *Povoamento, nomes de Lugar e Circulação*, in *Geografia de Portugal – III. O Povo Português*, 3ª ed., Edições João Sá da Costa, Lisboa.

28. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, 1992, IV. *Persistência e evolução da habitação tradicional*, in *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Etnográfica Press, Lisboa, p. 485–498.

29. Definição empregue no livro *Arquitectura Popular em Portugal*, resultado do Inquérito a Arquitectura Popular em Portugal que foi um estudo, realizado entre a década de 1950 e 1960, liderado por Keil do Amaral que, que partiu da divisão de Portugal em seis zonas, cada uma com três chefes de equipa, e buscou evidenciar as características comuns que houvessem na arquitectura dessas zonas. Por um lado, foi relevante no sentido de desmistificar uma ideia, equivocada para seus participantes, de que haveria uma casa portuguesa típica, e, por outro lado, o livro realiza análises das possíveis características que as construções populares teriam em comum. O estudo, que resultou no livro *Arquitectura Popular em Portugal*, possibilitou registar a arquitectura não erudita que se expressava distintamente pelo país que, ao longo do tempo, vem desaparecendo seja pelo abandono ou por intervenções pouco refletidas que as descaracteriza.

30. ANTUNES, Alfredo da Mata, 1988, *Arquitectura popular em Portugal*, nº 1, 3ª ed., Ordem dos Arquitectos, Lisboa, p. 46.



FIG 20
Serra da Peneda, 1959.

FIG 21
Exemplo de casa de granito extraído
do livro Geografia e Civilização. Temas
portugueses.
s.l., s.d.

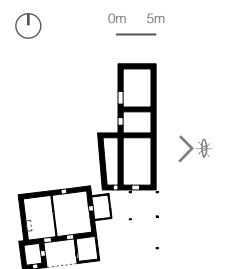
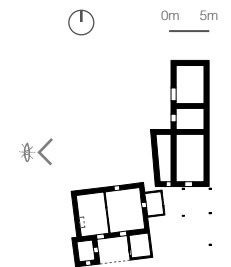


FIG 22, 23 E 24
As construções preexistentes no
terreno da intervenção.
Arcos de Valdevez, 2024.

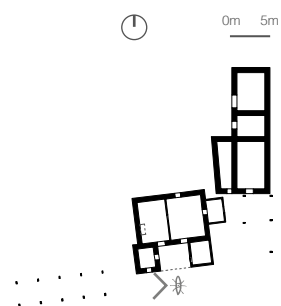


FIG 25
Exemplo de muro de pasta e esteio de ramada.
Barcelos, s.d.

FIG 26
Esteios em granito preexistentes no terreno da intervenção.
Arcos de Valdevez, 2024

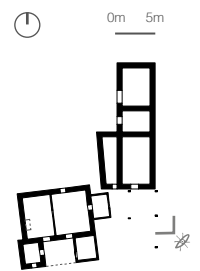


FIG 27
 Vista das preexistências
 a partir da rua.
 Arcos de Valdevez, 2024.

Consequentemente, a fachada oposta ficava exposta para o caminho público e marcada pela degradação das *intempéries* “onde se destacam as minúsculas janelas dos quartos e o portão de acesso ao quinteiro.”³¹

31. Ibidem.

32. Ibidem.

33. Ibidem.

34. Ibidem.

O pátio ou eido “vedado à volta pelo conjunto de que se compõem estes organismos” oferecia uma ligação ao exterior com algum nível de privacidade e centralizava o desenho da construção por ser um “acesso a tudo” e para onde “dão todas as portas”³². As coberturas naturalmente possuíam inclinação acentuada a fim de responder a alta pluviosidade. Havia uma estratégia de desenho dos telhados, que “desciam em baixa pendente” a fim de associarem-se aos “tectos de folhagem das ramadas circundantes”³³. Por consequência, provocava-se uma dissolução da construção na paisagem que, além disso, era reforçada pela tendência de aproveitar acidentes geográficos para acavalá-las.

A definição mais comum das casas nesta zona, caracterizadas por organizarem-se em dois pisos: o inferior destinado a atividade agropastoril; e no superior desdobra-se a habitação³⁴; não é refletida de maneira literal nos corpos existentes no terreno estudado para a proposta de intervenção. Apesar disto, as separações dos usos em elementos distintos mantêm-se, mesmo que no caso específico do terreno abordado não se refira a um mesmo corpo dividido em duas alturas, há a separação dessas funções em dois elementos distintos.

Para além da casa com dois pisos, ou com varanda, outra tipologia recorrente no Norte português são as habitações térreas que se assemelham à configuração das preexistências do projeto a que este trabalho se refere. Segundo o estudo de Hermann Lautensach, essas habitações apresentam as seguintes características: “(...) predomina nas serras e tem

algumas vezes só um ou dois compartimentos; a maioria não tem chaminé, logo o fumo da lareira sai pela porta ou pelos interstícios do telhado.”³⁵ Já a descrição de Ernesto Oliveira evidencia a simplicidade destas construções : “(...) A casa serrana é uma casa de aglomerados compactos, fechada, arcaica e rude, de pedra seca e cobertura de colmo, selvática e bárbara como a própria serra, trazendo até nós a imagem perfeita do mais remoto passado, donde parece provir directamente (...)”³⁶.

Quanto ao objeto de estudo, os elementos preexistentes construídos implantam-se no terreno perpendicularmente e são compostos por alvenaria de pedra granítica. O elemento que alberga a habitação, que será classificado como corpo habitacional (A) [ver FIG. 28], a fim de simplificar a compreensão, orienta-se ao longo do eixo nascente-poente, que permite criar ao sul uma zona abrigada dos ventos provenientes do Norte. À vista disso, neste lado protegido localiza-se o eido para onde “todas as portas se abrem”³⁷. A casa organiza-se em cinco compartimentos, possui um elemento principal, dividido por uma parede de tijolo, utilizado como cozinha e quarto; os compartimentos restantes, devido à sua materialidade e disposição, indicam ser acrescentos posteriores. À nascente, há a instalação sanitária feita em paredes de tijolo, ao sudeste, um anexo também em tijolo e, ao sudoeste, um anexo composto em alvenaria de pedra. O aparelho das pedras deste corpo é irregular com juntas de assentamento desalinhadas e rebocado com cal natural. O telhado é composto por três águas coberto com telhas lusas.

Quanto ao estado de conservação, ambas as construções preexistentes não possuem evidências de patologias estruturais, porém o corpo habitacional (A) apresenta uma degradação mais avançada devido a humidade, principal-

35. LAUTENSACH, Hermann, 1999, *Povoamento, nomes de Lugar e Circulação*, in *Geografia de Portugal – III. O Povo Português*, 3ª ed., Edições João Sá da Costa, Lisboa.

36. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, 1992, IV. *Persistência e evolução da habitação tradicional*, in *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Etnográfica Press, Lisboa, p. 485–498.

37. ANTUNES, Alfredo da Mata, 1988, *Arquitectura popular em Portugal*, nº 1, 3ª ed., Ordem dos Arquitectos, Lisboa, p. 46.

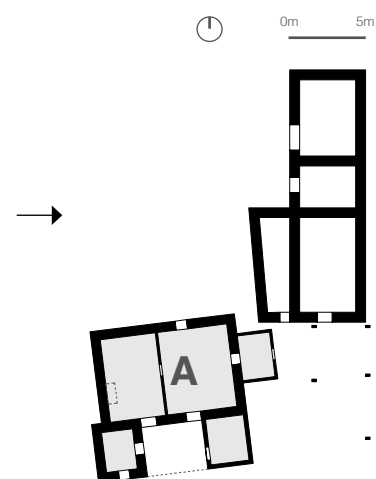


FIG 28
Planta simplificada das preexistências
Escala 1:500

mente, da fachada norte evidenciada pela eflorescência de fungos e algas. A concentração mais expressiva de mofos nas extremidades laterais e inferiores da casa indicam uma patologia devido ascensão da água por capilaridade nas paredes causada pela ausência de impermeabilização das fundações e potenciadas pelo desgaste dos agentes climáticos.

O outro elemento preexistente, designado corpo para agricultura (B) [ver FIG. 29], apresenta um aparelho de pedra à vista com calços e cunhas e junta seca, cujas zonas de maior fragilidade como aberturas e vértices dispõem de perpianhos. Esta construção era destinada ao apoio da prática agropastoril, por isso, alberga um lagar e abrigos para animais. Em razão da função que desempenha, este corpo possui um piso de terra compactada e não há nenhum tipo de vedação das paredes. A permeabilidade das paredes aliada ao facto de não haver juntas entre o aparelhamento das pedras permite a ventilação constante da construção o que reduz o impacto da degradação por humidade. Portanto, este elemento aparenta estar num estado melhor de conservação por apresentar menos patologias biológicas comparativamente ao corpo A.

Além disso, o telhado possui uma geometria própria desta região de “serra e noutras zonas arcaizantes onde a construção é extremamente rude, as paredes são geralmente em seco, e as coberturas, de duas águas, com as empenas nas fachadas laterais, são com muita frequência de colmo, disposto e preso por sistemas diversos – nomeadamente as *cápeas* e *guarda-ventos*.”³⁸ O colmo veio a ser substituído, neste caso pela telha marselha e a cobertura é estruturada por uma asna pequena com pendural, ambos em madeira. Outra particularidade do desenho deste volume reside no facto da distribuição dos espaços funcionar numa sequência de com-

38. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, 1992, IV. *Persistência e evolução da habitação tradicional*, in *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Etnográfica Press, Lisboa, p. 485–498.

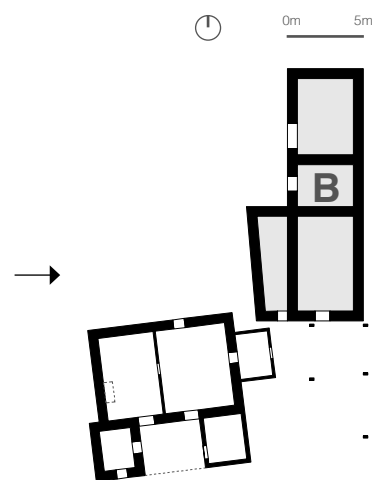


FIG 29
Planta simplificada das preexistências
Escala 1:500

partimentos isolados, divididos por duas paredes portantes que impedem sua comunicação direta.

39. Ibidem.

40. Ibidem.

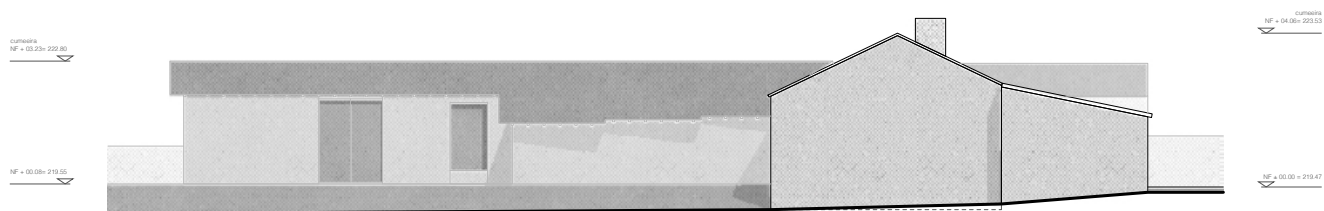
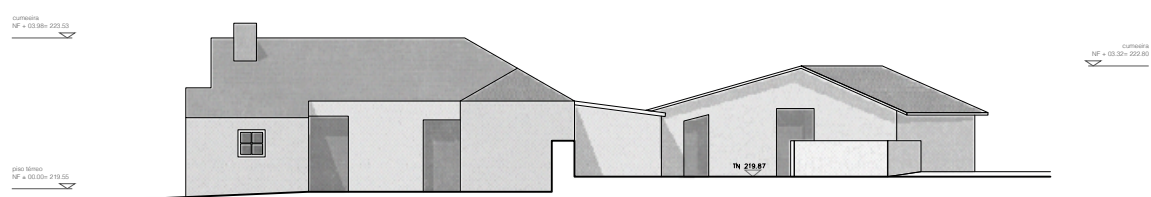
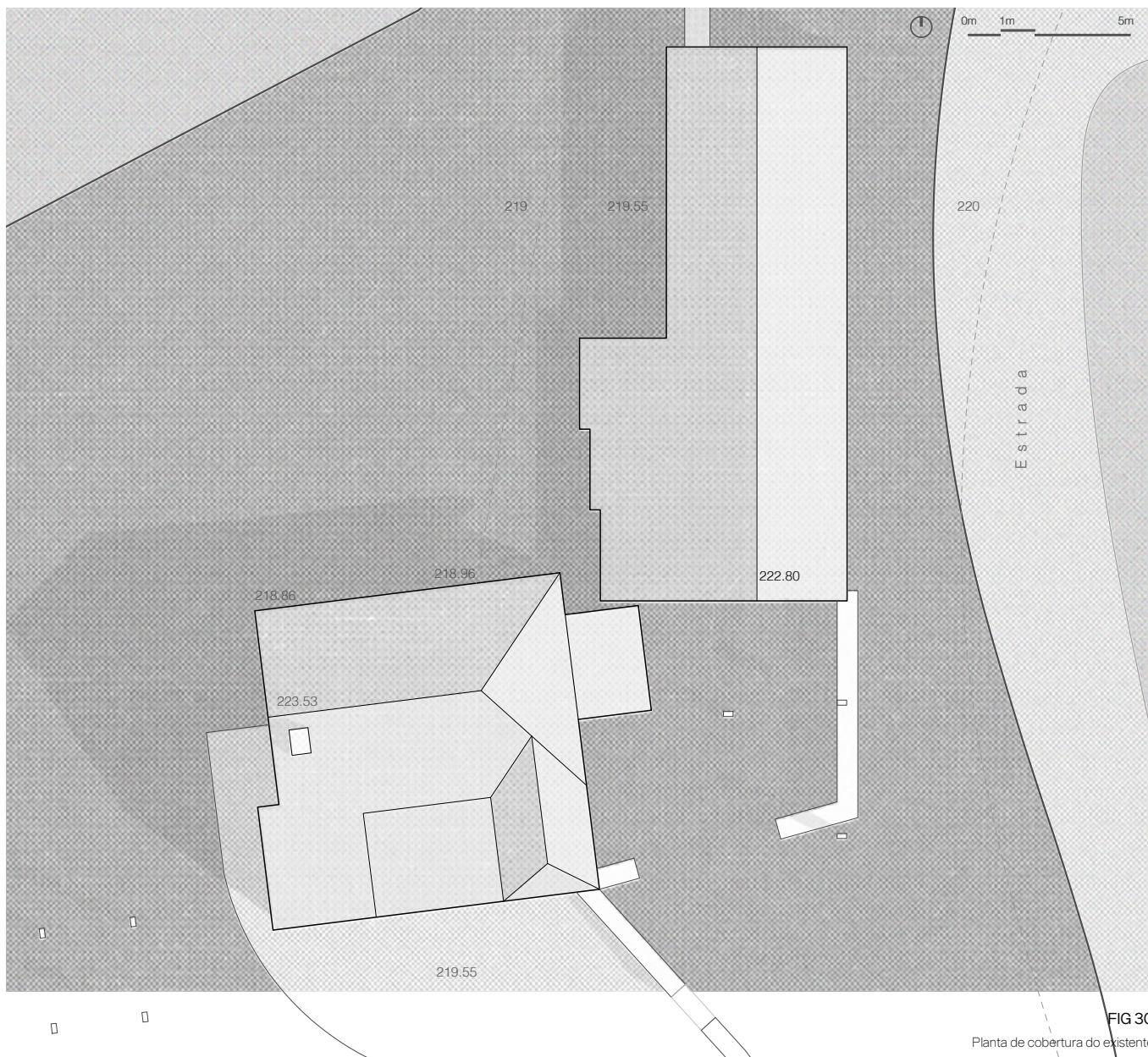
41. "Produto de adaptação do homem ao meio, ela [a habitação] reflecte não só o meio geográfico natural, mas também o meio humano, histórico e cultural."

Ibidem.

Ambas as construções se situam a mesma cota(219,55m) e estão 45 centímetros mais baixas em relação à estrada de acesso. O terreno possui um declive suave de 2 metros ao longo do eixo nascente-poente, e esta diferença relativamente à via de acesso implicou numa solução similar ao desenho dum socalco. A criação deste "pequeno recinto murado"³⁹, também comum nestas casas mais isoladas, que funciona como "átrio ou vestíbulo exterior"⁴⁰ a cota da rua (200 m) realiza a transição de cota para o interior das edificações situadas, ou *acavaladas*, neste desnível. No que concerne às áreas o corpo A possui uma área útil de 65,7 m², já o B possui 69,8 m² e estão dispostas em um terreno de 2760 m².

Por fim, a composição dos alçados é resultado de alguma hesitação técnica e do que o aparelhamento das pedras permite, resultando em um número e forma dos vãos muito reduzidos. A forma dos vãos diminuta acaba por gerar um forte contraste do claro e escuro. A construção A possui uma pequena abertura no alçado noroeste, uma na casa de banho e outra no anexo, já na B há os três vãos de acesso, mas nenhuma janela.

É evidente que estas construções são uma resposta direta das necessidades fundamentais, mas mínimas de habitação⁴¹. Por consequência disto, reflete-se na arquitetura as opções estéticas e formais da simplicidade. Logo, são construções precisas, no sentido de tornarem físico apenas o que é indispensável, através dos recursos acessíveis. Neste sentido, é necessário haver uma cautela na maneira como se encara esse tipo de construção, porque há no ideário coletivo- particularmente na visão dos habitantes de territórios



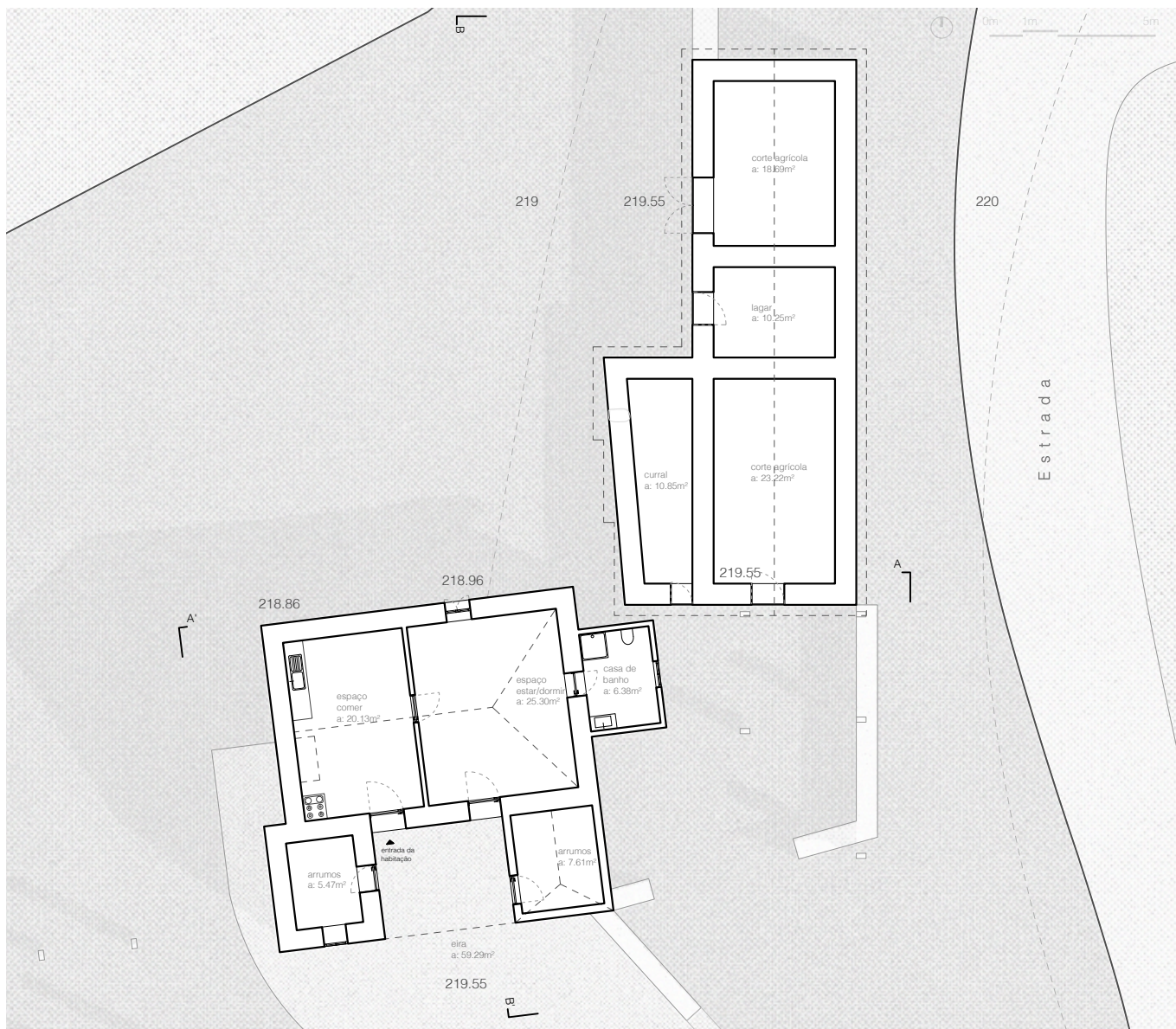


FIG 33
Planta do piso térreo

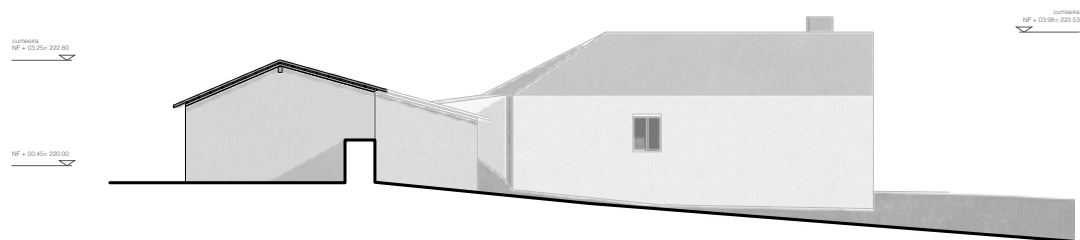


FIG 34
Alçado norte do existente | escala 1:200

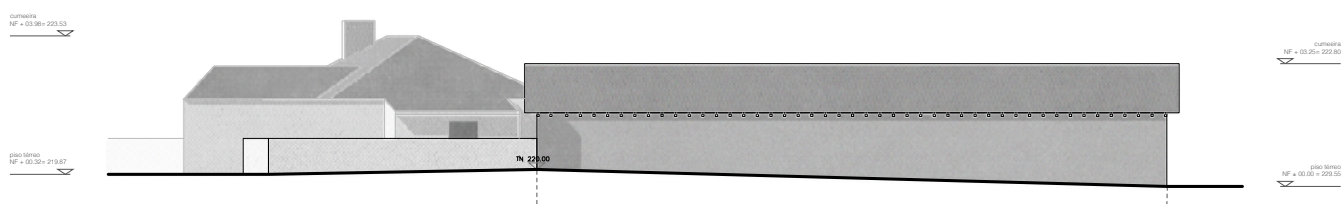
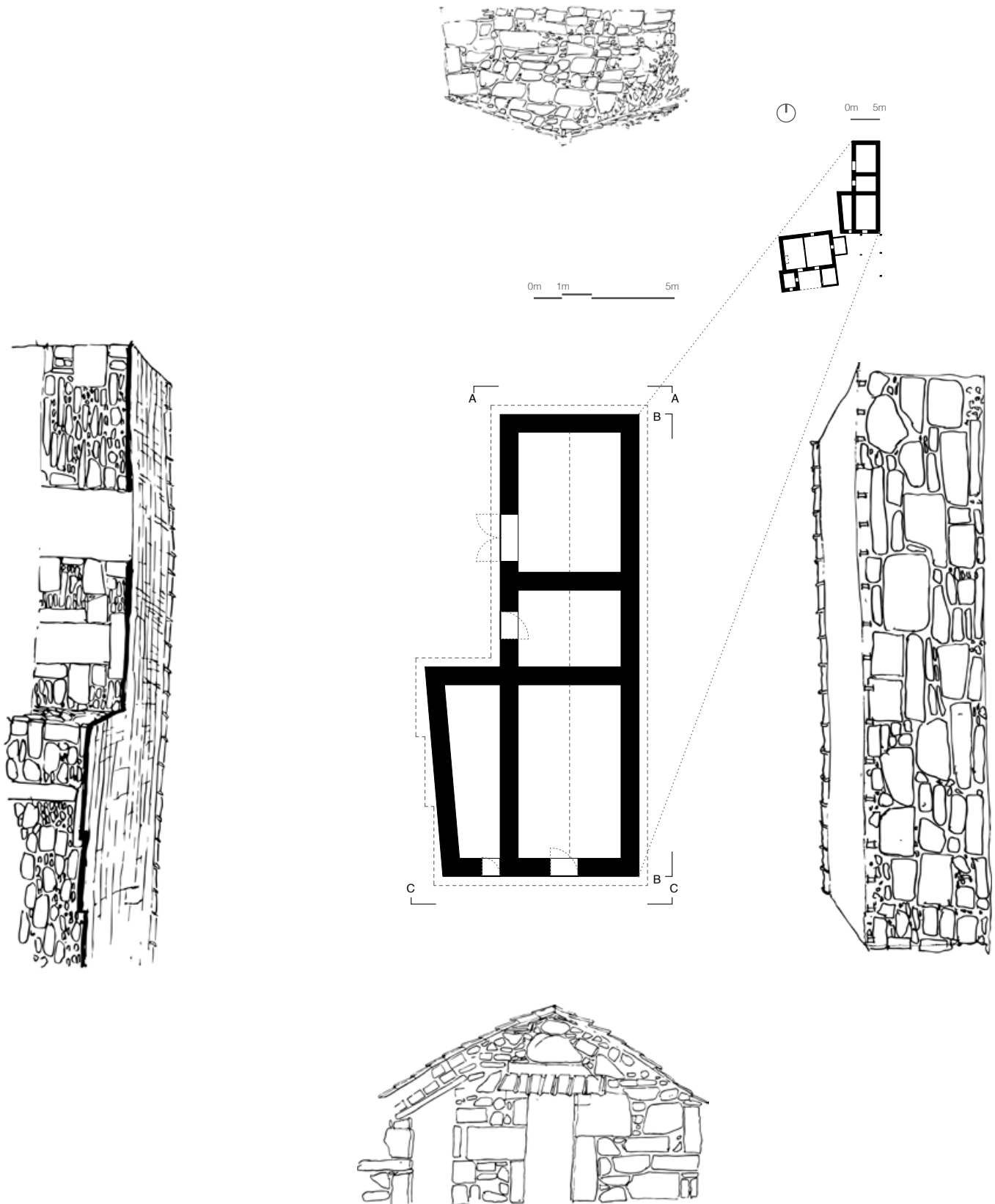


FIG 35
Alçado nascente do existente | escala 1:200



	36	
37	38	39
	40	

FIG 36
Alçado AA' da construção B
FIG 37
Planta de implantação
FIG 38
Planta da construção B isolada

FIG 39
Alçado BB' da construção B
FIG 40
Alçado CC' da construção B

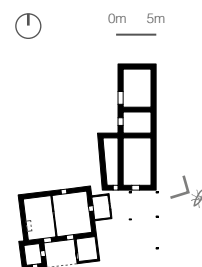
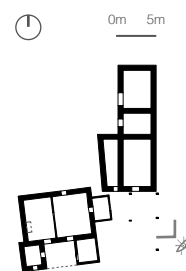
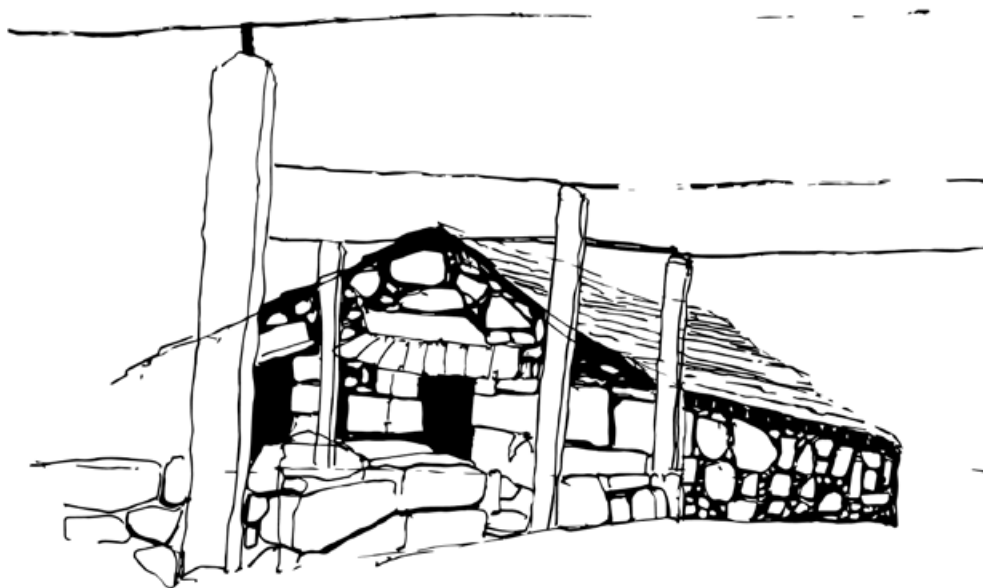


FIG 41 E 42
Vistas da construção B

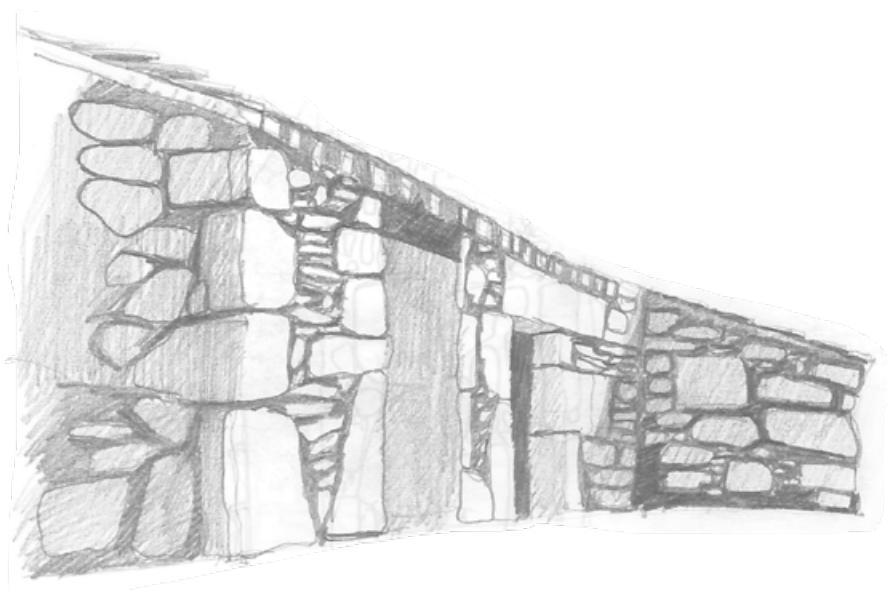
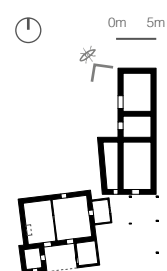
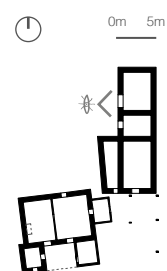
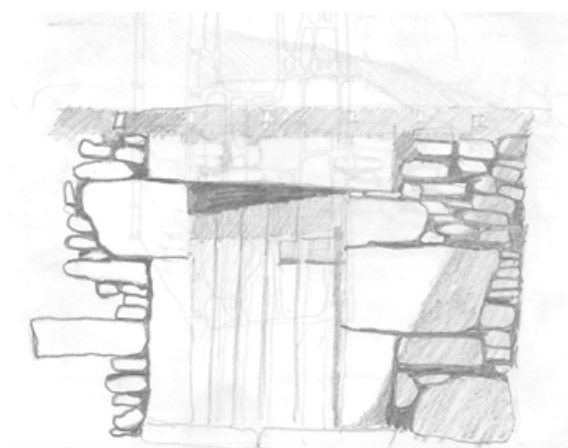
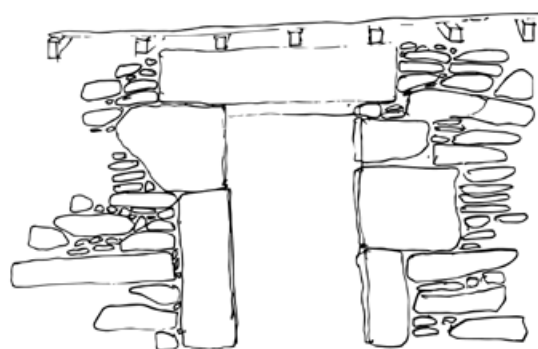


FIG 43 E 44
Pormenor do vão da construção B
FIG 45
Pormenor do alçado poente da
construção B

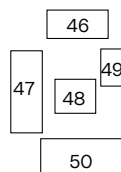
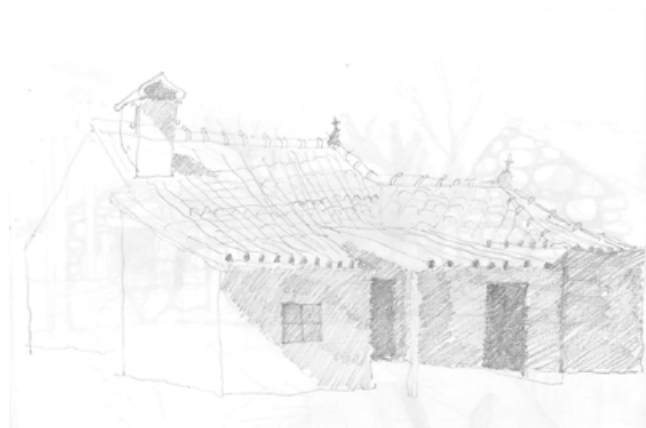
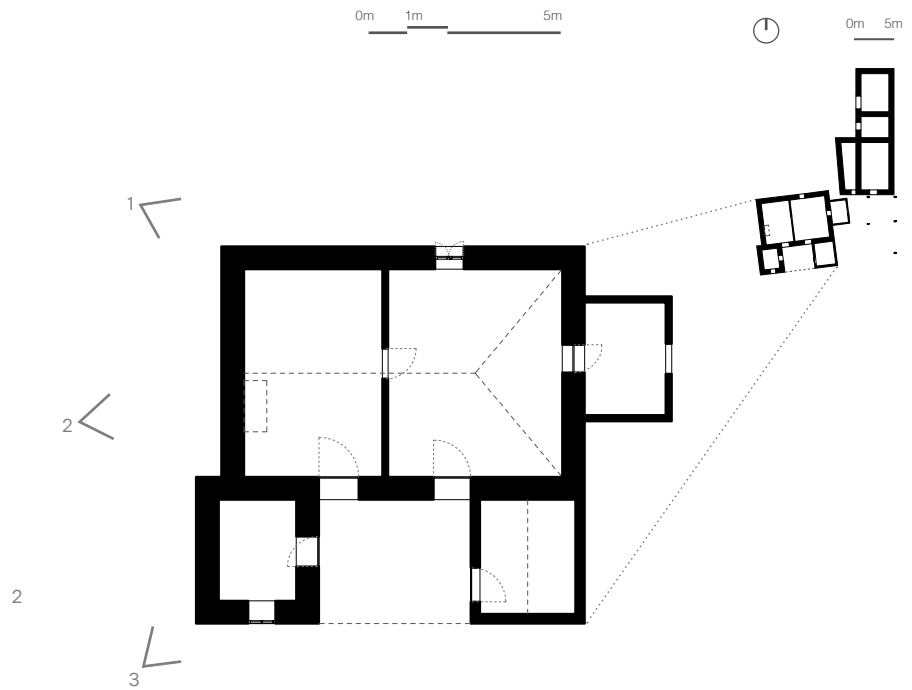
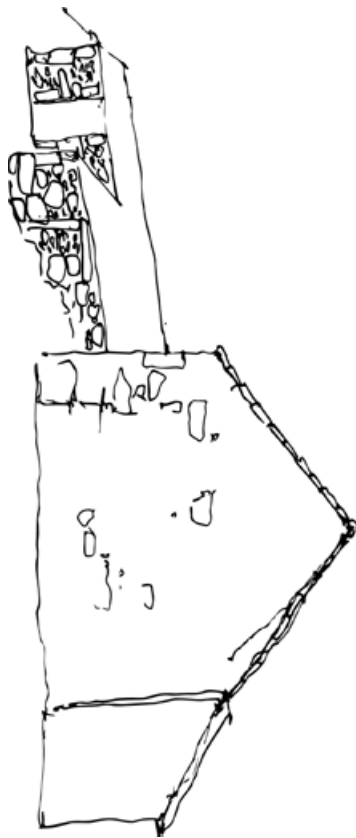


FIG 46
Vista 1 da construção A
FIG 47
Vista 2 da construção A
FIG 48
Planta da construção A

FIG 49
Planta de implantação
FIG 50
Vista 3 da construção A



FIG 51, 52 E 53
Nostalgia, Andrei Tarkovski, 1983
[Filme]

“Astúcia para mover-se com maior agilidade, engenho e rapidez do que a máquina universal do mercado. Deriva como forma alternativa de mover-se no campo minado dos sistemas de poder que registrarão qualquer proposta, incorporando-a no mercado universal da simulação e do consumo. Se a deriva urbana era para Debord um modo de encontrar-se com a cidade movendo-se entre o azar e a improvisação, a relação que podemos propor para os edifícios ou para os lugares que consideramos notáveis oscilará, também, entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade”⁴²

42. COSTA, Alexandre
Alves, 2003, *O Património entre a
aposta arriscada e a confiança nas-
cida da intimidade*, Jornal Arquitectos,
nº 213, Ordem dos Arquitectos,
Lisboa, p. 12.

A fim de delinear um panorama preciso sobre as demandas ou desafios deste território em questão, é fulcral retratar o cenário atual para além do ideário ficcional que se criou do meio rural. As narrativas que existem sobre o rural, desde o Renascimento europeu ao Romantismo, à propaganda do Estado Novo, ao Turismo Rural, à patrimonialização/preservação da paisagem natural, para citar algumas, mesmo possuindo “éticas e estéticas”⁴³ distintas, encontram-se num desejo de conservação do que há de “puro” no campo, seja para alguns a natureza intocada, a paisagem (supostamente) virgem ou a autêntica casa/aldeia portuguesa. O impacto destas visões distintas que ainda hoje permeiam o ideário colectivo é que ainda persiste uma grande dificuldade em aceitar a mutabilidade da realidade no campo. Como afirma o geógrafo Álvaro Domingues:

“Por isso, não há lugares para sempre, com identidades imutáveis. O grau de estabilidade de um lugar só pode ser garantido pelo grau de estabilidade de uma sociedade e do que nela permanece. Num contexto de ruralidade e de tradicionalismo em que as tecnologias eram simples e estáveis, em que era forte a dependência dos constrangimentos do meio natural (clima, solo, etc.) e em que a permanência se sobrepunha à mudança, as identidades dos lugares e das regiões – traduzidas em paisagem e modos de vida-, parecia clara e definitiva. Não é mas entende-se que é mais fácil construir uma identidade num passado que foi estável do que na instabilidade do presente.”⁴⁴

Existem, portanto, esforços de conservação dos elementos sociais, culturais e estéticos que faziam parte da realidade no campo, mas que, agora, completamente desprovidos de função, decoram e evidenciam uma relativa perda de sentido da realidade rural. Nas palavras de Álvaro Domin-

43. DOMINGUES, Álvaro, 2011, *Vida no Campo*, Dafne Editora, Porto, p. 246-247.

44. Ibidem.

gues: “Perdida a funcionalidade do mundo rural e do que lá havia, existe um sistema infundável de destroços que se podem reciclar para ofício do reencantamento da realidade do presente (...)”⁴⁵.

A clássica dicotomia entre cidade e campo, embora tenha sido útil em certos momentos para classificar os territórios, revela-se hoje inadequada para descrever a complexidade das paisagens contemporâneas. As transformações socio-tecnológicas que se dão a partir da metade do século XX, devido à mecanização da agricultura, urbanização e infraestruturação das cidades, entre outros factores⁴⁶, implicaram numa elevada evasão dos campos em direção as cidades⁴⁷, consequentemente, a redução da população jovem no campo, o envelhecimento dos residentes e o abandono das pequenas propriedades agrícolas⁴⁸.

A perda da centralidade da agricultura trouxe um desafio identitário para as regiões rurais. Muitos desses territórios passaram a ser vistos não como espaços de produção, mas como cenários de consumo — da paisagem, cultura e tradição⁴⁹. O facto é que após o aumento de investimentos em infraestruturação que se dão a partir da entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia ocorrem transformações⁵⁰ consideráveis no território rural, que deixa de ser qualificado como isolado físico e virtualmente e passa a oferecer padrões de vida semelhantes aos da cidade⁵¹. Para António Guerreiro,

“(...) esta dicotomia, mantendo muito embora o seu valor expressivo e simbólico cristalizado pelas nossas representações binárias, já não tem a pertinência e o teor operativo de outrora. Tal polarização continua acesa na nossa imaginação e corresponde até a um ideal, mas em muitos aspetos já não corresponde à verdade

45. Ibidem.

46. BAPTISTA, Fernando Oliveira, 1995, *Agriculture, rural society and the land question in Portugal*, Sociologia Ruralis, Vol. 35, nº 3/4, p. 314.

47. A área englobada pelo Vale do Rio Lima apresenta a “(...) perda acentuada da população total e no duplo envelhecimento da população residente. A população diminui 5,8%, em termos percentuais mais que a Região Norte e o país (passando de 167 mil habitantes, para pouco mais de 158 mil). O duplo envelhecimento exprime-se nas perdas populacionais dos mais jovens (-17,3% junto dos 0-24 anos e -21,5% dos 25-44 anos) e nos ganhos dos mais velhos (a população com +45 anos atinge quase os 60%).”

ADRIL – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima, 2023, *Estratégia de Desenvolvimento Local – Vale do Lima Rural 2030*.

48. CARVALHO, Pedro, 2018, *Dynamics of rural low-density spaces in Portugal: From depopulation to reconfiguration*, CIDADES, Comunidades e Territórios, nº 36, p. 23–41.

49. “Contudo, em Portugal, tal como noutros países europeus, o futuro das sociedades rurais já não está centrado na agricultura. Em vez de um espaço de produção, o meio rural é cada vez mais visto como um espaço de vida e de consumo.”

BREMAN, Bas; VIHINEN, Hilka; TAPIO-BISTRÖM, Marja-Liisa; PINTO-CORREIA, Maria Teresa, 2010, *Meeting the Challenges of Marginalization Processes at the Periphery of Europe*, Public Administration, vol. 88, nº 2, Londres, p. 364–380.

50. A entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1986 e o consequente aumento dos investimentos em infraestrutura — como redes de transporte, eletrificação e telecomunicações — promoveram uma transformação estrutural significativa

do seu sentido original: o campo está cada vez mais parecido com a cidade ou, pelo menos, acolhe cada vez mais modos de trabalho e estilos de vida urbanos.”⁵²

O projeto de arquitetura possibilita a imaginação de novas realidades e proposições alternativas às práticas de transformação do território atuais. Para além disto, (...) estas alternativas não são puramente formais, mas estão ligadas à forma como a arquitetura pode possibilitar e dar expressão espacial a novas formas de convivência.”⁵³ Neste sentido, é pertinente que o desenho arquitetónico seja sensível às circunstâncias políticas, económicas e culturais para que sua materialização seja possível. Diante da complexidade de dinâmicas e desafios que esse território enfrenta, é fulcral encará-lo como objeto de transformação superando uma caracterização estática e obsoleta.

A fim de responder à estas temáticas vigentes no contexto rural surge a estratégia para o desenvolvimento rural da Rede Europeia, em 2007, que se ancora no Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEADER). O fundo financia iniciativas propostas pelos grupos de ação local (GAL) que parte das bases, ou seja, reúne agricultores, empresas rurais, organizações locais, autoridades públicas, entre outros. Cada GAL possui autonomia própria para gerir os respetivos orçamentos da parcela do investimento. A vila de Arcos de Valdevez está incluída na Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima (ADRIL)⁵⁴ que administra as submissões de projetos de investimentos para o desenvolvimento das áreas rurais periféricas. Os objectivos estratégicos de desenvolvimento local do Vale do Lima Rural 2030 são articulados em quatro vertentes: Agricultura e Floresta mais sustentáveis, eficientes, competitivas e resilientes; Bioeconomia e Economia Circular; Turismo em Espaço Rural e oferta

no território rural. Estudos indicam que esses investimentos alteraram a conectividade rural-urbana e, em muitos casos, diminuíram a percepção de isolamento geográfico do campo.

SILVA, Luís; FIGUEIREDO, Elisabete, 2013, *What is Shaping Rural Areas in Europe: Introduction*, in *Shaping Rural Areas in Europe – Perceptions and Outcomes on the Present and the Future*, Springer, Dordrecht, p. 1-9.

51. Houve uma transformação profunda nos padrões de vida, devido ao desenvolvimento de infraestruturas não só nos centros urbanos como em pequenas vilas. Ao mesmo tempo, também ocorreu a expansão de redes de conexão telefónicas e, posteriormente, virtuais que permitiram o contato entre realidades distantes. As transformações se deram em tantos âmbitos que a própria relação com a casa se alterou cujo etnólogo Ernesto Veiga de Oliveira resumiu “A casa dessa-ralizou-se completamente, e é agora meramente um valor económico”.

BAPTISTA, Fernando
Oliveira, 1995, *Agriculture, rural society and the land question in Portugal*, *Sociologia Ruralis*, Vol. 35, nº 3/4, p. 314.

52. GUERREIRO, António, 2022, *Sob a condição da urbanização planetária*, in *Electra 18, Cidade, Campo Um Dossier*, Fundação EDP, p. 27.

53. ZAMBELETTI, Federica, 2022, *Co-Living in the Countryside*, KoozArch, entrevista a Charles Holland, acedido em 11 de março de 2026, em: <https://www.koozarch.com/interviews/co-living-in-the-countryside>

54. Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima. Constituída em 17 de Julho de 1991, o sector público está representado pelas quatro Câmaras Municipais da zona de intervenção (Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Viana do Castelo), pela V.A.L.I.M.A. – Associação de Municípios do

complementar; Qualidade de vida nas comunidades rurais. No âmbito da melhora da qualidade de vida, destacam-se estratégias de reabilitação do edificado, a promoção do acesso a tecnologias de conexão (físicas e virtuais), atração de novos residentes e o estímulo a convívio comunitário.

Apesar de alguns dos objetivos estratégicos da associação referirem à atração e fixação de novos residentes, a promoção da sua integração, tanto quanto o favorecimento do “envolvimento da comunidade na procura de ferramentas e soluções inovadoras para os desafios do dia a dia”⁵⁵, a oferta de habitação conserva o padrão habitacional normativo. O modelo de moradias assentes na definição de um arranjo social familiar canónico que, entretanto, desde já, é incompatível com a mutabilidade das necessidades que surgem ao longo da vida do próprio núcleo familiar⁵⁶. É também indiferente ao aumento das variedades de modos de vida, como por exemplo, o aumento de famílias monoparentais, celibatários, etc⁵⁷. Além desses fatores, há também a esfera económica, cujo desenvolvimento da sociedade mercantil transformou a habitação numa mercadoria⁵⁸ e, por consequência, sujeitou-a à especulação, tornando-a inacessível economicamente para um número crescente de parcelas da população.

Em suma, as soluções comumente elaboradas ancoram-se na perceção ainda idealizada do rural, como por exemplo a estratégia de intervenção focada no turismo⁵⁹, porém não respondem ao aspeto mais profundo de potenciar uma atualização identitária deste meio. A conjuntura atual apresenta-se quase em contramão ao modo de habitar convencional devido as transformações sociais, económicas e culturais e, por sua vez, no contexto rural esta incompatibilidade é ainda mais evidente devido a ausência de alternativas ao modelo de ocupação disseminado de habitações unifamiliares conven-

Vale do Lima, pelo P.N.P.G. – Parque Nacional da Peneda-Gerês, pela R.T.A.M. – Região de Turismo do Alto Minho e I.S.P.V.C. – Instituto Superior Politécnico de Viana do Castelo.

CARVALHO, Elza Maria Gonçalves Rodrigues de, 2016, *Lima internacional: Paisagens e espaços de fronteira*, Edições Afrontamento/CITCEM, nº 1691, Porto, p. 91.

55. ADRIL, 2023, *Estratégia de Desenvolvimento Local – Vale do Lima Rural 2030*, p. 12., acedido em 11 de março de 2026, em: https://www.adril.pt/documentos/EDL_Memoria_descritiva20230811_final.pdf

56. “Atrevo-me a afirmar aqui que a família é constituída por uma «ordem» social instável, porque constantemente abalada por fenómenos temporais extremamente diversificados. A urgência e a necessidade de a habitação se adaptar a estas evoluções familiares seriam corroboradas pelo que se denomina mobilidade dos ocupantes: prever a evolução das diferentes temporalidades de uma mesma família.”

ELEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie; MANDOU, Thierry, 1990, *Penser l'habité: le logement en questions: PAN 14*, 2ª ed., Pierre Mardaga, [s.l.], p. 48.

57. “Que estilo de vida nos indicam os dados demográficos sobre o aumento do celibato, das famílias reconstituídas e monoparentais, sobre o aumento da esperança de vida, etc? (...). Já não apostariam tudo [na partilha de vida em] casal, visto como demasiado frágil, e a tendência parece ser a de familiarizar as relações de amizade em espaços que o permitam, com locais comuns partilhados, mas com a intimidade protegida.”

ELEB-VIDAL, Monique; BENDIMÉRAD, Sabri, 2015, *Ensemble mais séparément: Les lieux de la cohabitation*, nº 14, Leroy Merlin Source, p. 5, acedido em 11 de março de 2026, em: <https://www.leroymerlinsource.fr/habiter/chez-soi/ensemble-mais-separement-les-lieux-de-la-cohabitation-aleb/>

cionais⁶⁰.

Para mais, este modelo dominante cultua um individualismo, disfarçado de privacidade, que propicia o distanciamento relacional e, como resultado, afasta possibilidades que poderiam existir de cooperação mútua. Uma prova da disfunção deste padrão são os dados de isolamento social, que nos centros urbanos são sensivelmente mais profundos⁶¹. Isto evidencia que a maior densidade populacional não garante necessariamente o aprofundamento de relações interpessoais. Antes pelo contrário, o sistema vigente subestima o senso de coletividade.

A generalidade das soluções habitacionais, sejam sociais ou privadas, tende a considerar a família como o núcleo exclusivo da vida social. Em contraponto, surgem exemplos, como moradias destinadas a jovens ou a idosos, onde a partilha do espaço doméstico é mais habitual, que dispõem de estratégias mais significativas de estímulo ao convívio e compartilhamento de espaços. Neste sentido, há exemplos de experiências que não se restringem a um perfil social específico para exploração da sociabilização. Como referido, “Estas normas sociais têm sido questionadas por cooperativas habitacionais que repensam tanto o conceito de família como os limites de uma casa. Em contraste com a visão compartimentada da habitação e dos seus ocupantes, reforçada pelo Estado e pela sua regulamentação habitacional, a habitação cooperativa procura promover uma convivência intergeracional para além dos limites convencionais de uma habitação, incentivando a interação social em todas as fases da vida e ressocializando o trabalho doméstico. É importante referir que a vida em comunidade visa proporcionar segurança pessoal através de redes sociais de apoio.”⁶²

58. O caso de Barcelona, apesar de possuir outros enquadramentos, é elucidativo de como a financeirização das casas deu origem a uma crise habitacional profunda. “À medida que a aquisição de habitação própria se tornou um símbolo de estatuto social e riqueza, o investimento na habitação como um ativo para toda a vida gerou uma economia em rápido crescimento, impulsionada pelo endividamento hipotecário. No entanto, isto revelou-se insustentável e teve um elevado custo social, com a dívida habitacional a causar insegurança financeira e a falta de acessibilidade à habitação a gerar exclusão social.”

AVILLA-ROYO, Raul; JACOBY, Sam; BILBAO, Ibon, 2021, *The Building as a Home: Housing Cooperatives in Barcelona, Buildings*, vol. 11, nº 4, art. 137, p. 2, acedido em 11 de março de 2026, em: <https://doi.org/10.3390/buildings11040137>

59. O Turismo em Espaço Rural é um dos quatro eixos de intervenção que recebe a segunda maior parcela de investimento dos fundos FEADER (20%) regido pela administração da ADRIL.

ADRIL, 2023, *Estratégia de Desenvolvimento Local – Vale do Lima Rural 2030*, p. 15, acedido em 11 de março de 2026, em: https://www.adril.pt/documentos/EDL_Memoria_descritiva20230811_final.pdf

60. “O atual modelo de habitação rural conduz à formação de comunidades pequenas e fragmentadas nos arredores dos aglomerados existentes, que oferecem opções muito limitadas, são caras e assentam em estruturas demográficas cada vez mais obsoletas.” Para além disto não respondem a questões atualmente relevantes como a “sustentabilidade, ecologia, acessibilidade, solidão, dependência do automóvel e diversidade, para citar as mais evidentes.”

ZAMBELETTI, Federica, 2022, *Co-Living in the Countryside*, entrevista a Holland, Charles, KoozArch, acedido em 11 de março de 2026, em: <https://www.koozarch>.



FIG 54

Concebida em colaboração com Jose-lo Maderista, a peça «¿Mesa para cuántos?» de Tatiana Bilbao imagina uma mesa com um conjunto integrado de cadeiras. Rejeitando as noções de uma vida padronizada, o mobiliário foi concebido para se adaptar às necessidades e aos movimentos do corpo no âmbito de uma coreografia doméstica em constante mudança.

Fotografia de Rafael Palacios Macías
s.d,s.l.

Outro sintoma da inadequação do sistema vigente, está refletido na diminuição da amplitude das relações que se estabeleciam entre o indivíduo e seu abrigo. A habitação, que, num período mais longínquo, era o produto da relação do indivíduo e o meio, ou seja, era não só consequência das necessidades de abrigar-se, mas estava também estreitamente relacionada a dimensão social, identitária, paisagística, para além de outras, passou a ser encarada a partir de uma lógica predominantemente económica e funcional⁶³. Consequentemente, a casa passou a reagir meramente às funções desempenhadas no cotidiano e distanciou-se de uma abrangência maior de responder a outras esferas da vida.

Posto isto, contrariamente à estagnação, e seu consequente estereótipo, este território revela uma oportunidade de experimentar alternativas aos modos de habitar mais refletidas que potenciem as suas virtudes latentes. Consequentemente, “A introdução das novas funções ou, até, das novas necessidades ambientais ou de conforto, retiram o objecto em vias de “passar à eternidade” de qualquer neutralidade abstracta e colocam a contemporaneidade como tema paralelo e obrigatório. A actualização da preexistência vai cruzar contradições no método projectual e obrigar à heterodoxia.”⁶⁴

A partir destas considerações e da análise das aspirações dos agentes locais⁶⁵, a resposta programática para o objeto de estudo deste trabalho visa propor, através de uma intervenção projetual que incidirá nas estruturas existentes já referidas, uma habitação a ser compartilhada por agregados familiares distintos. Este modelo organizacional apresenta vantagens sobretudo ao nível do reforço das relações coletivas, podendo constituir um princípio ativo de dinamização contínua do território, em contraponto às soluções correntes

com/interviews/co-living-in-the-countryside

61. “(...) a incidência da solidão parece aumentar com a densidade populacional. Isto significa que em cidades grandes e muito densamente povoadas, a proporção de pessoas que se sentem solitárias é também relativamente elevada. (...) embora na maioria dos estudos a associação não seja estatisticamente significativa, especialmente se forem controlados outros fatores relacionados com a solidão.”

BERLINGIERI, Francesco; BARJAKOVÁ, Martina; GARNERO, Andrea; MAURI, Caterina, 2024, *Who Feels Lonely in the European Union?*, in SCHNEPF, Sylke V.; D'HOMBRES, Béatrice; MAURI, Caterina (eds.), *Loneliness in Europe: Determinants, Risks and Interventions*, Springer, Cham, p. 51, acedido em 11 de março de 2026, em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-031-66582-0>

62. AVILLA-ROYO, Raul; JACOBY, Sam; BILBAO, Ibon, 2021,

de exploração para atividades turísticas que oferecem benefícios mais voláteis. Como recusa da ficção de uma estrutura familiar única e estável para fundamentar o projeto, utiliza-se “a noção de coabitação cujos laços jurídicos ou familiares existam ou não⁶⁶. Entretanto, sem ambicionar “substituir uma <tipologia> ultrapassada por outra, pelo contrário, mas simplesmente propor alguns cenários de habitação, respostas espaciais à alguns cenários de estilos de vida.”⁶⁷

Por contrariar a lógica de compartimentação do modelo convencional de habitação, as estratégias projetuais orientam-se no sentido de estruturar a dimensão comunitária e consequentemente intensificar o uso, a partilha e a apropriação do espaço. As possibilidades destas estratégias não seguem um tipo definitivo de organização⁶⁸ ou desenho até porque o princípio da própria reflexão está assente na sensibilização da diversidade de composições e necessidades contemporâneas. Contudo, o estreitamento dos limites entre espaços individuais e compartilhados implica numa ponderação mais minuciosa das nuances dos níveis de privacidade que cada espaço dispõe.

Os desenhos de habitações partilhadas, apesar da sua diversidade e por consequência dificuldade de categorização, apresentam algumas estratégias projetuais semelhantes de promoção da interação social: “(...) a proximidade de zonas tampão (Buffer zones); espaços comuns de boa qualidade, acessíveis, funcionais e diversificados, com amplas possibilidades de vigilância; e, por fim, unidades privadas (com instalações de acesso restrito).”⁶⁹

The Building as a Home: Housing Cooperatives in Barcelona, Buildings, vol. 11, nº 4, art. 137, p. 2, acedido em 11 de março de 2026, em: <https://doi.org/10.3390/buildings11040137>

63. Contrariamente a esta situação os modelos atuais de habitações colaborativas baseiam-se “(...) no direito de uso de uma habitação, e não no direito de propriedade e de obter lucro com a mesma.”

“As cooperativas são definidas tanto pela partilha do espaço físico, da estrutura jurídica e da responsabilidade económica como, mais importante ainda, por questões de governação e gestão, identidade e valores coletivos e cuidado mútuo. (...) As cooperativas definem-se, portanto, como organizações autónomas com o objetivo de concretizar valores sociais, financeiros, físicos e ambientais alternativos.”

64. COSTA, Alexandre Alves, 2003, *Cumplicidades*, Jornal Arquitectos, nº 213, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, p. 42.

65. ADRIL, 2023, Vale do Lima Rural 2030 – Estratégia de Desenvolvimento Local – PEPAC D.1.2 (PEPAC D12 003709), ADRIL, Ponte de Lima, acedido em: 23 de junho de 2025: <https://www.adril.pt/vOD/downloads>

66. ELEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie; MANDOU, Thierry, 1990, *Penser l'habité: le logement en questions: PAN 14*, 2ª ed, Pierre Mardaga, [s.l.], p. 51.

67. Idem. p. 48.

68. “É construído em densidades baixa, média e alta e com uma variedade de disposições e localizações; por isso, as comunidades são muito diversas.”

WILLIAMS, Jo, 2005, *Designing Neighbourhoods for Social Interaction: The Case of Cohousing*, Journal of Urban Design, vol. 10, nº 2, p. 195-227, acedido em 19 de março de 2026, em: <https://doi.org/10.1080/13574800500086998>

69. Ibidem.

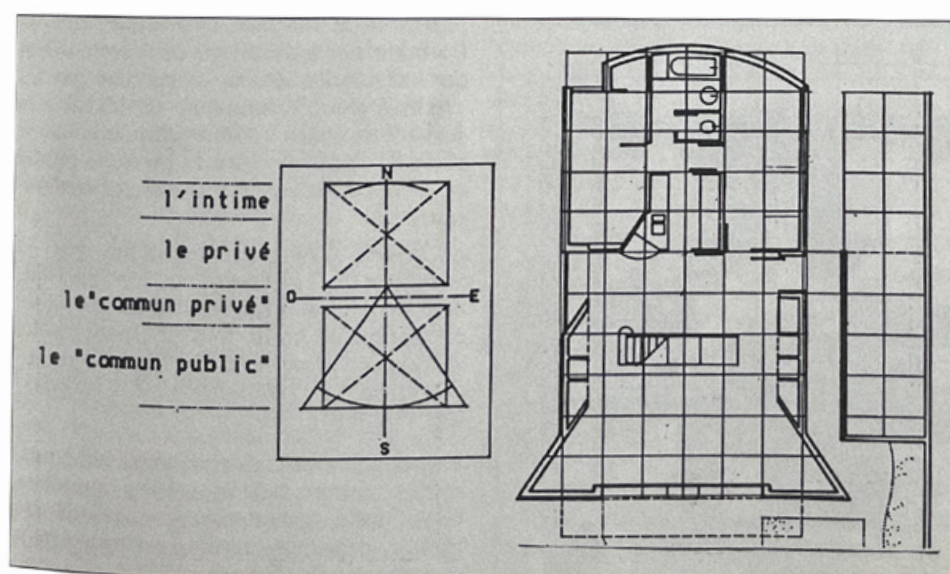


FIG 55
Esquema conceptual acerca dos graus
de privacidade numa habitação.

Hubert, B. J., Roy, M., «*trait architectes*»,
1990, PAN 14

O raciocínio do desenho da habitação partilhada baseia-se não apenas nos espaços exclusivamente, mas mais precisamente na forma como eles se articulam. As zonas intersticiais carecem de um desenho cuidado para garantirem uma progressão entre zonas expostas e coletivas para as de maior reserva e isolamento. Os espaços de distribuição e circulação, bem como a procura por uma relativa independência entre cada cómodo, surgem como resposta a evitar os constrangimentos sentidos face à ancestral socialização obrigatória⁷⁰.

À vista disto, é importante que as transições para os espaços dedicados ao isolamento individual disponham de estratégias de resguardo da exposição ou visibilidade em relação a áreas mais coletivas. Em outras palavras, é essencial que a progressão entre os graus de interação social seja articulada a fim de garantir a dualidade dos indivíduos entre momentos de vivência partilhada e os de introspeção e isolamento. Nas palavras de Ana Sofia Pereira, “A defesa da privacidade, do espaço do indivíduo, surge precisamente na sua dimensão de complementaridade, como um espaço necessário para se ter um lugar no mundo onde exista a possibilidade de absorver tudo o que o indivíduo é. A fruição do que é exterior a cada um só será possível de forma plena, ou mais profunda, se for vivida a partir do nosso interior, se existir um lugar para o recolhimento individual.”⁷¹

Apesar do interesse e relevância do tema e a vastidão de caminhos de reflexões possíveis, reter-se-á a uma camada superficial do assunto, referindo apenas os tópicos mais relevantes que contribuiram para a definição da estratégia programática do projecto de intervenção deste trabalho.

Mediante o exposto, relativamente ao projeto que esta dissertação propõe-se a desenvolver, estipulou-se a necessi-

70. É essencial que não haja uma obrigatoriedade no convívio, factor crucial para a “emergência da reivindicação do habitar íntimo” que implicou o surgimento gradual de cómodos ou cellas mais isolados do convívio coletivo ao longo do desenvolvimento da tipologia da casa burguesa do século XX.

SILVA, Ana Sofia Pereira da, 2015, *La intimidad de la casa. El espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*, Diseño, Buenos Aires, p. 24.

71. Idem. p. 39.

dade de estabelecer um elemento que intermediasse as relações entre os corpos preeexistentes e desenhasse a gradação da privacidade. Adicionalmente, em razão da reduzida oferta de área disponível nos corpos existentes para albergar o programa proposto, definiu-se projetar uma ampliação.

As características formais dos volumes existentes, massas pétreas com pequenas aberturas pontuais, adequam-se sobretudo aos cômodos de caráter mais introvertido que implicam um maior grau de privacidade. Neste sentido, definiu-se que o corpo adicional albergaria os espaços associados ao convívio social. Por sua vez, o corpo anteriormente agrícola é reconfigurado como uma habitação autónoma, dotada de espaços de estar e cozinha próprios. A ligação ao elemento intermediário é mantida o que permite a escolha de participação nas dinâmicas de convívio coletivo.

Antes de percorrer o percurso projetual que deu resultado e motivou este trabalho, considerou-se fundamental ponderar acerca do modo como se tem respondido aos problemas projetuais semelhantes aos do objeto de estudo. A abordagem ao caso de estudo a seguir alimenta a premissa central desta dissertação por exemplificar como o diálogo com o existente pode ser traduzido em soluções práticas que o reinterpretam de forma não literal.

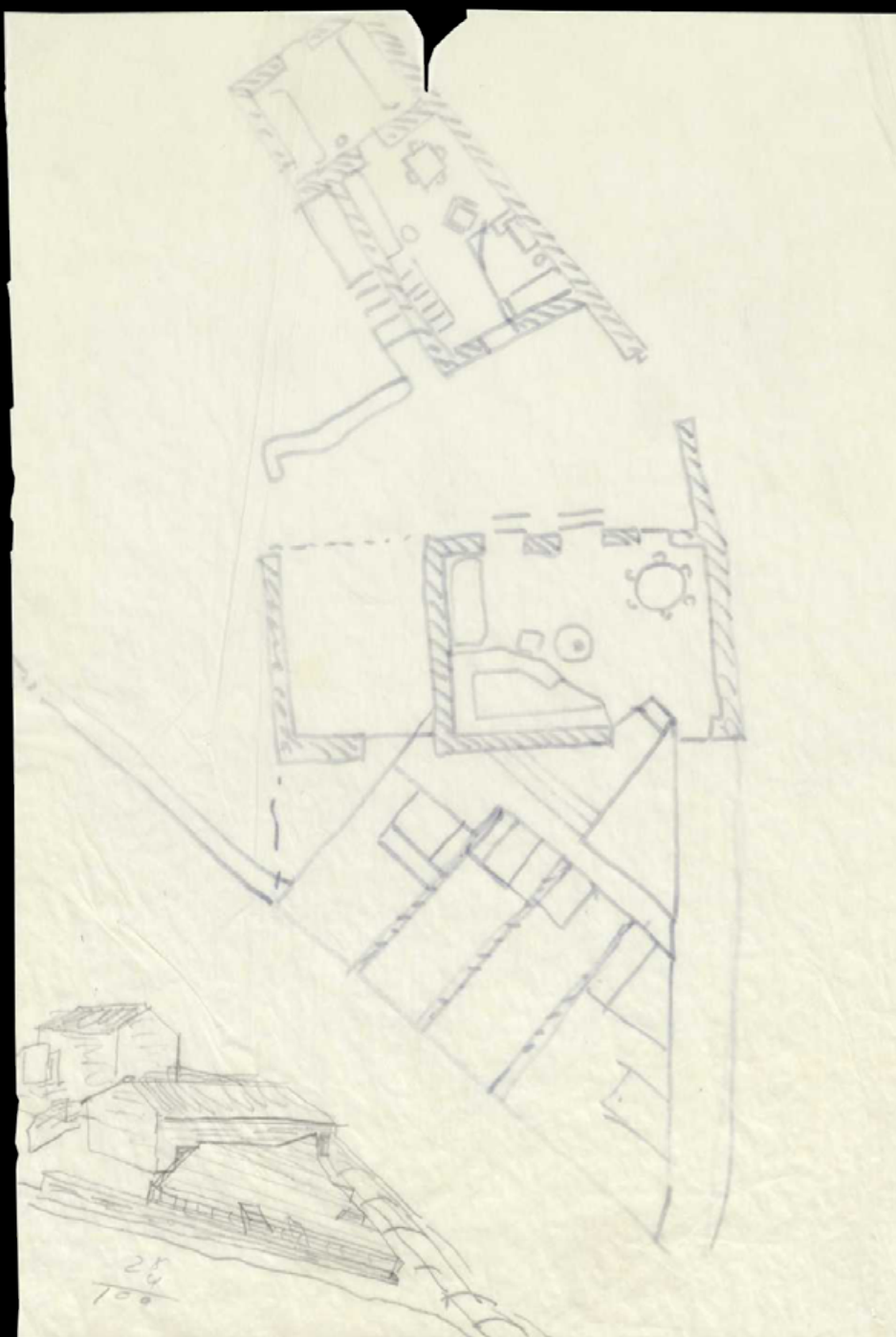


FIG 56

Desenho original de estudo "à mão levantada" do arquiteto Álvaro Siza .
Arquivo Álvaro Siza,
Fundação Serralves, s.d.

“Tudo será reconhecido como patrimônio colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade. O instrumento do reconhecimento do real chama-se História, a arte de construir a sua transformação chama-se Architectura.”⁷²

72. Alexandre Alves

Costa cita Álvaro Siza Vieira numa conferência na Casa das Artes em junho de 2002.

COSTA, Alexandre Alves, 2002, *A arte de construir a transformação*, Património Estudos, nº 3, Instituto Português do Património Architectónico (IPPAR), Lisboa, p. 128.

Intervir implica transformar⁷³, “seja um edifício ou um vazio”⁷⁴. Uma relação dialógica com o existente estabelece-se sempre a partir do momento em que se intervém, seja ela de contraste, continuidade ou com a variedade de nuances intermédias. Neste sentido, parte do papel do arquiteto, ou de sua *responsabilidade*⁷⁵, é a observação crítica do que existe para propor uma estratégia de diálogo. Álvaro Siza sumariza essa conceção a partir do aforismo: “[...] um sítio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser – coisas opostas, mas nunca sem relação”⁷⁶. Segundo Fernando Távora:

“Projectar, planejar, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem...”⁷⁷

Este ponto de vista baseia-se na compreensão da Arquitetura como uma disciplina abrangente, que, apesar das suas especificidades, exige que as soluções respondam simultaneamente a uma parte e ao todo. Apesar disso, a tendência dominante caminha no sentido contrário, aprofundando a segmentação dos campos que a arquitectura abrange. Esta fragmentação conduz à radicalização de posições e, de acordo com o arquiteto André Tavares, “(...) torna impossível o diálogo: arquitectos comerciais desdenham dos arquitectos artistas que insultam os urbanistas e vice-versa.”⁷⁸ A consequência lógica da especificação de disciplinas dentro da Arquitetura são resoluções parciais que consideram apenas as questões exclusivas da área a que se referem. Como resultado do aprofundamento das distâncias das áreas de atuação, a

73. COSTA, Alexandre Alves, 2023, *O Mundo da Incerteza*, in FERREIRA, Teresa; ORDÓNEZ CASTAÑÓN, David; FANTINI, Eleonora (eds.), *Fernando Távora: Conversas*, FAUP, Porto, p. 15.

74. “Todos os projectos são, de facto, reabilitações. Se há um vazio reabilitamos o vazio; e se há um edifício reabilitamos o edifício: trata-se sempre de arquitectura.”

TÁVORA, Fernando, 1998, *Nulla dies sine linea: fragmentos de una conversación con Fernando Távora*, in Revista DPA: Documents de Projectes d'Arquitectura, nº 14, p. 10.

75. “(...) Se tenho um vazio, um espaço entre empenas, eu não tenho algo preexistente, mas tenho uma responsabilidade, uma preexistência que está aos meus dois lados e que me condiciona muitíssimo. (...) Portanto, sempre se coloca um problema de criação.”

FRECHILLA, Javier Camoiras, 1986, *Fernando Távora: Conversaciones en Oporto*, Arquitectura, nº 261, Madrid, p. 28.

76. VIEIRA, Álvaro Siza; MORAIS, Carlos Campos (org.), 2019, *Oito pontos*, in *O1 Textos*, Parceria A. M. Pereira, Lisboa, p. 27.

77. TÁVORA, Fernando, 1992, *Da Organização do Espaço*, 3.ª edição, Editorial Presença, Lisboa, texto extraído da contracapa.

78. TAVARES, André, 2004, *Quanto pesa um tijolo?*, texto introdutório in BANDEIRA, Pedro, *Projectos Específicos para Clientes Genéricos*, Civilização Editora, Lisboa, p. 17.

variedade de respostas possíveis de transformação do espaço atrofia-se⁷⁹. Esta fragmentação levada ao extremo, propicia uma procura pelo estabelecimento de metodologias definitivas restritas as suas disciplinas que dificilmente reagem as singularidades de cada caso.

Pelas palavras de Ignasi Solà-Morales, estão enganados os que defendem o estabelecimento de *doutrina permanente* ou a formulação de “(...) uma definição científica de intervenção arquitectónica. Pelo contrário, é apenas através do entendimento, em cada caso específico, das concepções que se encontram na base da ação realizada que é possível identificar as diferentes características que esta relação tem assumido ao longo do tempo.”⁸⁰ O arquiteto e crítico Kenneth Frampton reitera:

“Um tal conceito transformacional opõe-se necessariamente, ao triunfo de um método universal. É por definição, e num sentido fragmentário, instável e específico. Ao contrário da tecno-ciência que olha o passado como uma série de momentos obsoletos, pontos na sempre ascendente trajectória do progresso hipotético, as chamadas ciências humanas acarinham o passado vivo como uma *Erlebnis* a ser integrada criticamente no presente.”⁸¹

À vista disso, o processo de conceção projetual é consequência de variáveis tangíveis e intangíveis que requerem uma análise crítica e específica do que se deseja comunicar. O arquiteto Alexandre Alves Costa sintetiza, ao afirmar:

“Trata-se de saber, e isto não vem nos livros, como dosear, em malha apertada e com parcimónia, o real inventado, as teorias e a sua história, os saberes técnicos e a criatividade artística, a informação de quem sabe da vida

79. “Na verdade, os conservadores apresentam-se como especialistas, o que já constitui um primeiro motivo de suspeita, e distanciam-se do trabalho da arquitectura propriamente dita; por outro lado, posicionam-se e apresentam-se como tais especialistas em nome de uma forma de especialização que não possui um corpo teórico minimamente sólido.”

SOLÀ-MORALES, Ignasi de, 1999, *Intervenciones: Actitudes y arquitecturas en la ciudad*, Gustavo Gili, Barcelona, p. 30.

80. SOLÀ-MORALES, Ignasi de, 2003, *Do contraste à analogia: Desenvolvimentos do conceito de intervenção arquitectónica*, Jornal Arquitectos, nº 213, p. 68.

81. FRAMPTON, Kenneth; BARATA, André Martins, 1998, *Introdução ao estudo da cultura tectónica*, A.A.P. Contemporânea, Lisboa, p. 48.

e das coisas, o desígnio transformador e os desejos de ser e afirmar a individualidade. O Projecto de Arquitectura é o único suporte que garante uma visão integradora e global.”⁸²

82. COSTA, Alexandre Alves, 2023, *O Mundo da Incerteza*, in FERREIRA, Teresa; ORDÓÑEZ CASTAÑÓN, David; FANTINI, Eleonora (eds.), *Fernando Távora: Conversas*, FAUP, Porto, p 15.

83. Ibidem.

84. Ordóñez-Castañón, David, Ferreira, Teresa Cunha, 2024, *Toward the Adaptive Reuse of Vernacular Architecture: Practices from the School of Porto*, *Heritage*, vol. 7, nº 3, p. 1845, acedido em 15 de maio de 2026, em: <https://doi.org/10.3390/heritage7030087>

85. Ibidem.

O projeto de referência parece sensível a esta maneira de encarar a arquitetura como: “(...) mais do que a parcela de uma soma, é o resultado final de uma operação de extrema complexidade a que costumamos chamar de “processo”, da sua exclusiva competência.”⁸³ A intervenção do arquiteto Álvaro Siza na casa de Alcino e Zilda Cardoso (1971-1973;1986-1991, Moledo do Minho, Portugal), para além de apresentar um enquadramento geográfico semelhante ao objeto de estudo, despertou interesse por manifestar algumas ambivalências nas soluções projetuais que sugeriram que o projeto manifestava o aprofundamento crítico que se almejava.

A obra analisada é exemplar na maneira como reage ao antigo sem medo de introduzir inovações de linguagem, ou melhor, promove uma reinterpretação inovadora da tradição onde princípios modernos, como a fluidez espacial e o uso de fachadas de vidro, são introduzidos sem desrespeitar a paisagem e o carácter preexistente⁸⁴. Álvaro Siza estabelece, assim, uma “relação dialética entre o novo e o antigo”⁸⁵, suavizando o contraste formal e conferindo unidade ao conjunto através da interpretação de arquétipos vernaculares.

A análise deste caso de estudo apoiar-se-á nesta visão de Arquitetura, defendida por Kenneth Frampton, de que,

“Em vez de participarmos numa recapitulação de tropos vanguardistas, ou de enveredarmos pelo pastiche historicista, ou ainda por uma proliferação supérflua de

gestos escultóricos — todos com uma dimensão arbitrária, na medida em que não assentam nem na estrutura nem na construção —, podemos antes regressar à unidade estrutural como essência irreduzível da forma arquitectónica.

Escusado será dizer que não nos referimos aqui a uma revelação mecânica da construção, mas sim a uma manifestação potencialmente poética da estrutura, no sentido grego original de *poiesis*, como acto de fazer e de revelar.”⁸⁶

Esta compreensão da disciplina, para além das infinitas partes que a compõem, permite sintetizá-la como uma arte, mais do que uma profissão, que é não apenas resultado da necessidade original de abrigo, mas do planeamento consciente e expressivo dos espaços e materiais⁸⁷. Isto quer dizer que, essencialmente, é uma disciplina que oscila entre o âmbito concreto (**ontológico**), de resposta a uma demanda e suas implicações físicas, e o campo simbólico (**representacional**), que devido a infinidade de maneiras de organizar estes elementos permitem expressar algum significado.⁸⁸

Esta ambivalência condensa-se na unidade mínima do detalhe arquitectónico que, fundamentalmente, define as características expressivas da obra arquitectónica. As transições entre elementos, literal ou figurativamente⁸⁹, são locais que carecem de ponderação porque sua natureza exige uma decisão da maneira como os elementos irão se articular. A relevância do detalhe assenta na ideia de que ele sintetiza a intenção expressiva e o cumprimento de um objetivo construtivo. Em suma, nas palavras de Kenneth Frampton, “Ao mesmo tempo articuladas e integradas, essas juntas eram vistas como *Korperbilden*, permitindo não apenas a realização de construções, mas também que essas montagens se tornassem os componentes simbólicos de um sistema expressivo”⁹⁰.

86. FRAMPTON, Kenneth, 1990, *Rappel à l'ordre: The Case for the Tectonic*, Architectural Design, Vol. 60, nº 3/4, p. 519.

87. FRASCARI, Marco, 1984, *The Tell-the-Tale Detail*, in BEHRENS, Paula, *Via 7: The Building of Architecture*, MIT Press, Cambridge, p. 23-27.

88. FRAMPTON, Kenneth, 1990, *Rappel à l'ordre: The Case for the Tectonic*, Architectural Design, vol. 60, nº 3/4, p. 31.

89. A derivação da ordem dórica é um exemplo de uma articulação figurativa. A lógica das construções em madeira é transposta na articulação dos elementos da ordem dórica, que já não são em madeira mas mantêm em seu desenho sua lembrança. Utiliza-se o desenho dos triglifos na interseção entre colunas e a cobertura, que é, ao mesmo tempo, uma solução construtiva mas também marca a memória da antiga forma de conexão.

90. FRAMPTON, Kenneth; BARATA, André Martins, 1998, *Introdução ao estudo da cultura tectónica*, A.A.P. Contemporânea, Lisboa, p. 82.

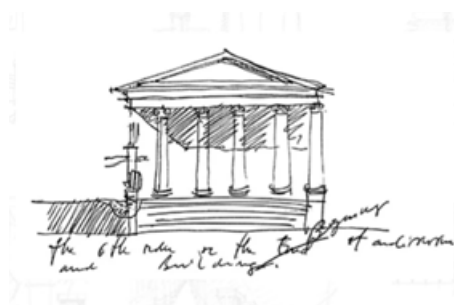
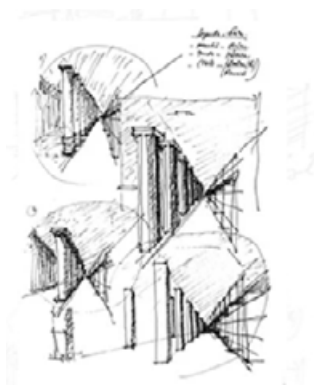


FIG 57

Os esboços de Eduardo Souto de Moura evidenciam o processo de reflexão quanto a maneira de articular o plano horizontal e vertical.

Conjunto de estudos de Eduardo Souto de Moura para o projeto do Mercado de Braga.

FIG 58

Mercado de Braga, 2001

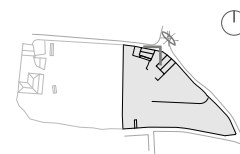
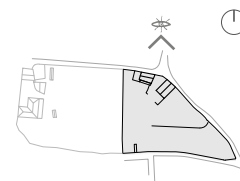


FIG 59
Entrada da casa de Alcino e Zilda Cardoso
Moledo do Minho, 2024.

FIG 60
Pátio/eido acesso a casa de Alcino e Zilda
Cardoso
Moledo do Minho, 2024.

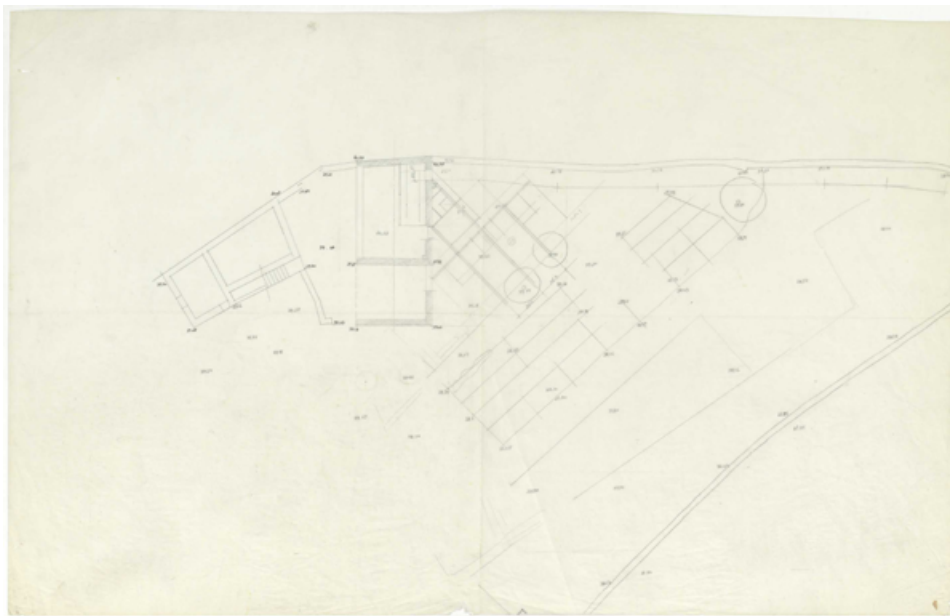
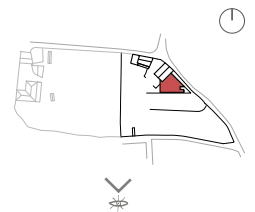
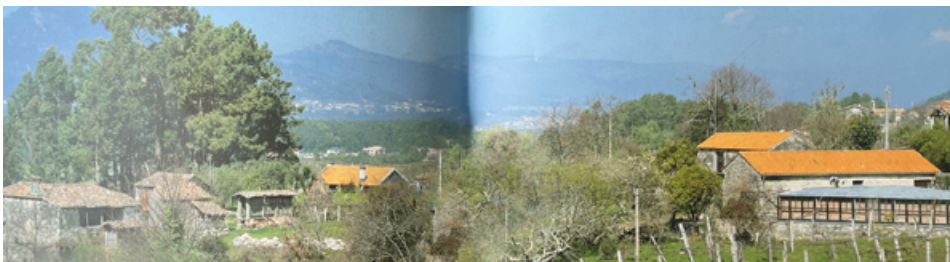
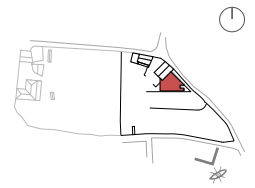
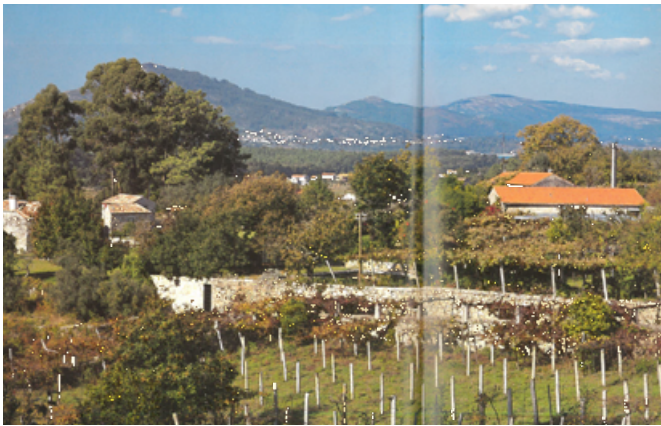


FIG 61
Vista aérea da casa de Alcino e Zilda
Cardoso, Moledo do Minho, 1997.

FIG 62
Vista aérea da casa de Alcino e Zilda
Cardoso, Moledo do Minho, 1992.

FIG 63
Esquissos do processo de Álvaro Siza
para a proposta de intervenção na casa de
Alcino e Zilda Cardoso, s.d.

[Ontológico] Resumidamente, o projeto de intervenção de Álvaro Siza Vieira será abordado a partir da compreensão destes conceitos basilares: ontológico e representacional. Serão utilizados como janelas conceptuais de enquadramento dos temas da análise. Em seguida, alude-se ao detalhe como elemento que sumariza as intenções projetuais.

Uma edificação é um ato de construção, uma “coisa” em si contrariamente a um “signo”⁹¹, antes de tornar-se um discurso abstrato baseado na superfície, volume e planta, para citar ‘Três Lembranças aos Arquitetos’ de Le Corbusier⁹². Neste sentido, a qualidade ontológica associa-se aos elementos nucleares que constituem a forma estrutural⁹³. Mediante este ponto de vista, analisar-se-á inicialmente o projeto a partir dos componentes estruturantes da solução arquitetónica.

A intervenção de Álvaro Siza (1971-1973;1986-1991, Moledo do Minho, Portugal) no Lugar da Gateira em Caminha, zona marcada por resquícios, ou *destroços*⁹⁴, representativos do contexto rural, parte da encomenda inicial de Alcino e Zilda Cardoso de transformação de preexistências rurais em habitação de férias (correspondente a fase I, 1971-1973) e, em seguida, da adaptação de construções preexistentes para turismo rural situadas num terreno adjacente adquirido posteriormente (correspondente a fase II, 1986-1991). Esta análise incidirá com maior aprofundamento na primeira fase da intervenção devido ao carácter mais interventivo do projeto que, por este motivo, levanta temáticas de interesse para o trabalho desenvolvido.

As construções de alvenaria de pedra que existiam no terreno detêm um forte carácter estereotómico de massas, definidas em essência pela opacidade e por espaços profun-

91. Utiliza-se a terminologia de Martin Heidegger que diferencia a “coisa” do “símbolo”.

FRAMPTON, Kenneth, 1990, *Rappel à l'ordre: The Case for the Tectonic*, Architectural Design, vol. 60, n.º 3/4, p. 23.

92. Ibidem.

93. Gottfried Semper defende que a natureza ontológica é mais explícita na fundação, estrutura e telhado.

FRAMPTON, Kenneth, 1995, *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*, MIT Press, Cambridge, p. 89.

94. DOMINGUES, Álvaro, 2011, *Vida no Campo*, Dafne Editora, Porto, p. 246-247.

damente compartimentados. As características habituais desse território definidas pelos socacos, que suavizam o terreno, e os esteios de vinhas, ou seja, a paisagem real e virtual, alimentam a gramática utilizada no projeto. Segundo o teórico e crítico Kenneth Frampton, neste projeto há uma utilização pouco óbvia de linhas reguladoras que funcionam como vetores latentes no sítio⁹⁵. Nesse sentido, é possível pressupor tanto pelo desenho da intervenção, como pelo discurso do arquiteto⁹⁶ como a proposta parte do ordenamento do *topos* para fundamentar a intervenção. Os arquitetos Ricardo Meri de la Maza e Clara Mejía Vallejo, sumarizam:

“Neste caso, a implantação não utiliza a geometria interna da nova peça para se estender e apropriar-se da natureza circundante, mas são as preexistências que passam a determinar qual é o espaço apropriado em que a nova arquitetura realiza, em que, por um lado, é um exercício de contenção da sua presença e, por outro, um exercício de valorização visual do mecanismo construtivo que define essa nova construção.”⁹⁷

A composição da paisagem viabiliza as premissas iniciais do projeto, mas, para além disto, há um cuidado para que, através do projeto, seja dada continuidade às características essenciais do lugar, ou seja, o *topos* não é apenas suporte ao início, mas uma matriz activa de projeto. O crítico Kenneth Frampton entende que:

“Para Siza, a noção de transformação em arquitectura implica um vasto e complexo campo e ação, cujo raio vai da modificação ditada pelas circunstâncias (e logo orgânica) dos modelos racionais esquemáticos recebidos em herança, às sucessivas transformações físicas de um contexto concreto urbano ou rural através de uma intervenção específica.”⁹⁸

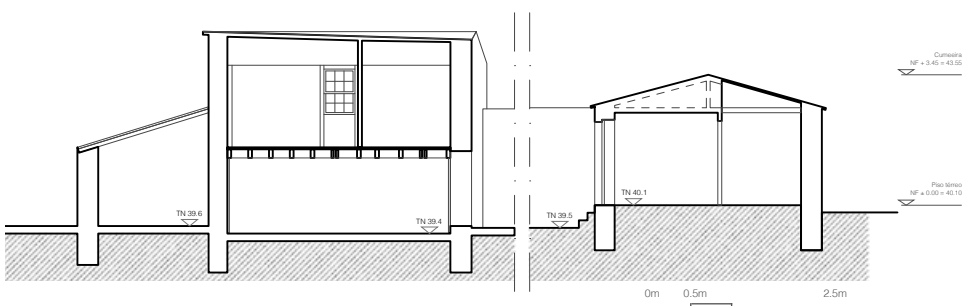
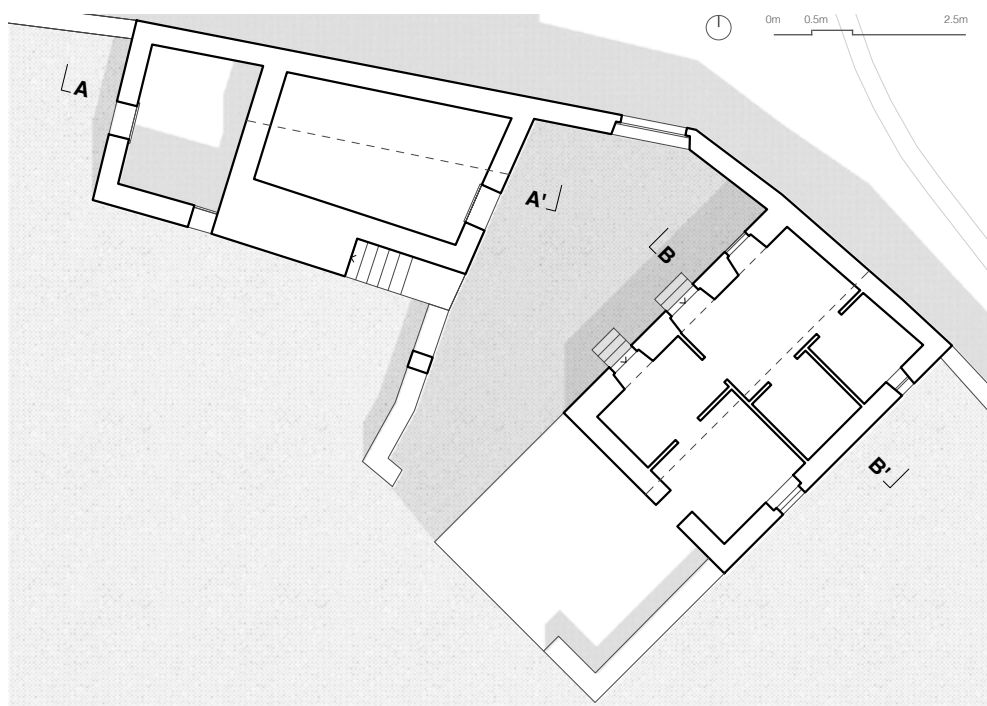
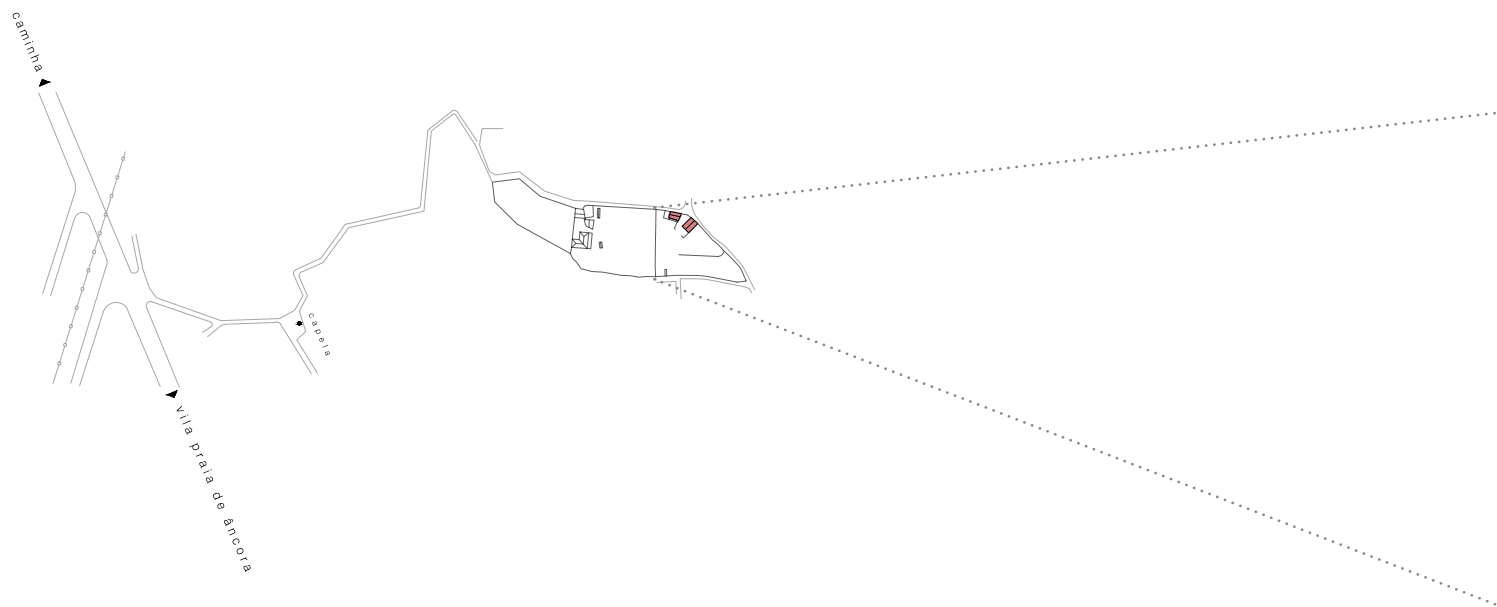
95. FRAMPTON, Kenneth; MOURA, Eduardo Souto de, 2020, *Kenneth Frampton e Souto de Moura debatem Siza em Serralves*, in *Diálogos Cruzados – Casa da Arquitectura*, YouTube (vídeo), 28 de janeiro de 2020; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wUbrZKaXO9Y&t=3820s>

96. “Se intenta recuperar el carácter del edificio y del paisaje.”

SIZA, Álvaro, 1979, *Casa Alcino Cardoso*, in CIANCHETTA, Alessandra; MOLTENI, Enrico, 2004, *Álvaro Siza, casas 1954-2004*, Gustavo Gili, Barcelona, p. 72.

97. MERI DE LA MAZA, Ricardo, MEJÍA VALLEJO, Clara Elena, 2021, *Naturezas apropiadas en las primeras obras de Távora, Siza y Souto de Moura*, ZARCH, nº 17, p. 114, acedido em 21 de agosto de 2025, em: https://doi.org/10.26754/ojs_zarch/zarch.2021175890

98. FRAMPTON, Kenneth, 1988, *Poesis e transformação: a arquitectura de Álvaro Siza*, in Frampton, Kenneth; PORTAS, Nuno; CÁSTAN, Santiago, *Profissão poética = Profesión poética*, Gustavo Gili, Barcelona, p. 12.



67

68

69

FIG 67
Aproximação ao terreno
esc. 1:5000
FIG 68
Planta térrea
preexistente
FIG 69
Corte transversal A-B

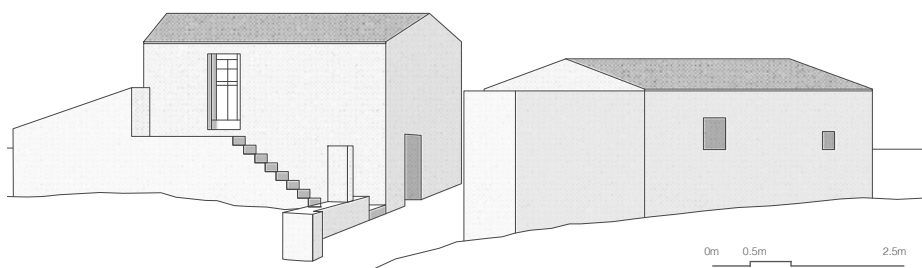
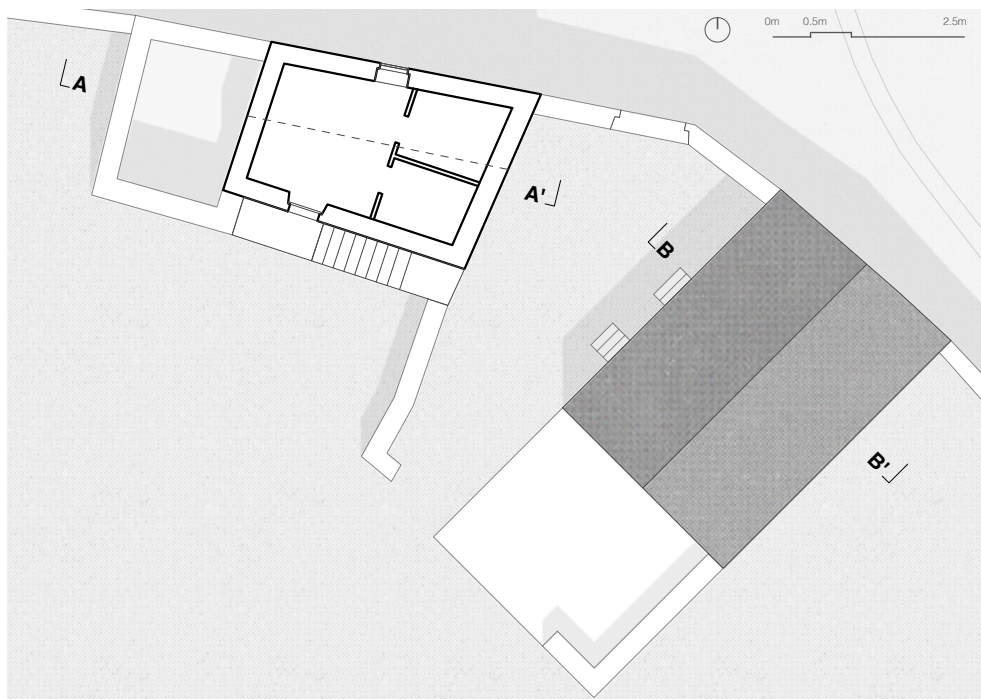
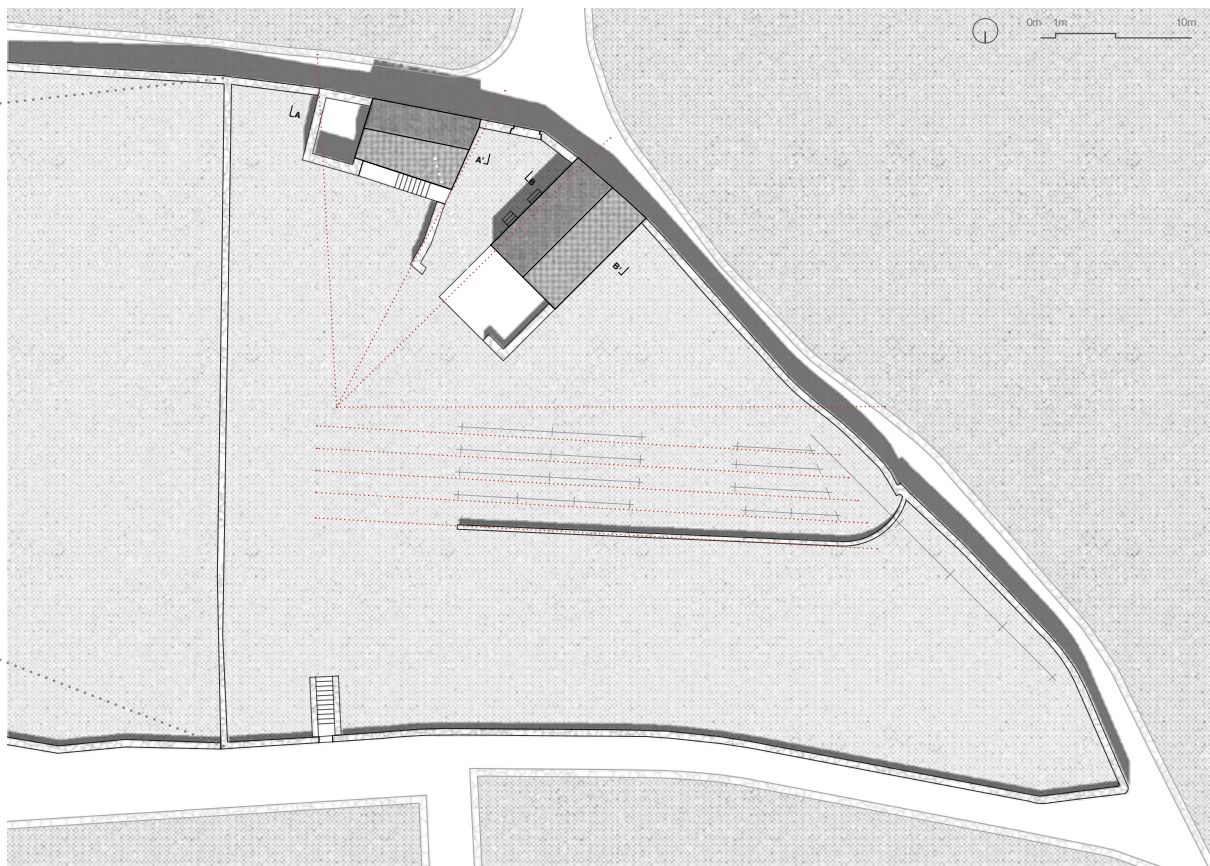


FIG 70
 Planta de implantação
 preexistente
FIG 71
 Planta piso 1 preexistente
FIG 72
 Alçado Sul preexistente

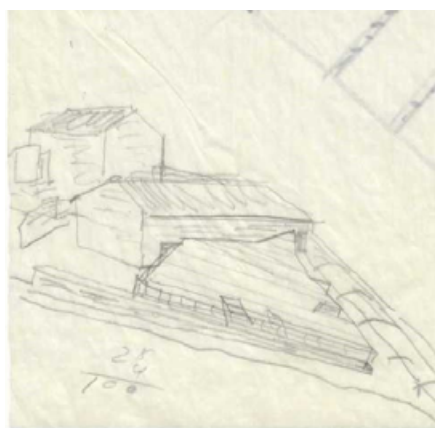


FIG 64 E 65 [acima]
Esquissos de estudo da relação volumétrica entre elementos da obra.
Casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Minho, s.d.

FIG 66 [abaixo]
Desenhos de aprofundamento da conexão entre o novo volume e a preexistência.
Casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Minho, s.d.

As matrizes reguladoras obtidas no sítio funcionam como vetores tridimensionais⁹⁹ que organizam o território e lançam as linhas do projeto. As vinhas e socalcos proporcionam uma métrica reguladora, a qual Álvaro Siza associa a outros eixos, como ao ângulo de 45° em relação ao corpo pétreo existente ou a charneira comum entre os volumes e pátios preexistentes [FIG 70].

A escolha do alinhamento é precisa no sentido que, por um lado, delineia a continuidade de uma das lógicas do existente, mas, por outro, garante que seja evidente a distinção entre o elemento novo e o antigo. Apesar de ser defendido por alguns autores como contrastante e conectar-se de forma violenta ao existente¹⁰⁰, o novo elemento resulta numa forma triangular que, por não estar desassociado das lógicas latentes no contexto, implica que a sua perceção não seja impactante. Antes, pelo contrário, é notável uma transição suave entre novo e antigo. [FIG 61 e 62]

Nesse sentido, a solução concisa¹⁰¹ distribui as zonas sociais, como cozinha e sala, no volume pétreo existente, enquanto as zonas íntimas, quartos e casas de banho, são concentradas no novo corpo triangular. Desenha-se uma extensão da cobertura da construção de pedra para albergar a lavandaria e garagem. Para além disto, a outra construção em ruínas adjacente é adaptada para funcionar como habitação independente. O arquiteto redesenha o piso térreo dispondo zonas de estar e kitchenette e no piso superior organizam-se zonas de dormir e instalação sanitária. Enquanto nas construções preexistentes é predominante a compartimentação densa e labiríntica, o novo volume apropria-se dessa lógica por meio de uma organização mais condensada. Em contrapartida, as construções em pedra são descomprimidas através da eliminação das compartimentações internas, promovendo

99. “Compreende-se que as linhas reguladoras são definidas não apenas pelos elementos construídos, mas também pelos elementos da paisagem. Segundo Álvaro Siza, “A planta é uma representação e, em certos casos, as linhas reguladoras permitem alcançar um rigor desejável. São o resultado de uma reflexão, contudo, não apenas no papel, mas também no espaço.”

SIZA, Álvaro, *Maison Alcino Cardoso*, Moledo do Minho, 1971, in BEAUDOUIN, Laurent; ROUSSELOT, Christine, 1980, *L'Architecture d'Aujourd'hui*, nº 211 (Álvaro Siza, *projets et réalisations 1970-1980*), Paris, p. 20.

100. SIZA, Álvaro, 1979, *Casa Alcino Cardoso*, in CIANCHETTA, Alessandra; MOLTENI, Enrico, 2004, *Álvaro Siza, casas 1954-2004*, Gustavo Gili, Barcelona, p. 72.

101. Pensada de forma de “reduzir o novo ao mínimo”.

NAKAMURA, Toshio, 1989, *Álvaro Siza: 1954-1988*, A+U Architecture and Urbanism, Tokyo, p. 35.

uma maior continuidade espacial.

A solução construtiva dos corpos existentes baseia-se no sistema tradicional do noroeste português, de paredes portantes de alvenaria de granito e coberturas de estrutura de madeira revestidas a telha cerâmica. Álvaro Siza optou pela preservação destas estruturas, propondo a recuperação da alvenaria e mantendo as volumetrias originais. Em contrapartida, o novo corpo, de geometria triangular e carácter semi-enterrado, define-se por uma estrutura mista, maioritariamente suportada por pilares de madeira, complementados por uma nova parede em alvenaria de pedra e pelas paredes divisórias interiores deste novo elemento. Devido à implantação a uma cota inferior em relação à construção preexistente, o vigamento da cobertura do novo volume, se apoia também na parede de granito adjacente. O sistema estrutural deste novo volume é completado por uma cobertura plana leve revestida em zinco sustentada por vigas de madeira. O alinhamento da estrutura foi recuado em relação à fachada para permitir a libertação do seu desenho. Simultaneamente, esta opção contribui para solucionar a recolha de águas pluviais da cobertura.

À vista disto, a caixilharia assume uma posição autónoma ao fixar-se apenas na padieira, reduzida a uma peça de madeira 40 mm de espessura, e protegida pelo rufo de zinco. A transição entre o caixilho e o vigamento é feita por elementos lineares de madeira de 20 mm, dispostas vertical e horizontalmente, que desenharam a calha de recolha de águas, e encaixam-se numa parte intermédia da viga. Estes elementos permitem resolver a diferença de altura entre a cobertura e o vigamento (310 mm) e a solução do caixilho (117 mm), elevando-se 130 mm a partir do limite inferior da viga permitindo ocultar o sistema de cortinado.

A cobertura é projetada de forma a dissimular os elementos construtivos e seus encaixes e também disfarçar a sua força expressiva. Internamente, o encontro entre o vigamento e os seus apoios é ocultado por uma placagem em madeira que reveste os tetos; já no exterior, o revestimento em zinco e as recolhas de águas são resolvidos de forma a reduzir ao mínimo seu impacto visual. A ocultação da estrutura de vigas faz com que os elementos pontuais de suporte da estrutura, por serem desprovidos visualmente da sua função, expressem um carácter abstrato¹⁰². Por consequência, a solução provoca uma ilusão de que o limite entre interior e exterior é permeado quase unicamente pela membrana leve da caixilharia.

As caixilharias em madeira funcionam como uma membrana delicada que possibilita um contacto franco com o exterior e permeia a comunicação com a paisagem. Neste projeto, os elementos de encerramento assumem simultaneamente um papel expressivo e estruturante, na medida em que sua métrica¹⁰³ funciona como unidade de ordenamento que define o desenho do projeto.

[Representacional] Enquanto o aspeto ontológico refere-se à essência construtiva da obra arquitetónica, o carácter representacional diz respeito à sua capacidade de expressar e comunicar um *signo*¹⁰⁴. Este potencial simbólico pode ser explorado de forma a evidenciar e *amplificar* formalmente a estrutura¹⁰⁵. Em síntese, o conceito refere-se à forma como os elementos arquitetónicos podem exprimir ideias, evidenciar a forma ou expressar um valor latente da construção.

Assim sendo, a opção projetual de Álvaro Siza de recuar a estrutura e, consequentemente libertar as fachadas, não ocasionou uma escolha arbitrária do desenho do alçado, porque ancorou-se numa analogia simbólica aos encerramentos

102. Ao referir-se às colunas do pavilhão de Barcelona de Mies Van der Rohe e aos pilotis do plan-libre de Le Corbusier, Kenneth Frampton explica como são, se facto, abstrações da ideia de suporte, pelo facto das vigas não serem expressas. Em ambos os casos as coberturas são encaradas como um plano contínuo e uniforme.

FRAMPTON, Kenneth, 1995, *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*, MIT Press, Cambridge, p.177.

103. Há indícios que sugerem que se utilizou as estruturas em madeira pré-existentes como referência para o desenho da nova caixilharia.

ORDÓÑEZ-CASTAÑÓN, David; FERREIRA, Teresa Cunha, 2024, *Toward the Adaptive Reuse of Vernacular Architecture: Practices from the School of Porto*, Heritage, vol. 7, nº 3, p.1826-1849.

104. Martin Heidegger estabelece uma diferenciação entre a "coisa" em si e o "signo" que representa, ou seja, o aspeto ontológico refere-se à presença inerente e material, e o representacional, ao símbolo, algo que está no lugar de uma ausência.

FRAMPTON, Kenneth. *Rappel à l'ordre: The Case for the Tectonic*, *Architectural Design*, vol. 60, nº 3/4, 1990, p. 23.

105. FRAMPTON, Kenneth, 1995, *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*, MIT Press, Cambridge, p.16.

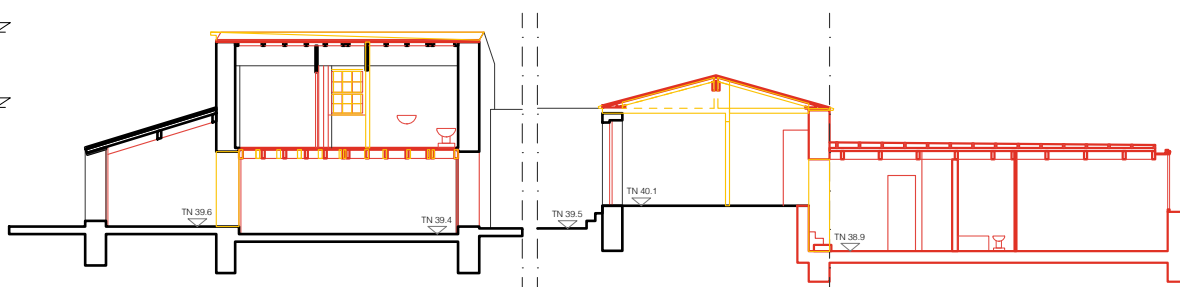


0m 1m 5m



Cumeeira
NF + 4.59 = 44.69

Cumeeira
NF + 2.60 = 42.70



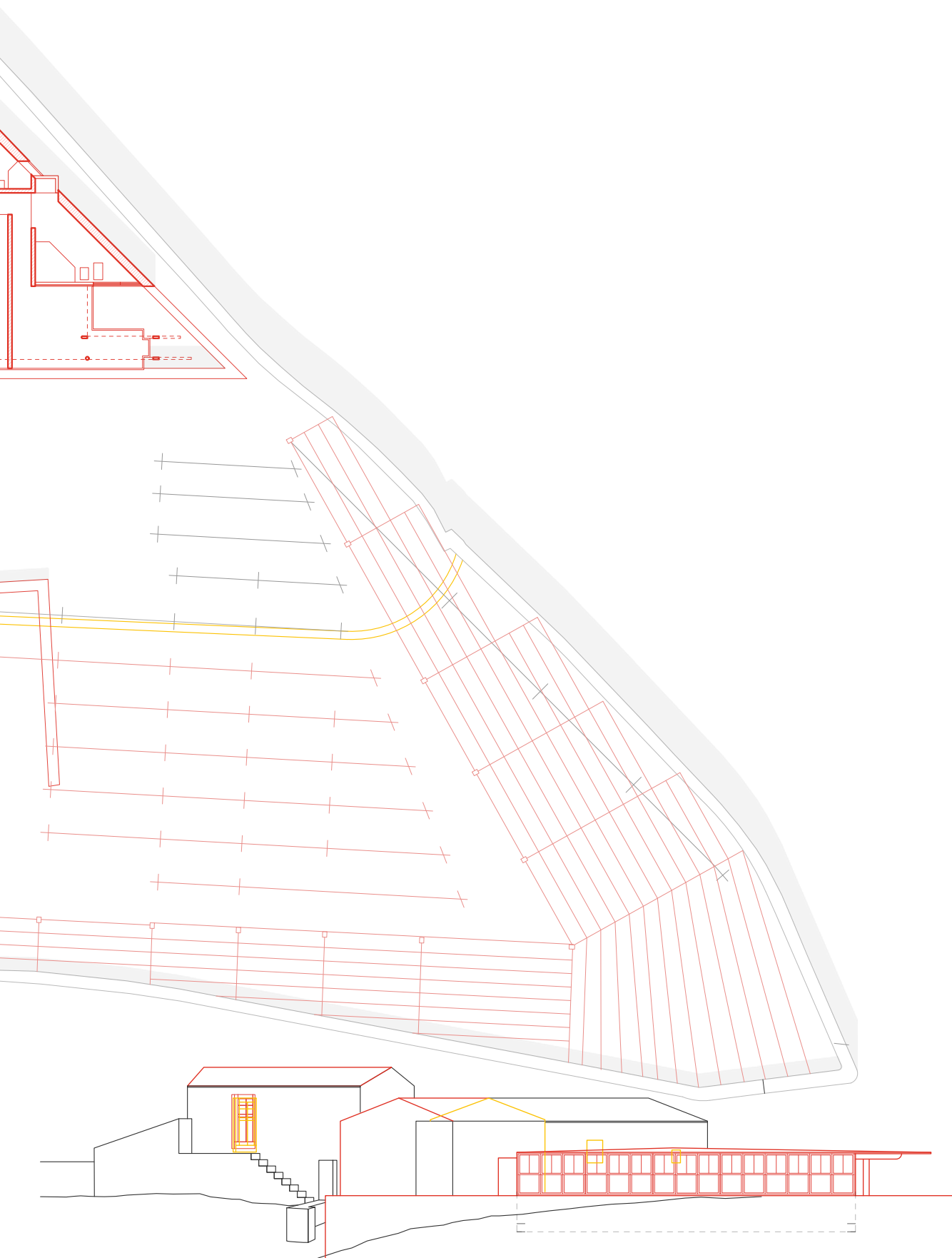
Cumeeira
NF + 3.45 = 43.55

Cobertura
NF + 1.48 = 41.58

Piso térreo
NF ± 0.00 = 40.10

Piso escavado
NF - 1.20 = 40.10

FIG 73
Planta do piso térreo e piso 1, Corte
Transversal A-B e Alçado Sul



correntes no contexto rural. De forma semelhante, a escolha de enterrar parcialmente o volume triangular alude à estratégia de ultrapassar a condição material dos elementos e comunicar algo. O novo corpo, parcialmente enterrado, estabelece uma relação volumétrica de prudência face à preeexistência, mas também estabelece uma analogia à configuração do terreno em socalcos. Em síntese, a escala, proporção e volumetria são ponderadas de forma que não se sobreponham ao antigo, cujo impacto do novo é mínimo, sem se anular, o que garante a predominância da expressão das construções e paisagem anteriormente existentes.

Esta associação à paisagem deste território é reforçada pela forma como se resolveu o desnível, resultado da escavação parcial, com recurso a um muro de alvenaria de pedra granítica. O muro de pedra, para além de seu carácter essencialmente estereotómico de fundação do encerramento parcial da construção, se prolonga e articula percursos, pátios e socalcos, integrando-se no desenho da paisagem.[ver FIG.73]. O professor e arquiteto Carlos Machado defende que:

“Esta abordagem complexa à forma construída reforça diretamente a premissa de que o trabalho pode ser interpretado como uma forma de criar compatibilidade, por assim dizer, *por simpatia* entre as construções agrícolas existentes e a ampliação projetada. É uma simpatia não-mimética, mas claramente formulada em muitos dos seus aspetos; o revestimento do novo volume replica a altura do pavilhão existente, mantido como um brise-soleil vegetal. A estrutura baseia-se num padrão tradicional – o caixilho de guilhotina– e delimita os três lados do novo volume. Este tipo de caixilharia é comum em inúmeras cidades do norte de Portugal (o interior dos quarteirões é frequentemente caracterizado por grandes painéis de vidro multicoloridos

106. MACHADO, Carlos, *Álvaro Siza and the Fragmented City*, Athens Journal of Architecture, vol. 1, n.º 3, 2015, p. 177-186.

107. FRAMPTON, Kenneth, 1990, *Rappel à l'ordre: The Case for the Tectonic*, Architectural Design, Vol. 60, n.º 3/4, p. 519.

formados pela sucessão de varandas fechadas).”¹⁰⁶

Estes exemplos de estratégias projetuais superam o carácter estritamente cenográfico, e por vezes superficial, e ancoram o projeto num ato de construção *poético*¹⁰⁷. Neste sentido, o aspeto representacional não se restringe a decoração gratuita, mas reside na própria capacidade da forma construída de evocar e simbolizar a sua relação intrínseca com o ambiente e a cultura que a produziu. Assim sendo, a intervenção sobre o existente pressupõe um trabalho de transformação que atua sobre a matéria, não como gesto de imposição, mas como um processo de ajuste e reformulação das condições já presentes. Como refere Luis Moreno Mansilla acerca de Álvaro Siza, “É difícil compreender o seu trabalho sem essa vocação que caracteriza as suas obras: modelar, cortar, cinzelar aquilo que já existe. Como a construção se tensiona e ganha vida com a ligeira torção que o seu trabalho impõe à natureza.”¹⁰⁸

Logo, o detalhe construtivo, que, num primeiro momento podem ser entendidos apenas como “expressivos e artesanais, e por vezes ironias da linguagem”¹⁰⁹, assumem um papel determinante como dispositivos que organizam e “aliviam as tensões”¹¹⁰ inerentes à construção. A arquitetura resulta de um “cruzamento inacabado no qual o visitante se vê envolvido”¹¹¹, capaz de reforçar as particularidades do existente sem reduzir sua complexidade.

108. MANSILLA, Luis Moreno, 1986, *Álvaro Siza Vieira*, in FRECHILLA, Javier Camoiras(ed.), *Arquitectura*, nº 261, julho-agosto, Madrid, p. 41.

109. Ibidem.

110 Ibidem.

111. Ibidem.

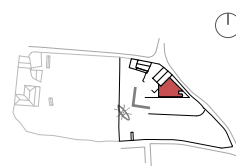


FIG 74
 Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
 Moledo do Minho, 2024

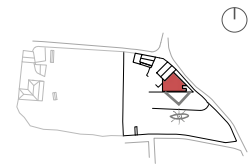
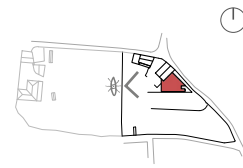


FIG 75
Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
Moledo do Minho, 2024.

FIG 76
Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
Moledo do Minho, 1997.

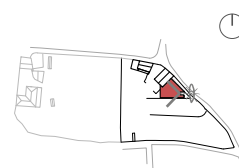
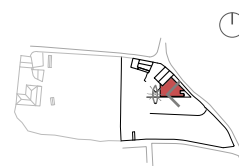


FIG 77 E 78
 Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
 Moledo do Minho, 1992.

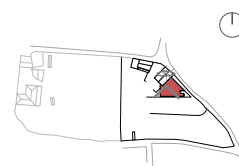
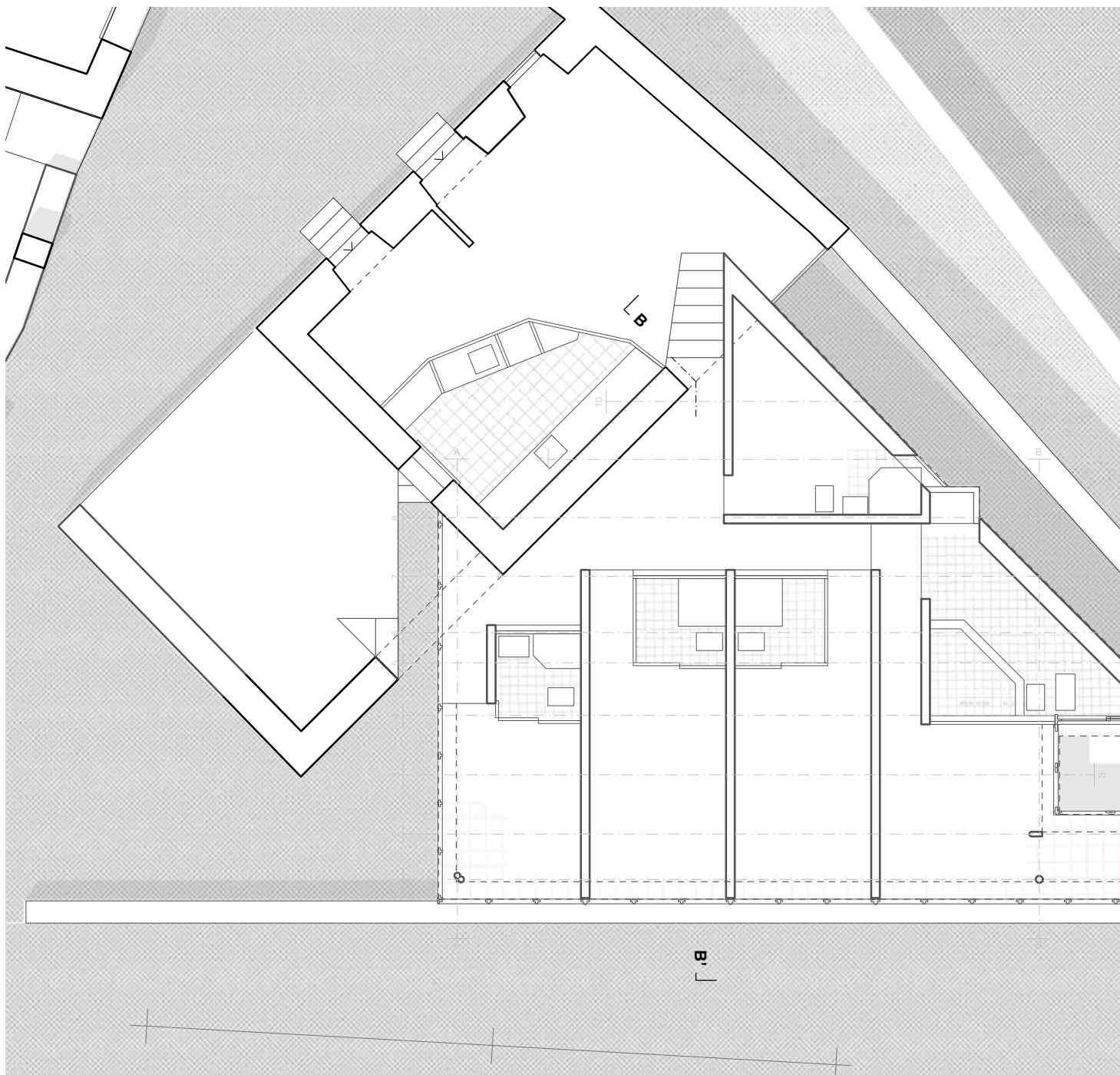
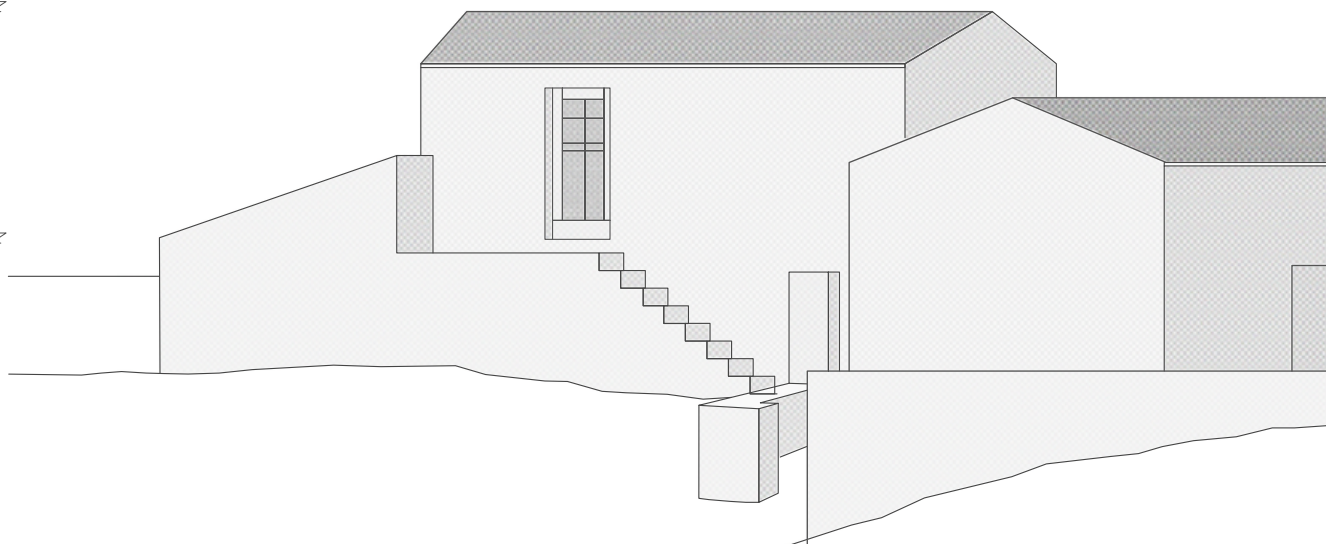


FIG 79
Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
Moledo do Minho, 2024.



Cumeeira
NF + 4.59 = 44.69

Piso 1
NF + 1.53 = 41.63



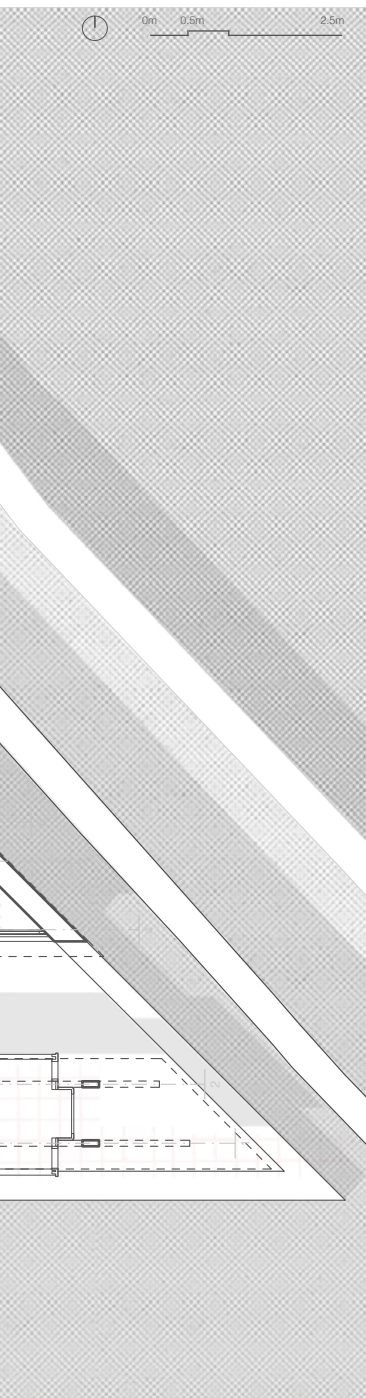
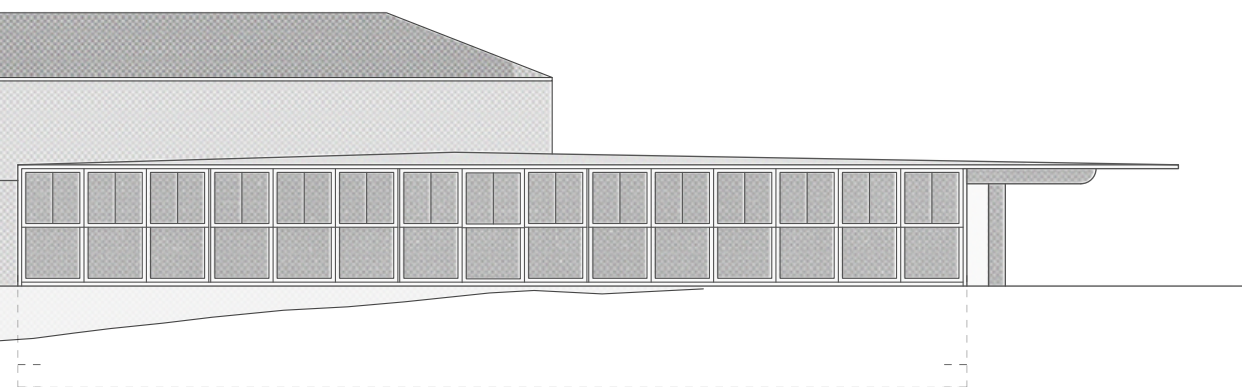


FIG 80 E 81

Planta e alçado sul
Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
Moledo do Minho.



Cumeeira
NF + 3.45 = 43.55

Cobertura
NF + 1.48 = 41.58

Piso térreo
NF ± 0.00 = 40.10

Piso escavado
NF - 1.20 = 40.10

0m 0.5m 2.5m

[Detalhe]

A conceção da conexão das partes que compõem um objeto determina o potencial de expressividade poética de uma obra arquitetónica. As soluções das transições derivam da ambivalência entre resolução prática e intuito estético e torna-as, consequentemente, em unidade mínima que condensam a *significação* da obra. O detalhe arquitetónico é naturalmente ferramenta de organização da expressão do projeto de arquitetura. O detalhe, no sentido lato refere-se a uma parcela reduzida de um todo mais vasto porém, no campo arquitetónico, as partes e o todo de um objeto podem variar mediante a escala em que se aborda um projeto. Uma coluna por exemplo pode ser um detalhe, mas ao mesmo tempo um todo¹¹².

A arquitetura se encarada como uma disciplina que expressa linguagens, o aspeto arquitetónico geral de uma obra pode ser percebido como um enredo, já os pormenores exprimem a narrativa do projeto.¹¹³ Isto é, os elementos ontológicos são factuais e, portanto, estabelecem a organização lógica, mas a maneira como são articulados e desenhados reflete a intenção da linguagem projetual, ou, analogamente, a forma como o autor deseja que a história seja narrada.

No projeto para Alcino e Zilda Cardoso, a articulação entre novo e preexistente não é definida por uma atitude dogmática, mas por uma compreensão de que o diálogo entre ambos pode recorrer a diferentes linguagens.¹¹⁴ O novo volume proposto possui autonomia própria por introduzir elementos contemporâneos como o zinco na cobertura ou a caixilharia de vidro. Contudo, é articulado “(...) o uso da pedra e da madeira, bem como a reinterpretação das carpintarias tradicionais que remetem para as tradições construtivas vernáculas do noroeste português”.¹¹⁵ A resposta projetual de Álvaro Siza para as zonas de transição recorre a elementos

112. FRASCARI, Marco, 1984, *The Tell-the-Tale Detail*, in BEHRENS, Paula, *Via 7: The Building of Architecture*, MIT Press, Cambridge, p. 23-27.

113. Ibidem.

114. “Siza consegue assim rever criticamente axiomas modernos, como a fachada cortina de vidro, integrando gramáticas composicionais internacionais no contexto português, mas também consegue estabelecer uma relação dialética entre o novo e o antigo, suavizando o contraste formal e conferindo unidade ao conjunto.”

FERREIRA, Teresa Cunha; et al., 2023, *Adaptive Reuse of Vernacular Built Heritage: Learnings from Alcino Cardoso House (1971–1991)* by Álvaro Siza, *Journal of Building Pathology and Rehabilitation*, vol. 8, art. 73, p. 9, acedido em 15 de maio de 2026, em: <https://doi.org/10.1007/s41024-023-00301-6>

115. Ibidem.

de naturezas distintas. Os dois pontos de conexão correspondentes aos vértices do volume triangular revelam, apesar de tudo, a mesma atitude formal: em ambos os casos, as paredes das arestas do volume em contacto com a construção de pedra são mediadas por aberturas [FIG 82], também propostas pela intervenção de Álvaro Siza. Este ato provoca uma leitura de justaposição de volumes em que o vão funciona como intermediador e anuncia a distinção entre os dois elementos.

Apesar do novo elemento utilizar maioritariamente o encerramento em parede cortina e, logo, a linguagem de leveza, a zona de transição A [FIG 82] é feita por uma parede em alvenaria de pedra a semelhança da preexistência. Para além de resolver o aspeto bioclimático de encerramento da fachada a norte, a parede reproduz a expressão esterotómica da parede de pedra concomitante e, com isso, cria uma transição mais lenta entre a expressão opaca do antigo para o translúcido do novo.

Internamente, esta zona A de tensão entre corpos foi onde desenhou-se também a conexão física entre os dois pisos através duma escada orientada ortogonalmente ao novo alinhamento [FIG 82]. O seu desenho discreto, quase imperceptível, permeia a passagem da zona de estar para a parte mais íntima dos quartos. A largura mínima da abertura na parede de pedra preexistente, aliada ao ângulo agudo que faz com a escada, provocam uma compressão na passagem que evidenciam a distinção entre níveis de privacidade das áreas da casa.

A zona B de ligação [FIG 83] é constituída pelo contacto direto entre parede cortina e a alvenaria da construção antiga. A compreensão da importância da aresta para a per-

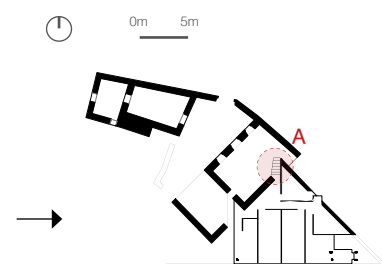


FIG 82
Planta simplificada da intervenção de
Álvaro Siza
Casa de Alcino e Zila Cardoso,
Moledo do Minho

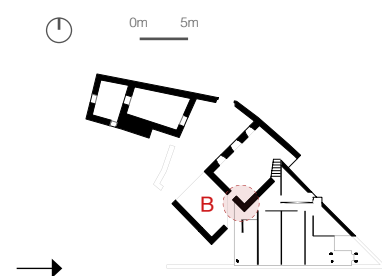


FIG 83
Planta simplificada da intervenção de
Álvaro Siza
Casa de Alcino e Zila Cardoso,
Moledo do Minho

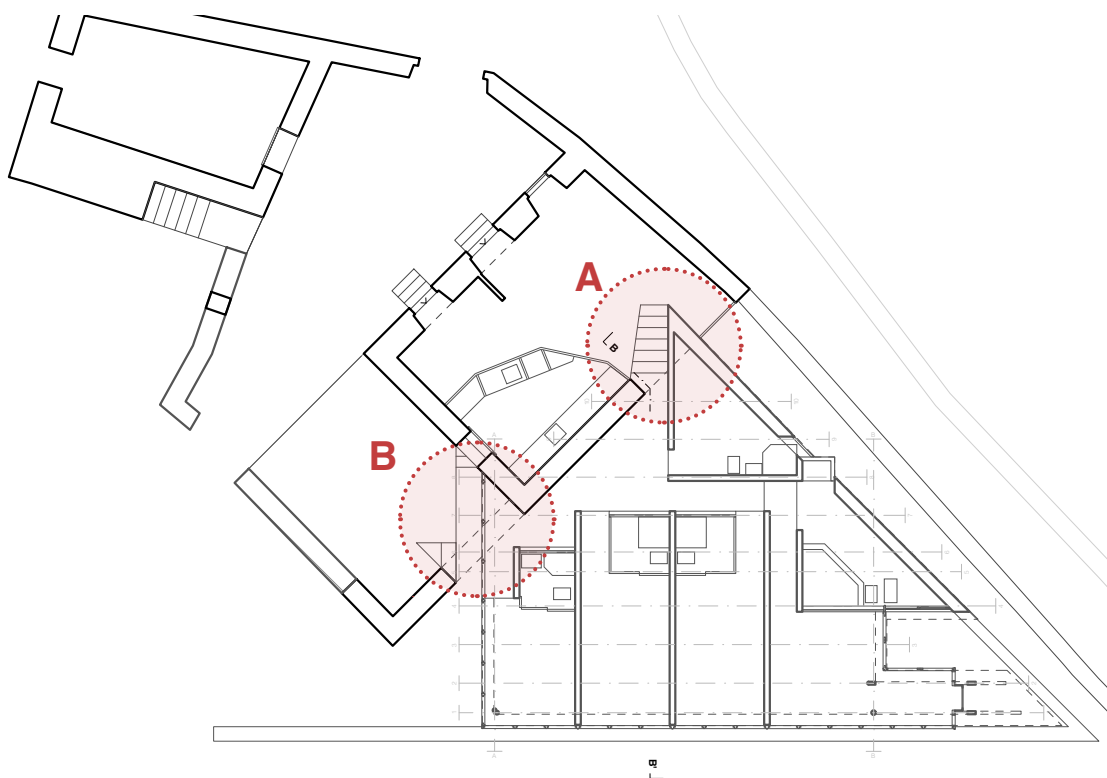


FIG 84
 Planta da casa de Alcino e Zilda Cardoso,
 Moledo do Minho.

cepção da tridimensionalidade de um volume é fulcral para explicar a maneira como Álvaro Siza projecta este encontro. A parede cortina distancia-se da aresta do corpo preexistente, consequentemente, a leitura do volume antigo mantém-se clara também quando se está no interior do elemento novo.

Externamente, o recuo e ocultação da altura real da cobertura implica uma abstração da compreensão do volume, que passa a ser percecionado como plano contínuo definido pela trama da caixilharia. Esta estratégia reforça a expressão de um envelope, ilusoriamente único, de separação entre interior e exterior.

Segundo Ricardo Meri de la Maza e Clara Vallejo, o desenho deste detalhe contempla “(...) dois objetivos visuais fundamentais. O primeiro, a partir do interior, baseia-se na distância que se gera entre a carpintaria e o plano horizontal do teto; distância que nos oferece a passagem limpa do elemento e a perda visual do seu limite superior. Ou seja, se assumirmos que a carpintaria, como uma moldura, é a que sustenta o peso visual da definição do plano de fachada, a perda visual de algum dos seus elementos de limite dilui a sua presença.”¹¹⁶ O outro objetivo, perceptível a partir do exterior, resulta da sobreposição da caixilharia à espessura da cobertura, diluindo a expressão desta, e “aumentando o carácter de leveza do conjunto e criando a ilusão de que apenas existe a membrana como elemento que permite ao interior apropriar-se de fragmentos predeterminados das vinhas. O olhar de Siza transforma sempre, acrescentando um significado extra.”¹¹⁷

116. MERI DE LA MAZA, Ricardo, MEJÍA VALLEJO, Clara Elena, 2021, *Naturalezas apropiadas en las primeras obras de Távora, Siza y Souto de Moura*, ZARCH, nº 17, p. 116, acedido em 21 de agosto de 2025, em: https://doi.org/10.26754/ojs_zarch/zarch.2021175890

117. Ibidem.

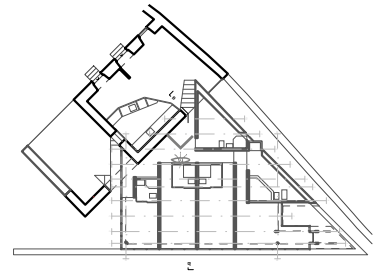


FIG 85
Zona de transição A
Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
Moledo do Minho, 2024.

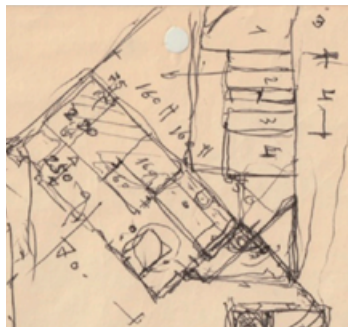
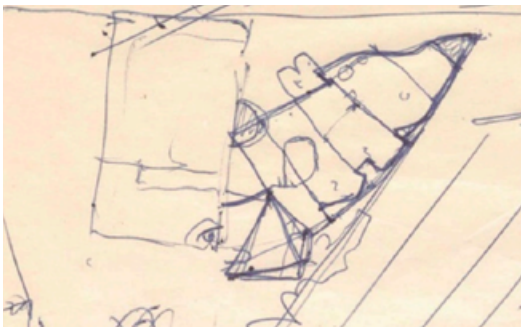


FIG 86 E 87
Esquços do desenvolvimento do ponto de ligação entre o novo e antigo, s.d.

FIG 88 E 89
Zona de transição B
Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
Moledo do Minho, 2024.



FIG 90
Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
Moledo do Minho, 2024.



FIG 91
Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
Moledo do Minho, 2024.

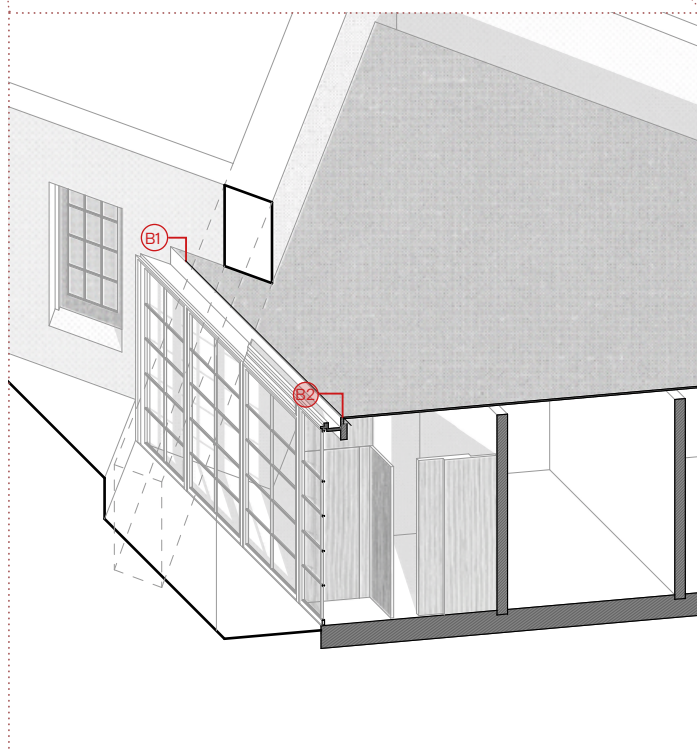
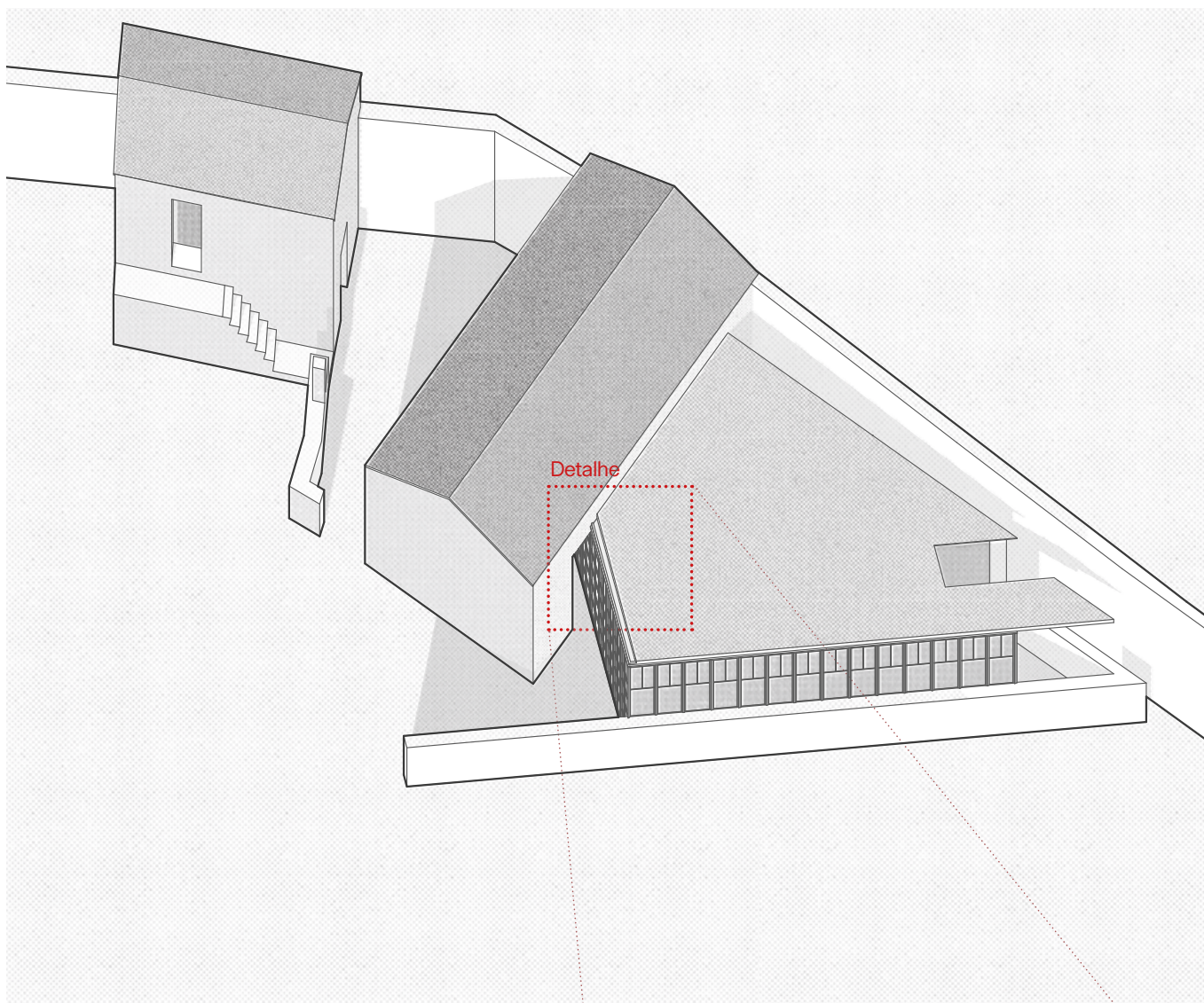


FIG 92

Axonometria da casa de Alcino e Zilda
Cardoso
| escala 1:200

FIG 93

Axonometria ampliada da zona B de
conexão entre o novo elemento e a parede
em pedra da
construção preexistente

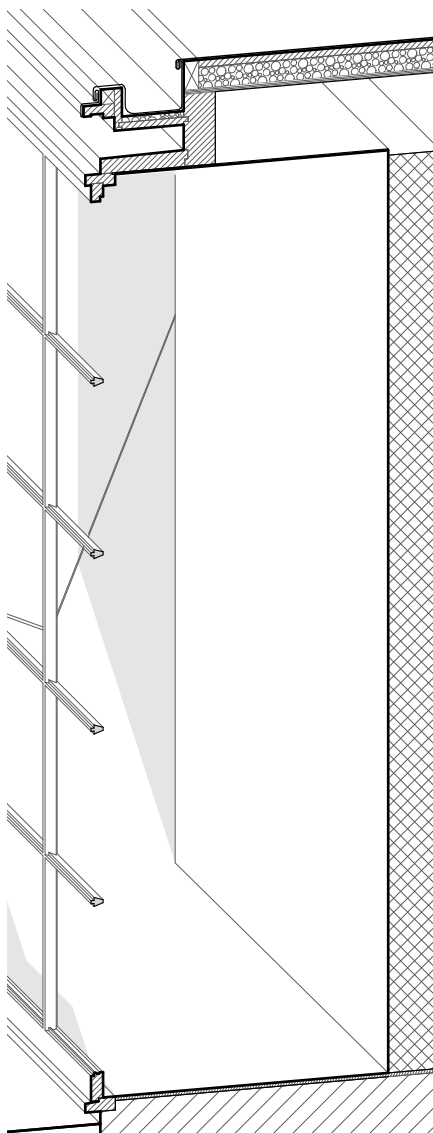


FIG 94
Axonometria do pormenor **B1**



FIG 95
Axonometria do pormenor **B2**

0m 5 cm 25 cm

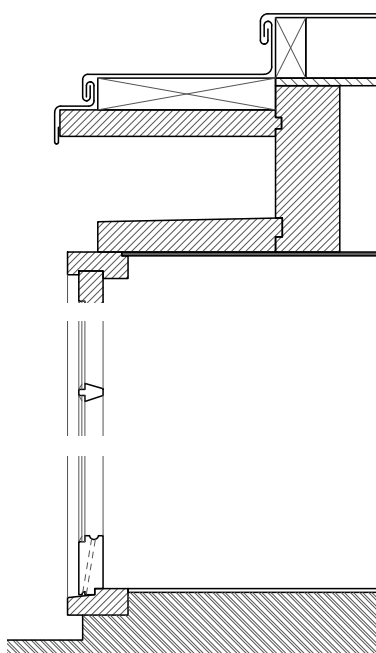


FIG 96
Corte do pormenor B1 da parede cortina

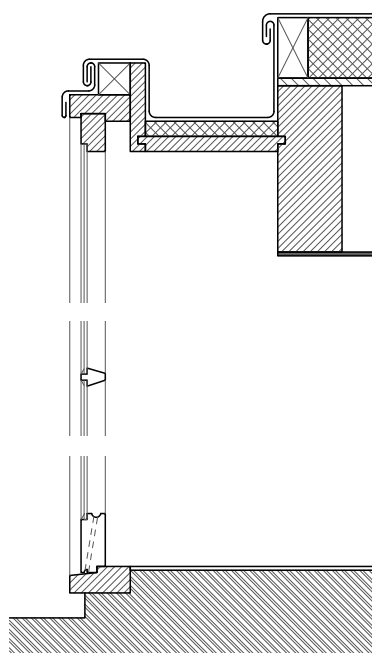


FIG 97
Corte do pormenor B2 da parede cortina



FIG 98
Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
Moledo do Minho, 2024.

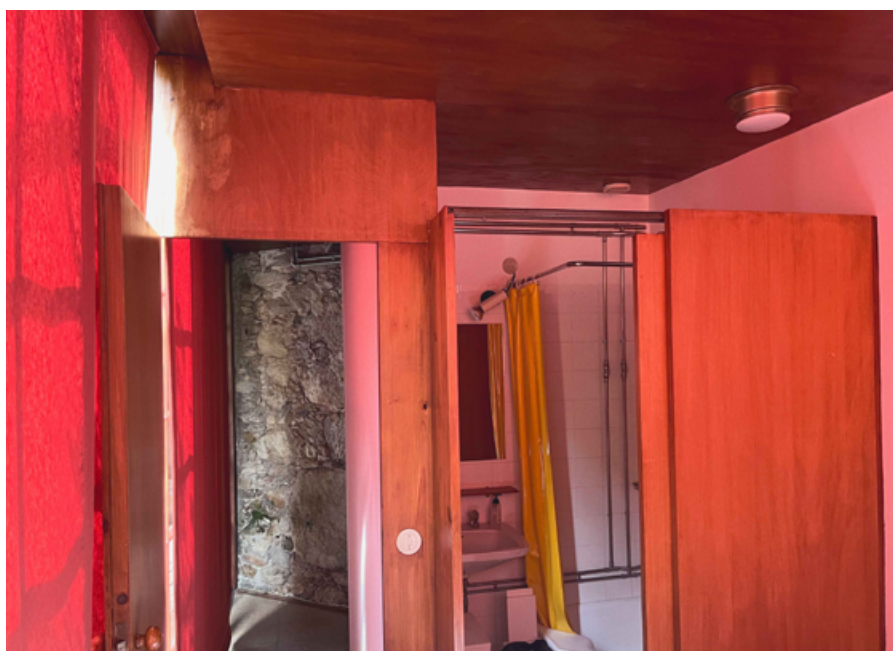


FIG 99
Casa de Alcino e Zilda Cardoso,
Moledo do Minho, 2024.



FIG 100
Maquete da proposta

“Enquanto arquitetos, urbanistas ou paisagistas, escrevemos sempre sobre uma página previamente escrita, onde nenhuma linha é destituída de significado. Embora os projetistas o compreendam de forma intuitiva, raramente reconhecem o grau em que a leitura de um lugar corresponde a uma construção mental, na qual a complexidade tende a ser gerida através da sua simplificação e da marginalização das múltiplas camadas que o compõem. Com demasiada facilidade se assume ter alcançado a interpretação correta e, consequentemente, estar a fazer a intervenção adequada”¹¹⁸

118. ALKEMADE, Floris;
VAN IERSEL, Michel; OUBURG,
Jarik; MINKJAN, Mark (eds.), 2020,
*Rewriting Architecture 10 + 1 Actions:
Tabula Scripta*, Valiz, Amsterdam,
p. 21.

A abdicação da fantasia de que o ato de criação implica a anulação total do que já existe dá lugar a uma visão mais ponderada da possibilidade de estabelecer inovação a partir da continuidade da tradição. Por isto, é relevante um olhar minucioso para estabelecer diálogos que distanciem-se de reproduções literais ou desprovidas de reflexão. Como refere Fernando Távora, importa “continuar inovando”¹¹⁹, isto é, contribuir para a continuidade do edificado ao longo do tempo, privilegiando afinidades e relações de continuidade em detrimento de uma rutura com o passado.¹²⁰ Esta posição reforça a ideia de que o projeto não se impõe sobre o existente, mas antes se constrói a partir dele, através de um processo crítico de leitura e transformação.

Neste contexto, reforça-se a importância de uma prática projetual assente na observação atenta do existente. A constatação de que, por ignorância, o ato projetual pode conduzir à eliminação sucessiva de camadas do existente, apagando qualidades não reconhecidas, evidencia os riscos de uma leitura superficial do lugar. À vista disto, “A falta de observação conduz a paisagens e cidades cada vez mais descaracterizadas, onde as diferenças são apagadas e as riquezas se perdem.”¹²¹.

Antes de partir a respostas imediatas, é fundamental compreender a extensão e complexidade das questões levantadas pelo lugar. É precisamente essa condição de vulnerabilidade, muitas vezes contornada, que permite aprofundar a perceção do lugar e revelar dimensões menos evidentes que o constituem. Em suma, “aprender a ver é fundamental para um arquitecto, existe uma bagagem de conhecimentos aos quais inevitavelmente recorreremos, de modo que nada de quanto fazemos é absolutamente novo.”¹²²

119. TÁVORA, Fernando, 1985, *Pousada de Santa Marinha*, Guimarães, Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 130, D.G.E.M.N., Lisboa, p. 30.

120. ORDÓÑEZ-CASTAÑÓN, David; FERREIRA, Teresa Cunha, 2024, *Toward the Adaptive Reuse of Vernacular Architecture: Practices from the School of Porto*, Heritage, vol. 7, nº 3, p. 1828.

121. ALKEMADE, Floris; VAN IERSEL, Michel; OUBURG, Jarik; MINKJAN, Mark (eds.), 2020, *Rewriting Architecture 10 + 1 Actions: Tabula Scripta*, Valiz, Amsterdam, p. 22.

122. VIEIRA, Álvaro Siza, 1998, *Imaginar a evidência*, Edições 70, Lisboa, p. 139.

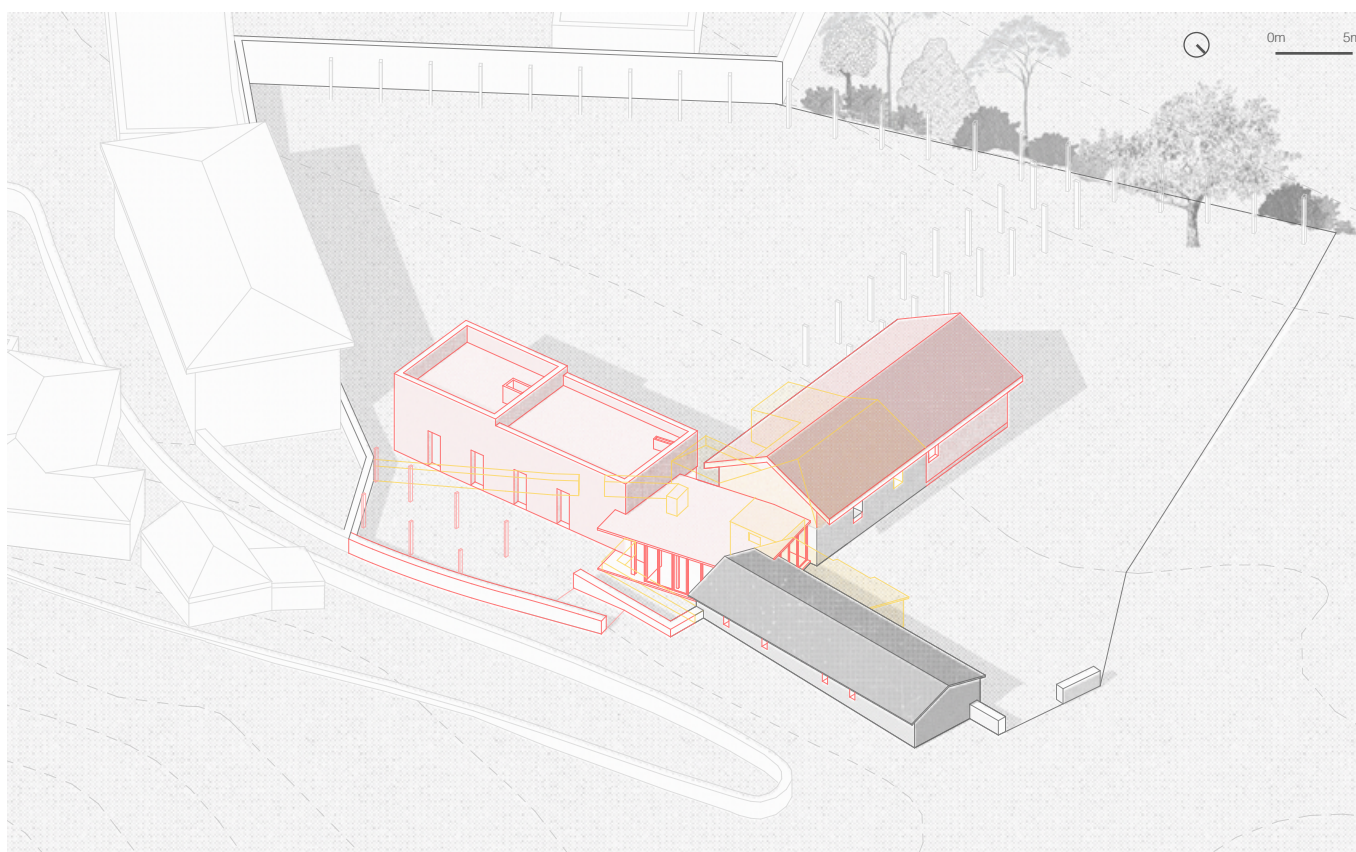
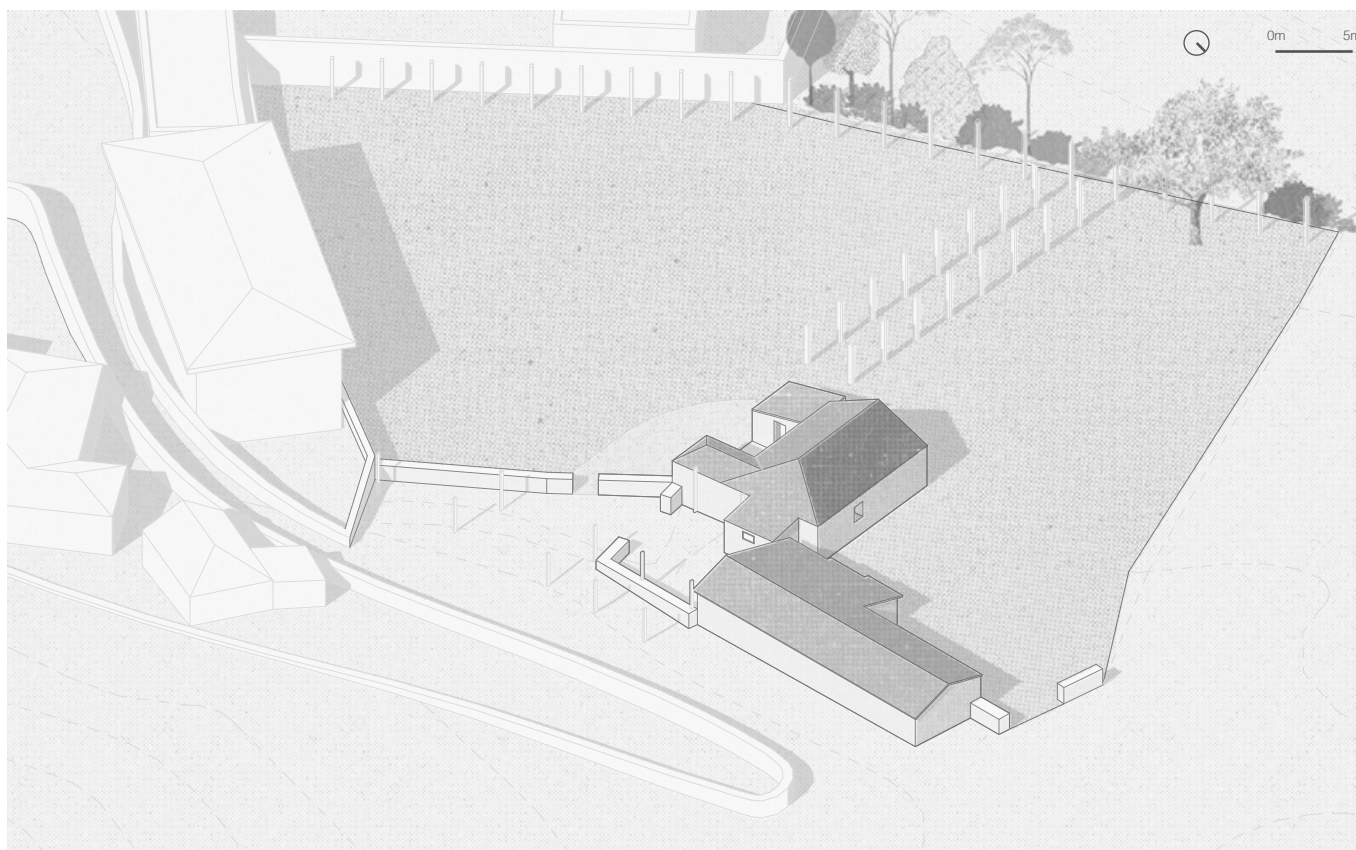


FIG 101
Axonometria do existente

FIG 102
Axonometria das
demolições e construções

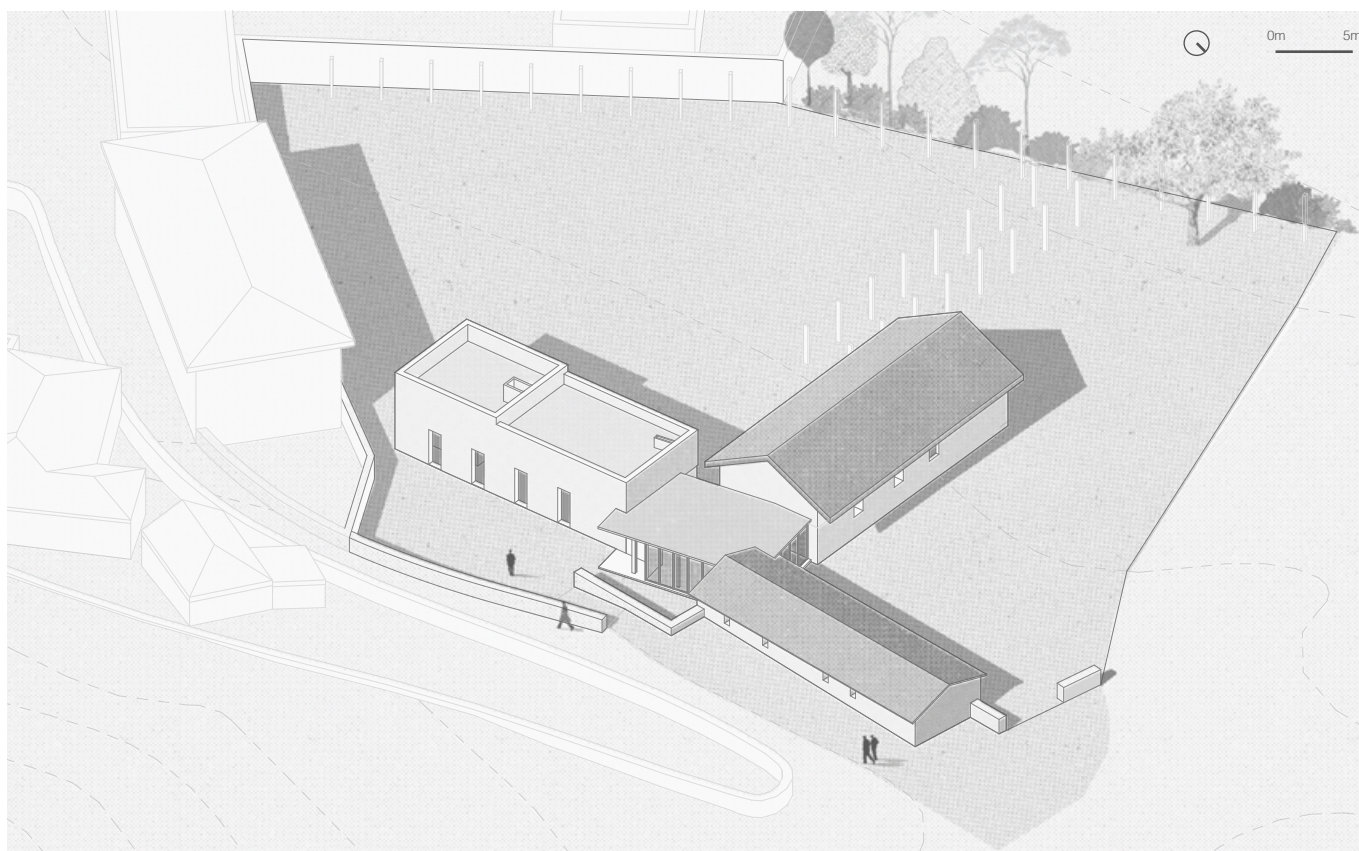


FIG103
Axonometria da proposta
de intervenção

[Ontológico]

O exercício de exploração das possibilidades através das metodologias, como o desenho rigoroso e à mão levantada, a maquete, entre outros, permite chegar a conclusão projetual, mas, mais do que isto, este processo de descoberta em si mesmo viabiliza uma compreensão mais profunda e sintética do objeto de estudo. Os métodos que permeiam o processo de desenvolvimento de um projeto produzem um percurso no qual a solução arquitetónica constitui uma das suas dimensões, coexistindo com outras componentes igualmente relevantes.

A percepção sensível, resultado do exercício projetual, produz um entendimento quase táctil das relações que estruturam o espaço como a geometria, a proporção, a escala, e a forma, que permite concentrar uma série de relações presentes no território. Consequentemente, como afirma o professor e arquiteto André Tavares, a utilização da observação crítica do mundo como ferramenta norteadora pode, até “(...) revelar o uso reduzido que actualmente fazemos das potencialidades da arquitectura, ao contrário da consciência, cada vez mais clara, que se vai tendo da complexidade do real.”¹²³ Este processo de síntese utiliza a imaginação como ferramenta para “recordar aquilo que a memória escreveu dentro de nós e pô-la em confronto com as exigências e as condições; mas também elevar as exigências e as condições ao nível da sua real complexidade, e por fim restituí-las na simplicidade oblíqua do projecto.”¹²⁴

No meio desta busca, identificou-se uma lógica compositiva que organiza o projecto a partir das relações de proporção presentes nos corpos preexistentes. verificou-se uma relação de proporção de cerca de 3:1 entre o comprimento e a largura do corpo agrícola (B) e de 1,5:1 no corpo habitacional (A). O prolongamento dos vetores provenientes dos

123. TAVARES, André, 2004, *Quanto pesa um tijolo?*, texto introdutório in BANDEIRA, Pedro, *Projectos Específicos para Clientes Genéricos*, Civilização Editora, Lisboa, p. 22.

124. GREGOTTI, Vittorio, 1998, Prefácio, in VIEIRA, Álvaro Siza, *Imaginar a evidência*, Edições 70, Lisboa, p. 10.

elementos existentes permitiu condensar uma série de relações formais e perspéticas entre o novo e antigo e, consequentemente, estabelecer uma lógica organizacional coerente com o lugar.[FIG 105]

A solução encontrada organiza a ampliação ao longo do eixo norte-sul a partir de uma nova volumetria estruturada em dois momentos. O primeiro assegura a articulação entre os corpos e conduz gradualmente ao segundo momento, associado ao carácter social e colectivo. Esta progressão lenta de que se fala, resultou do enquadramento programático que exigiu uma organização do espaço capaz de salvaguardar a autonomia do acesso aos espaços coletivos e às zonas de uso individual.

O elemento que articula os diferentes corpos expande o princípio habitual do mecanismo de acesso. A porta, caracterizada naturalmente pela bidimensionalidade, é extrudida para dar forma a um espaço de intermediação, entre interior e exterior; entre corpos construídos; entre níveis de privacidade. A expansão deste mecanismo é espacial, mas também conceptual porque amplia-se as funções que ele desempenha, ou seja, para além de definir o acesso e sua qualidade de passagem, passa, também, a ser um espaço de contacto social e estar, isto é, de permanência. Por ser desenhada a partir de uma lógica de progressão pausada do exterior ao interior, esta membrana estabelece uma relação mais franca com a paisagem.

Este espaço intermédio é composto por uma estrutura pontual de madeira (pilares em madeira laminada colada de secção 20x20cm) associada ao vigamento de suporte da cobertura, sendo seu encerramento assegurado quase na totalidade, pela caixilharia. O desenho deste elemento orien-

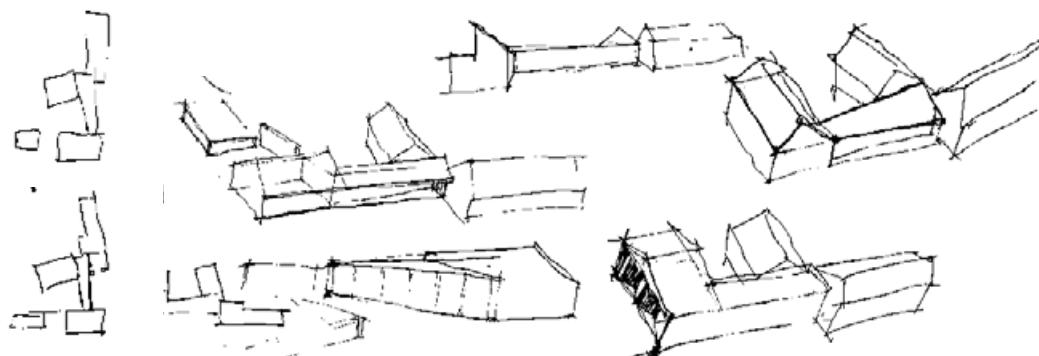
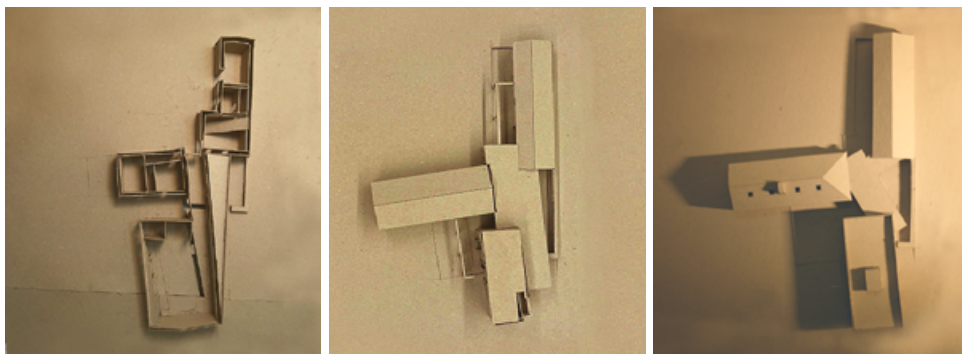


FIG 104, 105 e 106 [acima]
Processo do projeto em maquete

FIG 107 [meio]
Esquissos do processo de projeto

FIG 108 [abaixo]
Maquete da proposta final

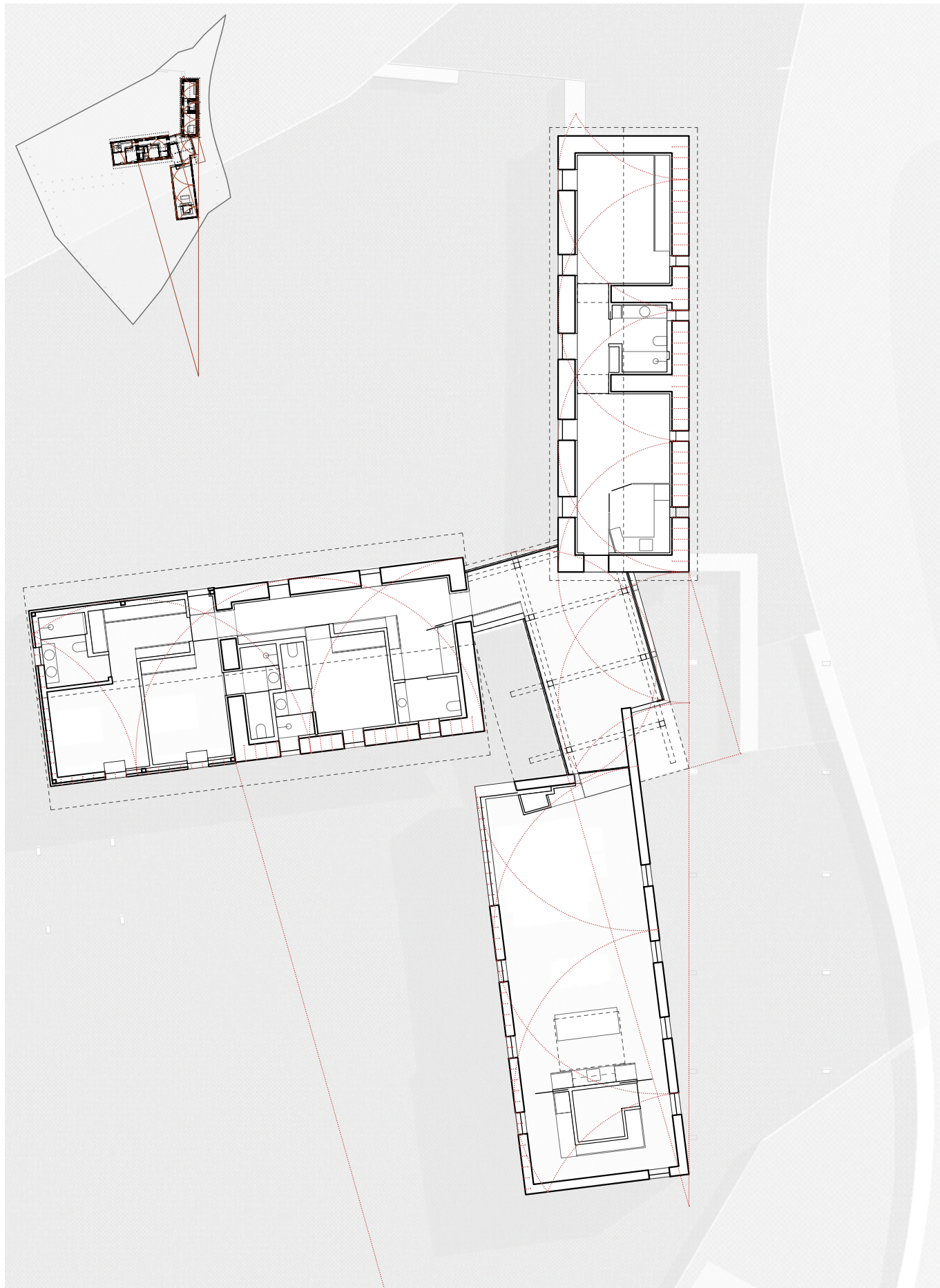


FIG 109
Planta síntese dos alinhamentos
| escala 1:200

tou-se no sentido de reduzir sua leitura como limite a fim de promover a continuidade espacial e visual entre o interior e o exterior. À semelhança do detalhe analisado anteriormente na intervenção na casa de Alcino e Zilda Cardoso, definiu-se o recuo da estrutura portante em relação à caixilharia, que permitiu aligeirar a expressão da cobertura no exterior. Internamente o revestimento de contraplacado a altura do limite inferior da viga possibilita a percepção de difusão entre os limites do espaço e a paisagem.

A cobertura deste elemento é concebida como um bloco unitário que se apoia na estrutura em madeira. Ao invés de integrar as vigas estruturais na sua espessura, este é mantido visível e sobreposto, o que permite resolver a inclinação (1,5%) e o sistema de recolha de águas. Esta opção contribui para conferir maior leveza à sua expressão.

Em seguida, acede-se ao ambiente comum de partilha de serviços e estar. Seu desenho longitudinal, posicionamento e proporção, aludem às características essenciais dos elementos preexistentes. O peso e o carácter telúrico, opaco e encerrado foram reinterpretados através de sua composição em paredes portantes de betão ciclópico com vãos pontuais. Ambiciona-se que as pedras das demolições propostas sejam utilizadas na composição destas paredes, juntamente com agregados do terreno, cal, betão e partículas isolantes pequenas de vidro reciclado. Pretende-se que o revestimento deste corpo seja em reboco areado a base de cal hidráulica natural.

Paralelamente, prevê-se a limpeza dos corpos preexistentes de alvenaria de pedra, com o preenchimento das juntas com argamassa, também a base de cal e sem compostos cimentícios, nos casos em que estas se apresentem inexistentes ou degradadas. No mesmo sentido, sugere-se que os volu-

mes em granito sejam caiados com reboco areado que deixe visível a textura da pedra subjacente.

125. SOLÀ-MORALES, Ignasi de, 2006, *Intervenciones*, Gustavo Gili, Barcelona, p. 50.

A partir da compreensão da intervenção como uma operação que reconhece o existente e o utiliza como *modelo analógico*¹²⁵, o projeto propõe um redesenho das proporções das massas para clarificar a coerência volumétrica. O novo volume dialoga com o existente através dum prolongamento longitudinal, que progressivamente ganha escala e, de forma controlada, assume sua autonomia. Seu alçado evidencia este processo ao tornar legível a transição entre o existente e o novo volume.

Portanto, a fim de de clarificar a leitura das preexistências, alguns elementos acrescentados representavam ruídos à elementaridade formal destes corpos. Por isto, optou-se pela demolição dos elementos anexos cujos resíduos pétreos serão reutilizados na execução das paredes em betão ciclópico. Adicionalmente, de forma a reforçar a lógica ordenadora do conjunto, propôs-se o prolongamento do corpo habitacional existente (A) que remeterá a mesma proporção de 3:1 do corpo agrícola (B). Este prolongamento permitiu, complementarmente, acomodar um número maior de módulos individuais.

A solução estrutural para a ampliação do volume da habitação preexistente (A) baseia-se num sistema pontual em madeira, destinado a suportar as asnas da cobertura inclinada de duas águas. Propôs-se uma ligeira elevação da altura do pé-direito deste elemento, para viabilizar esta decisão. Esta decisão justificou-se por, num primeiro momento, a madeira, devido a sua leveza, parecer adequada para ser sobreposta à parede de granito existente. Para além do aspeto funcional, a madeira, por ser um material tradicionalmente associado as

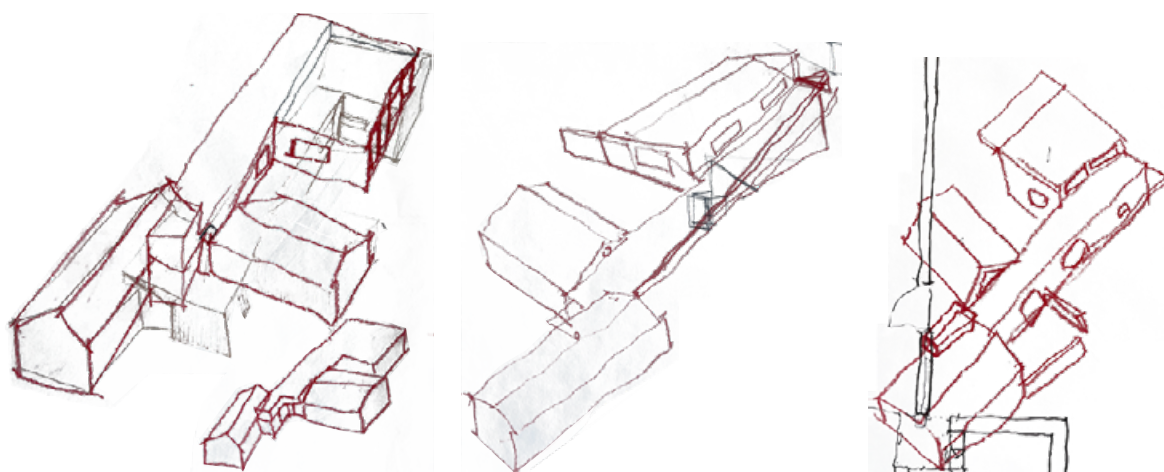
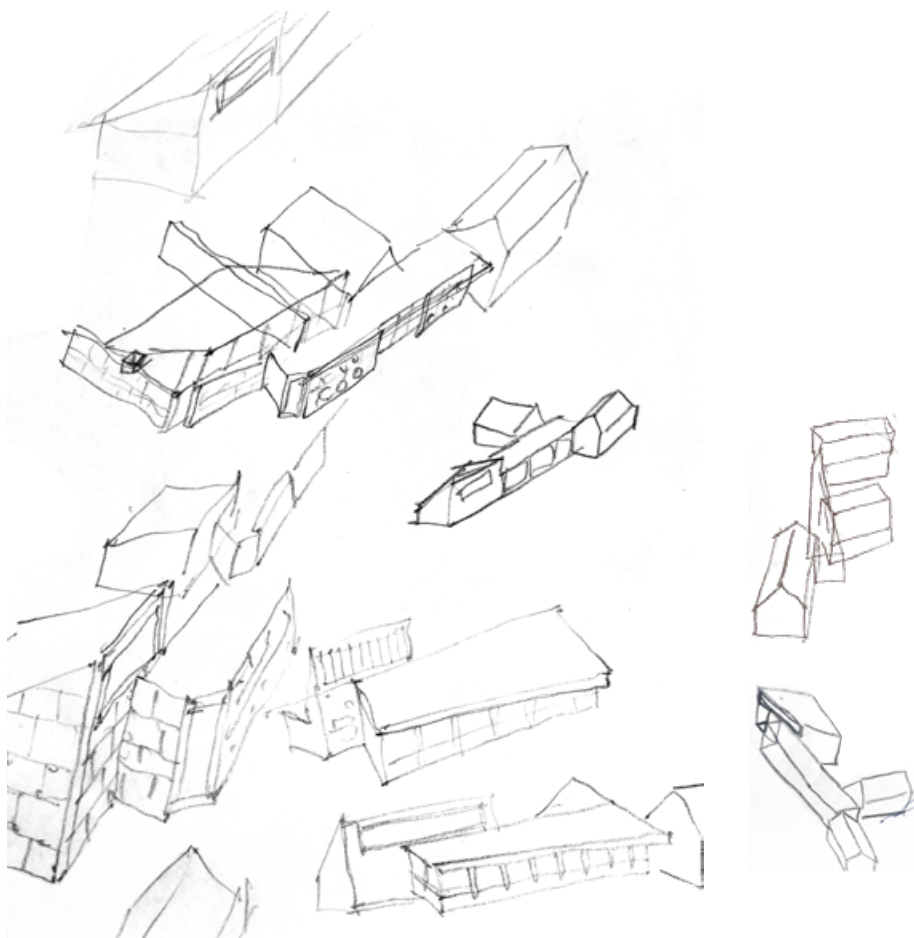


FIG 110
Conjunto de esboços de estudos das
volumetrias

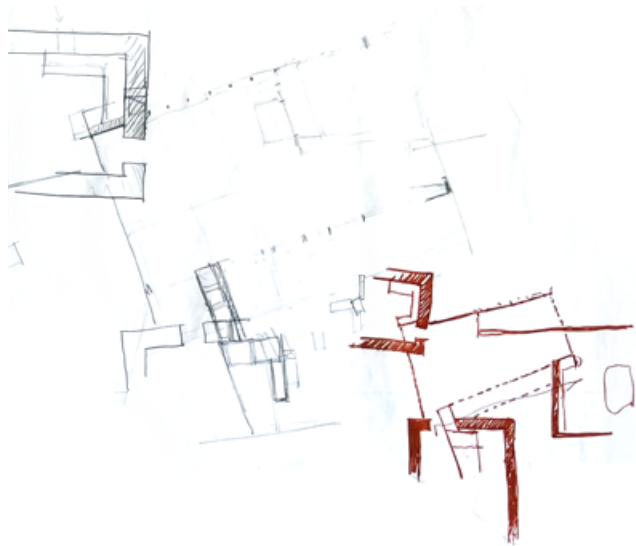
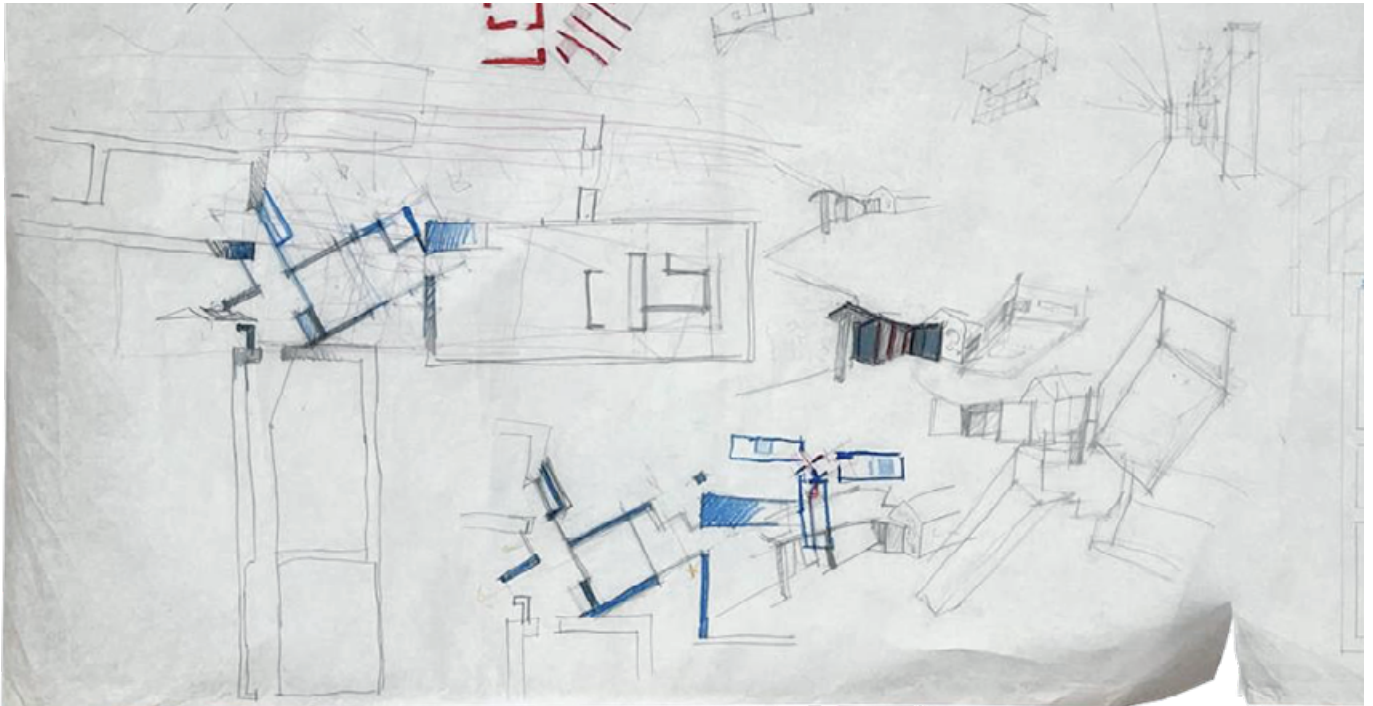
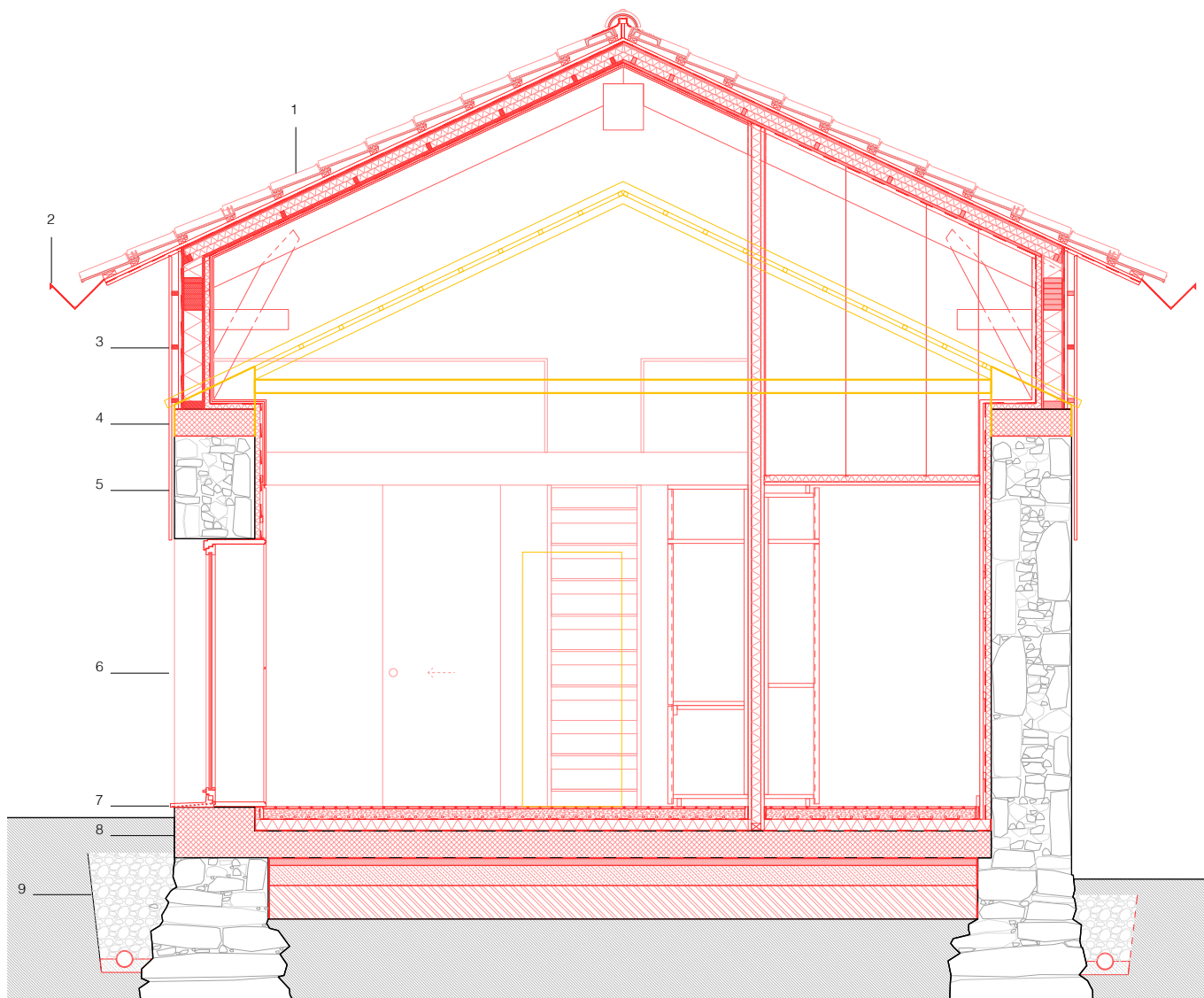


FIG 111
Folha de papel vegetal de estudos da
transição entre corpos

FIG 112 e 113
Conjunto de estudos do elemento da
transição entre corpos

contruções de alvenaria de pedra, estabelece uma articulação estética com o existente.

Para além de uma expansão horizontal, o corpo A, que já dispunha de uma altura mais expressiva, com a cumeeira a cerca de 4,6 metros da cota de soleira, é também objeto de uma expansão vertical de 1,15 metros. Este aumento possibilita a introdução de um segundo piso pela vantagem da inclinação da cobertura não implicar um acréscimo que compromettesse a escala do conjunto. Os módulos individuais neste corpo integram, além da instalação sanitária e o espaço ao nível térreo, mezaninos privativos. A indefinição da função destes espaços assegura a liberdade de apropriação e uso destas unidades mínimas pelo utilizador.



1 Composição da cobertura:

telha lusa
ripa 30x50mm
contra-ripa 30x50mm
tela de impermeabilização
painel de OSB e=15mm
isolamento térmico e=100mm
painel de OSB e=15mm
barreira para-vapor
dupla placa de gesso cartonado e=25mm
asna de madeira 140x200mm

2 Calreira em zinco

3 Composição da parede (ampliação):

réguas de carvalho com tratamento autoclave
ripa 30x50mm
Ripado vertical de fixação de fachada ventilada em madeira 4,5x2,5 cm
Ripado horizontal de fixação de fachada ventilada em madeira 4,5x2,5 cm
tela de impermeabilização
painel de OSB e=15mm
isolamento térmico entre estrutura de madeira de 140x160mm e=160 mm
painel de OSB e=15mm
isolamento térmico e=40mm
barreira para-vapor
dupla placa de gesso cartonado e=25mm

4 Cinta em betão

5 Composição da parede:

parede existente em alvenaria de granito a ser revestida com impermeabilizante hidropelente, juntas refundadas e preenchidas com reboco a base de cal
caixa de ar e=20mm
isolamento térmico e=40mm
barreira para-vapor
dupla placa de gesso cartonado e=25mm

6 Caixilho de madeira com vidro duplo e portada interior em madeira

7 Soleira em granito

8 Lintel em betão

9 Sistema de drenagem:

gravilha
tubo de drenagem
caixa de brita e=150mm

10 Perfil em L em alumínio 14x20x1,5mm

11 Painel de madeira pintado a cor RAL 9001 e=20mm

12 Composição do piso:

soalho e=15mm
betonilha de regularização e enchimento com piso radiante e=80mm
membrana de separação
isolamento térmico e=50mm
massame de betão armado com rede malhasol e=150mm
impermeabilização com membrana plástica
feltro geotextil
betão de limpeza e=5mm
caixa de brita e=150mm
solo compactado

FIG 114
Corte Construtivo pelo corpo da
habitação | escala 1:50



FIG 115
Planta das demolições e construções
| escala 1:200

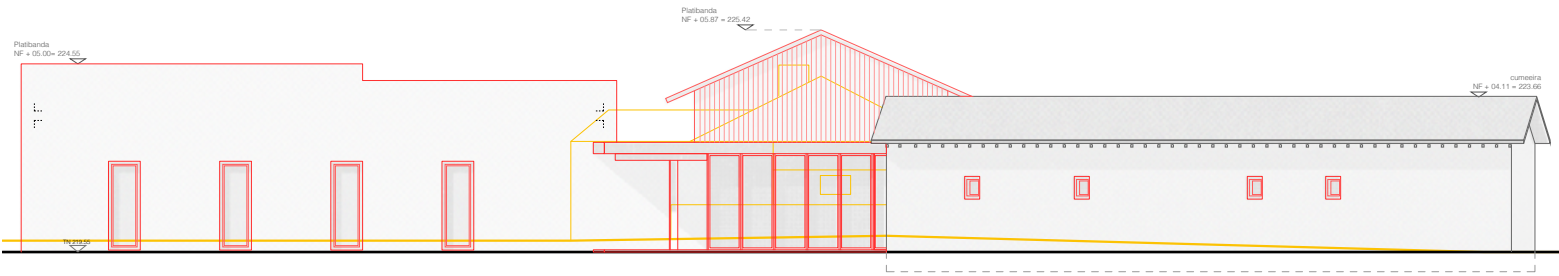


FIG 116
Alçado Nascente de demolições e
construções

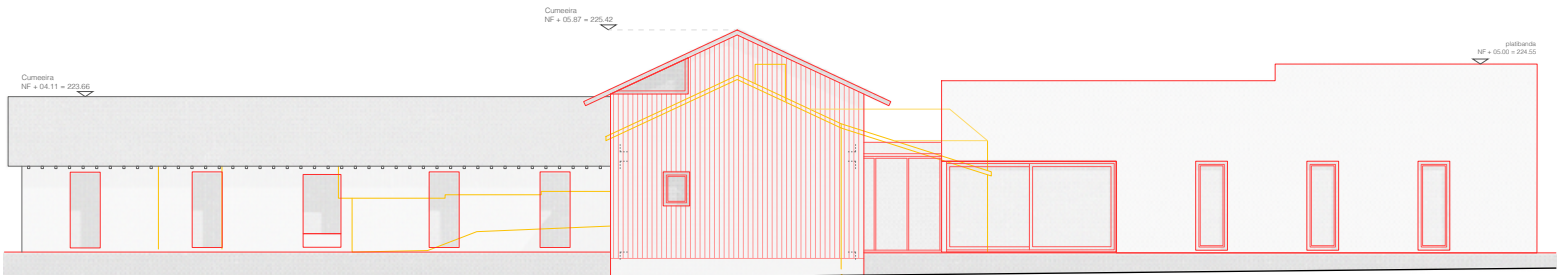


FIG 117
Alçado Poente de demolições e
construções

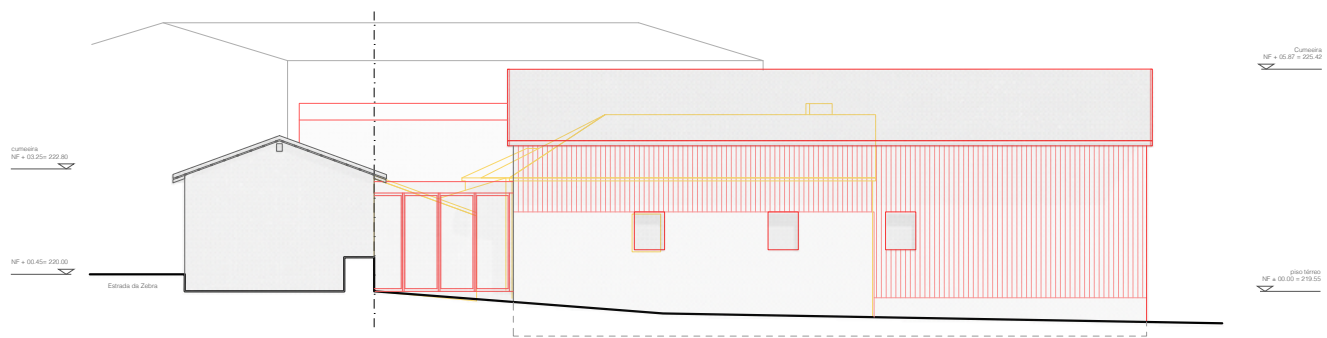


FIG 118
Alçado Norte de demolições e
construções

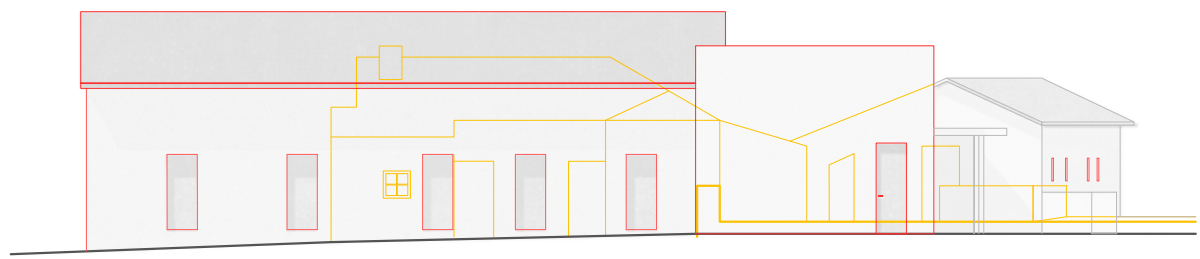


FIG 119
Alçado Sul de demolições e
construções



FIG 120
Planta do proposto
| escala 1:200

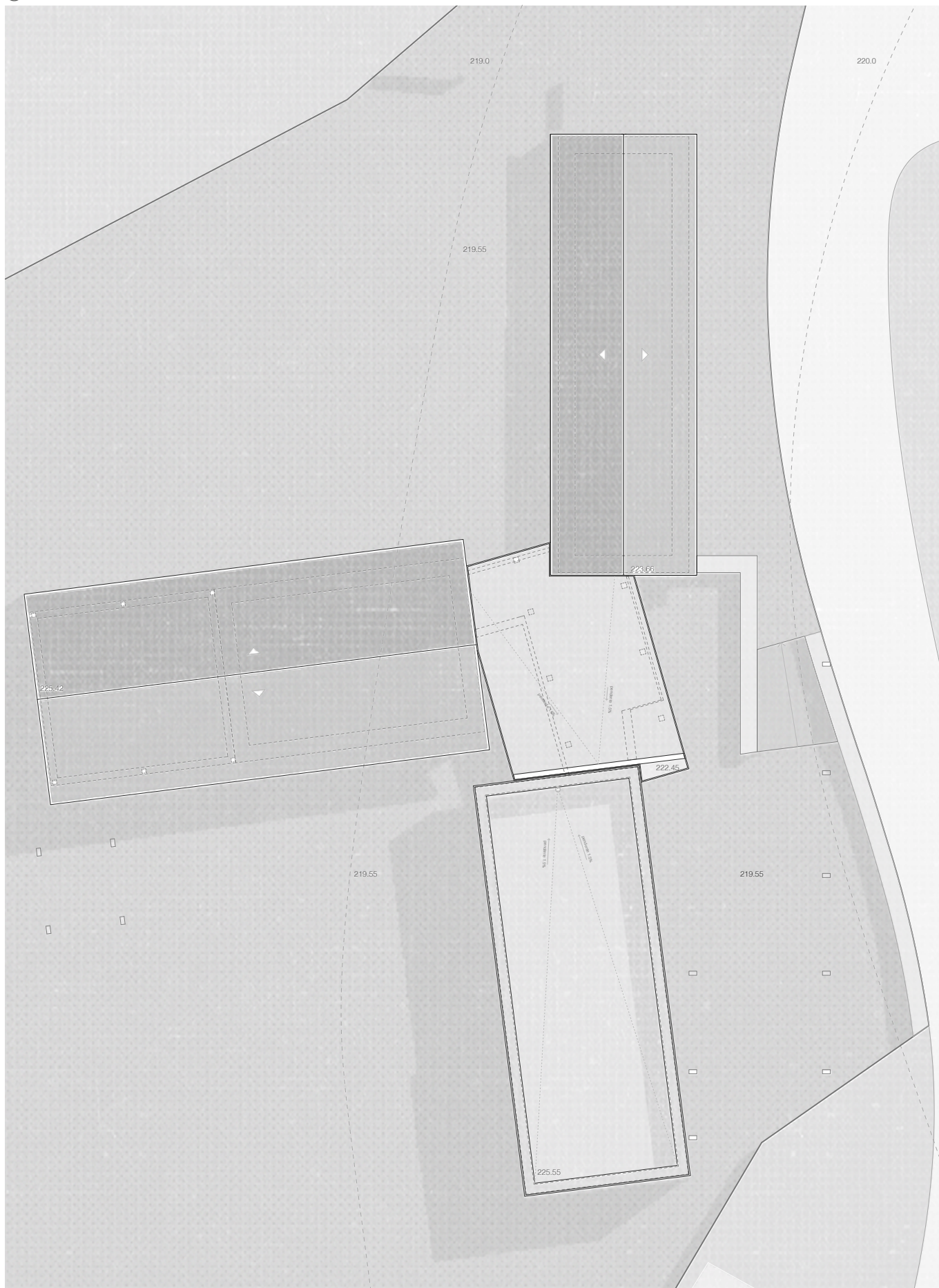


FIG 121
Planta de cobertura
| escala 1:200

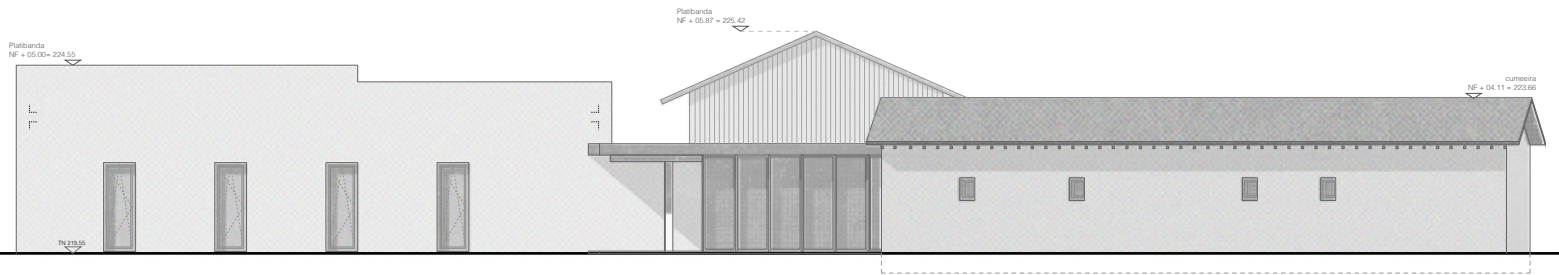


FIG 122
Alçado Nascente Proposto

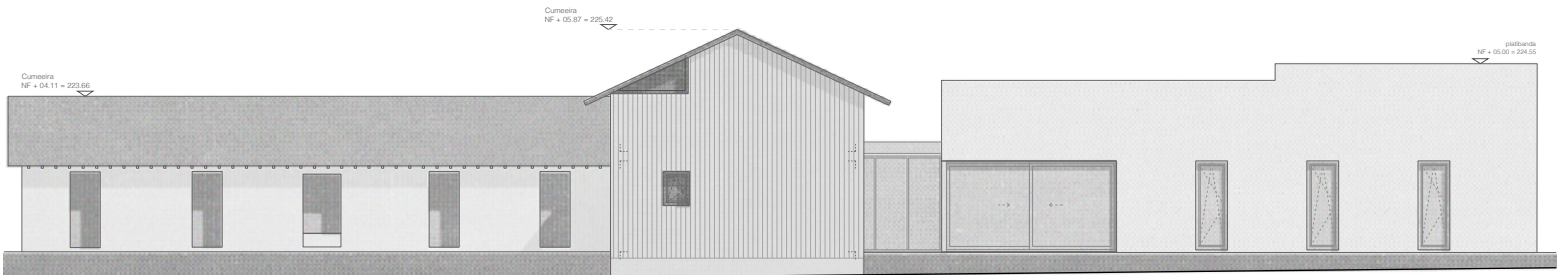


FIG 123
Alçado Poente Proposto

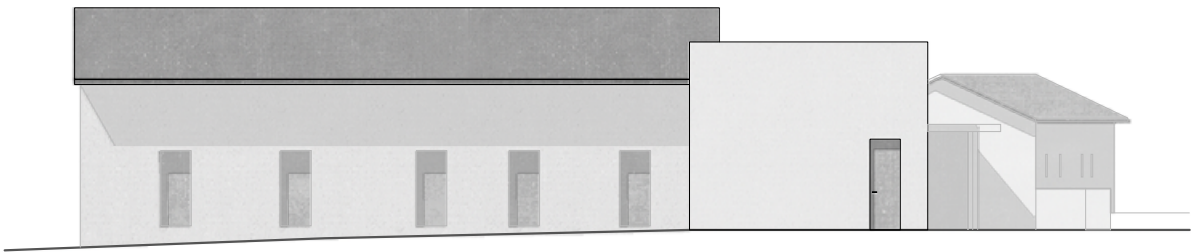


FIG 124
Alçado Sul Proposto

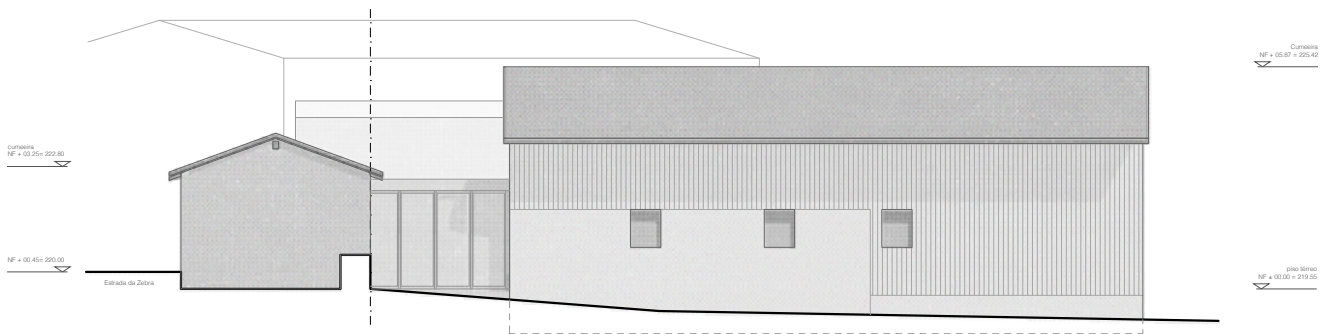


FIG 125
Alçado Sul Proposto

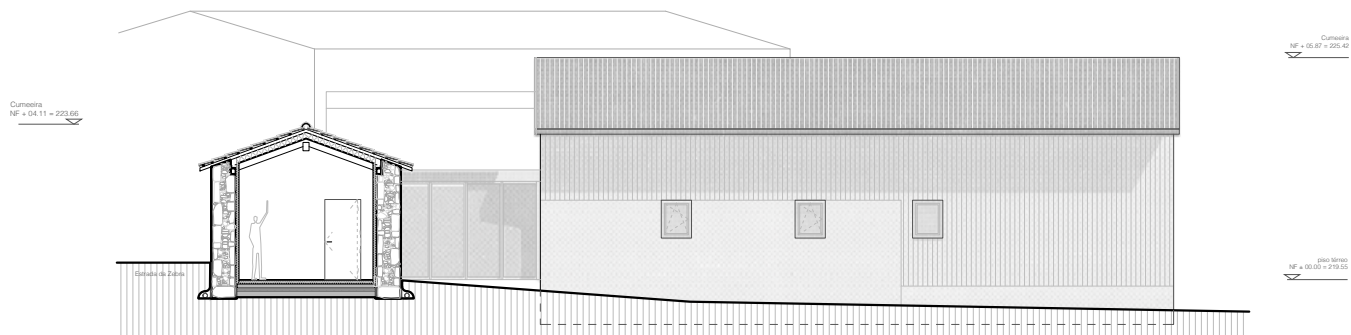


FIG 128
Corte AA' Proposto

R/a
5.97 = 225.42

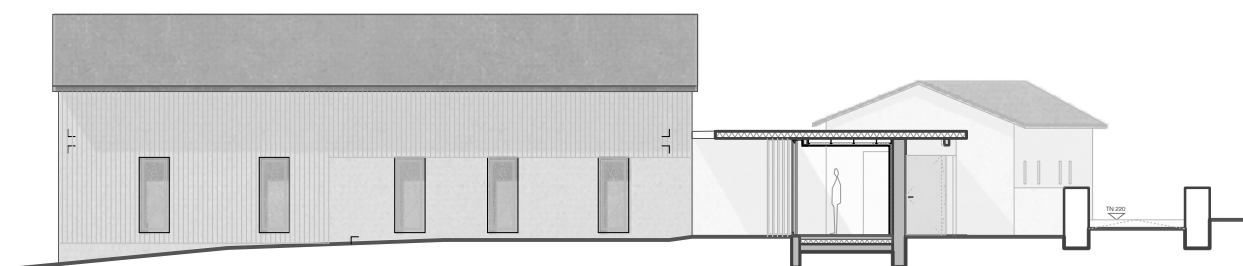


FIG 127
Corte BB' Proposto

Cumeeira
NF + 04.11 = 223.66

plano terreno
NF + 00.00 = 219.55

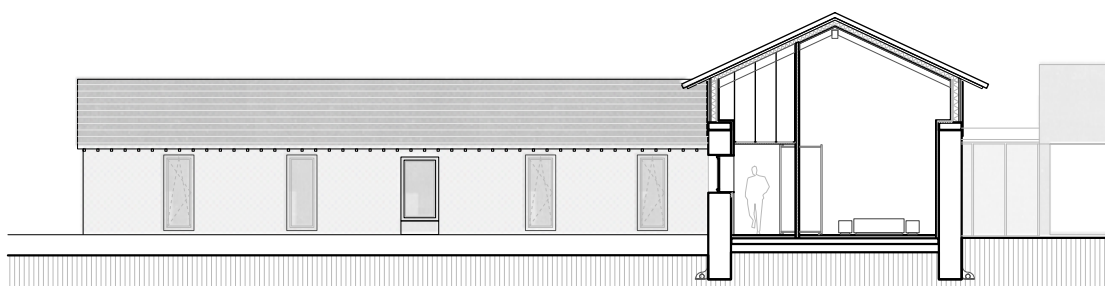


FIG 126
Corte CC' Proposto

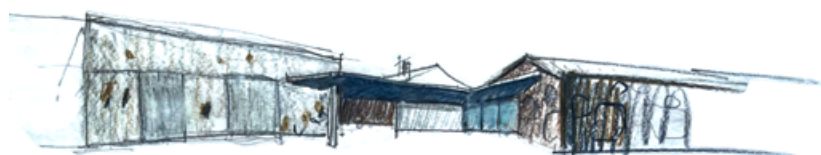


FIG 129
Esquissos de estudo dos alçados

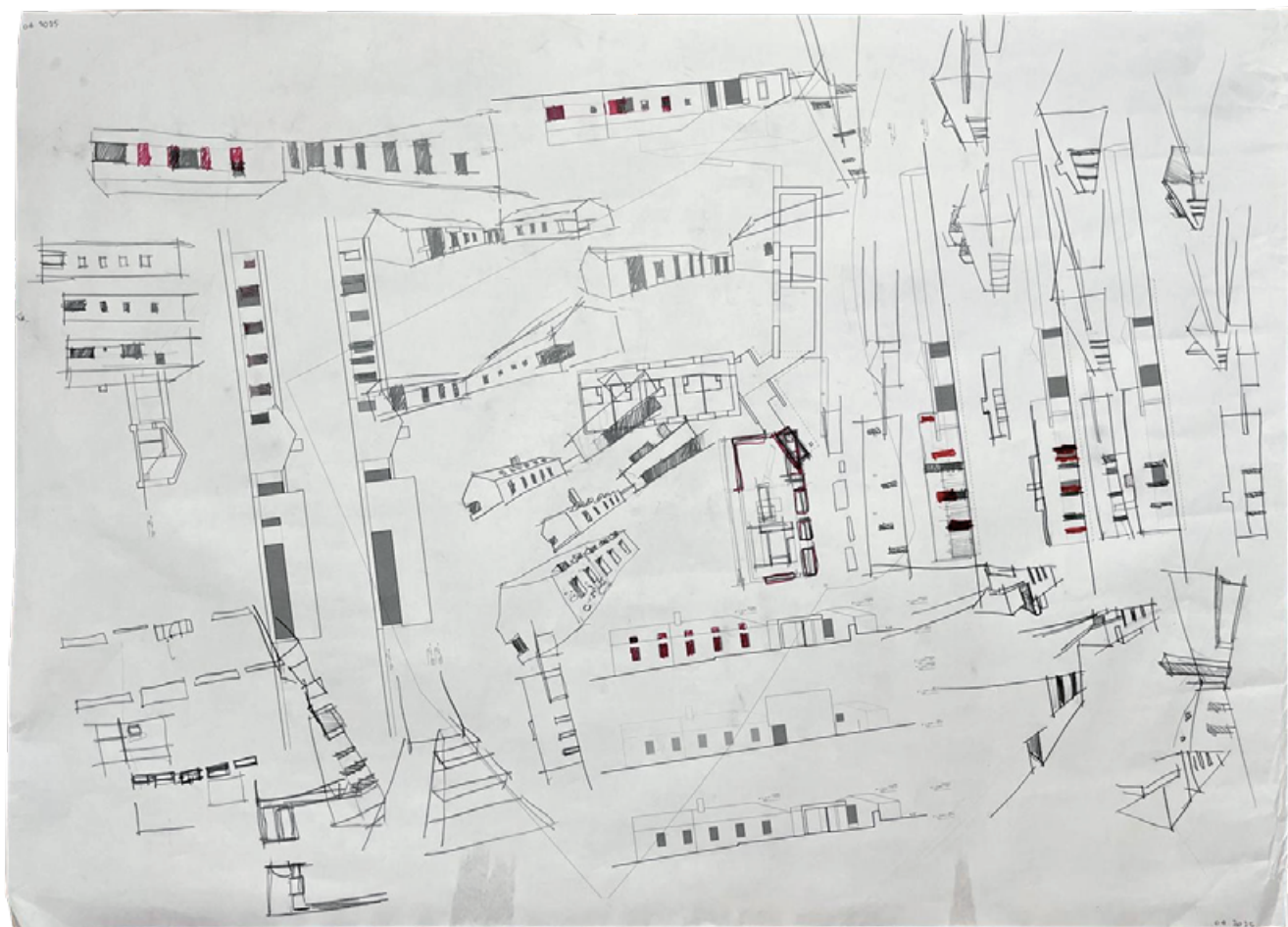
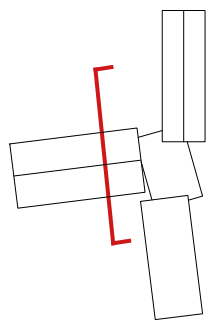


FIG 130
Folha de desenvolvimento do projeto

0m 10 cm 50 cm



Cumeeira

- 01. telhado de cumeeira
- 02. membrana em alumínio ventilada de remate
- 03. ripa de madeira
- 04. suporte de cumeeira
- 05. remate de cumeeira

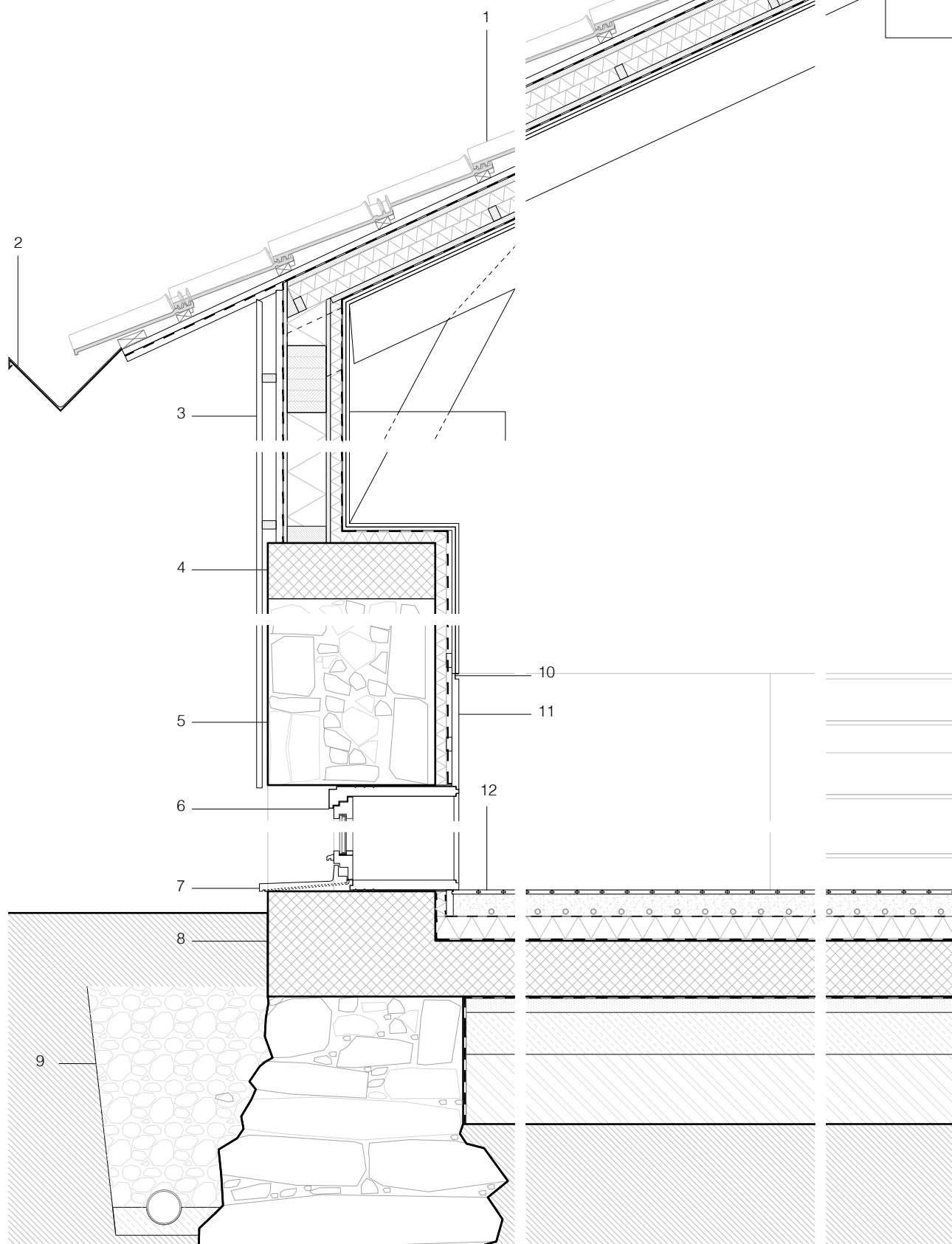
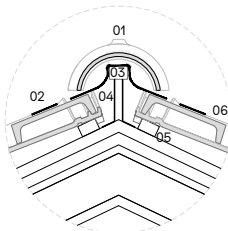
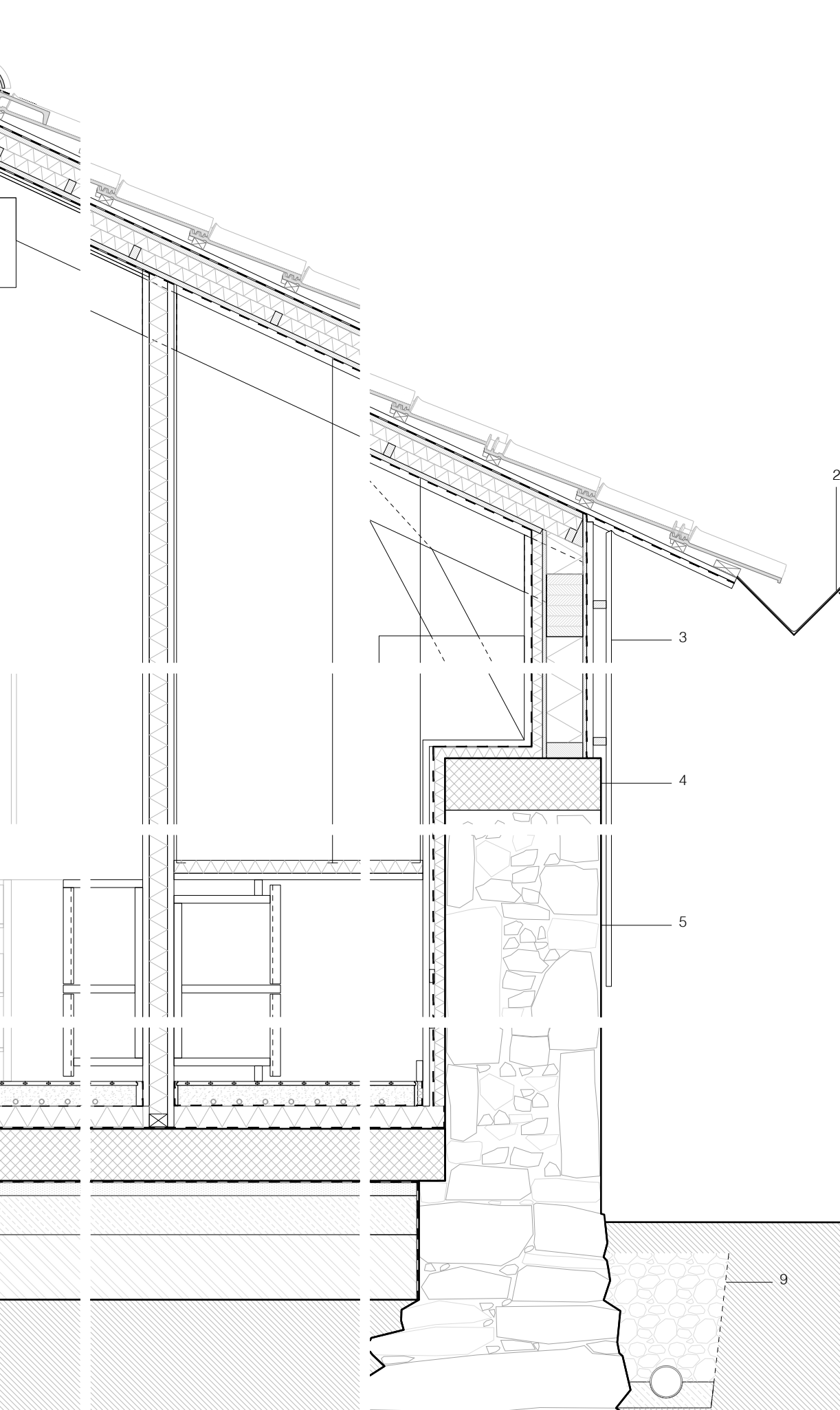


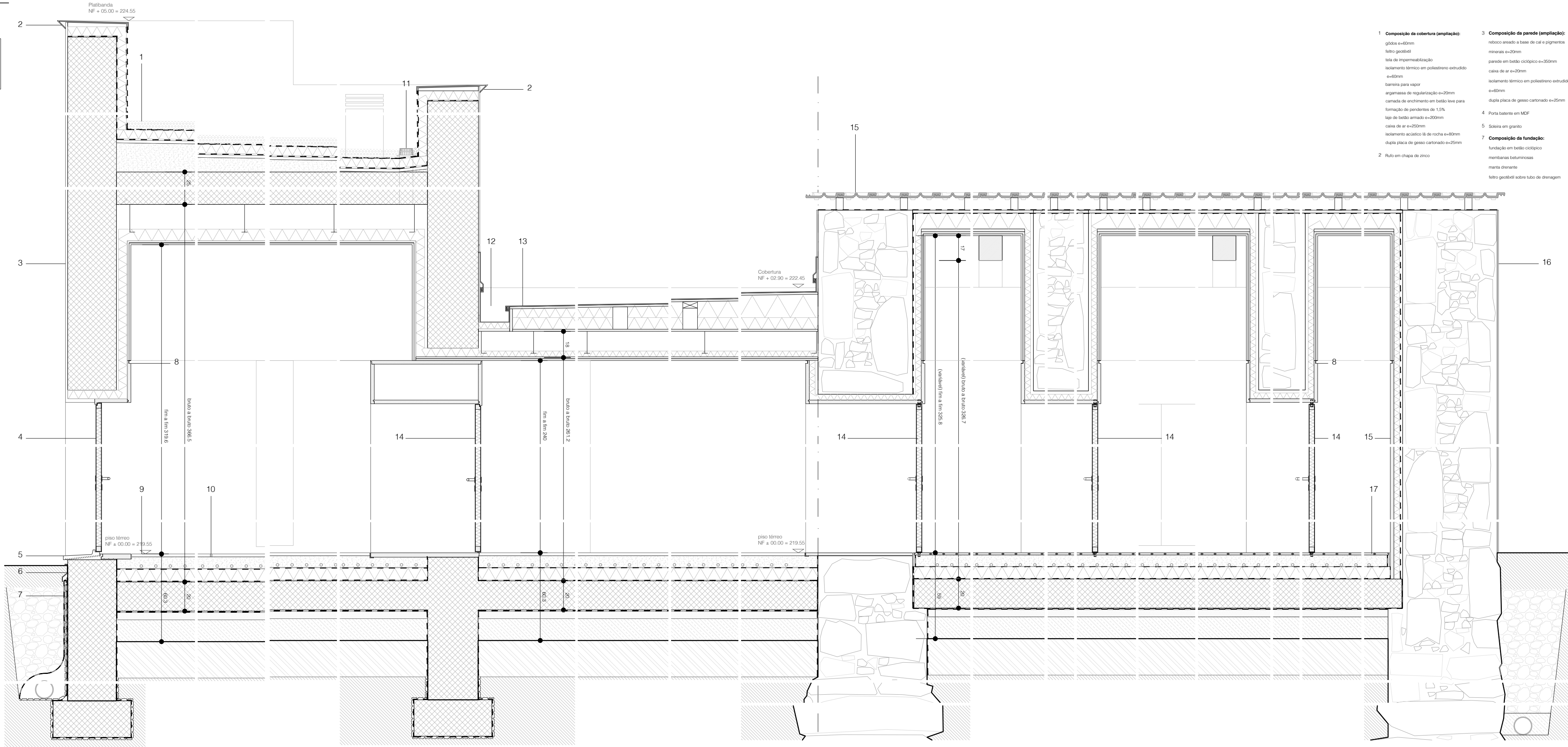
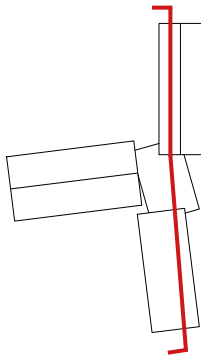
FIG 130

Corte construtivo proposto
| escala 1:20



- 1 **Composição da cobertura:**
 - telha lusa
 - ripa 30x50mm
 - contra-ripa 30x50mm
 - tela de impermeabilização
 - painel de OSB e=15mm
 - isolamento térmico e=100mm
 - painel de OSB e=15mm
 - barreira para-vapor
 - dupla placa de gesso cartonado e=25mm
 - asna de madeira 140x200mm
- 2 Calreira em zinco
- 3 **Composição da parede (ampliação):**
 - réguas de carvalho com tratamento autoclave
 - ripa 30x50mm
 - Ripado vertical de fixação de fachada ventilada em madeira 4,5x2,5 cm
 - Ripado horizontal de fixação de fachada ventilada em madeira 4,5x2,5 cm
 - tela de impermeabilização
 - painel de OSB e=15mm
 - isolamento térmico entre estrutura de madeira de 140x160mm e=160 mm
 - painel de OSB e=15mm
 - isolamento térmico e=40mm
 - barreira para-vapor
 - dupla placa de gesso cartonado e=25mm
- 4 Cinta em betão
- 5 **Composição da parede:**
 - parede existente em alvenaria de granito a ser revestida com impermeabilizante hidropelente, juntas refundadas e preenchidas com reboco a base de cal
 - caixa de ar e=20mm
 - isolamento térmico e=40mm
 - barreira para-vapor
 - dupla placa de gesso cartonado e=25mm
- 6 Caixilho de madeira com vidro duplo e portada interior em madeira
- 7 Soleira em granito
- 8 Lintel em betão
- 9 **Sistema de drenagem:**
 - gravilha
 - tubo de drenagem
 - caixa de brita e=150mm
- 10 Perfil em L em alumínio 14x20x1.5mm
- 11 Painel de madeira pintado a cor RAL 9001 e=20mm
- 12 **Composição do piso:**
 - soalho e=15mm
 - betonilha de regularização e enchimento com piso radiante e=80mm
 - membrana de separação
 - isolamento térmico e=50mm
 - massame de betão armado com rede malhasol e=150mm
 - impermeabilização com membrana plástica
 - feltro geotextil
 - betão de limpeza e=5mm
 - caixa de brita e=150mm
 - solo compactado

0m 10 cm 50 cm



- Composição da cobertura (ampliação):**
 - gôdolo e=60mm
 - feltro geotêxtil
 - tela de impermeabilização
 - isolamento térmico em poliestireno extrudido e=60mm
 - barreira para vapor
 - argamassa de regularização e=20mm
 - camada de enchimento em betão leve para formação de pendentes de 1.5%
 - laje de betão armado e=200mm
 - caixa de ar e=250mm
 - isolamento acústico la de rocha e=80mm
 - dupla placa de gesso cartonado e=25mm
- Rulo em chapa de zinco
- Composição da parede (ampliação):**
 - reboco areado a base de cal e pigmentos minerais e=20mm
 - parede em betão ciclopico e=350mm
 - caixa de ar e=20mm
 - isolamento térmico em poliestireno extrudido e=60mm
 - dupla placa de gesso cartonado e=25mm
- Porta batente em MDF
- Soleira em granito
- Composição da fundação:**
 - fundação em betão ciclopico
 - membranas betuminosas
 - manta drenante
 - feltro geotêxtil sobre tubo de drenagem
- Perfil em L em alumínio 14x20x1.5mm
- Composição do piso (ampliação):**
 - pavimento auto-nivelante de base cimentícia e=20mm
 - betonilha de regularização e enchimento com piso radiante e=80mm
 - membrana de separação
 - isolamento térmico e=80mm
 - massame de betão armado com rede malhasol e=150mm
 - tela de impermeabilização
 - feltro geotêxtil
 - betão de limpeza e=5mm
 - caixa de brita e=150mm
 - solo compactado
- Junta de dilatação do pavimento em alumínio e=10mm
- Rato de pinha para escoamento de águas pluviais
- Caldeira em zinco
- Composição da cobertura (fóyer):**
 - rulo em zinco
 - painel de OSB e=15mm
 - isolamento térmico de poliestireno extrudido entre estrutura de madeira 100x140mm
 - painel de OSB e=15mm
 - viga estrutural de madeira 120x180mm
 - dupla placa de gesso cartonado e=25mm
- Porta pivotante em MDF
- Panel de madeira pintado a cor RAL 9001 e=20mm
- Composição da cobertura:**
 - telha lusa
 - ripa 30x50mm
 - contra-ripa 30x50mm
 - calibros de madeira 50x80mm
 - tela de impermeabilização
 - painel de OSB e=15mm
 - isolamento térmico e=100mm
 - painel de OSB e=15mm
 - barreira para-vapor
 - dupla placa de gesso cartonado e=25mm
 - asna de madeira 140x160mm
- Composição da parede:**
 - parede existente em alvenaria de granito a ser revestida com impermeabilizante hidropelente, juntas refundadas e preenchidas com reboco a base de cal
 - caixa de ar e=20mm
 - barreira para-vapor
 - dupla placa de gesso cartonado e=25mm
 - painel de madeira e=20mm
- Composição do piso:**
 - soalho e=15mm
 - betonilha de regularização e enchimento com piso radiante e=80mm
 - membrana de separação
 - isolamento térmico e=50mm
 - massame de betão armado com rede malhasol e=150mm
 - tela de impermeabilização
 - feltro geotêxtil
 - betão de limpeza e=5mm
 - caixa de brita e=150mm
 - solo compactado
- Sistema de drenagem**
 - gravilha
 - tubo de drenagem
 - caixa de brita e=150mm

FIG 110
Corte construtivo proposto
| escala 1:20

[Representacional]

Como abordado anteriormente, a componente simbólica de um projeto pode contribuir para evidenciar sua lógica construtiva. A definição dos princípios que estruturam um objecto construído está relacionada, além de outros fatores, a geometria que o define. O sólido, por exemplo, é uma consequência geométrica da organização de superfícies em planos distintos articulados por vértices. As qualidades de definição do sólido estão assentes na manifestação significativa da espessura que os distingue da bidimensionalidade. Os atributos que evidenciam a percepção dessa solidez precisam fortalecer o carácter opaco, encerrado e maciço do sólido.

A coesão deste princípio manifesta-se na abertura pontual de vãos associada à escavação da massa, a fim de que a leitura da face do volume mantenha-se evidente. Os objetos arquitetónicos, para refletirem este princípio, requerem a clareza da espessura dos planos, o que consequentemente produz uma definição mais evidente do limite dos espaços que intermedeiam. A espessura necessária para a confirmação do carácter volumétrico aprofunda o distanciamento entre o interior e o exterior. Esta compreensão foi suscitada a partir da observação dos corpos preexistentes, cuja coerência formal evidencia a sua matriz geométrica a esta natureza tridimensional referida. Mediante esta compreensão, a estratégia projectual estruturou-se no sentido de transpor este princípio formal em variadas dimensões.

O desenho e redesenho dos alçados propostos baseiam-se na dimensão mínima em comum detetada entre os corpos pétreos preexistentes, de cerca de 420mm, consequência da proporção dos corpos. A malha gerada por esta unidade mínima permite garantir uma relação de proporção entre as aberturas e a volumetria, mas não só, assegura também que

haja proporcionalidade entre os cheios e vazios. A composição dos alçados pretendeu enfatizar a espessura parietal através de aberturas pontuais. Quanto à forma, as implicações construtivas de abertura de vãos nas paredes graníticas preexistentes exigiram que o desenho das aberturas fosse naturalmente verticalizado. Esta opção de desenho dos alçados foi consequência de restrições construtivas, mas também duma percepção da importância do contacto com o exterior ser emoldurado. A percepção do arquitecto Álvaro Siza descreve com precisão como o contacto com a paisagem parece mais profícuo quando não se dá de forma tão franca.¹²⁶ Essa distância controlada intensifica a percepção do exterior, transformando o contacto num processo de descoberta, em oposição a uma exposição direta e contínua que tende a esvaziar o seu significado. A inquietação de Álvaro Siza sugere como a relação com a paisagem pode ser desenhada como uma experiência de descoberta ao contrário de um contacto imposto.

A partir desta consideração, a pormenorização do desenho das aberturas pretendeu reforçar a profundidade e o emolduramento dos vãos ao assentar a caixilharia fora do plano da fachada. Esta atitude provoca um sombreamento do vão que evidencia a distinção entre os espaços que separa. Em alguns momentos esta profundidade permitiu o aproveitamento como espaço útil de assento, armazenamento, ou mesa de apoio.

Esta exploração da profundidade também norteou a lógica do desenho da organização espacial interna dos volumes. O esquema de distribuição dos espaços distanciou-se de um pensamento linear de divisões definidas por planos, e explorou um raciocínio de massas de ordenamento do espaço. A definição do espaço é garantida por elementos espessos que utilizam a área que disponibilizam para garantir a expres-

126. "Vivi numa casa antiga (...). Ao fim do primeiro mês da minha estadia naquela casa, não podendo deslocar-me para além da varanda, comecei a odiar a paisagem, que a partir daí se tornou obsessiva. Senti assim sempre e cada vez mais a necessidade de uma ligação entre o interior e o exterior não imediata e total, como o fora nas origens, nas ambições e na prática da arquitectura do movimento moderno."

VIEIRA, Álvaro Siza, 1998, *Imaginar a evidência*, Edições 70, Lisboa, p. 45.

são da profundidade. Para alguns autores, esta estratégia ou *operador projetual*¹²⁷, são denominados *muros equipados* ou *espessos*, *blocos técnicos*, e contribuem para condensar algumas funções e consequentemente dispor de “amplos espaços livres de qualquer restrição.”¹²⁸ A psicóloga e socióloga Monique Eleb destaca as possibilidades de concentração das funções que o bloco irá desempenhar e como podem estar associadas, por exemplo, a função térmica “(...) que centralizará todas as fontes de calor, limitando assim as perdas de calor para o exterior: aquecimento, água quente, ar pré-aquecido, forno, máquinas de lavar roupa, lareira, fogão.”¹²⁹, ou também à aglomeração de zonas húmidas. Quando instalada em pontos estratégicos da habitação, substitui a necessidade de uma divisória tradicional, comumente definida pelos 5 a 7 centímetros, “(...) o seu volume recria a noção de <limiar>”¹³⁰, e evidência a profundidade, como também realça a definição do limite, de passagem entre divisões.

Inverte-se a lógica corriqueira de tratar os serviços que uma casa precisa desempenhar como resíduos espaciais. Essas unidades úteis condensam algumas funções da habitação, ao mesmo tempo que cumprem com a delimitação do espaço, consequentemente oferecendo mais espaço livre¹³¹. O elemento que alberga as zonas sociais da habitação é organizado por um volume útil central que desempenha o papel de despensa, zona técnica, cozinha suja e limpa. Seu desenho reflete uma autonomia quanto às paredes da edificação em que está inserido, o que certifica a leitura da unidade volumétrica. A densidade de funções que este volume responde permite libertar totalmente o restante do espaço para a apropriação espontânea dos habitantes.

Já no corpo preexistente A, que dispõe as células individuais, a lógica de definição dos espaços é norteadada pelos ele-

127. SABATER, Txatxo; GUASCH, Ricard, 2018, *Novos Descritores, Novos Operadores Projetuais*, Ediciones del Viaducto, 1ª ed. portuguesa, trad. Luís Soares Carneiro, et al., Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo – FAUP, Porto.

128. ELEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie; MANDOU, Thierry, 1990, *Penser l'habité: le logement en questions: PAN 14*, 2ª ed., Pierre Mardaga, [s.l.], p. 62.

129. Idem. p. 128.

130. Idem p. 129.

131. Idem. p. 62.

mentos de arrumação. Neste caso a espessura contribui para reduzir a visibilidade destes cômodos individuais, que funcionam como franjas protetoras, que favorecem “o retiro de uma pessoa ou de um casal”¹³² e permitem proteger os outros “de uma intrusão (não desejada por nenhuma das partes)”¹³³.

132. Idem, p. 71.

133. Ibidem.

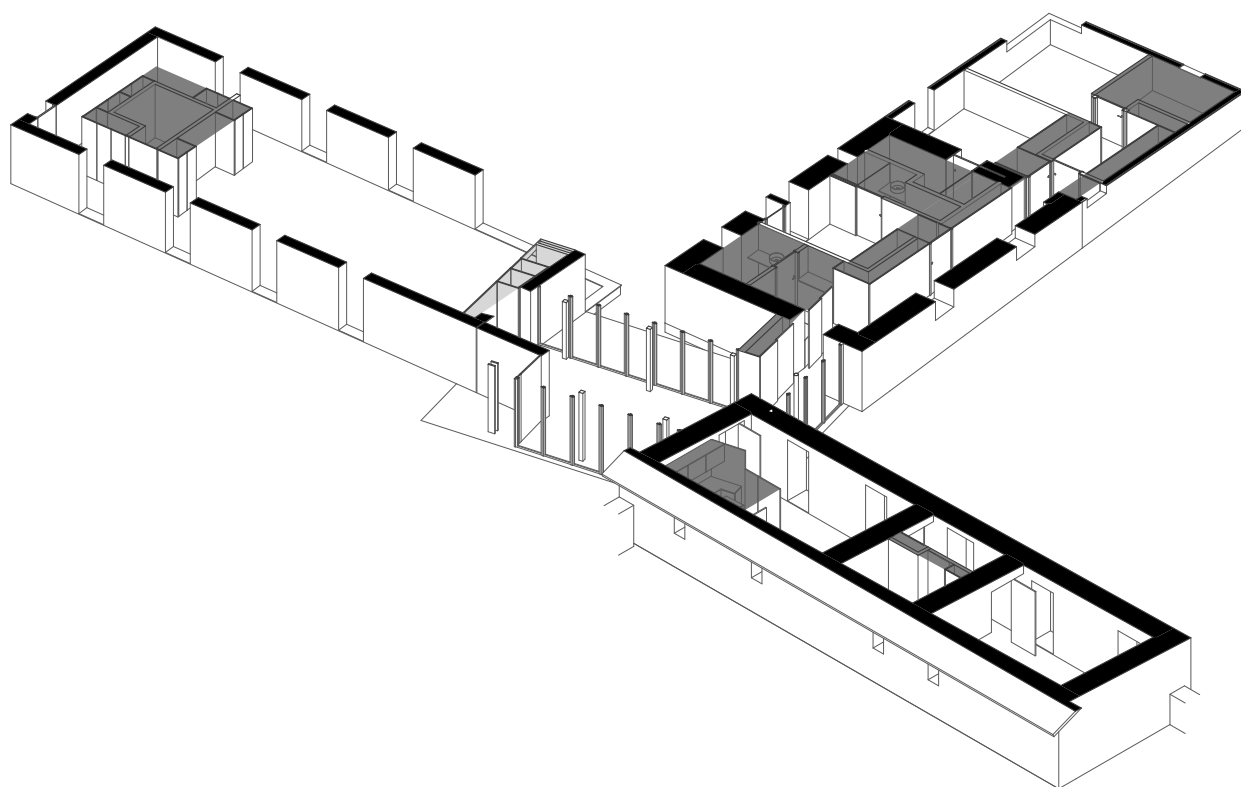


FIG 131
Axonometria do princípio regulador
da proposta

0m 1m 5m

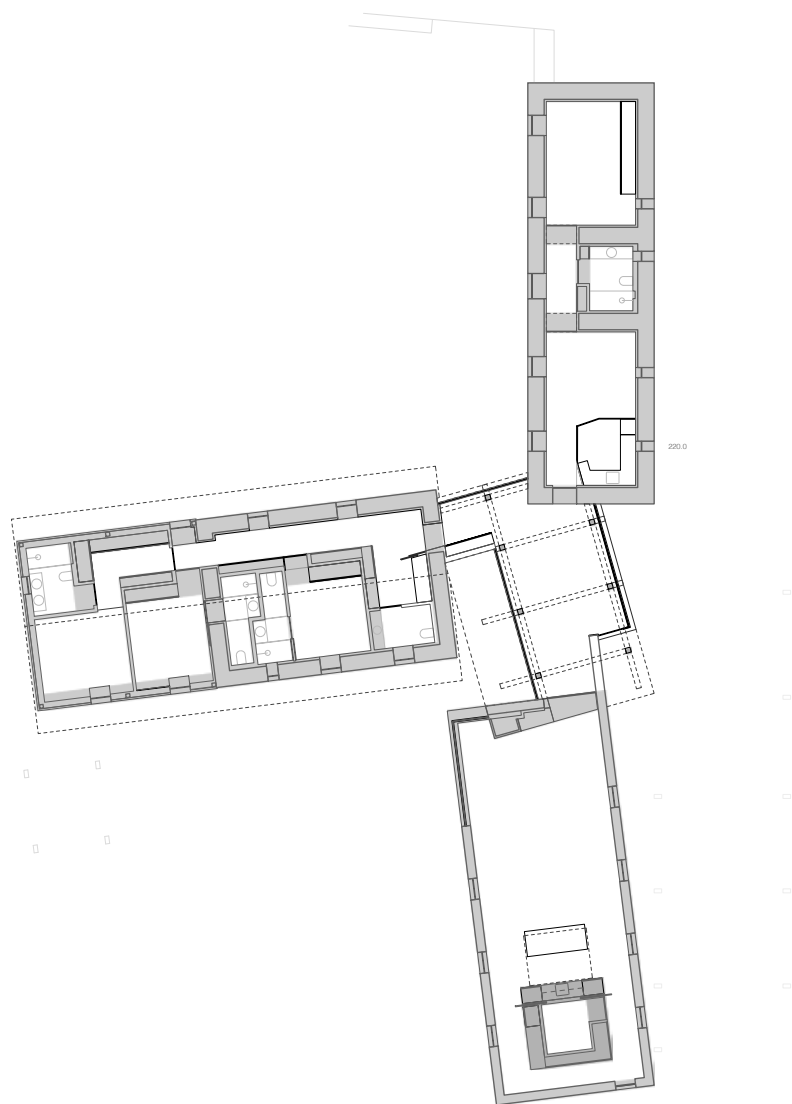


FIG132
Planta síntese da proposta

[Detalhe]

O cerne da proposta arquitectónica concentrou-se em sintetizar um princípio projectual que assegurasse a coerência da intervenção. O denominador comum perseguido consistiu no enfoque em refletir as transições ou pausas “que criam uma sensação de continuidade e passagem suave”¹³⁴ entre dimensões, ambientes, materiais e tempos.

134. VIEIRA, Álvaro Siza, 1998, *Imaginar a evidência*, Edições 70, Lisboa, p. 47.

135. Ibidem.

Deste modo, este fio condutor, que perpassa as diversas escalas do projecto, certificou que houvesse um pano de fundo coeso norteador da postura arquitectónica em diversos âmbitos. Esta premissa, não necessariamente consciente ao longo de todo o percurso, surge inicialmente de uma necessidade projectual concreta de refletir acerca da forma de articular os toques entre novos elementos e os antigos, mas, gradualmente, alargou-se conceptualmente como motor da proposta de intervenção.

A primeira articulação se dá na transição entre território público e o terreno privado através de um percurso de acesso ao interior do terreno, intermediado por uma rampa que vence a diferença de cotas de 45 centímetros, entre a estrada e o terreno. Disposta paralelamente à estrada e ao eixo norte-sul, a rampa prolonga o trajeto de entrada à habitação que contribui para reforçar a horizontalidade característica dos volumes preexistentes. O desenho pretendido não responde a uma necessidade puramente prática, no sentido que sua disposição orienta uma *desaceleração necessária*¹³⁵.

Em seguida, o acesso ao interior da habitação é permeado por uma membrana central, já abordada anteriormente, que conecta os corpos cirurgicamente sem se sobrepor aos elementos existentes. Esta cautela na relação que estabelece com os outros volumes não implica necessariamente que seja uma “construção sem carácter” ou nula,

ou seja, a autonomia da edificação pode ser mantida desde que conciliada com o preexistente¹³⁶. O desalinhamento da implantação desta membrana é a condição fundamental para assegurar sua distinção quanto aos outros corpos. A consequência geométrica dos encontros entre traçados distintos gera oportunidades de desenho para o projecto.

Aproximando um pouco mais, os pontos de contacto entre essa membrana central e os volumes existentes foram propostos de forma que a leitura das massas pétreas se mantivesse clara. Com este intuito, as paredes da membrana distanciaram-se das arestas dos corpos preexistentes a fim de salvaguardar a percepção de sua unidade volumétrica. O mesmo raciocínio foi empregue nas transições ao interior dos corpos preexistentes que são concebidas como aberturas pontuais estreitas a fim de não descaracterizar a superfície sólida.

Já a transição entre a membrana central e seu prolongamento (ambos novos elementos) que alberga o espaço coletivo de estar e cozinha exprime uma maior ambiguidade. A partir do ângulo dissonante da membrana, desenhou-se um *muro equipado* que dispõe a lareira e arrumos, e, para além disto, sua significativa profundidade demarca a distinção entre espaços. O desenho dessa transição orientou-se numa lógica de caixa dentro da caixa. Neste sentido, seu desenho perseguiu uma linguagem que evidenciasse a distinção entre o volume circunscrito ao volume maior que o envolve. Nesta zona de transição, foi introduzida uma variação ao contato entre elementos, distinta da maneira como se deu nos volumes preexistentes. Ao invés de demarcar a aresta do volume, propôs-se o prolongamento do plano da fachada em betão ciclópico do elemento que alberga as atividades coletivas. A compressão causada pela intersecção entre os dois

traçados oblíquos justificou a demarcação da porta de entrada ao interior da habitação.

Concluindo, buscou-se afirmar uma coerência global através de uma atitude deliberada de estabelecer transições pouco contrastantes. Esta articulação recorre a uma analogia conceptual que permite construir um diálogo com a linguagem expressiva do existente, por evitar tanto a reprodução literal ou a rutura. A escolha dos materiais a empregar na intervenção acompanha esta lógica, funcionando como um dispositivo de continuidade: a matéria não é apenas acabamento mas um meio de equilibrar a preexistência e a adição.

Optou-se por desenhar a ampliação do corpo habitacional (A) e a membrana intermédia entre corpos, recorrendo a uma materialidade presente no contexto e tradicionalmente associada a construções correntes no contexto rural. A madeira desempenha um papel estruturante, na medida em que permite comunicar com o existente. Contudo, seu desenho e pormenorização, introduzem diferenças face às técnicas construtivas tradicionais. Esta distinção evidencia-se, em particular, forma como a cobertura se relaciona com a estrutura, seja pelo seu posicionamento plano, ou pela sua sobreposição ao vigamento.

Por sua vez, o volume destinado aos espaços comuns é materializado em betão ciclópico com reboco areado à base de cal. Embora esta opção se afaste de uma linguagem estritamente tradicional, mantém uma relação de continuidade ao recorrer a agregados naturais e ligantes compatíveis, como a cal hidráulica. Assim sendo, a intervenção não se constrói por uniformização, mas através de uma hierarquia material: a madeira estabelece a transição, o betão ciclopico assume-se com maior distinção, e o reboco a base

de cal reestabelece uma textura e cromia capazes de dialogar com o lugar.

137 GREGOTTI, Vittorio, 1998, Prefácio, in VIEIRA, Álvaro Siza, *Imaginar a evidência*, Edições 70, Lisboa, p. 8.

A materialidade dos pavimentos propostos alinham-se com este raciocínio. Propõe-se que os elementos preexistentes sejam compostos em soalho, enquanto os elementos ampliados recorrem ao pavimento em argamassa autonivelante. O pavimento, torna-se, portanto, um instrumento de demarcação, capaz de assinalar a estrafigação do que era e o que se acrescenta.

Em síntese, este exercício projetual consolida-se como a procura de uma continuidade crítica, fundamentada na leitura atenta para articular transições suaves através de compatibilidades materiais e por detalhes que atualizam o sistema construtivo sem o desconfigurar. É através deste processo que o projeto se estrutura, articulando progressivamente os seus elementos em diálogos coerentes, nas quais a relação com o contexto se mantém como princípio orientador, sem recurso a contrastes ostensivos. Neste sentido, a leitura de Vittorio Gregotti acerca da atitude projetual de Álvaro Siza revela-se esclarecedora:

“Trata-se por fim de procurar por meio da escrita do desenho uma série de ressonâncias que progressivamente funcionem como partes de um todo, que mantenham a identidade das razões da sua origem contextual, mas que ao mesmo tempo se organizem em sequências, percursos, paragens calculadas, que se alinhem através de diferenças discretas na direção de um processo de diversidade necessária não ostentada, de escrita dos espaços e das formas do projecto.”¹³⁷



FIG 133
Vista superior da maquete da
proposta



FIG 134,135,136 e 137

Vista do alçado poente, norte, sul e nascente
e respectivamente de cima para baixo



FIG 138
 pormenor da zona intermédia proposta
 entre corpos



FIG 139
 Alçado nascente da maquete

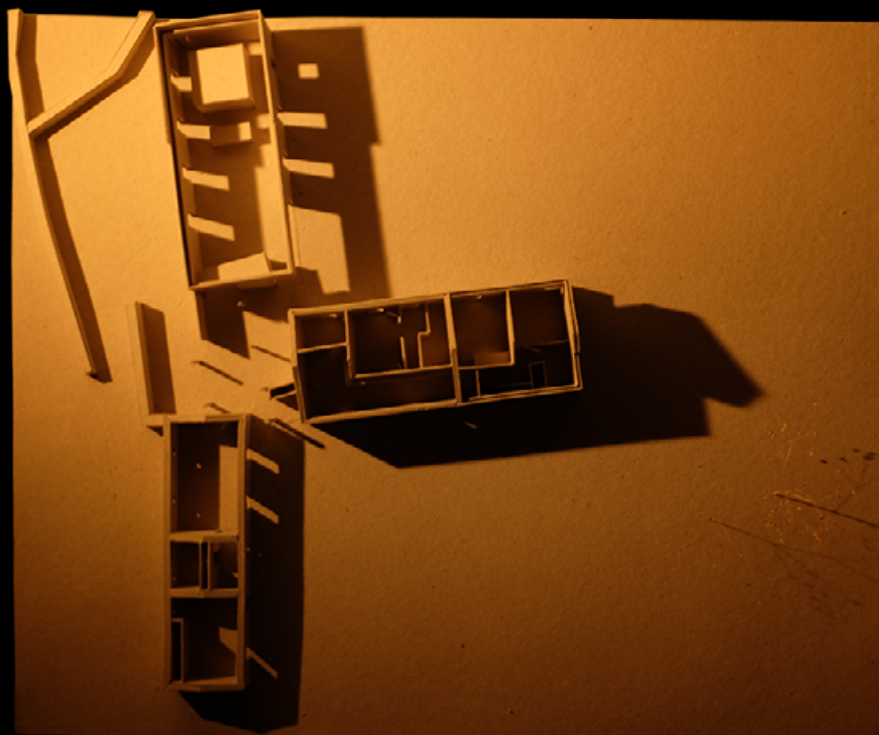
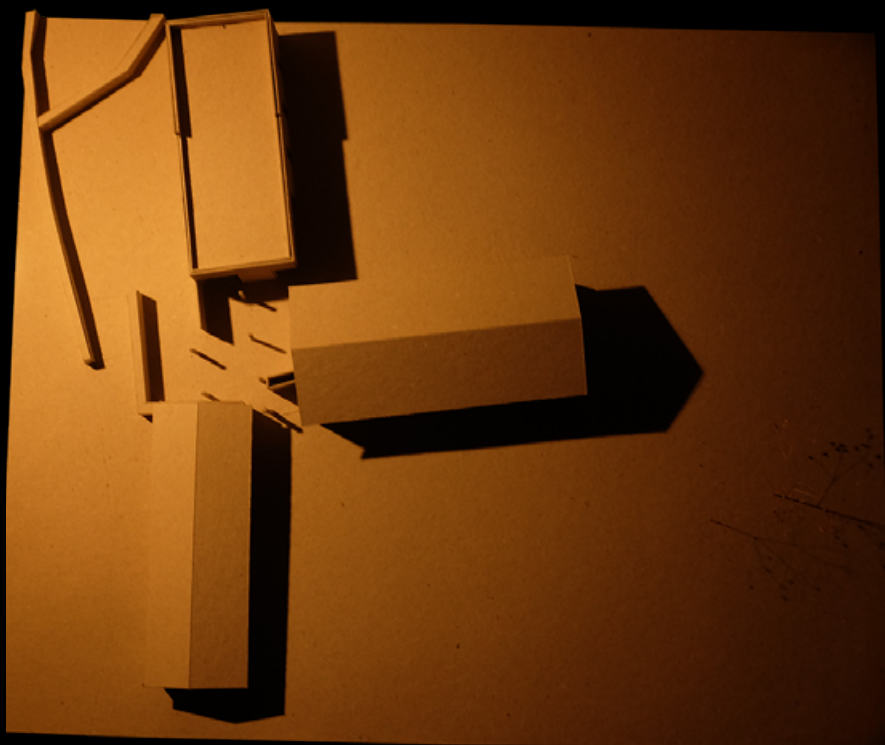


FIG 140 e 141
Maquete da proposta

notas conclusivas

“Quanto aos esforços da chamada ‘nova’ arquitetura para produzir algo sem precedentes e avançado (admitindo que a era moderna descobriu algumas ‘novas’ verdades — na realidade, descobriu muitas, tantas que Matisse chegou a exclamar: ‘Basta de novas verdades!’), aceitemos de uma vez por todas que uma obra verdadeiramente inédita e avançada não é aquela que recorre a um brilho superficial para provocar um impacto temporário e sensacional, nem aquela que procura surpreender através de contorções ostensivas e acrobáticas, baseadas em descobertas momentâneas, mas apenas aquela que se justifica por uma tradição viva e contínua, que perdura porque é posta à prova repetidamente em cada novo contexto, exprimindo de forma renovada experiências interiores, disciplinas cultivadas em silêncio e formas que foram verdadeiramente trabalhadas e retrabalhadas ao longo do tempo.”¹³⁸

O percurso desta dissertação é um indício da complexidade de vetores, influências, assuntos e possibilidades que envolvem o desenvolvimento de um projeto de arquitetura. A exposição deste percurso reforça algumas premissas defendidas ao longo do trabalho. Por um lado, corrobora para contrapor a tendência de utilizar fórmulas ou doutrinas específicas indiscriminadamente, e atesta que pode ser mais frutífero extrapolar restrições disciplinares do que, consequentemente contribui para uma visão de *Arquitectura* como suporte condensador das suas diversas áreas de atuação.

O trabalho conteve a ânsia de rotular e enquadrar o objeto de estudo numa disciplina específica, para, antes, avaliar os temas que o lugar sugeria. A limitação conceptual que poderia ocorrer é contornada através dum entender mais abrangente da *Arquitectura* como produto das relações entre os seus variados campos, não necessariamente conscientes na totalidade de seu processo. Esta maneira de encarar a *Arquitectura* permite entendê-la como um ato de *criação*¹³⁹ para além (mas sem desconsiderar) o interesse que o existente detém, e, por consequência, o debate extrapola o valor estático do antigo para dar lugar às questões de *Arquitetura*.

O pressuposto fundamental deste presente trabalho, que dá lugar ao seu título, advém da ideia que o sítio já condensa a complexidade necessária de temas a serem dialogados no projeto. A procura por repostas projetuais baseadas conceitos mirabolantes, e naturalmente arbitrários, distancia a solução do diálogo que poderia existir com o lugar da intervenção. Desta forma, recorreu-se à observação precisa dos elementos fundamentais do lugar para estabelecer um diálogo fértil entre o existente e a intervenção. O aforismo de Álvaro Siza de que “repetir nunca é repetir”¹⁴⁰ carrega implicitamente a ideia de que a repetição, pelo menos no meio

138. FRAMPTON, Kenneth, 1995, *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*, MIT Press, Cambridge, p. 374.

139. “Património não pode ser apenas aquilo que os antepassados (...) nos deixaram. O património resulta duma criação permanente e colectiva e o próprio acto de recuperação do património tem de ser um acto de criação e não um acto de rotina burocrática ou de capricho

arquitetónico, sempre implica uma distinção porque o enquadramento de cada projeto é sempre diferente quanto ao terreno, condições ambientais, contexto, programa, e assim por diante. Em outras palavras, a Arquitetura é essencialmente “produzida na sua própria transmissão, de projeto para projeto, de local para local, de cidade para cidade.”¹⁴¹

Posto isto, o exercício de projeto foi operado de forma estabelecer analogias através da oscilação entre a repetição e a diferença num espectro mais gradual do que extremo. O ato de *criar* reconhece e parte dos seus antecessores ao invés de negá-los, e estabelece uma repetição crítica, ou pelas palavras de Gilles Deleuze, *repetição diferente*, de forma a salvaguardar a coerência com o existente. A articulação da *diferença qualitativa*, contrária às *novidades gratuitas*¹⁴², resulta da posição crítica que busca adequar os modelos antecessores às circunstâncias e necessidades atuais. Enfatiza-se o surgimento da novidade não pelo confronto do que há, mas que parta dos interstícios do antigo. Ao descrever o plano de Álvaro Siza para a intervenção no Chiado, Jacinto Rodrigues sintetiza esta percepção ambígua: “O plano de Siza serve-se da memória para proporcionar inovação que não é nem mimetismo, nem ferida. Continuidade e descontinuidade metamorfoseiam-se.”¹⁴³

pessoal”

TÁVORA, Fernando, 2006, in COELHO, Paulo, *Fernando Távora*, Argumentum, Lisboa, p. 30.

140. VIEIRA, Álvaro Siza, *Imaginar a evidência*, Edições 70, Lisboa, p. 15.

141. JACOB, Sam, 2021, *The Good Copy*, in ALKEMADE, Floris; VAN IERSEL, Michel; OUBURG, Jarik; MINKJAN, Mark (eds.), *Rewriting Architecture 10 + 1 Actions: Tabula Scripta*, Valiz, Amsterdam, p. 250.

142. FRAMPTON, Kenneth, 1995, *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*, MIT Press, Cambridge, p. 267

143. RODRIGUES, Jacinto; ALVES, Luís Ferreira, Álvaro Siza: *obra e método*, Civilização, 1992, p. 37.

Bibliografia

ADRIL, 2023, Estratégia de Desenvolvimento Local – Vale do Lima Rural 2030, acessado em 11 de março de 2026, em: https://www.adril.pt/documentos/EDL_Memoria_descritiva20230811_final.pdf

ALKEMADE, Floris; VAN IERSEL, Michel; OUBURG, Jarik; MINKJAN, Mark (eds.), *Rewriting Architecture 10 + 1 Actions: Tabula Scripta*, Valiz, Amsterdam.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1987, *Novos Guias de Portugal: Alto Minho*, nº 5, Editorial Presença, Lisboa.

Alto Minho, 2024, *Recursos naturais*, acessado em 22 de novembro de 2024, em: <https://www.altominho.pt/pt/sobre/recursos-naturais/>

ANTUNES, Alfredo da Mata, 1988, *Arquitetura popular em Portugal*, nº 1, 3ª ed., Ordem dos Arquitectos, Lisboa.

AVILLA-ROYO, Raul; JACOBY, Sam; BILBAO, Ibon, 2021, *The Building as a Home: Housing Cooperatives in Barcelona*, Buildings, vol. 11, nº 4, art. 137, acessado em 11 de março de 2026, em: <https://doi.org/10.3390/buildings11040137>

Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, 2020, *Plano Municipal do Ambiente – Município de Arcos de Valdevez*, acessado em 5 de março de 2026, em: https://www.cmav.pt/cmav/uploads/document/file/4882/plano_municipal_do_ambiente.pdf

CANNATÀ, Michele; FERNANDES, Fátima, 1999, *Construir no Tempo*, in CANNATÀ, Michele; FERNANDES, Fátima, *Construir no Tempo = Building upon Time: Souto Moura, Rafael Moneo, Giorgio Grassi*, Estar, Lisboa, p. 7-10.

CARVALHO, Elza Maria Gonçalves Rodrigues de, 2016, *Lima internacional: Paisagens e espaços de fronteira*, nº 1691, Edições Afrontamento/CITCEM, Porto.

CAVACO, Carminda, 2004, *Desafios de desenvolvimento rural*, Finis-terra, vol. XXXIX, nº 78, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, p. 99-112.

CECILIA, Fernando Márquez; LEVENE, Richard C. (eds.), 2008, *Álvaro Siza: 2001/2008*, El Croquis, nº 140, El Croquis Editorial,

Madrid.

CIANCHETTA, Alessandra; MOLTENI, Enrico, 2004, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Gustavo Gili, Barcelona.

COSTA, Alexandre Alves, 2002, *A arte de construir a transformação*, Património Estudos, nº 3, Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), Lisboa.

COSTA, Alexandre Alves, 2003, *Cumplicidades*, Jornal Arquitectos, nº 213, Ordem dos Arquitectos, Lisboa.

COSTA, Alexandre Alves, 2003, *O Património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade*, Jornal Arquitectos, nº 213, Ordem dos Arquitectos, Lisboa.

COSTA, Alexandre Alves, 2007, *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*, 2ª ed. revista e aumentada, FAUP Publicações, Porto.

COVAS, António, 2006, *A Ruralidade do nosso tempo: decálogo para uma 2ª Modernidade*, in FONSECA, Maria Lucinda (coord.), *Desenvolvimento e território: espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares de turismo e lazer*, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Lisboa, p. 107-125.

DOMINGUES, Álvaro, 2003, *Paisagens rurais em Portugal: algumas razões da polémica*, Revista da Faculdade de Letras - Geografia, I série, vol. XIX, Porto, p. 111-117.

DOMINGUES, Álvaro, 2011, *Vida no Campo*, Dafne Editora, Porto.

ELEB-VIDAL, Monique; Bendimérad, Sabri, 2015, *Ensemble mais séparément: Les lieux de la cohabitation*, nº 14, Leroy Merlin Source, acessado em 22 de novembro de 2024, em: <https://www.leroymerlinsource.fr/habiter/chez-soi/ensemble-mais-separement-les-lieux-de-la-cohabitation-eleb/>

ELEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie; MANDOUL, Thierry, 1990, *Penser l'habité: le logement en questions: PAN 14*, 2ª ed., Pierre Mardaga, [s.l.].

EMERY, Marc, 1980, *Interview with Marc Emery*, in *L'Architecture d'Aujourd'hui* (edição especial sobre Álvaro Siza), n.º 211, outubro.

FERREIRA, Teresa Cunha; ORDÓÑEZ-CASTAÑÓN, David; FANTINI, Eleonora (eds.), 2023, *Fernando Távora: Conversas*, FAUP, Porto.

FERREIRA, Teresa Cunha; ORDÓÑEZ CASTAÑÓN, David; PÓVOAS, Rui Fernandes, *Escola do Porto: atlas do projeto em património arquitetónico*, FAUP/CEAU, 2023, p. 34-51.

FERREIRA, Teresa Cunha; et al., 2023, *Adaptive Reuse of Vernacular Built Heritage: Learnings from Alcino Cardoso House (1971–1991) by Álvaro Siza*, *Journal of Building Pathology and Rehabilitation*, vol. 8, art. 73, acedido em 15 de maio de 2026, em: <https://doi.org/10.1007/s41024-023-00301-6>

FRECHILLA, Javier Camoiras(ed.), 1986, *Arquitectura*, n.º 261, julho–agosto, Madrid.

FIGUEIREDO, Francisca Marques, 2024, *O reviver de uma memória. A reconversão da Casa do Outeiro em Agualonga*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto.

FRAMPTON, Kenneth, 1990, *Rappel à l'ordre: The Case for the Tectonic*, *Architectural Design*, vol. 60, n.º 3/4, p. 19-25.

FRAMPTON, Kenneth, 1995, *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*, MIT Press, Cambridge.

FRAMPTON, Kenneth; BARATA, André Martins, 1998, *Introdução ao estudo da cultura tectónica*, A.A.P. Contemporânea, Lisboa.

FRAMPTON, Kenneth; MOURA, Eduardo Souto de, 2020, *Kenneth Frampton e Souto de Moura debatem Siza em Serralves*, in *Diálogos Cruzados – Casa da Arquitectura*, YouTube (vídeo), 28 de janeiro de 2020; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wUbrZKaXO9Y&t=3820s>

FRASCARI, Marco, 1984, *The Tell-the-Tale Detail*, in BEHRENS, Paula, *Via 7: The Building of Architecture*, MIT Press, Cambridge, p. 23-27.

GUERREIRO, António, 2022, *Sob a condição da urbanização planetária*, in *Electra* 18, *Cidade, Campo Um Dossier*, Fundação EDP.

HERITAGE ATLAS PORTO, s.d., *Atlas of Architectural Heritage Design: Contributions from the School of Porto*, acedido em 22 de novembro de 2024, em: heritageatlasporto.arq.up.pt

IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera, s.d., Normais climatológicas, acedido em 20 de fevereiro de 2026, em: <https://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/>

MACHADO, Carlos, 2015, *Álvaro Siza and the Fragmented City*, *Athens Journal of Architecture*, vol. 1, n.º 3, p. 177-186, acedido em 22 de novembro de 2024, em: <https://doi.org/10.30958/aja.1-3-1>

MERI DE LA MAZA, Ricardo, MEJÍA VALLEJO, Clara Elena, 2021, *Naturalezas apropiadas en las primeras obras de Távora, Siza y Souto de Moura*, *ZARCH*, n.º 17, p. 108-121, acedido em 21 de agosto de 2025, em: https://doi.org/10.26754/ojs_zarch/zarch.2021175890

MOLDER, Maria Filomena, 2021, *A Arquitectura é um Gesto – Variações sobre um Motivo Wittgensteiniano*, Sr Teste, Lisboa.

MOURA, Eduardo Souto; TRIGUEIROS, Luiz (eds.), 2000, *Ambição a obra anónima* in *Eduardo Souto Moura*, Editorial Blau, Lisboa.

NAKAMURA, Toshio, 1989, *Álvaro Siza: 1954–1988*, A+U Architecture and Urbanism, Tokyo.

NORBERG-SCHULZ, Christian, 1980, *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli, New York.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, 1992, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Etnográfica Press, Lisboa, acedido em 10 de janeiro de 2026, em: <https://doi.org/10.4000/books.etnograficapress.6573>

ORDÓÑEZ-CASTAÑÓN, David, FERREIRA, Teresa Cunha, 2024, *Toward the Adaptive Reuse of Vernacular Architecture: Practices from the School of Porto*, *Heritage*, vol. 7, n.º 3, p. 1826-1849, acedido em 15 de maio de 2026, em: <https://doi.org/10.3390/heritage7030087>

- 1970–1980), Paris, p. 20.
- RIBEIRO, Orlando, 1961, *Geografia e Civilização – Temas portugueses*, Letra Livre, Lisboa.
- SABATER, Txatxo; GUASCH, Ricard, MALDONADO, Josep (co-lab.), 2018, *Novos Descritores, Novos Operadores Projetuais*, 1ª ed. portuguesa, trad. Luís Soares Carneiro, et al., Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo – FAUP, Porto.
- SILVA, Ana Sofia Pereira da, 2015, *La intimidad de la casa. El espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*, Diseño, Buenos Aires.
- SILVA, Luís, 2008, *Contributos para o estudo da pós-ruralidade em Portugal* in *Outro País – Novos Olhares, Terrenos Clássicos*, nº 4, Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, Lisboa.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de, 2006, *Intervenciones*, Gustavo Gili, Barcelona.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de, 2003, *Do contraste à analogia: Desenvol- vimentos do conceito de intervenção arquitetónica*, *Jornal Arquitectos*, nº 213, Ordem dos Arquitectos, Lisboa.
- TAVARES, André, 2004, *Quanto pesa um tijolo?*, texto introdutório in BANDEIRA, Pedro, *Projectos Específicos para Clientes Genéricos*, Civiliza- ção Editora, Lisboa.
- TÁVORA, Fernando, 1982, *Da Organização do Espaço*, FAUP, Porto.
- TÁVORA, Fernando, 1998, *Nulla dies sine linea: fragmentos de una con- versación con Fernando Tavora*, in *Revista DPA: Documents de Projectes d'Arquitectura*, nº 14, p. 8-13.
- VIEIRA, Álvaro Siza, 1998, *Imaginar a evidência*, Edições 70, Lisboa.
- VIEIRA, Álvaro Siza, MORAIS, Carlos Campos (org.), 2019, *01 Textos*, Parceria A. M. Pereira, Lisboa.
- VIEIRA, Álvaro Siza, *Maison Alcino Cardoso, Moledo do Minho*, 1971, in BEAUDOUIN, Laurent; ROUSSELOT, Christine, 1980, *L'Ar- chitecture d'Aujourd'hui*, nº 211 (Álvaro Siza, projets et réalisations
- ZAMBELETTI, Federica, 2022, *Co-Living in the Countryside*, Koo- zArch, entrevista a Charles Holland, acedido em 11 de março de 2026, em: koozarch.com/interviews/co-living-in-the-countryside
- ADRIL, s.d., acedido em 11 de março de 2025, em: adril.pt

índice de imagens

[FIG 1] Vista do interior da corte preexistente. Arcos de Valdevez, 2024. Fotografia da autora.

[FIG 2] Vista do interior da habitação preexistente. Arcos de Valdevez, 2024. Fotografia da autora.

[FIG 3] BOISSONNAS, Frédéric, *Frankish castle wall*, Parikia, Paros, 1919, Wikimedia Commons, domínio público, acessado em 28 de abril de 2026, em: commons.wikimedia.org/wiki/File:Tour_franque_du_Chateau_de_Parikia,_%C3%A0_Paros_-_Baud-bo-vy_Daniel_Boissonnas_Fr%C3%A9d%C3%A9ric_-_1919.jpg

[FIG 4] Localização do objeto de estudo. Desenho da autora baseado em dados do Google Earth, acessado em 28 de abril de 2026, em: earth.google.com/web/@41.89859114,-8.4215191,217.56073418a,135.05547745d,35y,-0.00080001h,36.1997173t,0r/data=CgRCAggBOgMKATBCAggASg0I_____ARAA?utm_source=earth7&utm_campaign=vine&hl=pt-BR

[FIG 5] Vale do Rio Vez, 1974. CALLIER-BOISVERT, Colette, 2004, *Soajo entre migrações e memória: estudos sobre uma sociedade agro-pastoril de identidade renovada*, trad. José Terra, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, p. 125.

[FIG 6] A serra da Peneda, terras de baldio, 1964. CALLIER-BOISVERT, Colette, 2004, *Soajo entre migrações e memória: estudos sobre uma sociedade agro-pastoril de identidade renovada*, trad. José Terra, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, p. 46.

[FIG 7] Prado no inverno, Soajo, 1964. CALLIER-BOISVERT, Colette, 2004, *Soajo entre migrações e memória: estudos sobre uma sociedade agro-pastoril de identidade renovada*, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, p. 127.

[FIG 8] Vale do Sistelo, 2018. FRAGATEIRO, Fernanda; ALMEIDA, Filipa Frois; RODRIGUES, Isabel, 2018, *A paisagem é / Descaminharte*, Município de Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, p. 13.

[FIG 9] Soajo, Branda do Murço, s.d. Postal ilustrado, Delcampe, acessado em 27 de maio de 2026, em: delcampe.net/en_US/collectibles/postcards/portugal/viana-do-castelo/soajo-branda-do-murco-2109990252.html

[FIG 10] Construção na envolvente próxima da área de intervenção. Arcos de Valdevez, 2024. Fotografia da autora.

[FIG 11] Desenho da autora baseado em dados do Google Earth, acessado em 28 de abril de 2026, em: earth.google.com/web/@41.89859114,-8.4215191,217.56073418a,135.05547745d,35y,-0.00080001h,36.1997173t,0r/data=CgRCAggBOgMKATBCAggASg0I_____ARAA?utm_source=earth7&utm_campaign=vine&hl=pt-BR

[FIG 12] Fotografia aérea do limite do terreno e construções existentes, Escala 1:5000. Fotografia manipulada pela autora proveniente do Google Earth, acessado em 28 de abril de 2026, em: earth.google.com/web/@41.89859114,-8.4215191,217.56073418a,135.05547745d,35y,-0.00080001h,36.1997173t,0r/data=CgRCAggBOgMKATBCAggASg0I_____ARAA?utm_source=earth7&utm_campaign=vine&hl=pt-BR

[FIG 13] Fotografia aérea do limite do terreno e construções existentes, Escala 1:2500. Fotografia manipulada pela autora proveniente do Google Earth, acessado em 28 de abril de 2026, em: earth.google.com/web/@41.89859114,-8.4215191,217.56073418a,135.05547745d,35y,-0.00080001h,36.1997173t,0r/data=CgRCAggBOgMKATBCAggASg0I_____ARAA?utm_source=earth7&utm_campaign=vine&hl=pt-BR

[FIG 14] Planta de implantação existente, Gondoriz. Desenho da autora.

[FIG 15,16,17 e 18] Vista 1,2,3 e 4. Desenho da autora elaborados *in loco*, a partir da observação do terreno estudado.

[FIG 19] A Rosa dos Ventos mostra quantas horas por ano o vento sopra na direção indicada. Gráfico manipulado pela autora com base em dados do Meteoblue, acessado em 28 de abril de 2026, em: meteoblue.com/pt/tempo/historyclimate/climatemodelled/arcos-de-valdevez-portugal_2742804

[FIG 20] Serra da Peneda, 1959. RIBEIRO, Orlando, 1961, *Geografia e Civilização, Temas Portugueses*, Letra Livre, Lisboa, p. 256.

[FIG 21] Exemplo de casa de granito extraído do livro Geografia e Civilização. Temas portugueses. s.l., s.d. RIBEIRO, Orlando, 1961, *Geografia e Civilização, Temas portugueses*, Letra livre, Lisboa, p. 248.

[FIG 22, 23 e 24] As construções preexistentes no terreno da intervenção. Arcos de Valdevez, 2024. Fotografias da autora.

- [FIG 25] Exemplo de muro de pasta e esteio de ramada. Barcelos, s.d. RIBEIRO, Orlando, 1961, *Geografia e Civilização, Temas portugueses*, Letra livre, Lisboa, p. 252.
- [FIG 26] Esteios em granito preexistentes no terreno da intervenção. Arcos de Valdevez, 2024. Fotografia da autora.
- [FIG 27] Vista das preexistências a partir da rua. Arcos de Valdevez, 2024. Fotografia da autora.
- [FIG 28 e 29] Plantas simplificada das preexistências, Escala 1:500. Desenho da autora.
- [FIG 30 a 35] Plantas, cortes e alçados das preexistências estudadas. Desenhos da autora.
- [FIG 36] Desenho da autora elaborados *in loco*, resultantes da observação do terreno estudado.
- [FIG 36] Planta de implantação. Desenho da autora.
- [FIG 38 a 47] Desenhos da autora elaborados *in loco*, resultantes da observação do terreno estudado.
- [FIG 48] Planta da construção A. Desenho da autora.
- [FIG 49] Planta de implantação. Desenho da autora.
- [FIG 50] Desenho da autora elaborados *in loco*, resultantes da observação do terreno estudado.
- [FIG 51 a 53] Nostalghia, Andrei Tarkovski, 1983 [Filme]. TARKOVSKI, Andrei, 1983, Nostalghia, imagens extraídas do filme.
- [FIG 54] PALACIOS Rafael Macías, s.d. *Home is Not a House: Tatiana Bilbao on Domesticity and Care*, KoozArch, acedido em 24 de novembro de 2025, disponível em: www.koozarch.com/interviews/home-is-not-a-house-tatiana-bilbao-on-domesticity-and-care
- [FIG 55] Esquema conceptual acerca dos graus de privacidade numa habitação. HUBERT, B. J.; ROY, M., 1990, *Les gradations: de l'intime au « commun public »*, in ELEB-VIDAL, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie; MANDOUL, Thierry, *Penser l'habité: le logement en questions: PAN 14*, 2.^a ed., Pierre Mardaga, [s.l.], p. 81.
- [FIG 56] Desenho original de estudo “à mão levantada” do arquiteto Álvaro Siza. Arquivo Álvaro Siza, Fundação Serralves, SIZA VIEIRA, Álvaro, s.d., Capa A0 com peças desenhadas – 26 doc., código de referência PT/FS/ASV/12-1/X2, Arquivo Álvaro Siza, Fundação de Serralves, acedido em 27 de fevereiro de 2025, em: arquivos.serralves.pt/descriptions/73536
- [FIG 57] Conjunto de estudos de de Eduardo Souto de Moura para o projecto do Mercado de Braga. SOUTO DE MOURA, Eduardo, s.d., *Mercado de Carandá, Braga*, in AV Monografias, n.º 151, *Souto de Moura (1980–2012)*, p. 24.
- [FIG 58] Mercado de Braga, 2001, MAGALHÃES, Manuel, 2011, *Mercado de Carandá, Braga*, in AV Monografias, n.º 151, *Souto de Moura (1980–2012)*, p. 24.
- [FIG 59] Entrada da casa de Alcino e Zilda Cardoso. Moledo do Minho, 2024. Fotografia da autora.
- [FIG 60] Pátio/eido de acesso a casa de Alcino e Zilda Cardoso Moledo do Minho, 2024. Fotografia da autora.
- [FIG 61] Vista aérea da casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Minho, 1997. TRIGUEIROS, Luiz, BARATA, Paulo Martins, 1997, *Álvaro Siza: 1954–1976*, Blau, Lisboa, p. 149.
- [FIG 62] Vista aérea da casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Minho, 1992. RODRIGUES, Jacinto; ALVES, Luís Ferreira, 1992, *Álvaro Siza: obra e método*, Civilização, p. 104–105.
- [FIG 63] Esquissos do processo de Álvaro Siza para a proposta de intervenção na casa de Alcino e Zilda Cardoso, 1970-1973. Arquivo Álvaro Siza, Fundação Serralves, SIZA VIEIRA, Álvaro, s.d., Capa A0 com peças desenhadas – 26 doc., código de referência PT/FS/ASV/12-1/X2, Arquivo Álvaro Siza, Fundação de Serralves, acedido em 27 de fevereiro de 2025, em: arquivos.serralves.pt/descriptions/73536
- [FIG 64 e 65] Esquissos de estudo da relação volumétrica entre elementos da obra. Casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Minho, 1970-1973. Arquivo Álvaro Siza, Fundação Serralves, SIZA VIEIRA, Álvaro, s.d., Capa A0 com peças desenhadas –

26 doc., código de referência PT/FS/ASV/12-1/X2, Arquivo Álvaro Siza, Fundação de Serralves, acedido em 27 de fevereiro de 2025, em: arquivos.serralves.pt/descriptions/73536

[FIG 66] Desenhos de aprofundamento da conexão entre o novo volume e a preexistência. Casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Minho, 1970-1973. Arquivo Álvaro Siza, Fundação Serralves, SIZA VIEIRA, Álvaro, s.d., Capa A0 com peças desenhadas – 26 doc., código de referência PT/FS/ASV/12-1/X2, Arquivo Álvaro Siza, Fundação de Serralves, acedido em 27 de fevereiro de 2025, em: arquivos.serralves.pt/descriptions/73536

[FIG 67 a 72] Desenhos de planta, cortes e alçados, desenvolvidos pela autora baseados na documentação do Arquivo Álvaro Siza, Fundação Serralves, SIZA VIEIRA, Álvaro, s.d., Capa A0 com peças desenhadas – 26 doc., código de referência PT/FS/ASV/12-1/X2, Arquivo Álvaro Siza, Fundação de Serralves, acedido em 27 de fevereiro de 2025, em: arquivos.serralves.pt/descriptions/73536

[FIG 73] Planta de demonições e contruções. Desenvolvida pela autora baseada em FERREIRA, Teresa Cunha; ORDÓÑEZ CASTAÑÓN, David; PÓVOAS, Rui Fernandes, *Escola do Porto: atlas do projeto em património arquitectónico*, FAUP/CEAU, 2023, p. 34-51.

[FIG 74 e 75] Casa Alcino Cardoso, Moledo do Minho, 2024. Fotografia da autora.

[FIG 76] Casa Alcino Cardoso, Moledo do Minho, 1997. TRIGUEIROS, Luiz, 1997, *Casa Alcino Cardoso – Moledo do Minho (1971–1973)*, in *Álvaro Siza: 1954–1976*, Blau, Lisboa, p. 137.

[FIG 77 e 78] Casa Alcino Cardoso, Moledo do Minho, 1992. RODRIGUES, Jacinto; ALVES, Luís Ferreira, 1992, *Álvaro Siza: obra e método*, Civilização, p. 107.

[FIG 79] Casa Alcino Cardoso, Moledo do Minho, 2024. Fotografia da autora.

[FIG 80 e 81] Desenhos de planta, cortes e alçados, desenvolvidos pela autora baseados na documentação do Arquivo Álvaro Siza, Fundação Serralves, SIZA VIEIRA, Álvaro, s.d., Capa A0 com peças desenhadas – 26 doc., código de referência PT/FS/ASV/12-1/X2, Arquivo Álvaro Siza, Fundação de Serralves, acedido em 27 de fevereiro de 2025, em: arquivos.serralves.pt/descriptions/73536

[FIG 82 e 83] Plantas simplificada da intervenção de Álvaro Siza. Desenvolvidos pela autora baseados na documentação do Arquivo Álvaro Siza, Fundação Serralves, SIZA VIEIRA, Álvaro, s.d., Capa A0 com peças desenhadas – 26 doc., código de referência PT/FS/ASV/12-1/X2, Arquivo Álvaro Siza, Fundação de Serralves, acedido em 27 de fevereiro de 2025, em: arquivos.serralves.pt/descriptions/73536

[FIG 84] Planta da casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Minho, 2024. Desenho desenvolvidos pela autora baseados na documentação do Arquivo Álvaro Siza, Fundação Serralves, SIZA VIEIRA, Álvaro, s.d., Capa A0 com peças desenhadas – 26 doc., código de referência PT/FS/ASV/12-1/X2, Arquivo Álvaro Siza, Fundação de Serralves, acedido em 27 de fevereiro de 2025, em: arquivos.serralves.pt/descriptions/73536

[FIG 85] Zona de transição A. Casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Minho, 2024. Fotografia da autora.

[FIG 86 e 87] Esquícios do desenvolvimento do ponto de ligação entre o novo e antigo, 1970-1973. Arquivo Álvaro Siza, Fundação Serralves, SIZA VIEIRA, Álvaro, s.d., Capa A0 com peças desenhadas – 26 doc., código de referência PT/FS/ASV/12-1/X2, Arquivo Álvaro Siza, Fundação de Serralves, acedido em 27 de fevereiro de 2025, em: arquivos.serralves.pt/descriptions/73536

[FIG 88 e 89] Zona de transição B. Casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Mi-

nho, 2024. Fotografias da autora.

[FIG 90 e 91] Casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Minho, 2024. Fotografia da autora.

[FIG 92] Casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Minho, 2024. Fotografia da autora.

[FIG 93 a 97] Desenhos desenvolvidos pela autora baseados na documentação do Arquivo Álvaro Siza, Fundação Serralves, SIZA VIEIRA, Álvaro, s.d., Capa A0 com peças desenhadas – 26 doc., código de referência PT/FS/ASV/12-1/X2, Arquivo Álvaro Siza, Fundação de Serralves, acedido em 27 de fevereiro de 2025, em: arquivos.serralves.pt/descriptions/73536

[FIG 98 e 99] Casa de Alcino e Zilda Cardoso, Moledo do Minho, 2024. Fotografia da autora.

[FIG 100] Maquete da proposta de intervenção. Fotografia da autora.

[FIG 101] Axonometria do existente. Desenho da autora.

[FIG 102] Axonometria das demolições e construções. Desenho da autora.

[FIG 103] Axonometria da proposta de intervenção. Desenho da autora.

[FIG 104 a 106] Processo do projeto em maquete. Fotografias da autora.

[FIG 107] Esquissos do processo do projeto. Desenhos da autora.

[FIG 108] Maquete da proposta final. Fotografia da autora.

[FIG 109] Planta síntese dos alinhamentos. Desenhos da autora.

[FIG 110] Esquissos do processo do projeto. Desenhos da autora.

[FIG 111 a 113] Conjunto de esquissos de estudos das volumetrias. Desenhos da autora.

[FIG 114] Corte construtivo pelo corpo da habitação. Desenho da autora.

[FIG 115 a 119] Planta, cortes e alçados de demolições e construções. Desenhos da autora.

[FIG 120] Planta do proposto. Desenhos da autora.

[FIG 120] Planta de cobertura. Desenho da autora.

[FIG 121] Planta de cobertura. Desenho da autora.

[FIG 122 a 126]] Planta, cortes e alçados propostos. Desenhos da autora.

[FIG 127] Esquissos de estudo dos alçados. Desenhos da autora.

[FIG 128] Folha de desenvolvimento do projeto. Desenhos da autora.

[FIG 130] Corte construtivo proposto. Desenho da autora.

[FIG 131] Axonometria do princípio regulador da proposta. Desenho da autora.

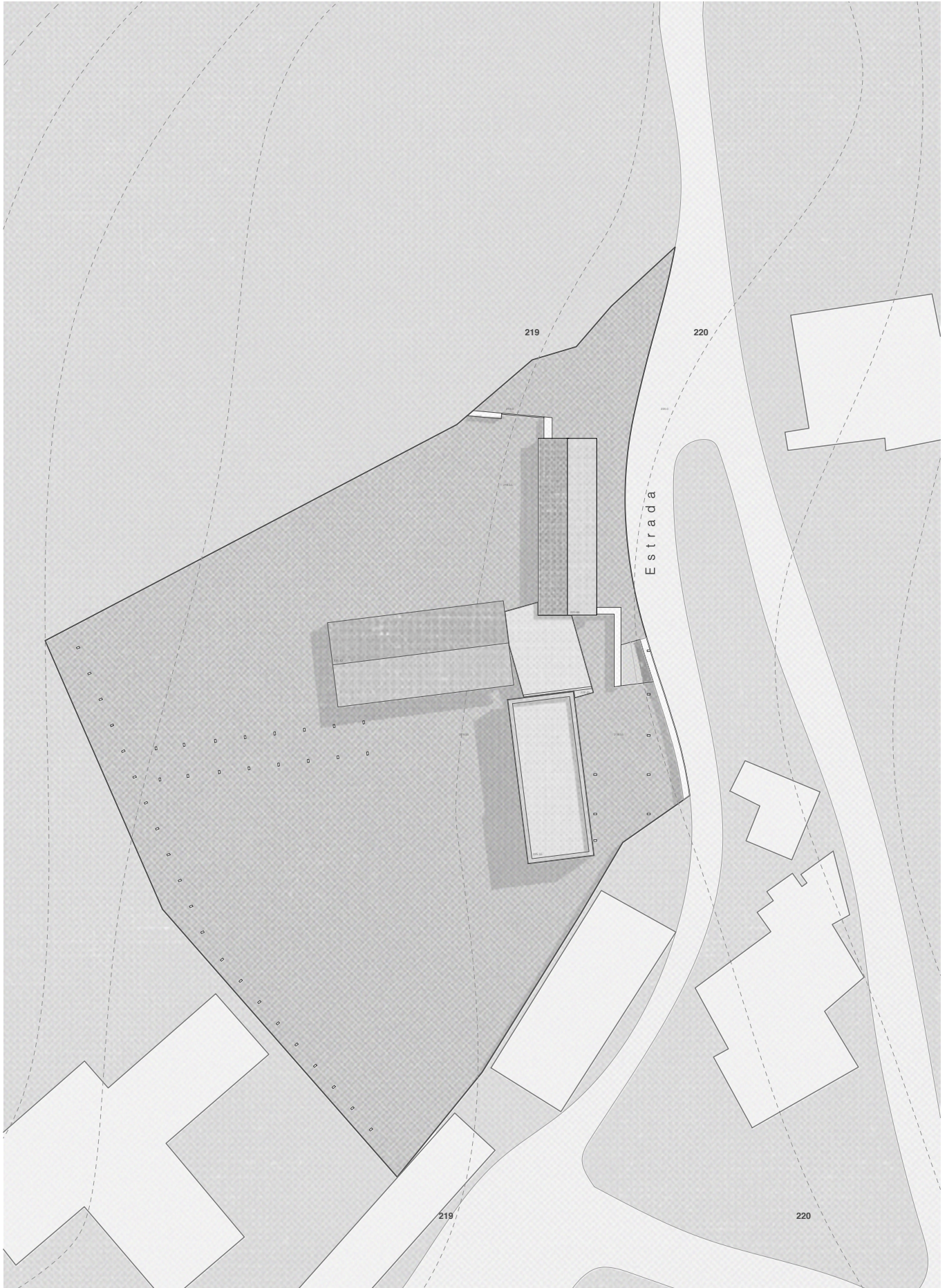
[FIG 132] Planta síntese da proposta. Desenho da autora.

[FIG 133 a 141] Fotografias da maquete da proposta. Fotografias da autora.

Apêndice I : Desenhos Rigorosos

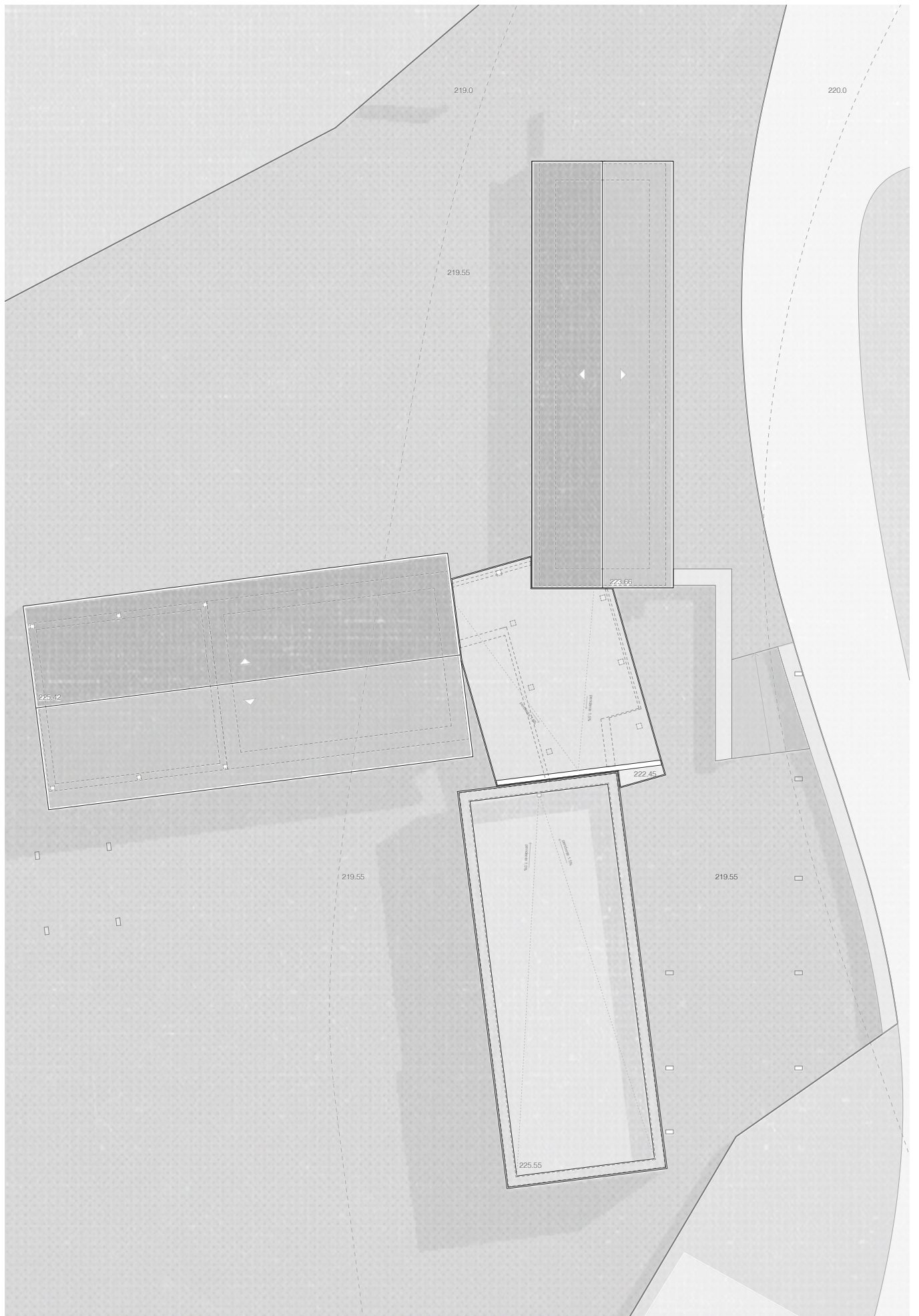


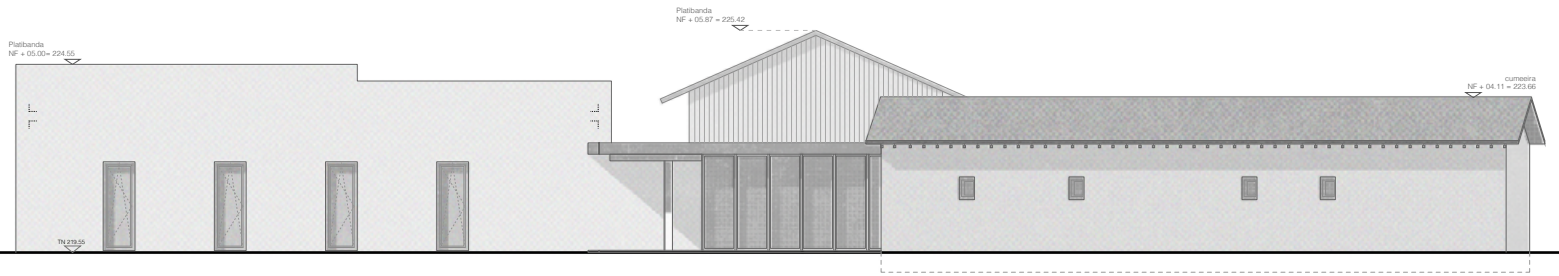
0m 5m 10m



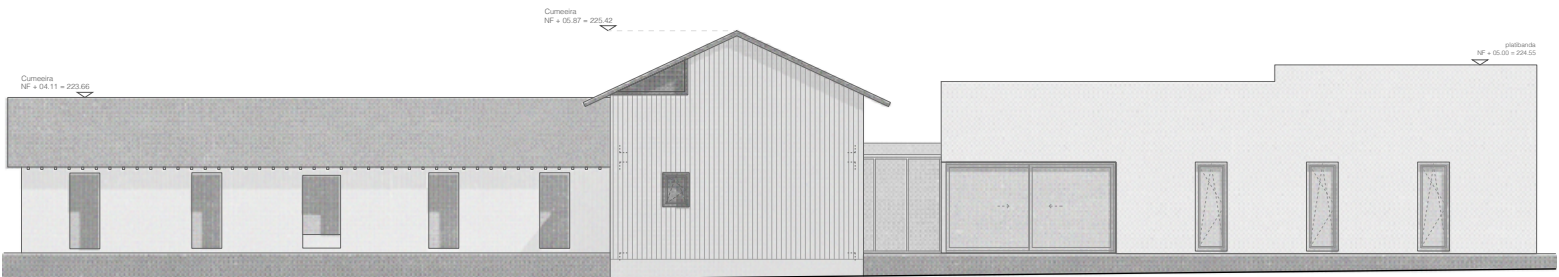
Implantação proposta



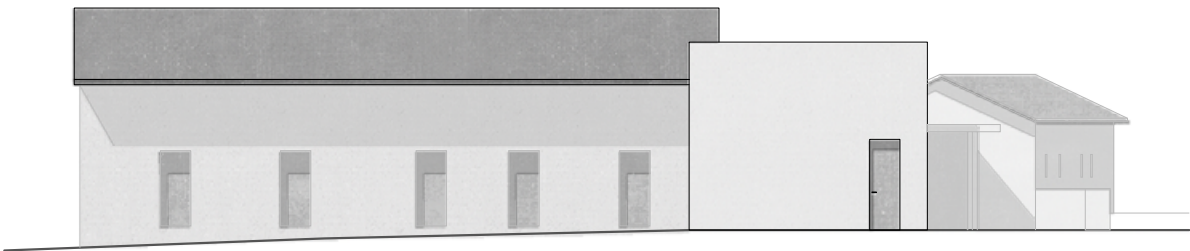




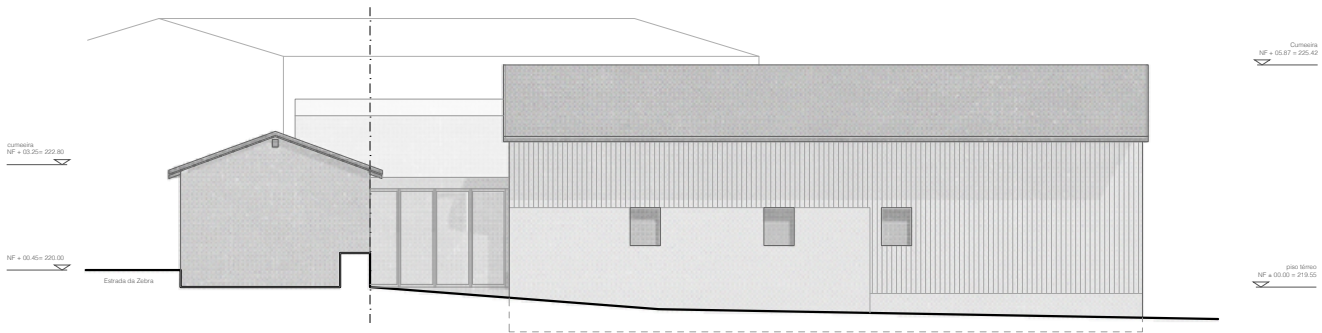
Alçado Nascente Proposto



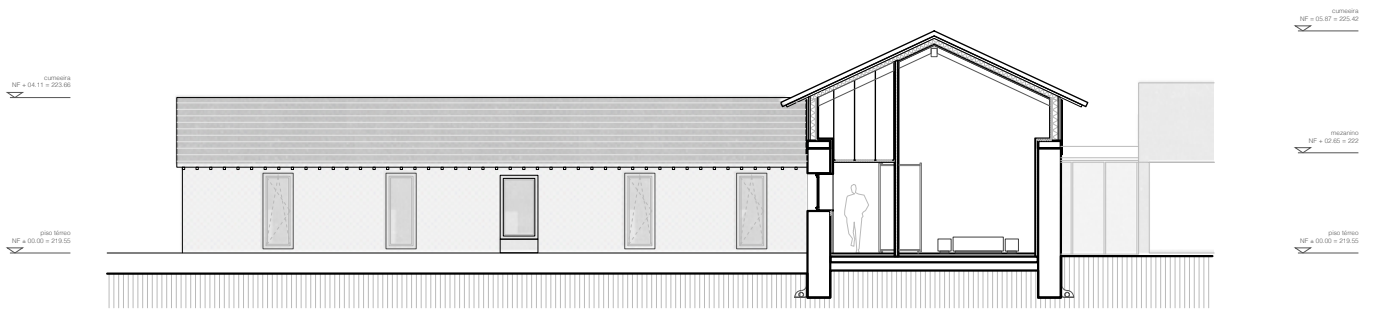
Alçado Poente Proposto



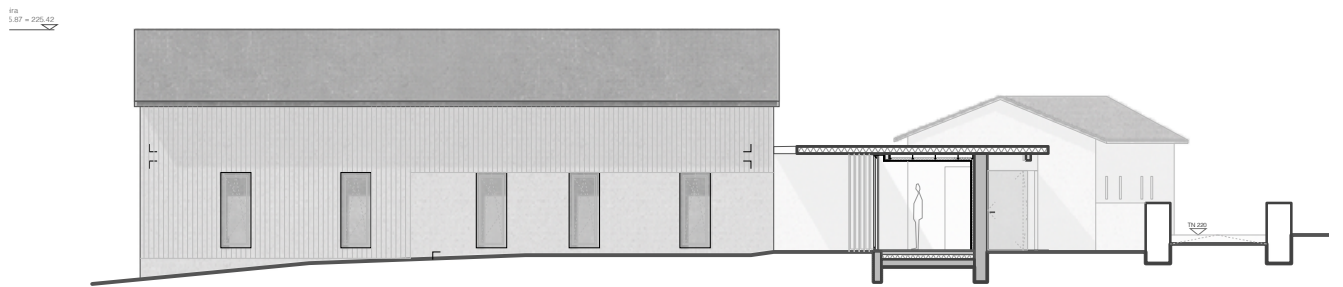
Alçado Sul Proposto



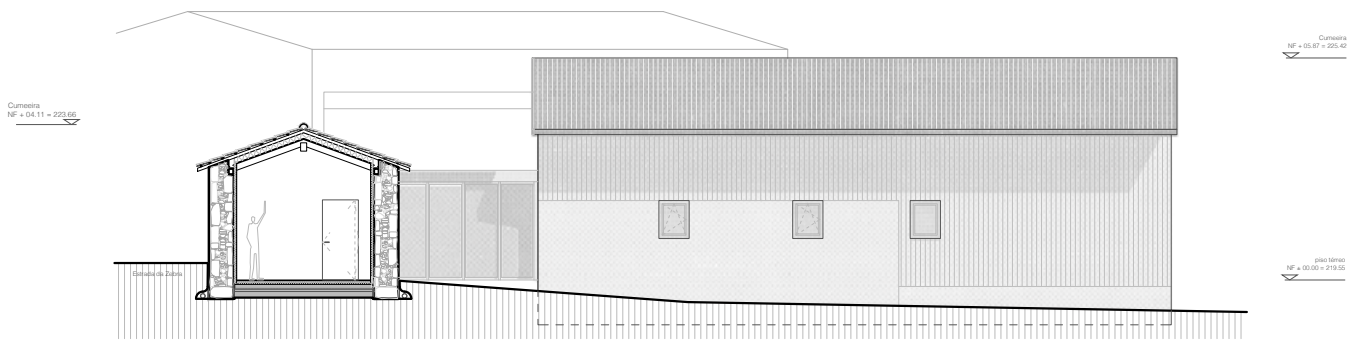
Alçado Sul Proposto



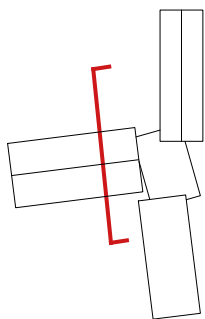
Corte CC' Proposto



Corte BB' Proposto

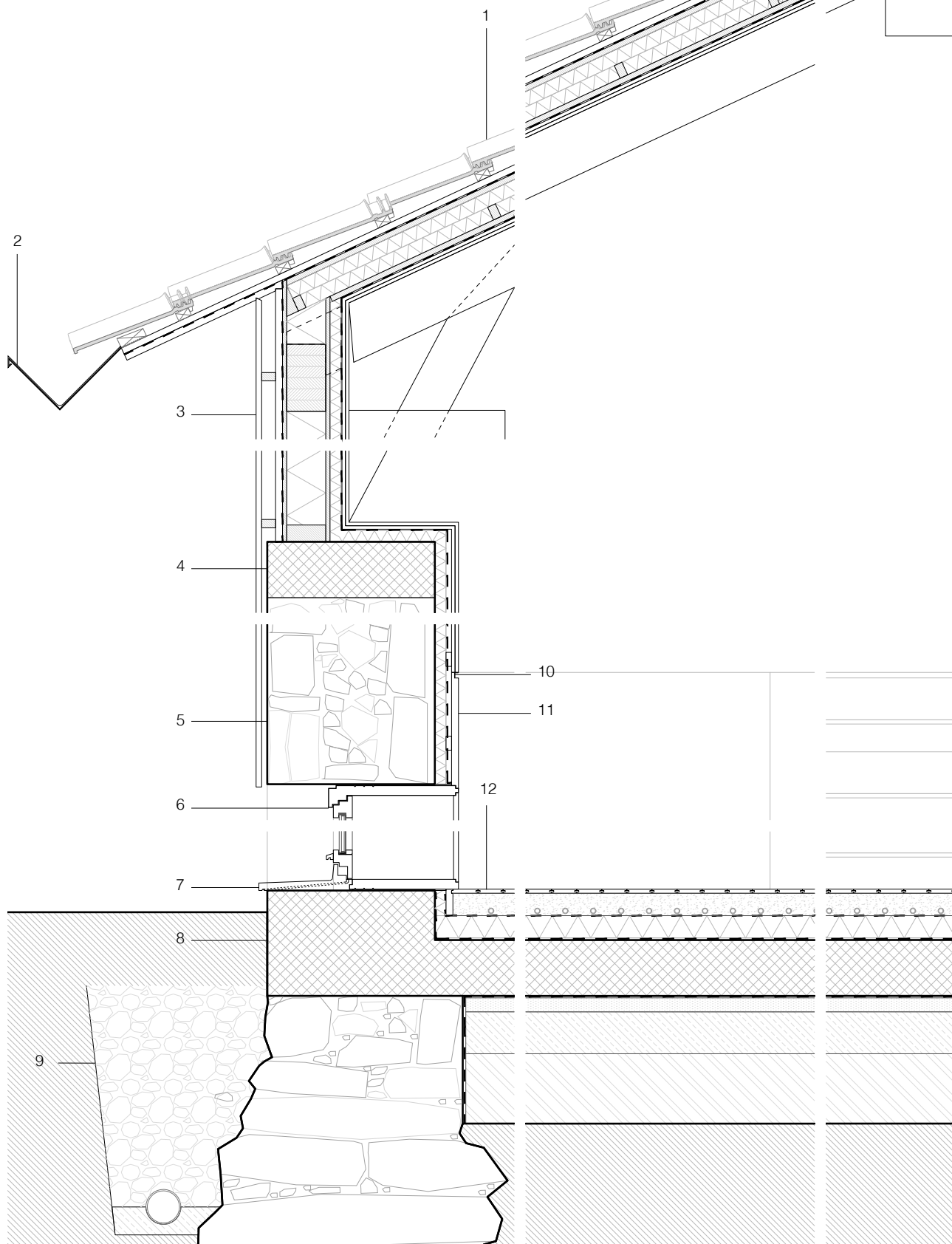
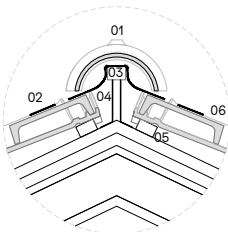


Corte CC' Proposto



Cumeira

- 01. telhado de cumeira
- 02. membrana em alumínio ventilada de remate
- 03. ripa de madeira
- 04. suporte de cumeira
- 05. remate de cumeira



Tabula Scripta

Proposta de intervenção para pré-existências rurais

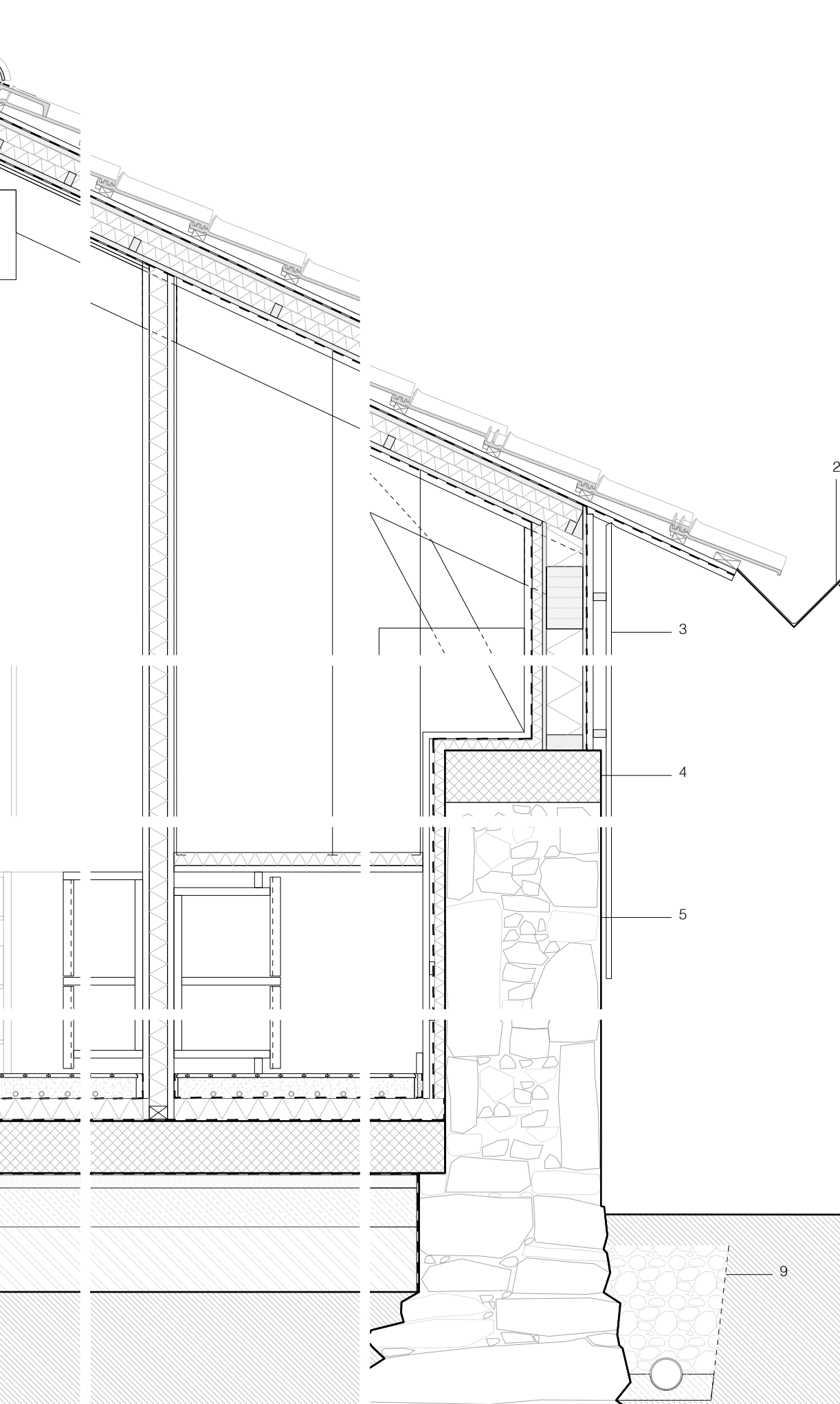
Corte construtivo
escala 1:20

0m 10 cm 50 cm



Gondoriz, Arcos de Valdevez

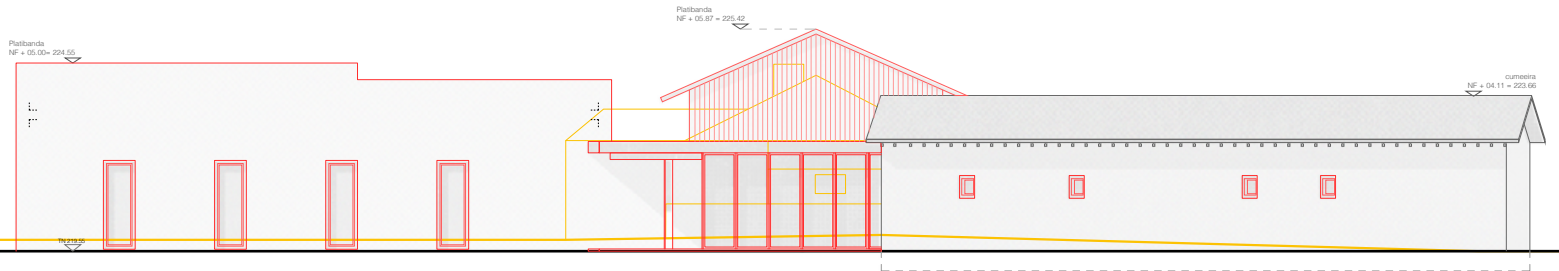
Paula Rêgo
Maio, 2026



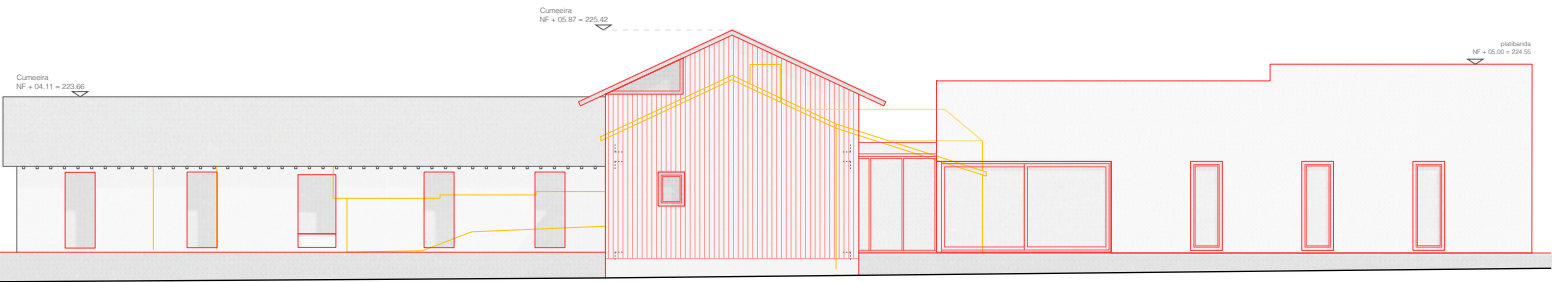
- 1 **Composição da cobertura:**
 - telha lusa
 - ripa 30x50mm
 - contra-ripa 30x50mm
 - tela de impermeabilização
 - painel de OSB e=15mm
 - isolamento térmico e=100mm
 - painel de OSB e=15mm
 - barreira para-vapor
 - dupla placa de gesso cartonado e=25mm
 - asna de madeira 140x200mm
- 2 Calceira em zinco
- 3 **Composição da parede (ampliação):**
 - réguas de carvalho com tratamento autoclave
 - ripa 30x50mm
 - Ripado vertical de fixação de fachada ventilada em madeira 4,5x2,5 cm
 - Ripado horizontal de fixação de fachada ventilada em madeira 4,5x2,5 cm
 - tela de impermeabilização
 - painel de OSB e=15mm
 - isolamento térmico entre estrutura de madeira de 140x160mm e=160 mm
 - painel de OSB e=15mm
 - isolamento térmico e=40mm
 - barreira para-vapor
 - dupla placa de gesso cartonado e=25mm
- 4 Cinta em betão
- 5 **Composição da parede:**
 - parede existente em alvenaria de granito
 - a ser revestida com impermeabilizante hidrorrepelente, juntas refundadas e preenchidas com reboco a base de cal
 - caixa de ar e=20mm
 - isolamento térmico e=40mm
 - barreira para-vapor
 - dupla placa de gesso cartonado e=25mm
- 6 Caixilho de madeira com vidro duplo e portada interior em madeira
- 7 Soleira em granito
- 8 Lintel em betão
- 9 **Sistema de drenagem:**
 - gravilha
 - tubo de drenagem
 - caixa de brita e=150mm
- 10 Perfil em L em alumínio 14x20x1.5mm
- 11 Painel de madeira pintado a cor RAL 9001 e=20mm
- 12 **Composição do piso:**
 - soalho e=15mm
 - betonilha de regularização e
 - enchimento com piso radiante e=80mm
 - membrana de separação
 - isolamento térmico e=50mm
 - massame de betão armado com rede malhasol e=150mm
 - impermeabilização com membrana plástica
 - feltro geotextil
 - betão de limpeza e=5mm
 - caixa de brita e=150mm
 - solo compactado



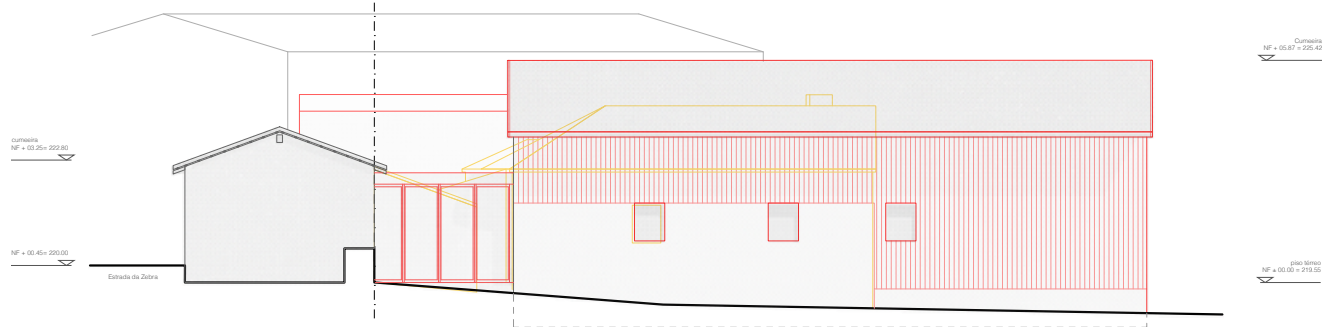




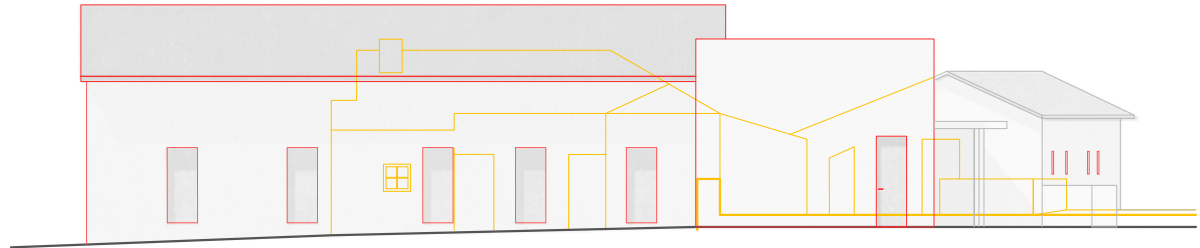
Alçado Nascente de demolições e construções



Alçado Poente de demolições e construções

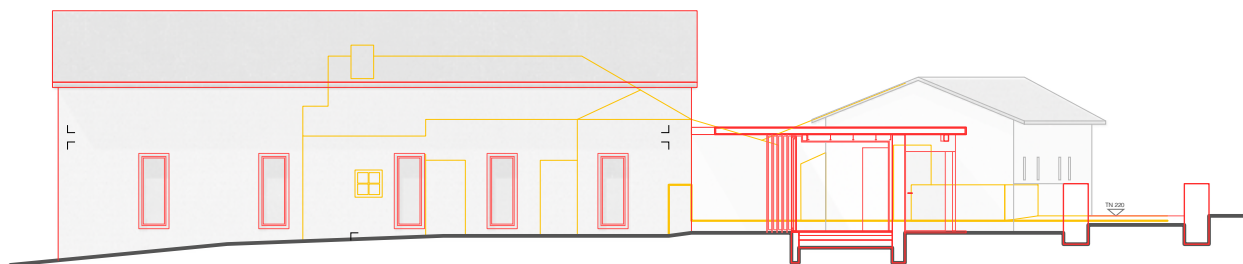


Alçado Norte de demolições e construções



Alçado Sul de demolições e construções

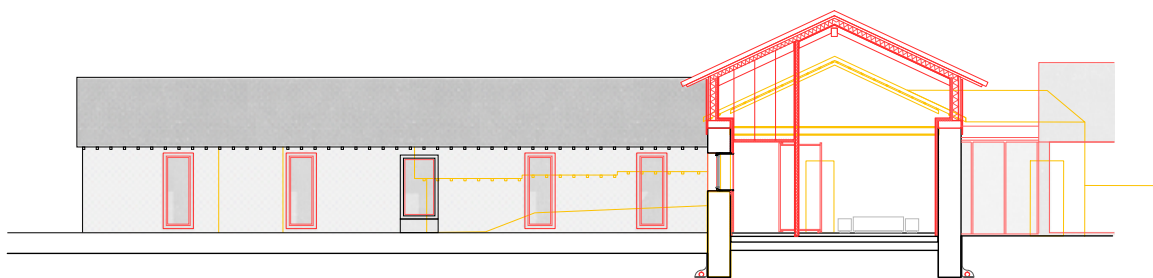
Cumeeira
NF = 05.87 = 225.42



Corte BB de demolições e
construções

Cumeeira
NF = 04.11 = 223.66

Piso térreo
NF = 02.00 = 219.55



Cumeeira
NF = 05.87 = 225.42

Intermédio
NF = 02.40 = 222

Piso térreo
NF = 02.00 = 219.55

Corte CC' de demolições e
construções

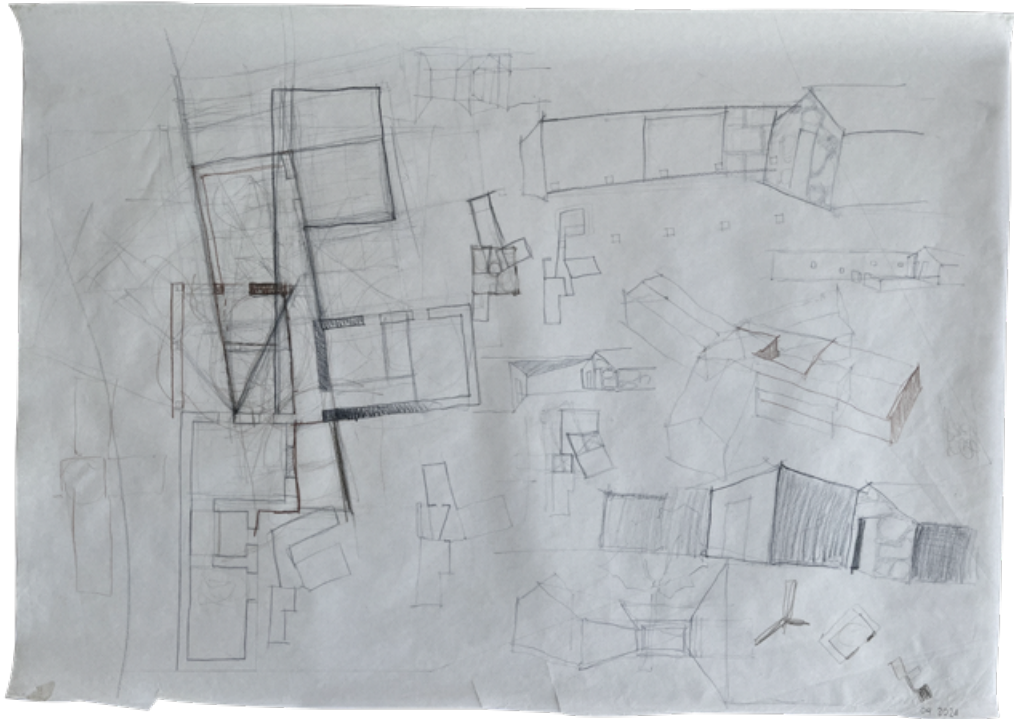
Apêndice II: Levantamento Fotográfico







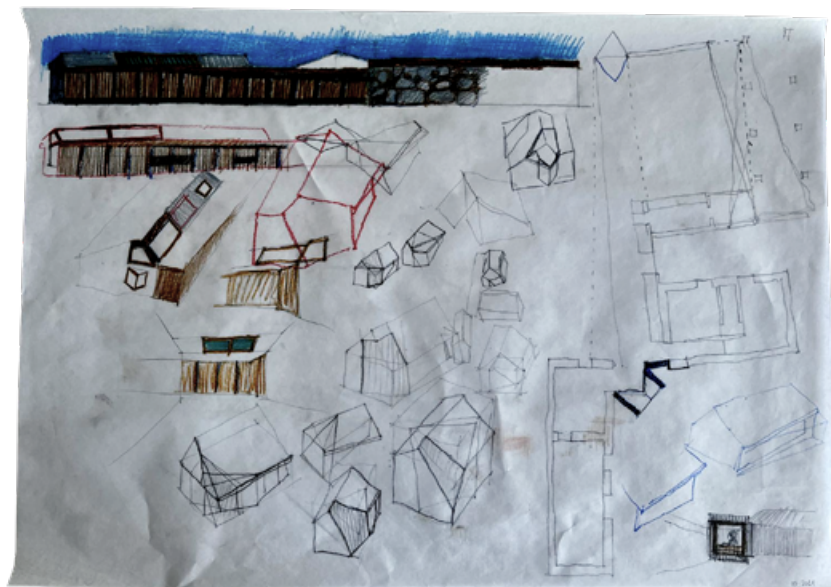
Apêndice III: Processo



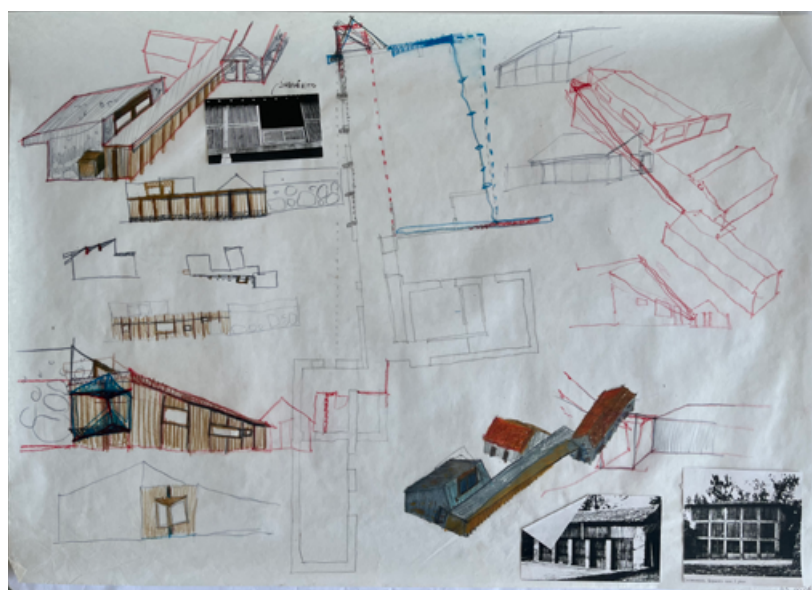
Abril, 2024



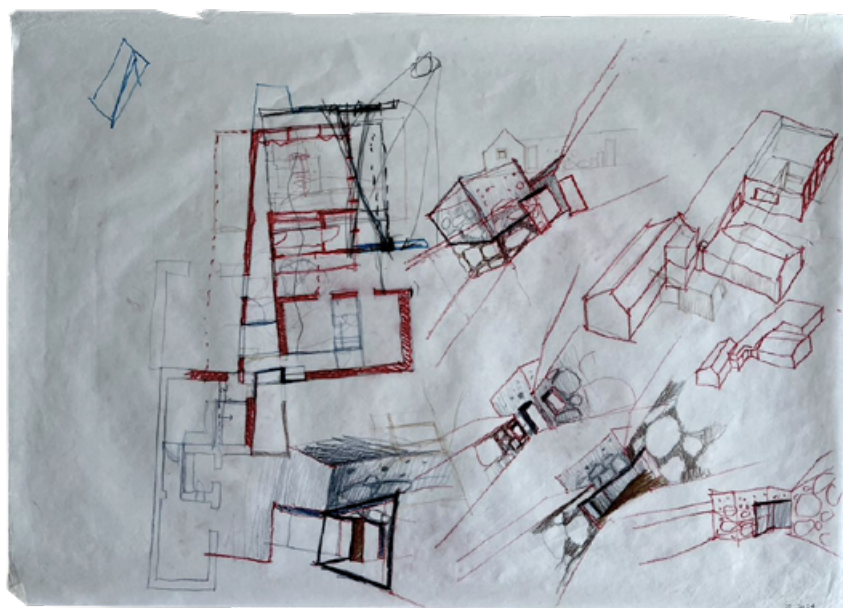
Abril, 2024



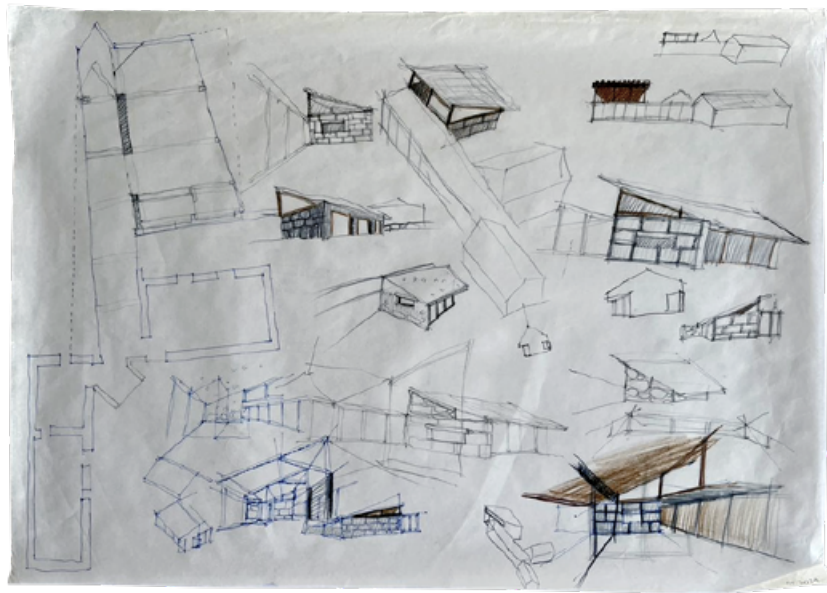
Maio, 2024



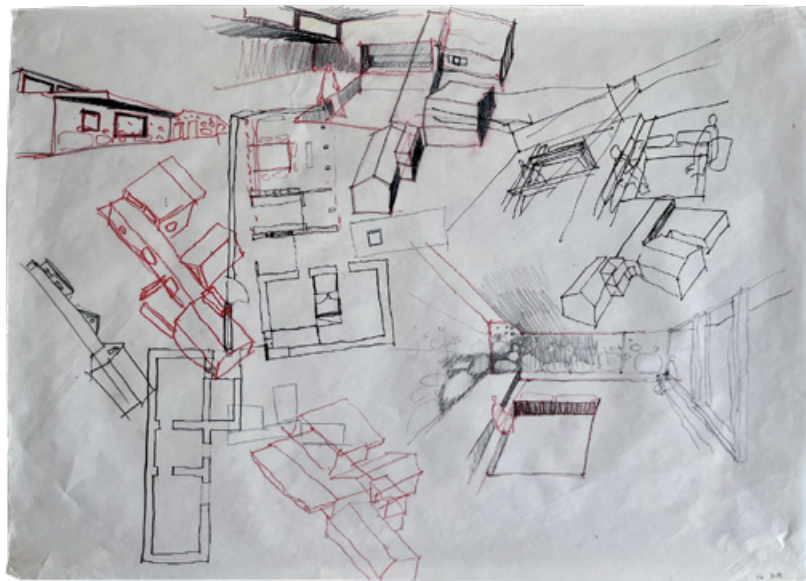
Maio, 2024



Maio, 2024



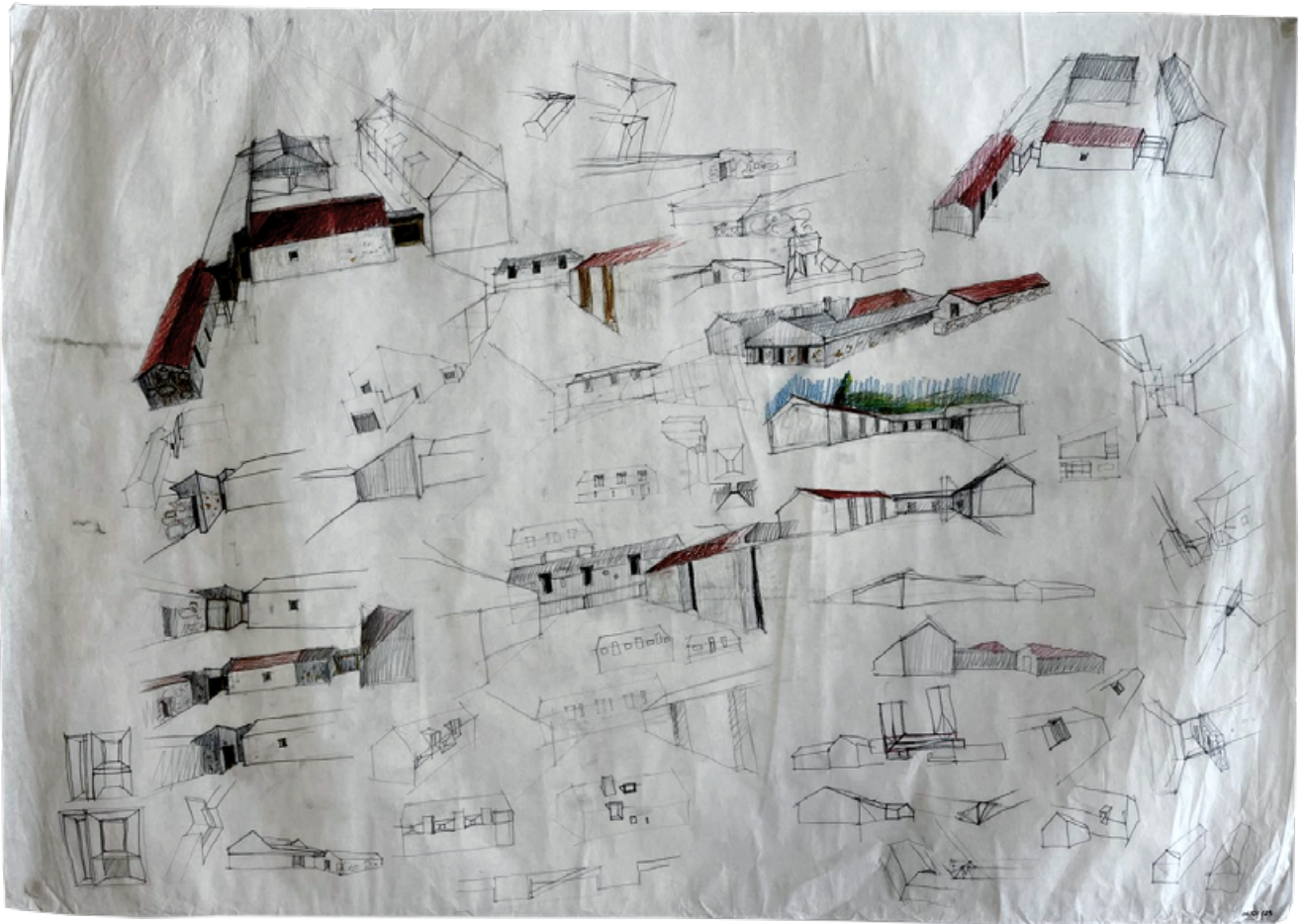
Maio, 2024



Junho, 2024



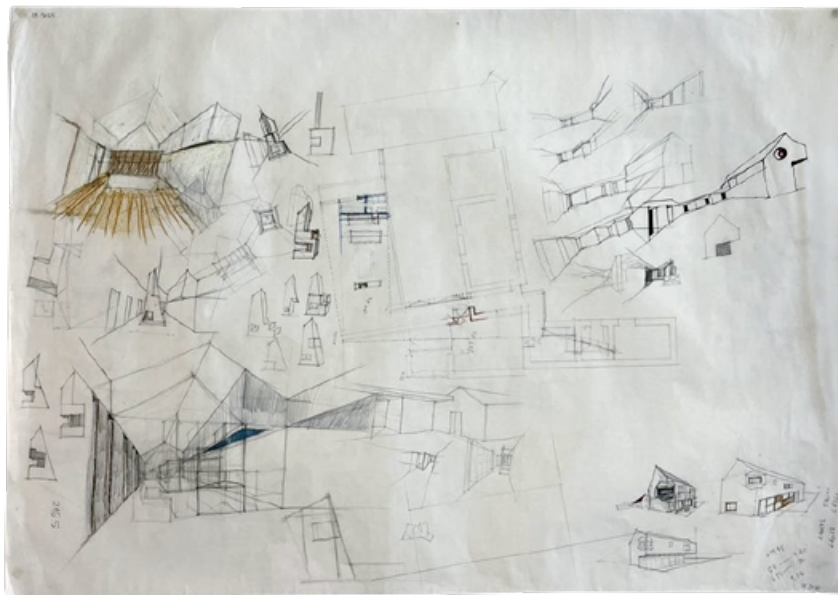
Junho, 2024



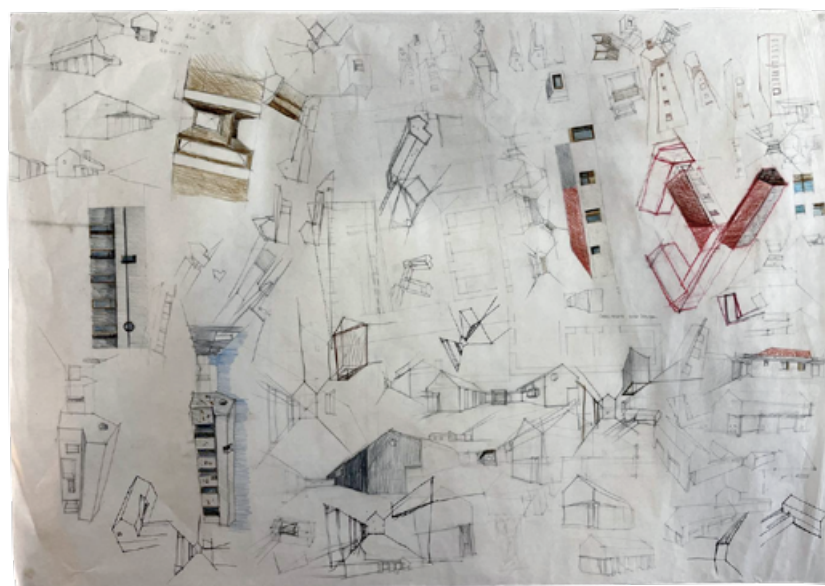
Janeiro, 2025



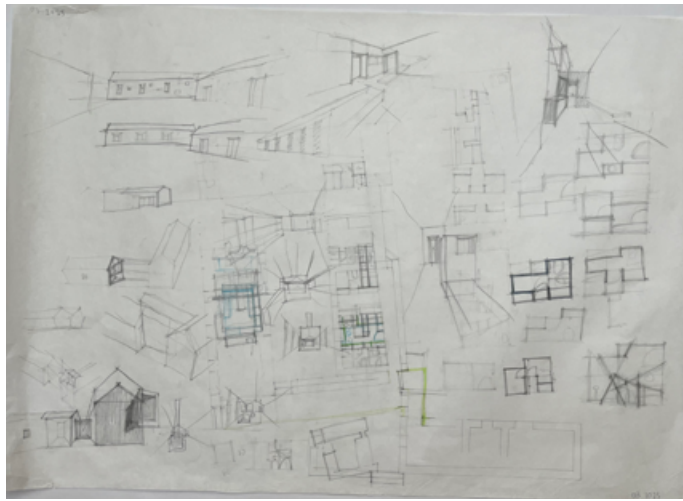
Janeiro, 2025



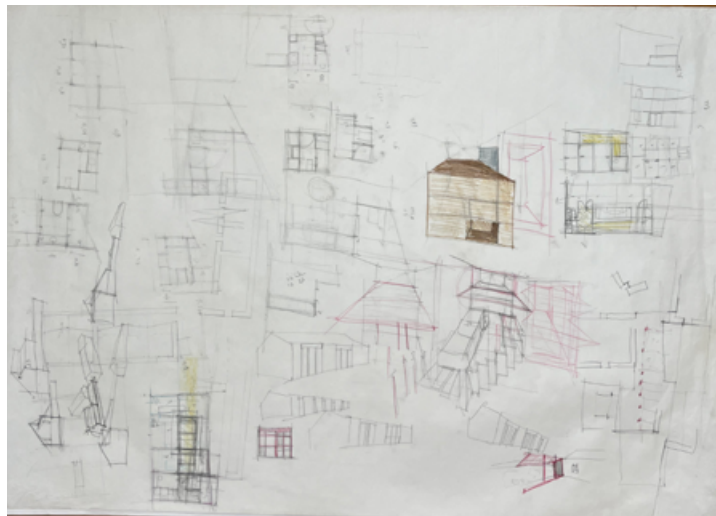
Janeiro, 2025



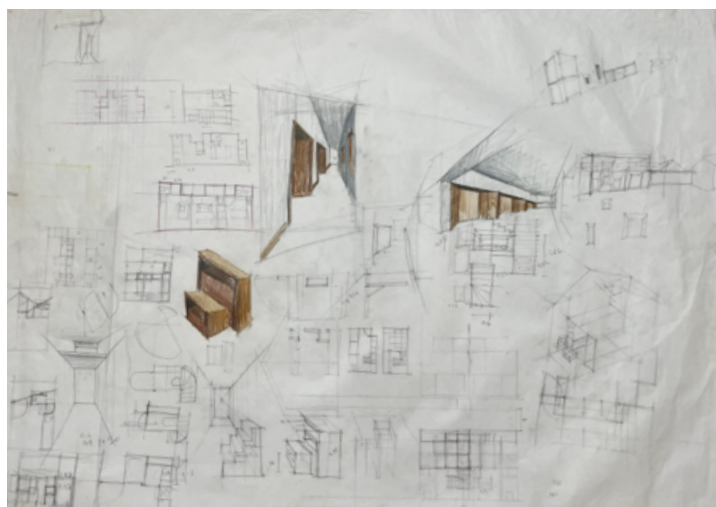
Janeiro, 2025



Março, 2025



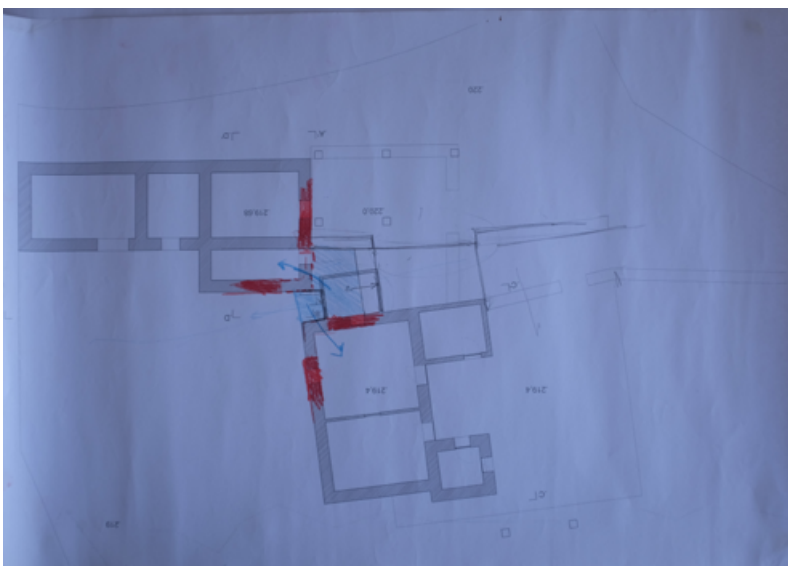
Março, 2025



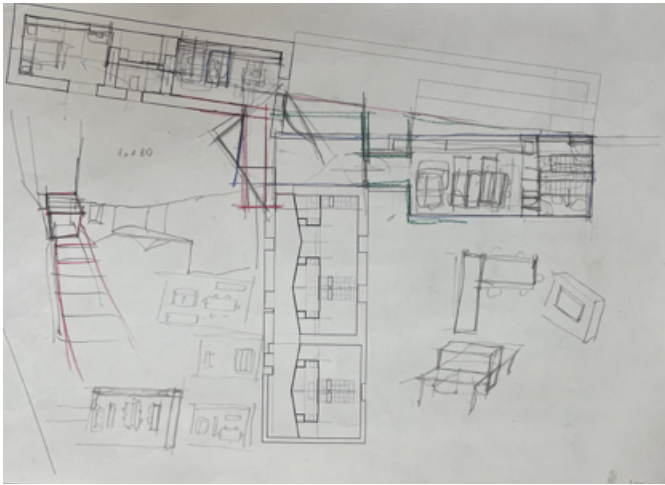
Março, 2025



Março, 2025



Abril, 2025



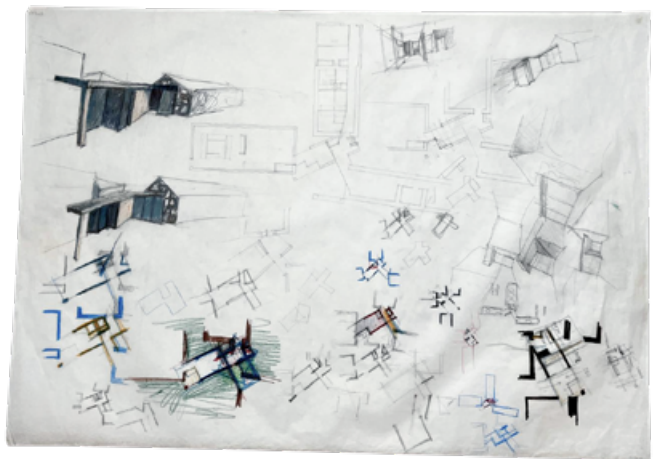
Fevereiro, 2025



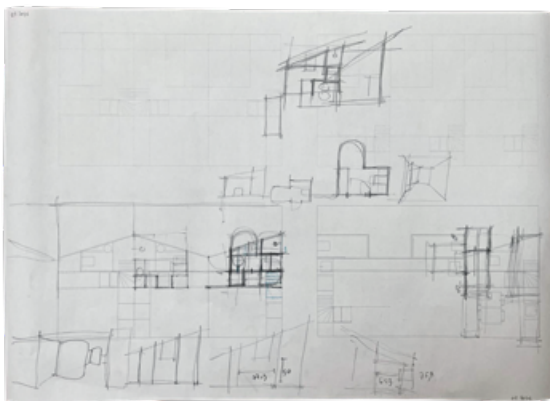
Fevereiro, 2025



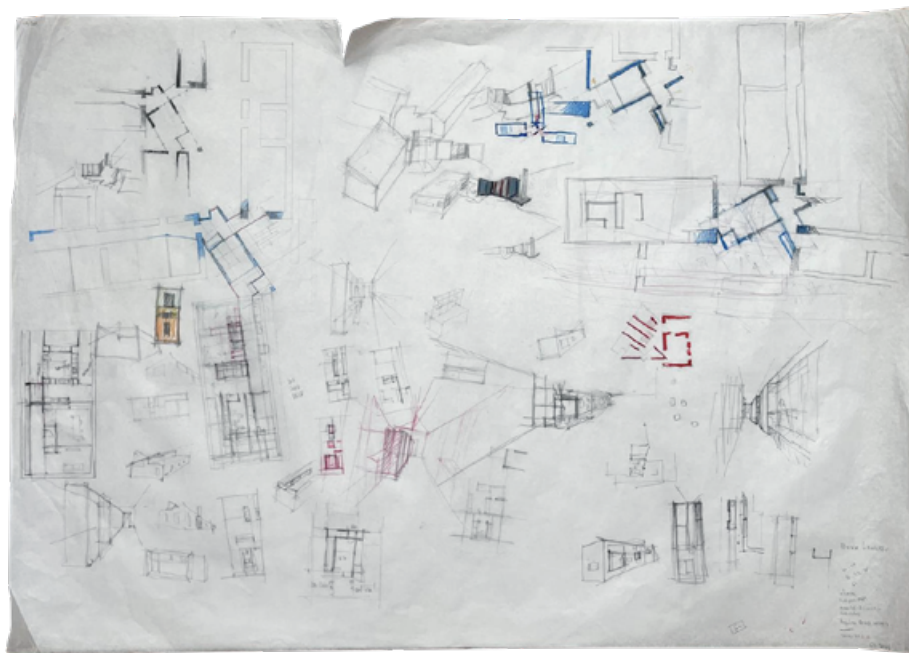
Abril, 2025



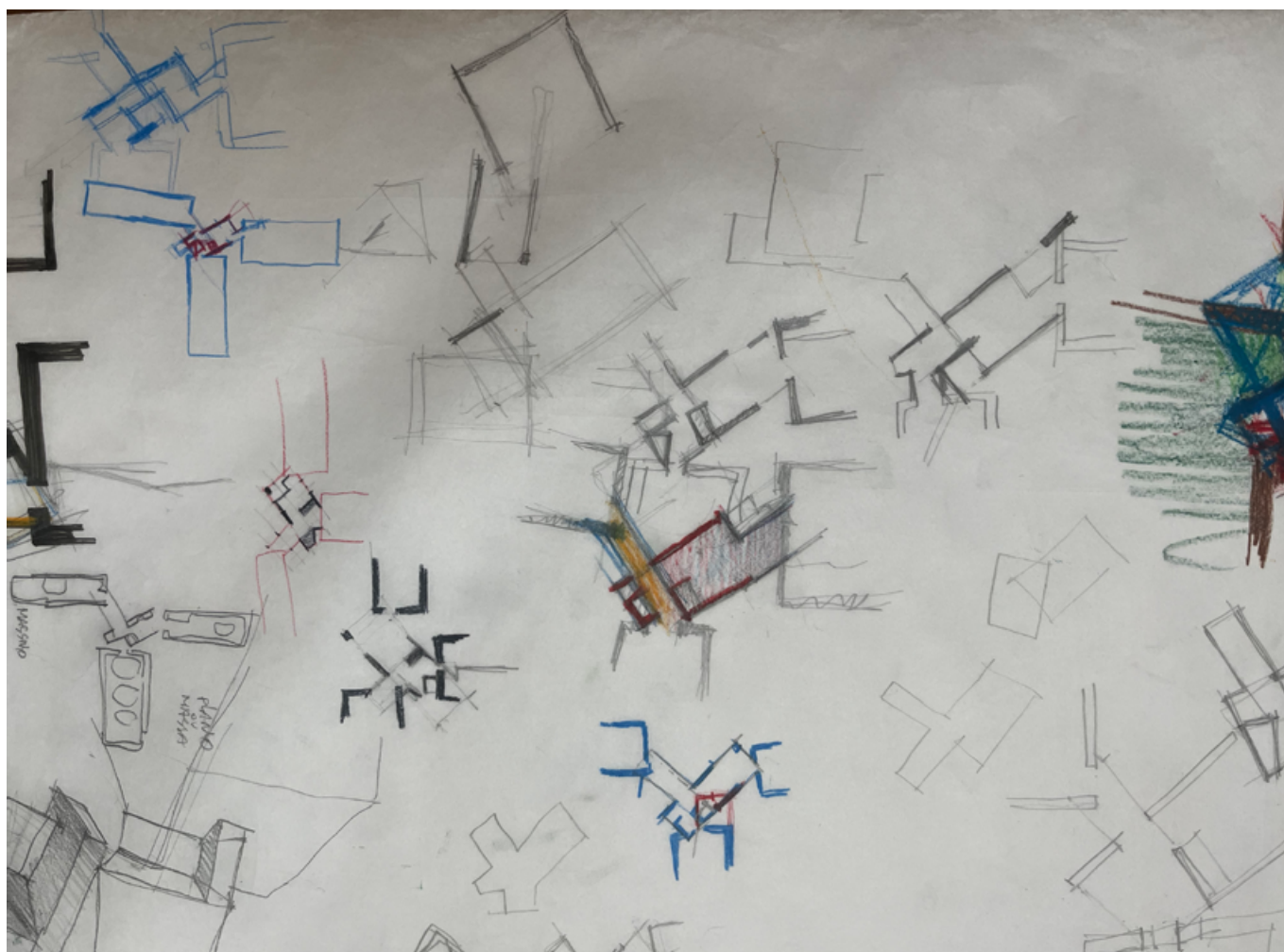
Abril, 2025



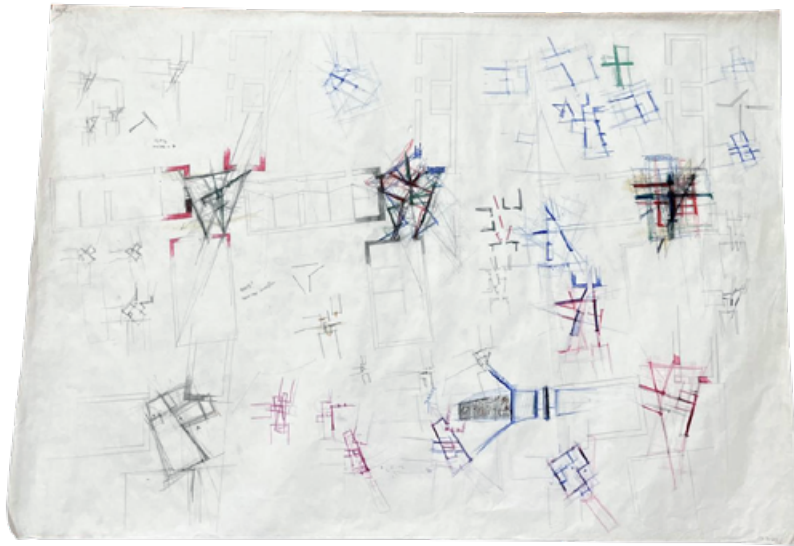
Fevereiro, 2025



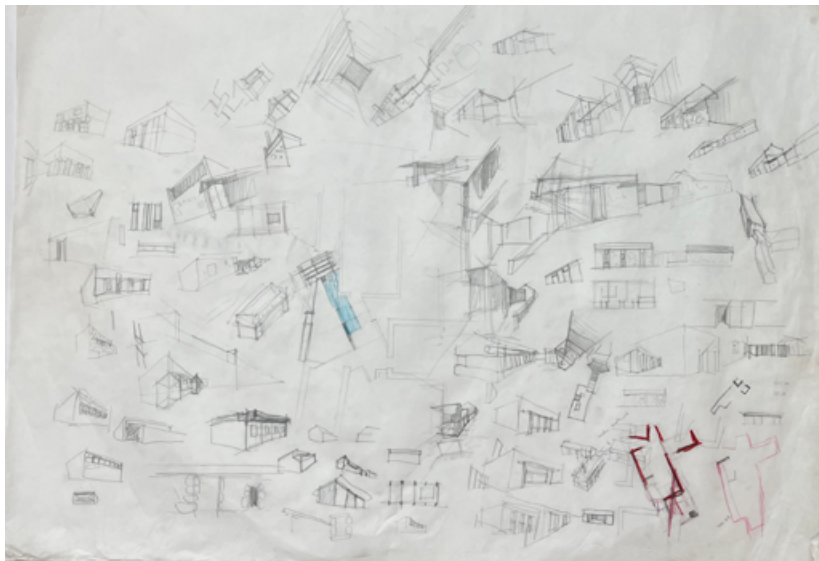
Abril, 2025



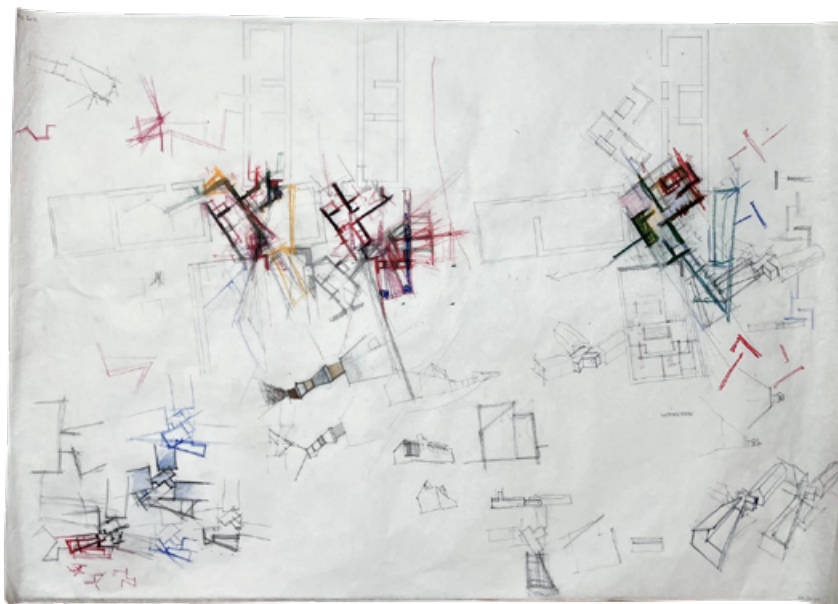
Abril, 2025



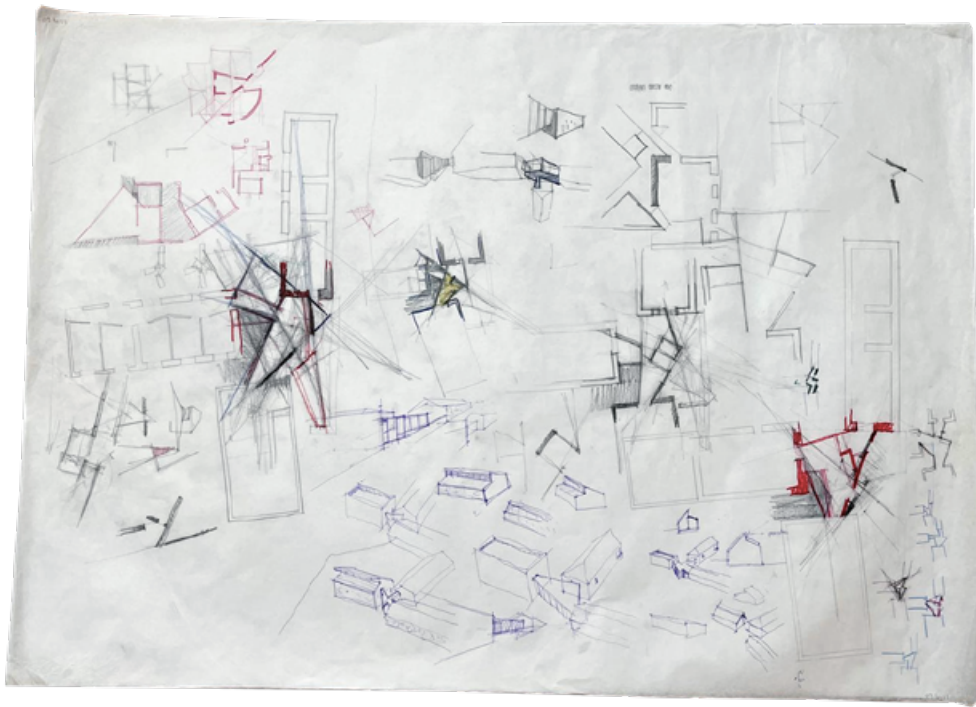
Abril, 2025



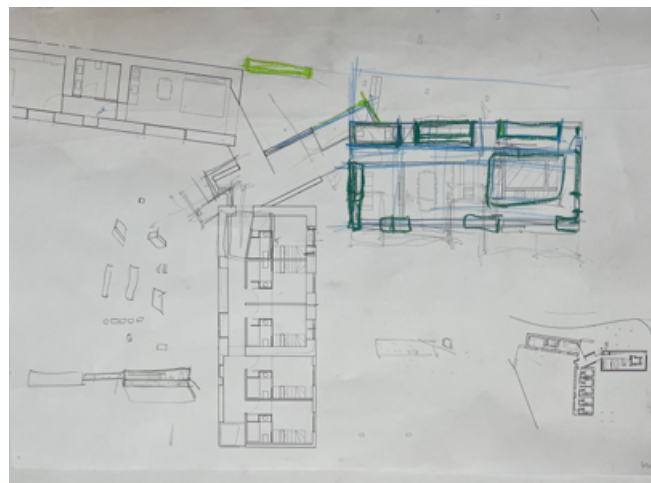
Abril, 2025



Abril, 2025



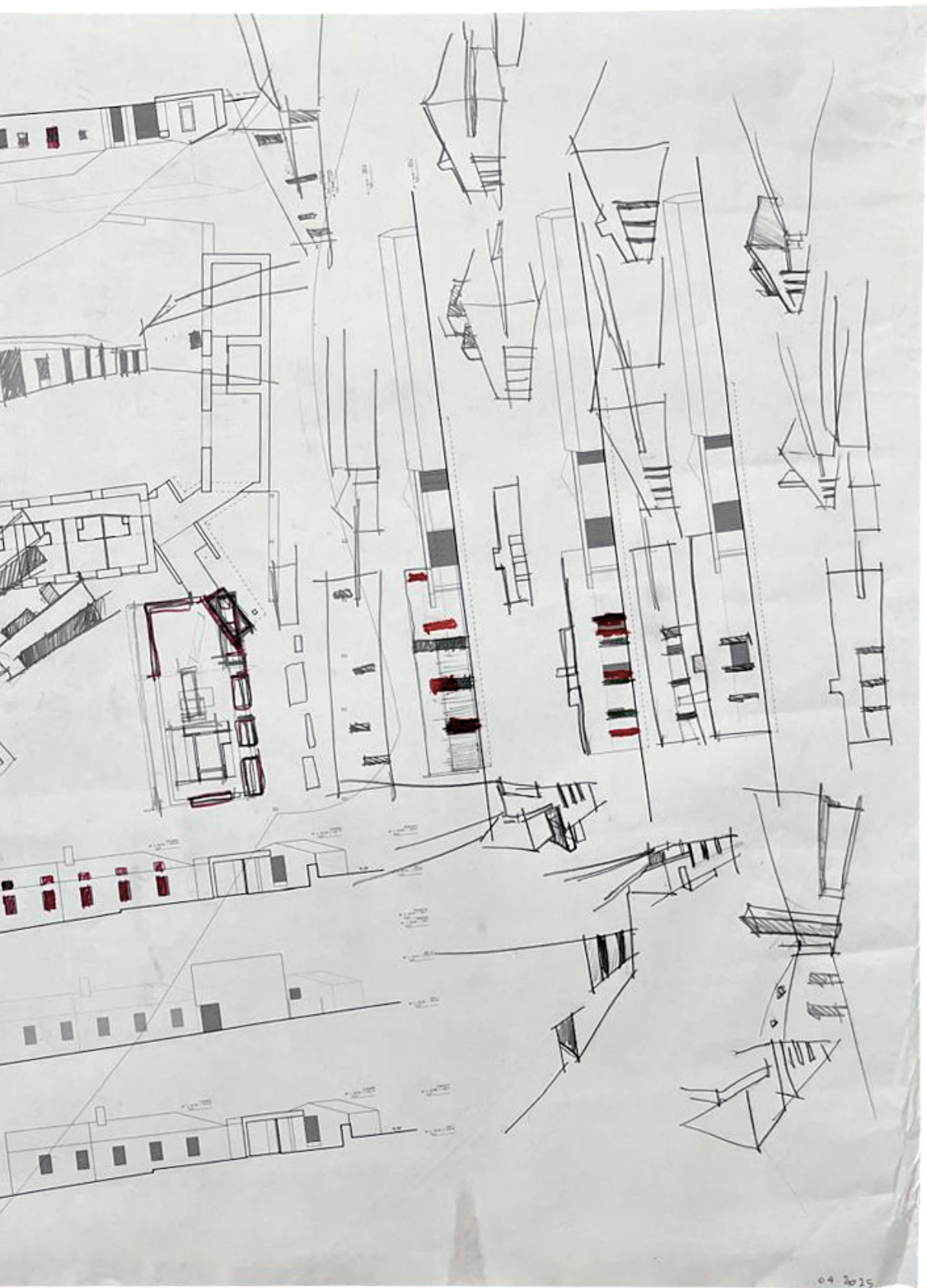
Abril, 2025



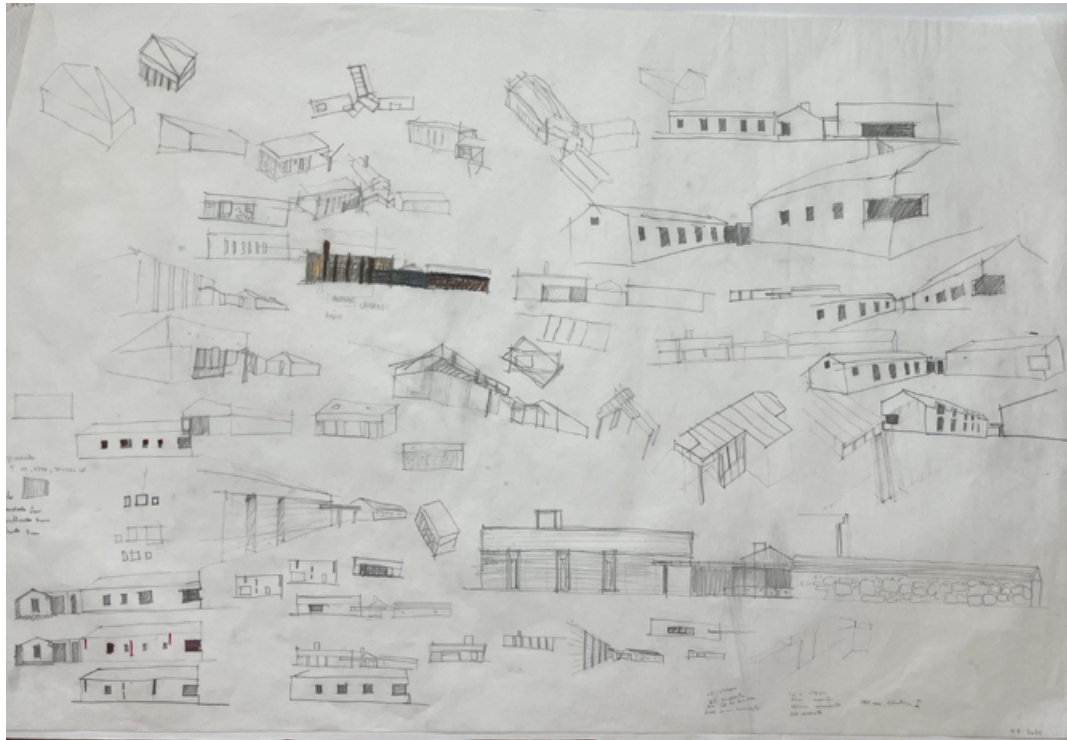
Abril, 2025

04 2015

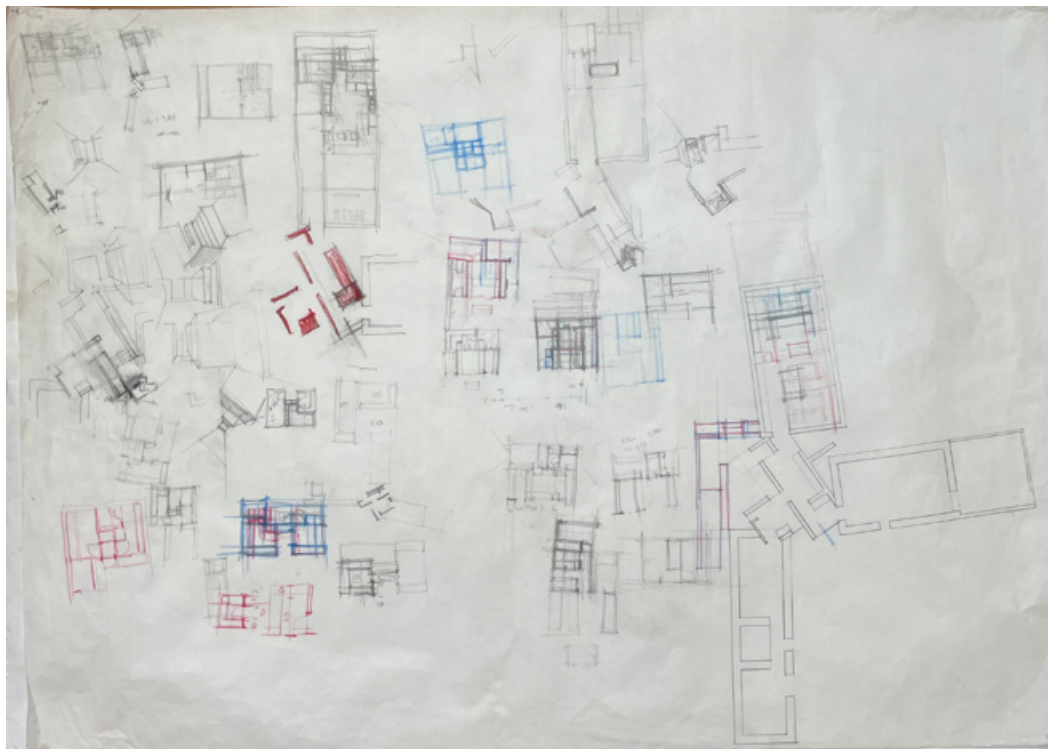




Abril, 2025



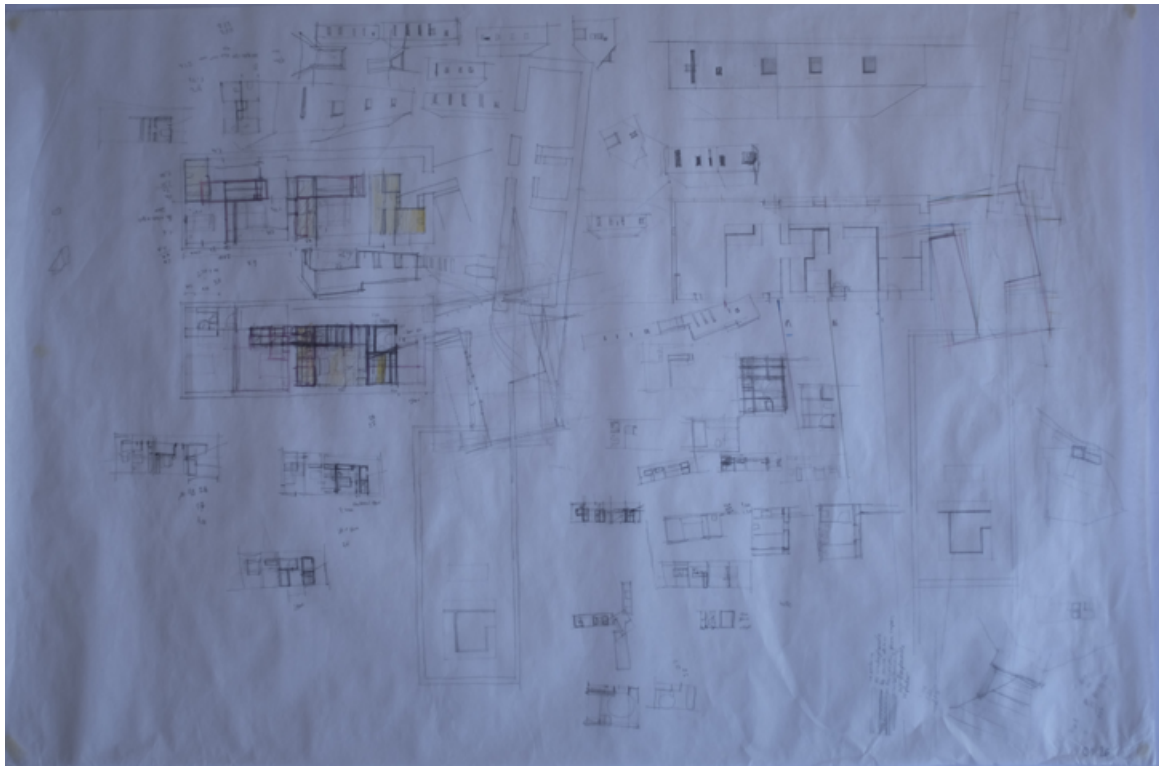
Maio, 2025



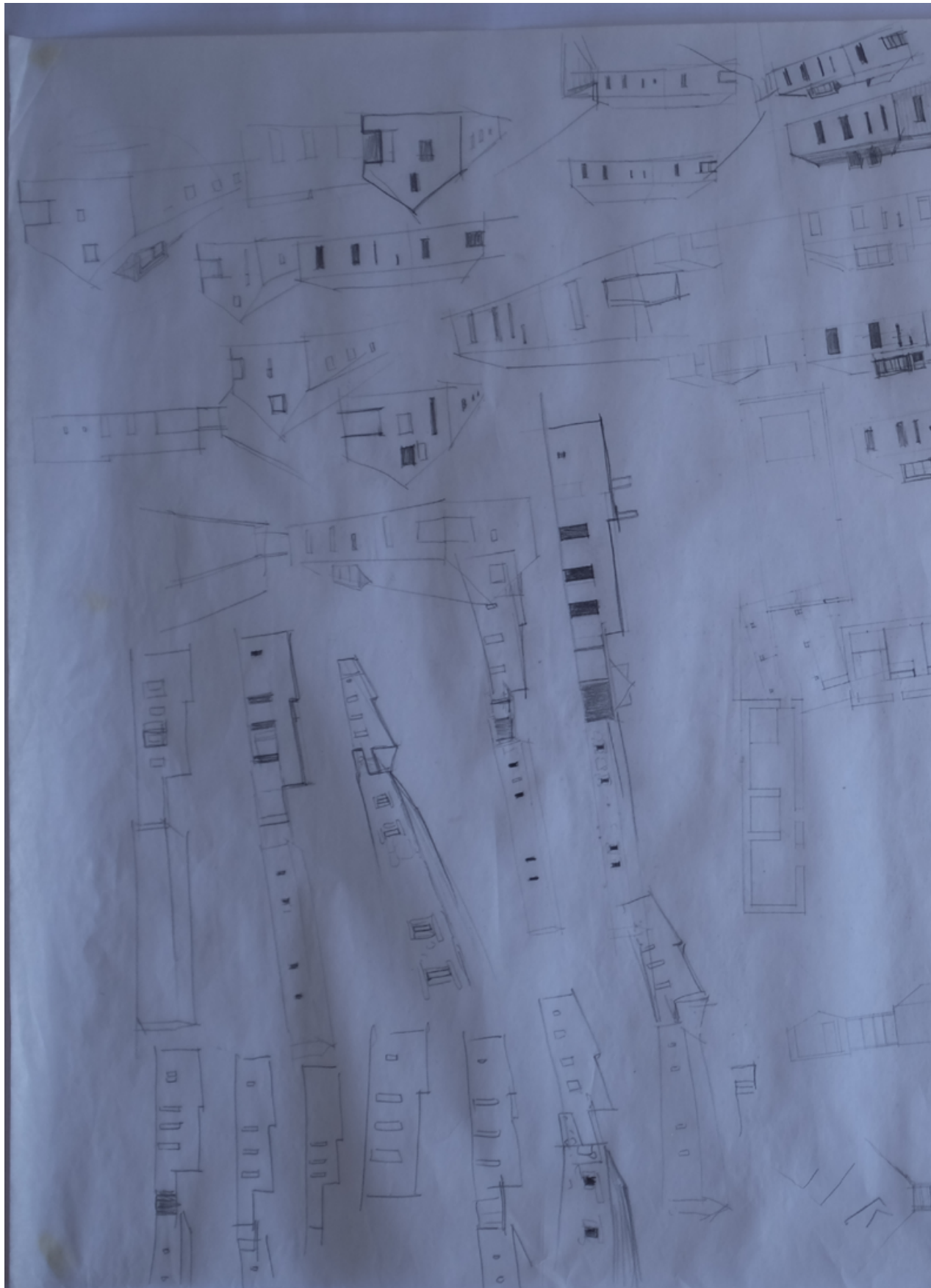
Maio, 2025



Maio, 2025



Maio, 2025

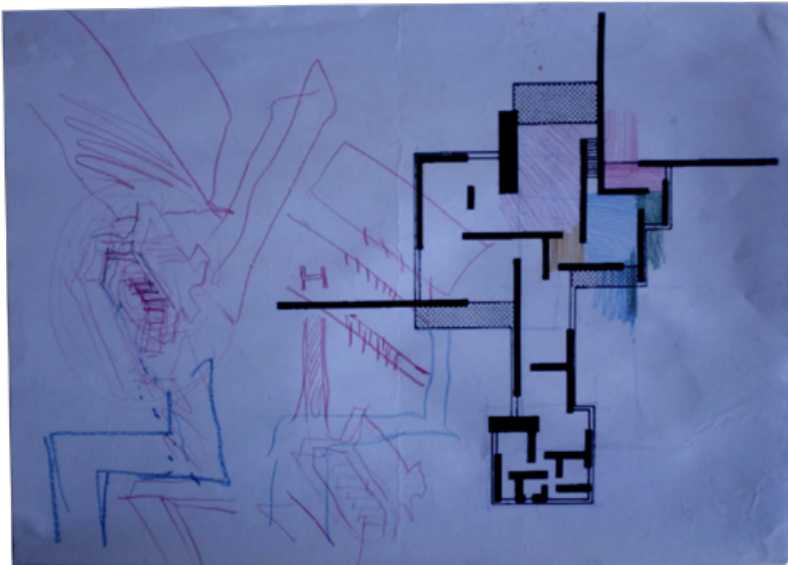




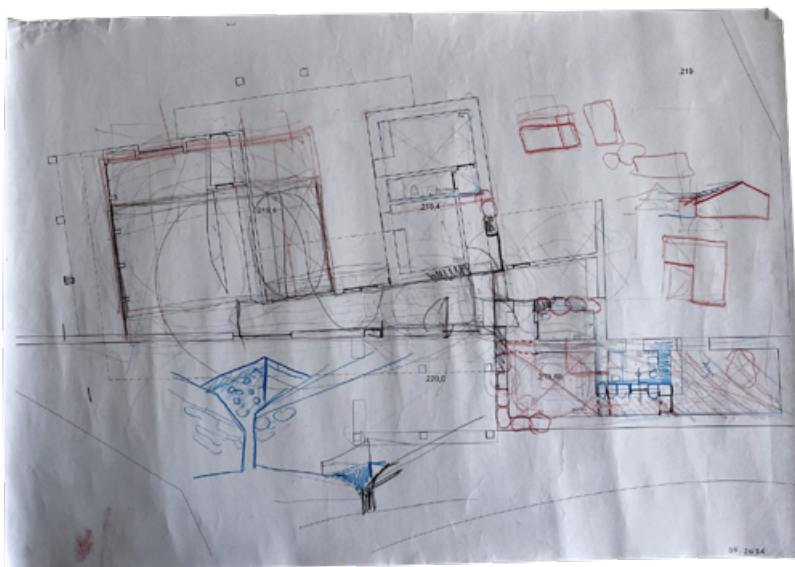
Fevereiro, 2026



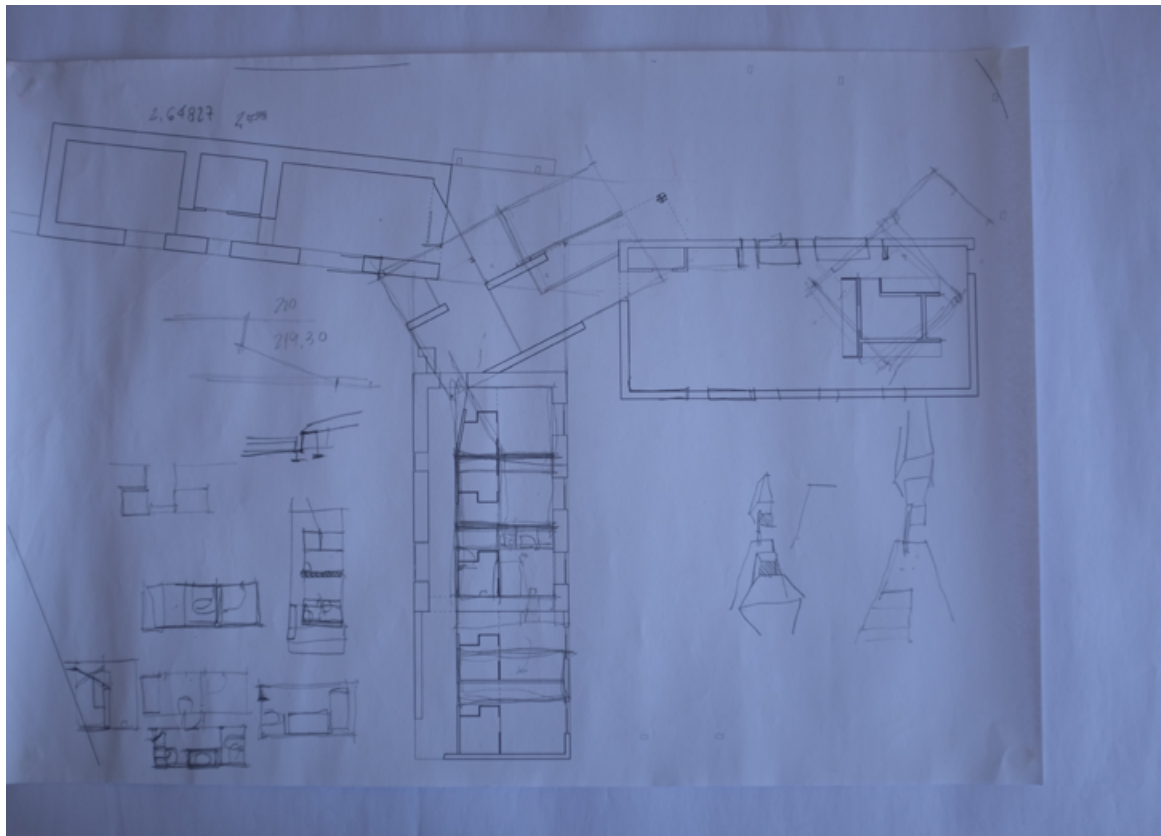
Fevereiro, 2026



Abrii, 2025



Junho, 2025



Junho, 2025

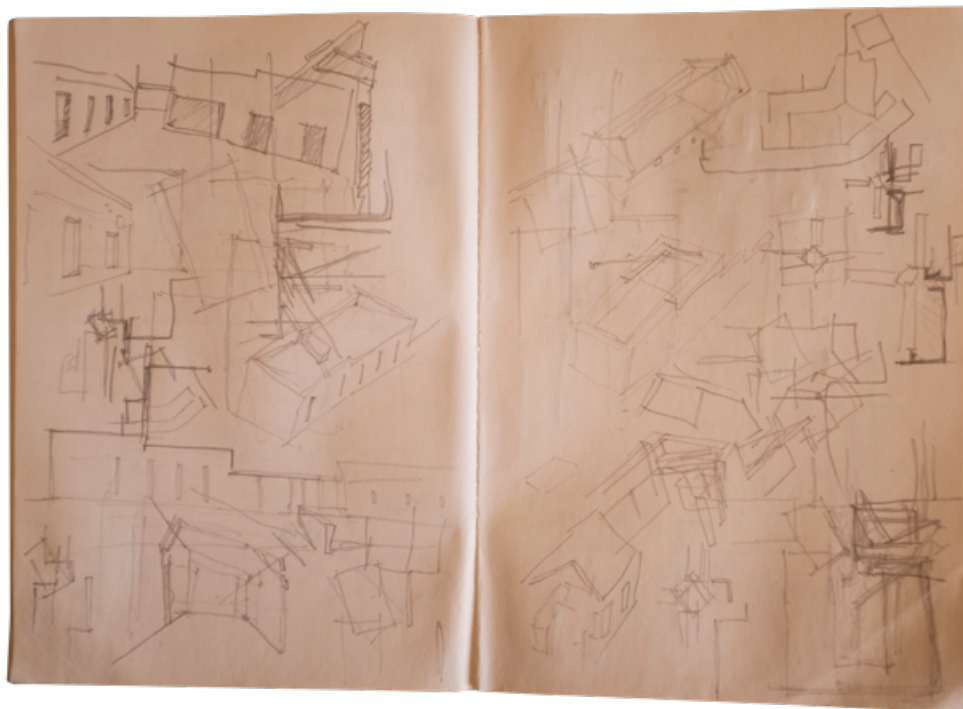


Junho, 2025

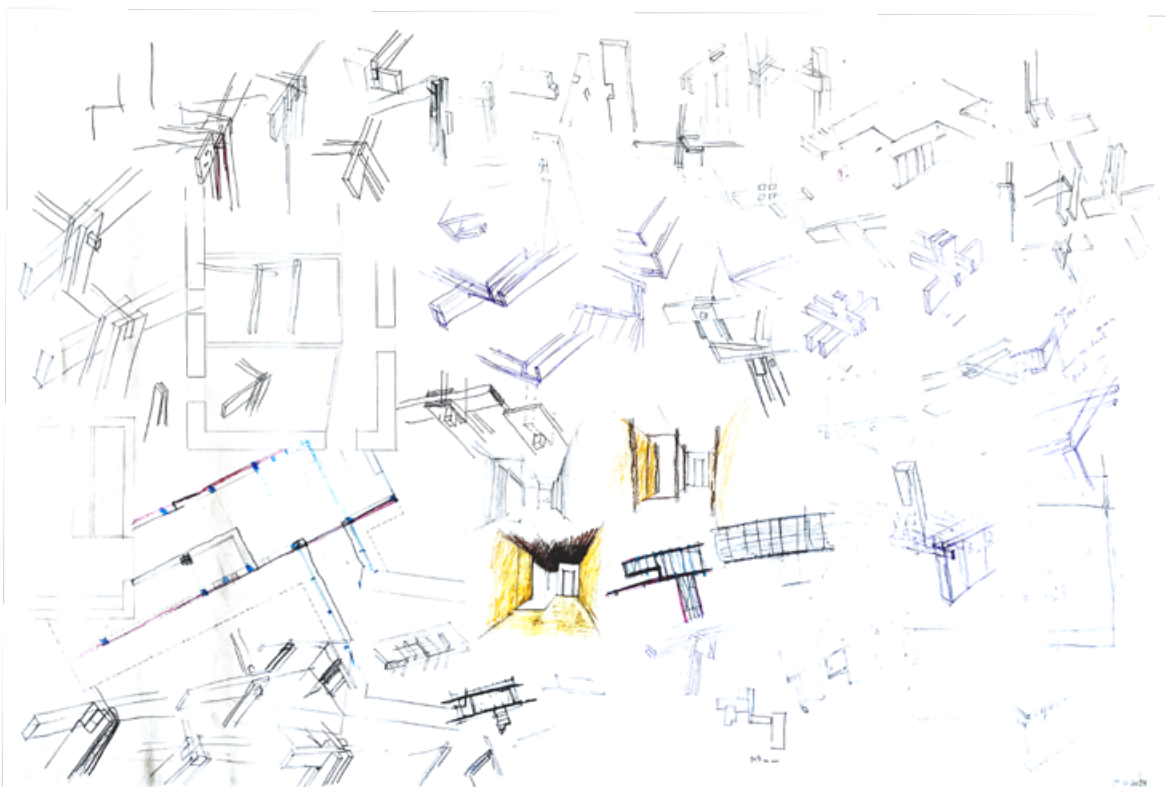


Junho, 2025





Fevereiro, 2026



Março, 2026

Tabula Scripta

Proposta de intervenção para preexistência em Arcos de
Valdevez

Paula Santos da Costa Rêgo

FACULDADE DE ARQUITETURA

